

## CAPÍTULO III

### 2ª PARTE

#### As construções com pronomes pessoais plenos ou nulos no português brasileiro e um esboço de comparação com o espanhol<sup>1</sup>

##### 1. A gramática emergente do português brasileiro

Na medida em que o presente trabalho postula a existência de um fenômeno de transferência na aquisição do espanhol como língua estrangeira por falantes adultos do português do Brasil, é inevitável traçar um quadro daquilo que entendemos caracterizar a variante que opera nessa transferência.

É preciso deixar claro, no entanto, que, ao tentar fazer isso, não vamos considerar, ao menos em igual profundidade, a totalidade dos aspectos que a configuram, mas sim aqueles que estão em foco. Assim, como estamos observando a aquisição de certos tipos de anáfora pronominal no espanhol, é o comportamento dessas "mesmas" ocorrências que estará sendo focalizado no português do Brasil. Isso não é, no entanto, uma tarefa simples, uma vez que toda a bibliografia consultada aponta com clareza que é justamente a partir de uma mudança do sistema pronominal - *a situation of pronominal tension*, segundo Kato e Tarallo (1986) -, aspecto esse associado a outros tantos - todos eles, por sua vez, interligados - que verificamos a emergência de uma gramática propriamente brasileira. Defendem alguns, até, que em função disso nossa língua estaria se distanciando significativamente das demais línguas românicas, inclusive - e talvez sobretudo - do português europeu, do qual, em princípio, ela não seria mais do que uma variante.

Os estudos de Galves (1983, 1984, 1986a e b), retomados por Tarallo (1993a e b), apontam claramente as diferenças entre o português brasileiro e o português

---

<sup>1</sup> Com o objetivo de evitar repetições, sempre que for procedente, no interior de cada item já iremos tecendo comparações entre o português brasileiro e o espanhol.

européu, diferenças essas que se situam sobretudo numa diferente assimetria encontrada nos dois sistemas no que diz respeito a preenchimento vs. não preenchimento das posições argumentais de sujeito e objeto. Essa mudança no sistema pronominal, aponta Tarallo (1993b), está relacionada com uma diferenciação geral entre os dois dialetos: enquanto um dos sistemas (o europeu) é fortemente marcado por regras de movimento, o outro (o brasileiro) se caracteriza pela não-mobilidade e é marcado por regras de apagamento de constituintes *in situ*. Tarallo (1993a), por sua vez, num texto em que analisa a suposta origem crioula do português brasileiro, aponta, focalizando justamente essa assimetria sujeito-objeto nas duas variantes - sem dúvida o ponto mais importante para nosso trabalho -, o que seria necessário para que aquele se descrioulizasse na direção do português europeu:

*"Nem mais nem menos do que o seguinte: o PB teria literalmente que se virar pelo avesso e de ponta cabeça."*<sup>2</sup>

A assimetria no preenchimento dessas duas posições argumentais parece igualmente separar o português brasileiro do espanhol, o que não significa que este último funcione exatamente da mesma forma que o português europeu. Com isso queremos dizer que cada uma dessas línguas apresenta uma assimetria no preenchimento dessas posições, mas que essas assimetrias são diferentes. Estamos, portanto, ao que tudo indica, diante de um caso de variação translingüística dentro de um *continuum* tipológico, tal como propõe Kato (1987) ao estudar a tipologia da língua portuguesa. Por outro lado, também no que diz respeito a mobilidade e padrão de ordem de constituintes os dois sistemas - português brasileiro e espanhol - são consideravelmente diferentes.

No caso específico de nosso trabalho, o fundamental não são as assimetrias e demais diferenças em si mesmas, mas os seus efeitos no processo de aquisição de uma das línguas - o espanhol - como L2 por falantes da outra - o português brasileiro -, em situação formal de ensino. Assim sendo, é possível prever a necessidade por parte de um aprendiz brasileiro de "*virar-se pelo avesso e de ponta-cabeça*" no processo de aquisição do espanhol, ao menos do espanhol considerado "estândar", fato que poderia explicar as enormes dificuldades para levar a bom termo essa aventura. Uma afirmação dessa natureza obrigará, talvez, a reformularem-se

<sup>2</sup> In Tarallo (1993a: 60).

posições a respeito da tão propalada semelhança entre essas duas línguas e até mesmo das enormes facilidades que um falante do português teria de compreender o espanhol. Mas essa já é uma outra história. Ou não?

Uma vez que estamos afirmando a existência de dois tipos diferentes de assimetria entre o espanhol e o português brasileiro no que diz respeito ao preenchimento vs. não-preenchimento de argumentos nas posições de sujeito e objeto, cabe agora observar de que forma essa assimetria se configura no português brasileiro e marcar suas diferenças em relação ao que já vimos a respeito do espanhol. Cabe também verificar se as outras características de nossa gramática - associadas, segundo os vários autores, à já mencionada - também têm um papel nesse processo de aquisição que estamos focalizando.

### 1.1. As mudanças na gramática do português brasileiro

*"...as mudanças acontecem em teias e ecoam umas nas outras." (Tarallo, 1993b)*

Vários são os estudos que atestam as mudanças ocorridas no português brasileiro. Coube a Tarallo, como bem aponta Galves (1993), mostrar que essas mudanças ocorrem em dois grandes aspectos da sintaxe: o sistema pronominal e a ordem das palavras. Mas coube a ele, sobretudo, apontar que *"as mudanças de freqüência relativas a diversos aspectos da língua que a análise quantitativa faz aparecer podem ser interpretadas como resultando de uma mudança gramatical e não de uma simples variação, porque aparecem intimamente ligadas umas às outras no tempo."* (grifo nosso) <sup>3</sup>.

Kato (1993b: 19), que também se ocupa dessas mudanças, insiste para o fato de que não se trata de "um processo de 'deterioração da gramática', como pensam os escolarizados pela ótica da gramática prescritivista, mas uma reorganização interna coerente, uma mudança radical (paramétrica) na língua." Através dessas mudanças lingüísticas, mostra a autora, é possível obter informações cruciais sobre os fatores em que as crianças se baseiam para selecionar a gramática. Nessa visão - prossegue - , a lingüística histórica passa a ser um meio para se entender a aquisição <sup>4</sup>.

<sup>3</sup> In: Galves (1993: 387).

<sup>4</sup> Cabe lembrar aqui que a interpretação dos fatos como decorrentes de uma mudança paramétrica e, sobretudo, a associação dessa mudança paramétrica a um fenômeno de aquisição, nos moldes em que o fazem Lightfoot (1979, 1982, 1991) ou Clark & Roberts (1992) são de fundamental importância para a compreensão do processo que estamos focalizando. Ao abrir uma nova possibilidade de

É exatamente isso que leva Galves (1993: 387-8), apoiando-se no modelo de princípios e parâmetros elaborado a partir de Chomsky (1981), a interpretar esses novos fatos como decorrentes de uma mudança paramétrica, isto é, "*de novo valor atribuído a um parâmetro pelas crianças adquirindo sua língua, originando uma nova gramática*". E o parâmetro que é fixado diferentemente pelas crianças brasileiras no decorrer do século XIX - período em que as várias pesquisas situam o início das mudanças - é, de acordo com a autora, a "*natureza do morfema de concordância presente na flexão verbal*." Como acredita Roberts (1993), todas as mudanças ocorridas na gramática do português brasileiro estão relacionadas entre si e têm uma origem comum: a erosão do sistema de concordância verbal.

### 1.1.1. O enfraquecimento da concordância

Veamos agora o que significa exatamente essa alteração na concordância do português do Brasil a que fazem alusão tantos pesquisadores.

Galves (1993) define como concordância fraca a que não contém pessoa ou a que contém pessoa como um traço puramente sintático [+/-*pessoa*], contrastando com um sistema fundado na oposição entre as três pessoas do discurso. É o que ocorre no português brasileiro, no qual, segundo a autora, a oposição *1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup>/3<sup>a</sup> pessoas* cedeu lugar a uma oposição binária entre *pessoa (1<sup>a</sup>)/não-pessoa (3<sup>a</sup>)* - que outros autores preferem classificar de uma oposição *eu/não-eu* -, com a conseqüente confusão entre os pronomes oblíquos *te* e *lhe* e os possessivos *teu* e *seu*, oposição essa articulada, por sua vez, a uma outra entre *singular/plural*. Isso acarreta, prossegue ela, uma concordância fraca morfologicamente (ausência da segunda

---

correlacionar a teoria gramatical, a aquisição da língua materna e certas mudanças que as línguas sofrem, Lightfoot deixa espaço para se observar como opera essa correlação na aquisição de uma segunda língua. Estariam ativas na aquisição dessa segunda língua as mesmas estratégias que podem explicar a natureza da mudança da L1? Se isso for verdade, seria de se esperar que as marcas dessa mudança estivessem presentes na interlíngua de aprendizes que falam uma mesma L1, o que configuraria de modo muito claro um processo de transferência, que é exatamente o que estamos postulando. Esses questionamentos ganham ainda mais força quando Clark & Roberts (1992, *apud* Kato, 1993a) apontam que o *input* é passível de ser associado a diferentes gramáticas e que não são as pressões externas que levam a criança a selecionar uma ou outra, mas um mecanismo avaliativo interno de adequação (*fitness metric*). É lícito pensar até que ponto esse mecanismo ainda atua na aquisição de uma outra língua, sobretudo quando essa outra língua é tão próxima da primeira em tantos aspectos.

pessoa), e semanticamente (possibilidade de interpretar a terceira pessoa do singular como indeterminada).

De fato, como aponta Cerqueira (1993), a substituição de *tu/vós* por *você/vocês* provoca um empobrecimento das formas verbais, as quais perdem elementos mórficos e tornam-se indiferenciadas quanto à pessoa. Pesquisas como a de Duarte (1993), por exemplo, indicam que o português do Brasil evoluiu de um sistema de seis formas distintivas, mais dois sincretismos representados por aquilo que a autora chama de segunda pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de terceira pessoa (*eu canto-o/tu canta-s, você canta-0, ele canta-0/nós canta-mos/vós canta-is/vocês canta-m, eles canta-m*), para um paradigma que apresenta apenas quatro formas em função da perda da segunda pessoa direta (*eu cant-o/você canta-0, ele canta-0/nós canta-mos/vocês canta-m, eles canta-m*), sendo que poderíamos acrescentar a essa segunda pessoa indireta os tratamentos formais (*o senhor/a senhora*), que embora possam estar associados a outros fatores mais pragmáticos no estudo da linguagem, terminam por configurar um empobrecimento ainda maior dos paradigmas. Tal empobrecimento é ainda mais significativo quando pensamos que convive com o paradigma anterior um outro, cada vez mais produtivo e atuante, sobretudo na fala das gerações mais jovens, conforme atestam vários estudos, no qual a expressão *a gente*, combinada com as formas verbais de terceira pessoa, passa a ocupar o lugar de *nós* (*eu cant-o/você canta-0, ele canta-0, a gente canta-0/vocês canta-m, eles canta-m*). E o empobrecimento progride quando acrescentamos à lista dos substitutos a expressão *o pessoal* que, combinada com um verbo em terceira pessoa do singular, substitui com certa frequência, na fala informal, a terceira pessoa do plural (*eu cant-o/você canta-0, ele canta-0, a gente canta-0, o pessoal canta-0/vocês canta-m, eles canta-m*). E, evidentemente, só estamos considerando aqui a fala de sujeitos escolarizados, na qual não ocorre a perda dos morfemas de plural. Se acrescentarmos a tudo isso o que aponta Galves (1993) sobre a possibilidade de se interpretar a terceira pessoa do singular como indeterminada em orações com sujeito nulo do tipo "*Diz que as coisas estão muito feias por lá.*", observamos um grande congestionamento de sentidos para a terceira pessoa do singular (*eu/você-ele-a gente-o pessoal-nulo indeterminado/vocês*), que é sem dúvida o responsável pelo enfraquecimento semântico da concordância a que se refere Galves.

Mesmo sem perda de morfemas de plural, entretanto, o enfraquecimento da concordância de número não é muito menor nesse paradigma do que no encontrado na fala de letrados, na qual os morfemas de plural em geral se apagam, mas onde encontramos também concordâncias do tipo *a gente fomos e o pessoal foram*.

Esses últimos fenômenos não são de maior importância para nosso trabalho, mas o empobrecimento do morfema de concordância de número na fala informal de indivíduos letrados certamente é. Cerqueira (1993) ressalta que a concordância de número <sup>5</sup> sofre o mesmo processo de esvaimento que se observa para a de pessoa, pois dessa forma a distinção *singular/plural* deixa de apoiar-se em elementos flexionais e passa a depender quase que inteiramente da presença de um sujeito lexicalizado. Ele aponta, dessa forma, para um dos primeiros traços marcantes do português do Brasil, que se pode considerar como uma função do enfraquecimento da concordância: a **tendência ao preenchimento do sujeito**, atestada por inúmeras pesquisas e da qual nos ocuparemos mais adiante.

Rodrigues (1987), que estuda o enfraquecimento da concordância verbal no português de São Paulo, também constata nele uma grande ocorrência de sujeitos explícitos. Sua conclusão é a de que a não presença do sujeito lexical favorece a concordância, isto é, força o aparecimento do traço [+número]. Mas ela aponta também que, mesmo com sujeitos vazios, a concordância pode não aparecer, o que torna necessário, para a recuperação da referência, sua menção prévia no discurso.

Negrão (1990), analisando as conclusões de Rodrigues (1987) e de Tarallo (1986), levanta a hipótese, confirmada também por outros autores, de que as marcas de concordância estariam perdendo sua capacidade de permitir a identificação referencial de categorias vazias e propõe um reexame do papel da flexão verbal no licenciamento de categorias vazias na posição de sujeito ao qual nos referiremos mais adiante.

No que diz respeito ao espanhol, tivemos a oportunidade de verificar que o enfraquecimento da concordância não chega a ser tão forte quanto o que ocorre no português brasileiro. A variante peninsular, por exemplo, mantém a oposição entre

---

<sup>5</sup> Cerqueira (1993) fala, na verdade, num processo de esvaimento do traço [+número]. Entretanto, consideramos procedente a observação da Prof<sup>a</sup> Diana Luz Pessoa de Barros, orientadora deste trabalho, de que não é o traço o que enfraquece, mas a redundância que desaparece. O que ocorre é, na verdade, uma alteração na forma de marcar a concordância.

as três pessoas do discurso, tanto no singular quanto no plural (*yo/tú/él-nosotros/vosotros/ellos*), ainda que o tratamento formal (*usted-ustedes*) assimile as marcas da terceira pessoa, um dos fatos que certamente contribui para que essas formas estejam entre as que mais realização fonológica apresentem. Nas variantes americanas, por sua vez, a oposição se neutraliza no plural, com a perda do *vosotros*, mas permanece no singular, quer com a manutenção do *tú* em diversas variantes, quer com a sua substituição (ou alternância, em alguns casos) pelo *vos*, em outras. Entretanto, é justamente nas que sofrem certas alterações na flexão (perda de *-n*, *-s*), que vamos observar o aparecimento de fenômenos semelhantes a alguns que ocorrem no português brasileiro. Os efeitos dessas diferenças na sua aquisição como L2 por brasileiros serão observados no capítulo dedicado à análise da interlíngua de estudantes de espanhol.

#### 1.1.1.1. O conjunto de mudanças sintáticas desencadeadas

Lightfoot (1991) sustenta que a morfologia desempenha um papel importante na fixação de parâmetros que tenham espalhado efeitos sintáticos. Galves (1993), por sua vez, aponta muito bem que as mudanças morfológicas que afetam os sistemas flexionais das línguas estão na origem de grandes seísmos sintáticos. Por isso, afirma a autora, não é de estranhar que a origem de uma nova gramática no Brasil esteja numa mudança na concordância.

Os grandes pontos de mudança sintática no português brasileiro desencadeados pelo enfraquecimento da concordância apontados pelas pesquisas, todos eles articulados entre si - sintaticamente encaixados, de acordo com Tarallo (1993b), que dá a eles o tratamento proposto por Weinreich, Labov & Herzog (1968) - são os seguintes:

1) Uma reorganização do sistema pronominal, à qual se associam:

a) a presença mais freqüente de pronomes lexicais sujeitos, como em:

(1) *Eu não sei como as pessoas conseguem ouvir o João no telefone. Às vezes eu estou ao lado dele e não estou escutando (e). Parece que ele não está falando* <sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Exemplo extraído por Tarallo (1993b: 82) de entrevistas sociolinguísticas realizadas com paulistanos.

b) uma tendência cada vez mais forte à interpretação indeterminada da categoria vazia no sentido de *se*, em frases do tipo:

(2) *Não (e) usa mais saia.*

c) a diminuição da frequência dos clíticos e a implementação do objeto nulo, conforme observamos também no exemplo (1) do item (a);

d) o uso cada vez mais freqüente do pronome tônico de terceira pessoa na posição de objeto como em:

(3) *Eu não vi ele lá.*

e) como consequência da diminuição progressiva dos clíticos, especialmente os de terceira pessoa, o emprego majoritário, atestado por Martins (1989), de uma regra nominal de superficialização do caso dativo (*a/para ele*) para o objeto indireto, como em (4.a) e a baixa produtividade do dativo possessivo <sup>7</sup>, como em (4.b), e do dativo ético, praticamente restrito à primeira pessoa, como em:

(4)

(a) *Deu as melhores oportunidades a ele* <sup>8</sup>.

(b) *A minha cabeça dói. / Estou com dor de cabeça. (Em vez de: Me dói a cabeça.)*

(c) *Não vá me dizer essas coisas em público.*

f) ainda que não tenhamos encontrado nenhum estudo que se refira especificamente a esse fato, mesmo uma observação superficial nos aponta que a diminuição progressiva dos clíticos leva praticamente à perda do clítico *o* na sua função de predicativo, como em:

(5) *Isso parece uma excrescência, mas não (e) é;...* <sup>9</sup>

g) ao que tudo indica também associada à diminuição da frequência dos clíticos, a possibilidade de omissão do reflexivo e do *se* em alguns casos como (6) <sup>10</sup> e (7) <sup>11</sup>:

(6)

(a) *Eu vou casar amanhã.*

7 Para alguns, mais associada à consolidação do padrão SV, como veremos.

8 Exemplo (18) em Martins (1989: 116).

9 Exemplo extraído de artigo de *Estudos Avançados*, informativo do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, Ano V, nº 31, maio de 1993, p.3.

10 Exemplos extraídos de falas de programas de TV.

11 Exemplos citados por Kliffer (1977).

- (b) *Vai lavar as mãos.*
- (c) *Senta aí.*
- (d) *Eu lembro muito bem disso.*
- (e) *Ele cansou rápido.*
- (f) *Meu marido levanta cedo.*
- (g) *Complicou ainda mais a situação de PC Farias.*
- (h) *Tem que torcer pra gente classificar.*

(7)

- (a) *O rádio estragou.*
  - (b) *A camisa desabotoou.*
  - (c) *O cadarço soltou.*
  - (d) *A água esquenta rápido com chuveiro elétrico.*
- h) o baixíssimo uso de passivas com *se*, atestado por estudos como o de Moino (1989), especialmente na fala, e também de indeterminadas com *se*, fato talvez também correlacionado aos anteriores;
- i) a diminuição da frequência da concordância em estruturas com *se*, estudada por Nunes (1990, 1991) - que por sua vez se baseia em trabalhos de Kato & Tarallo (1986) e de Galves (1987) - o qual aponta que, a partir do século XIX, o elemento de concordância sofre uma reanálise, que faz com que a terceira pessoa do singular possa receber uma interpretação indeterminada, tendendo o *se*, assim, a ser interpretado como indeterminado e não como apassivador, como em:

(8) *Vende-se casas* <sup>12</sup>.

- j) a alteração na colocação dos clíticos na oração, sobretudo a implementação da próclise ao verbo principal não flexionado nas locuções verbais, que Galves (1993) classifica como um dos aspectos mais fascinantes da emergência da gramática do português brasileiro, como em:

(9) *João queria lhe falar.*

---

12 Em frases como essa, a categoria vazia na posição de sujeito passa a ser interpretada como um pronome referencial e força a interpretação do argumento interno como objeto direto.

- 1) uma mudança no sistema de relativização, com a emergência da relativa cortadora, como em (10.a), e com o uso freqüente do pronome lembrete, segundo aponta Galves (1984), como em (10.b):

(10)

(a) *A moça que eu falei ontem está aqui.*

(b) *Esse rapaz aí que eu conheci ele...*

- 2) A reorganização dos padrões sentenciais básicos, com <sup>13</sup>:

- a) o bloqueio da ordem VS com verbos transitivos em função da implementação do objeto nulo, e o conseqüente enrijecimento do padrão de ordem dos constituintes para SVO, que Tarallo (1993b) mostra ser, na verdade SV[O], graças à lexicalização mais freqüente do sujeito e à freqüência da categoria vazia de objeto <sup>14</sup>, como em:

(11) - *Cadê o pronome? O gato comeu (e)* <sup>15</sup>.

- b) o enrijecimento do princípio de adjacência na marcação do acusativo, fato diretamente relacionado ao anterior <sup>16</sup>;
- c) mudança no padrão de ordem de palavras em perguntas diretas e até certo ponto em indiretas, que passam a ser SV, o que, por sua vez, coincide com o surgimento da partícula *é que* - que hoje, aliás, já pode ser transcrita como (*é*) *que* -, ambos atestados por Duarte (1992), como em:

<sup>13</sup> Kato (1993a) refere-se a tudo isso, de uma forma mais genérica, como falta de mobilidade, ou de movimentos longos, de elementos distintos, como verbos, pronomes interrogativos e clíticos. A autora sintetiza assim os achados de várias pesquisas: a de Pagotto (1993), que aponta a perda de movimento longo do clítico; a de Rossi (1993), sobre as interrogativas, que aponta a perda do fronteamto de verbo nas perguntas do tipo *sim/não* e nas perguntas com pronome interrogativo; a de Morais (1993), que correlaciona a perda do sujeito nulo com a restrição V2 nas declarativas, mudanças essas acompanhadas do uso crescente da próclise, mesmo em início de sentença. Kato afirma tratar-se essa de uma mudança paramétrica. Tarallo (1993b) mostra claramente que este fato contribui para uma distinção drástica entre o português brasileiro e a modalidade européia. Enquanto esta última é, como já dissemos, um sistema fortemente marcado por regras de movimento, aquele é um sistema fortemente marcado por regras de apagamento.

<sup>14</sup> Referindo-se a uma pesquisa de Berlinck (1989), Galves (1993) aponta que, a partir do século XIX, observa-se uma diminuição da freqüência da ordem VS bem como uma alteração de sua significação gramatical, uma vez que ela deixa de ser uma escolha na base da organização informacional da sentença e passa a depender das propriedades lexicais dos verbos.

<sup>15</sup> Lembramos que a ordem mais provável dessa frase no espanhol, uma língua de clíticos, seria: *Se [me] lo comió el gato*. Nessa construção, como vemos, aparecem, ademais, dois (um, no mínimo) dativos éticos, além do clítico objeto direto.

<sup>16</sup> Segundo Tarallo (1993b: 94), os resultados sobre marcação de acusativo já obtidos na literatura atestam, entre outras coisas: a) o não uso de pronomes clíticos acusativos (ao qual já fizemos referência); b) uma tendência crescente ao uso do objeto nulo (a que também já nos referimos); c) uma baixa freqüência, embora relativamente estável, de pronomes lembretes; d) uma freqüência muito baixa (0.7%), atestada por Ramos (1989, *apud* Tarallo) em seu estudo sincrônico, de acusativo com a preposição *a*.

(12) *Por que (é) que você não veio?*

Ainda há, entretanto, um ponto-chave - talvez de fato o ponto central, pelo qual se pode explicar todos os outros - entre as conseqüências do enfraquecimento da flexão, tal como aponta Galves (1993: 398):

*"O enfraquecimento da flexão tem portanto como efeito uma reorganização da oração, em que o sujeito, no sentido tradicional do termo, se encontra numa posição mais baixa do que numa língua de concordância forte. Com efeito, o verbo encontra em T todos os seus elementos flexionais, não tendo mais nenhuma razão de subir para Agr, e o sujeito (pro, ela) recebe o nominativo na posição de especificador de T."* (grifo nosso).

Galves explica desse modo os diversos fenômenos típicos de "língua de tópico" encontrados originalmente por Pontes (1981) no português brasileiro, tais como <sup>17</sup>:

(13)

(a) *Esse buraco taparam ele outro dia.*

(b) *Essa competência ela é de natureza verbal.*

O especificador de Agr - prossegue Galves:

*"... pode assim ser o lugar de geração de um outro sintagma nominal, interpretado como sujeito cujo predicado é a oração, que contém um pronome correferente com ele (ele em posição de objeto na primeira frase [13.a], e ela, em posição de sujeito na segunda [13.b])."* (grifo nosso) <sup>18</sup>.

Como Agr se enfraquece e há uma dissociação entre o morfema Agr e o núcleo Agr, a posição Comp torna-se de acesso difícil para o verbo, já que um núcleo intermediário se interpõe entre a posição normal do verbo (Tempo) e Comp. Daí, mostra a autora, a tendência à ordem SV nas frases simples e nas interrogativas, já que a ordem VS passa a depender essencialmente da projeção de verbos monoargumentais, cujo argumento é gerado em posição pós-verbal. Mas o núcleo Agr vai ser responsável pela legitimação de fenômenos típicos do português brasileiro - afirma a autora -, em particular o objeto nulo.

Como vemos, Galves estabelece desse modo uma relação estreita entre vários dos fenômenos considerados mais marcantes na definição de uma gramática do

<sup>17</sup> Tomamos os exemplos de Galves (1993:397-8), que por sua vez os extrai de Pontes (1981).

<sup>18</sup> In: Galves (1993: 398).

português brasileiro, inclusive a **topicalização**, e os deriva de uma só mudança subjacente: as mudanças morfológicas no sistema flexional.

Ainda que, como já deixamos claro, a variação interlingüística do espanhol não possa ser totalmente levada em conta neste trabalho é interessante lembrar brevemente que pesquisas sobre a variante caribenha do espanhol e de algumas poucas mais nas quais ocorre o fenômeno de perda de certas desinências verbais (-s, -n ) também apontam nelas um aumento significativo de pronomes lexicais em posição de sujeito, não sendo essa, no entanto, uma tendência geral no espanhol e não afetando a norma estândar.

Por outro lado, Suñer (1986), para explicar a gramaticalidade de construções de infinitivo com sujeito pronominal pré-verbal no espanhol do Caribe, mostra que ele desenvolveu uma regra especial para atribuição de caso nominativo, que prescinde da regência, para a qual teria contribuído o enfraquecimento da concordância nessa variante. Como evidência disso, a autora menciona a existência, na modalidade caribenha, de grande freqüência de sujeitos pronominais, da perda da obrigatoriedade de inversão nas perguntas informacionais, e da difusão de interrogativas do tipo *que es lo que*, ocorrências todas presentes na variante brasileira do português. Estudos como o de Suñer constituem mais uma evidência de que fenômenos dessa natureza estão de fato altamente correlacionados. Desconhecemos, entretanto, trabalhos que observem se os demais aspectos presentes no português brasileiro correlacionados com a perda da concordância se manifestam nessas variantes ou não.

Retomando nossa análise do português brasileiro, o tema da topicalização nos leva a mencionar aqui os importantes estudos de Pontes, entre eles *O tópico no português do Brasil* (1987), que apontam a clara importância do tópico no português brasileiro. Segundo a autora, a construção com tópico é no mínimo tão freqüente quanto a sem tópico, ainda que, segundo ela, faltem mais estudos de freqüência, através de gravações, para se determinar tal fato. Também na língua escrita, segundo Pontes, a tendência a colocar o tópico no início da sentença é forte. A partir de uma análise das características das línguas de tópico propostas por Li & Thompson (1976)<sup>19</sup>, Pontes conclui que o português brasileiro é, no mínimo, uma língua de

19 De acordo com Li & Thompson (1976), as línguas - segundo predominem nelas relações de tópico-comentário ou de sujeito-predicado - seriam divididas em quatro tipos: 1) línguas com proeminência de sujeito, nas quais a estrutura das sentenças é descrita como de sujeito-predicado; 2) línguas com

proeminência de tópico e sujeito. Pontes ainda aponta um fenômeno interessante, evidenciado por construções do tipo <sup>20</sup>:

(14)

(a) *O meu carro furou o pneu.*

(b) *Essa janela não venta muito.*

Essas frases têm sempre o sujeito (ou o que seria o sujeito na ordem direta) - mostra Pontes - posposto. Como o tópico está na posição inicial da oração, ele se confunde com um sujeito e a ordem da frase dá a aparência de uma ordem SVO. Sendo a concordância com o tópico bastante possível nesse casos, como em:

(15) *Essas janelas não ventam muito.*

e levando-se em conta que a concordância com o sujeito posposto levaria, em alguns casos, provavelmente à agramaticalidade, como em:

(16) \**Meu carro furaram os pneus. (?)*

pareceria - conclui Pontes - que esse tópico está se confundindo com o sujeito e que até um verbo impessoal como *ventar* está funcionando como transitivo. Casos como esses lhe permitem levantar a hipótese de que o português coloquial seria como o chinês, língua na qual o significado gramatical de sujeito e predicado em uma sentença é tópico e comentário, em vez de ator e ação.

Kato & Tarallo (1986), que também estudam brevemente essas construções, as arrolam entre as evidências de desaparecimento do clítico sujeito *se* no português brasileiro, parte de um fenômeno mais geral de rejeição do clítico. Um outra evidência disso seria o crescente **preenchimento do sujeito**, a **transformação das frases do tipo tópico-comentário em SV**, como em (17), e na **versão mais popular das construções de dativo**, como em (18). Em todos esses casos, a expansão e consolidação do padrão SV é evidente:

(17) *Estas casas ventam muito.*

proeminência de tópico, nas quais a estrutura das sentenças é descrita como de tópico-comentário; 3) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes; 4) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, nas quais sujeito e tópico se mesclaram e a distinção entre os dois não é mais possível.

<sup>20</sup> Exemplos (88) e (94), respectivamente, em Pontes (1987: 35).

(18) *Minha cabeça dói. (Em vez de: Dói-me a cabeça.)*<sup>21</sup>.

Decat (1989) chega à conclusão de que a construção SV está se consolidando na língua analisando construções de tópico sem pronome cópia do tipo (14.a). Segundo ela, tendo em vista que: a) a posição pré verbal caracteriza um constituinte como sujeito, dada a rigidez de ordem decorrente da supressão do sistema de clíticos; b) não há um outro SN expresso nessa posição (por exemplo, um pronome); c) não há nenhum outro material interveniente entre a CT e o V; a tendência da língua é, cada vez mais, a preencher o sujeito, substituindo zero por um SN lexical,

*"...pode-se concluir que tais mudanças no sistema da língua provocaram pressão para uma nova mudança, que terá como decorrência a reanálise da CT como sujeito. A necessidade de adequar as estruturas de modo a que as funções dos constituintes sejam bem 'transparentes' leva o sistema a se reorganizar, valendo-se de um princípio pertencente à gramática, isto é, ao próprio sistema - o Princípio da Transparência."*<sup>22</sup>.

Tal reinterpretação da CT, que vai terminar por preencher a posição de sujeito nulo, acrescenta a autora, obedece também a uma pressão para se manter o padrão dominante SVO.

Retomando Galves (1993), lembremos que ela tenta explicar, em termos da teoria dos parâmetros, todo esse conjunto de mudanças sintáticas pelas quais passa o português brasileiro a partir de uma única mudança subjacente: **a mudança morfológica que afeta o sistema flexional da concordância**. Cabe, entretanto, uma importante reflexão a esse respeito - que poderíamos intitular de "Quem veio antes: o ovo ou a galinha?" - antes de passarmos a discutir um pouco mais detidamente os aspectos que nos interessam.

#### 1.1.1.2. O enfraquecimento da concordância: causa ou efeito?

Estudando a distribuição e a interpretação de pronomes na fala de crianças de escola pública em São Paulo, Negrão (1990) insiste, como já antecipamos, na necessidade de um reexame do papel que as marcas de flexão no verbo desempenham no licenciamento de categorias vazias na posição de sujeito das sentenças. Segundo a autora, os dados obtidos em sua pesquisa mostraram que para explicar as mudanças em curso no sistema da flexão verbal do português brasileiro é necessário inserir tal

21 Outra versão muito empregada para essa frase é: *Eu estou com dor de cabeça.*

22 In: Decat (1989: 135).

reexame na observação mais ampla tanto das propriedades do sistema referencial dessa língua, quanto da organização hierárquica dos constituintes de suas sentenças.

Negrão (1990) constatou em seu estudo uma predominância de formas com marcas morfológicas de flexão de terceira pessoa do singular, sendo que somente 3% dessas ocorrências são casos em que à marca de flexão de terceira pessoa do singular realizada no verbo correspondem categorias em posição de sujeito com traços pessoais de primeira pessoa do singular ou do plural, ou de terceira pessoa do plural. Constatou também a presença de um grande número de construções que possibilitam o destaque de um argumento informacionalmente relevante, das quais são exemplos as tradicionais construções de tópico e antitópico, como em (19.a), as orações relativas (19.b) e as construções de clivagem conhecidas como *cleft* e *pseudo-cleft*, como em (19.c) <sup>23</sup>:

(19)

(a) *Meu amigo dizia: "Vai, não tem perigo. É quatro metros de fundura, a piscina."*

(b) *...minha irmã vai assistir né mas... não vou poder ir junto porque ela vai c'uns amigos daí... que é muito menor do que eu...*

(c) *P - Em que posição você joga? Você tem alguma posição fixa ou joga em qualquer canto?*

*A - Não, que eu jogo melhor no campo é no meio campo né e em quadra, quadra que eu jogo bem é no ataque.*

Não cabe retomar todas as análises apresentadas pela a autora neste espaço. Porém, é importante registrar aqui sua hipótese alternativa de interpretação do papel das marcas de flexão na distribuição e interpretação das categorias em posição de sujeito. Ela constata que no caso das ocorrências com marcas morfológicas de terceira pessoa - categorias lexicais ou vazias em posição de sujeito portadoras de traços de primeira, segunda e terceira pessoas do discurso, determinadas ou indeterminadas, além da interpretação impessoal - fica impossível imputar a essas marcas uma capacidade referencial. Isso, no entanto, não "resultou num determinístico preenchimento da posição de sujeito, muito pelo contrário, é na 3ª ps que o preenchimento da posição de sujeito tem a segunda menor frequência

<sup>23</sup> Exemplos (46) e (47) em Negrão (1990: 45-6).

(58,4%).”<sup>24</sup>. Essas possibilidades todas de interpretação que as marcas de flexão de terceira pessoa possuem levam a autora a pensar que o português brasileiro dispõe de outros mecanismos para atribuição de interpretação às categorias vazias e que as marcas de flexão pessoal, se ainda dão alguma contribuição nesse processo, tiveram seu papel muito esvaziado, o que põe em risco até a sua capacidade de realização. Assim, Negrão (1990: 47) acaba concluindo que:

*“Não são as alterações na morfologia da flexão pessoal (perda das marcas de concordância) que desencadearam o desenvolvimento de estratégias alternativas para a recuperação da referência das categorias pronominais lexicais e vazias em posição de sujeito, como preenchimento ou ligação com SN antecedente, mas pelo contrário, o processo de substituição de formas pronominais e o uso de construções de destaque da função informacional de argumentos (sendo ocupar a posição de sujeito só uma delas), acabou por esvaziar a função exercida pelas marcas de flexão, esvaziamento este que pode resultar na não necessidade de sua realização.”* (grifo nosso).

A observação da autora é extremamente instigante, sobretudo quando a associamos a afirmações de mais de um pesquisador a respeito da importância da saliência fônica no português brasileiro. Guy (1981a e b, *apud* Tarallo, 1993a) usa essa característica para lançar a sua hipótese de que a variante brasileira seria um crioulo que agora estaria se descrioulizando, hipótese rebatida por Tarallo (1993a), que no entanto não contesta a importância da saliência fônica no português brasileiro. Kato (1987), por sua vez, insiste para o fato de que todas as análises intralingüísticas do português brasileiro têm revelado que a existência e o uso de pronomes tônicos e não monossilábicos, como *você-vocês*, e de elementos quasi-pronominais como *a gente* mostram que o lugar do pronome reto é fonologicamente bastante saliente em nossa língua, ao contrário de outras línguas românicas, nas quais eles tendem a reduzir-se ao ponto de cliticizarem-se ao verbo. Essa tendência se manifesta também na substituição das formas acusativas pelas nominativas correspondentes. Também se manifesta, a nosso ver, em construções em que a opção pelo clítico é abandonada em favor de uma estrutura com preposição, como em *olhou para mim, perguntou para ele, disse para ela*, etc. Mesmo quando a morfologia é capaz de identificar um pronome nulo, mostra ainda Kato (1993a), é o pronome lexical que se manifesta. O

24 In: Negrão (1990: 35).

"sujeito", diz ela, seja como a categoria que concorda com o verbo, seja como tópico, pede realização fonológica.

Cabe perguntar-se, então, até que ponto o grande número de construções que dão destaque à função informacional dos argumentos encontradas por Negrão (1990) na fala das crianças obedece a essa tendência à saliência fônica apontada por mais de um pesquisador, ou ao contrário, se é a saliência fônica que também está a serviço dessa tendência a dar destaque à função informacional dos argumentos. Qualquer que seja a resposta, parece indiscutível que as duas coisas estão intimamente correlacionadas. Por outro lado, cabe perguntar-nos também, a partir do que observam Kato & Tarallo (1986) e Pontes (1987), se é a estrutura tópico-comentário a que está se consolidando na língua ou a estrutura SV, como parecem indicar os exemplos em que o tópico passa a concordar com o verbo.

Por fim, quaisquer que sejam as respostas a todos esses questionamentos, cabe lembrar que Negrão (1990) também constata em sua pesquisa vários dos fenômenos assinalados pelos outros autores citados, fenômenos esses que ela parece interpretar igualmente como correlacionados. Entre outros, citamos:

a) substituição de formas pronominais (*nós* por *a gente*; *tú/vós* por *você/vocês*);

b) inversão do argumento externo, como em:

(20) *Chegou três carros de polícia lá, o cara pegou a arma assim.*

c) preenchimento da posição de sujeito por pronomes, como em:

(21) *Dáí sabe quando você não consegue levantar, você não consegue ficar reto?*

d) categoria vazia na posição de sujeito de verbos em terceira pessoa do singular com interpretação impessoal, como em (22.a), e indefinida, como em (22.b):

(22)

(a) *Fica o clube, é aqui. Aí tem a praia.*

(b) *...é uma cidade que conhece todo mundo, aquele pessoal legal.*

e) e as já exemplificadas construções que possibilitam a explicitação da relevância informacional dos argumentos.

Nos itens seguintes, passaremos a observar mais detidamente algumas das construções mencionadas até o momento, procurando sempre estabelecer algumas comparações com fatos encontrados no espanhol.

## 2. Os casos selecionados para análise

### 2.1. Assimetria no preenchimento dos argumentos sujeito e objeto

As pesquisas feitas sobre o português brasileiro apontam nele, com regularidade, uma assimetria no preenchimento dos argumentos sujeito e objeto, bem como uma correlação entre esses dois fenômenos. Enquanto o argumento sujeito tende cada vez mais a ser preenchido por um pronome lexical, o objeto direto tende a ser cada vez mais representado por uma categoria vazia.

Tal assimetria representa uma divergência absoluta da variante brasileira em relação à européia, que tem a tendência exatamente oposta: favorecimento da retenção dos clíticos objeto em detrimento do preenchimento da posição de sujeito, tendência que parece coincidir, com variações, com a do espanhol.

Parece confirmar essa hipótese a classificação tipológica do espanhol de Morales (1990) como "*una lengua acusativa*", caráter que ele não perde, lembremos, em nenhuma de suas variantes, no interior das quais apresenta nada mais do que certa variabilidade em suas características.

Ao que tudo indica, também as afirmações de Lorenzo (1980) apontam - de uma outra forma, já que Lorenzo não está se referindo especificamente ao objeto direto, mas a construções com clíticos em geral - que há no espanhol uma clara preferência por construções que dispensam a saliência do argumento sujeito e forçam o aparecimento dos clíticos. Aliás, o próprio autor assinala essa preferência quando no mesmo artigo aponta que certos usos "*parecen obedecer a un mismo esquema insoslayable de la lengua y favorecen el uso redundante, casi obligatorio, del pronombre átono, incluso cuando ya va precedido del tónico;...*"<sup>25</sup>, o que não deixa também de configurar um outro tipo de saliência fônica em relação ao português brasileiro. Essa saliência parece confirmar-se, por outro lado, quer pela posição que

25 In: Lorenzo (1980: 14-15).

os clíticos ocupam na cadeia, quer pelo fato de os clíticos acusativos de terceira pessoa não terem perdido nessa língua sua consoante de apoio (*lo/la/los/las*), perda ocorrida no português (*o/a/os/as*) e que, segundo certas pesquisas, determinou mudanças significativas que contribuíram muito para o seu enfraquecimento e perda. Lorenzo (1980: 14-15) ainda acrescenta que "*en español los pronombres átonos llevan camino de convertirse en mera marca de verbos que podrían llamarse des-subjetivizados gramaticalmente.*" Da mesma forma, está claro que em muitas das construções citadas por Lorenzo a correlação caso semântico-papel sintático funciona de modo diferente do que no português brasileiro, língua que, se não de forma absoluta, ao menos em termos de preferência, daria destaque - colocando-o na posição de sujeito, provavelmente explícito e pronominal - ao argumento semanticamente marcado como afetado, concretizado em espanhol pelo clítico (*Me gusta/Eu gosto*). Parecem operar aí também diferentes critérios de ordem dos argumentos nas duas línguas, que talvez obedeçam a diferentes critérios de prioridade informativa.

Como quer que se interpretem as afirmações - nem sempre muito claras - de Lorenzo, a simples menção dos casos dados como preferenciais no espanhol nos ajuda a configurar a diferente assimetria que há no espanhol, em confronto com o português brasileiro, à qual já nos referimos, assimetria confirmada, ademais, pelos estudos quantitativos sobre o emprego de pronomes sujeito nessa língua e sobre o consenso a respeito de ser ela uma língua em que não ocorre o fenômeno de perda dos clíticos. Em síntese, enquanto o português se apresenta como uma língua marcada pela crescente perda dos clíticos e pelo uso cada vez maior de pronomes lexicais sujeitos, o espanhol é uma língua de baixo emprego de pronomes lexicais sujeitos e de um emprego crescente de clíticos nas suas diversas funções.

Seria acaso possível dizer que esses diferentes *semblantes* - "*conjunto de rasgos externos, muchos de ellos accidentales...*", segundo Lorenzo (1980: 10) - das duas línguas revelam diferentes *talantes*, isto é, estados de ânimo mais ou menos permanentes e mais ou menos essenciais, divergentes? É apenas uma interrogação que deixamos no ar.

### 2.1.1. Sujeito pronominal pleno vs. sujeito nulo

Os estudos de Galves (1983, 1984), retomados por Tarallo (1993), apontam que o português europeu lança mão do pronome lexical sujeito em situações enfáticas ou contrastivas, tal como ocorre no espanhol estândar, conforme já vimos, ao contrário do que vem ocorrendo com o português brasileiro. Além disso, o português brasileiro - diferentemente o europeu - é muito marcado pelo uso do pronome resumptivo em cláusulas principais <sup>26</sup>, como em:

(1) *Os lingüistas, eles são chatos* <sup>27</sup>.

Ademais, no português brasileiro, as cláusulas relativas são derivadas sem movimento, ao contrário do que ocorre no português europeu. O âmago da questão, lembra Tarallo, encontra-se na natureza de *INFL* nos dois dialetos. No português brasileiro, há um empobrecimento crescente da flexão, fato que não ocorre na variante européia.

Por outro lado, a presença de uma categoria vazia na variante européia implica uma referência determinada; ou seja, trata-se de um sujeito vazio, cuja referência se recupera no discurso (*pro* gerado com um índice referencial). Enquanto isso, o português brasileiro não parece interpretar, a menos que o contexto condicione essa interpretação (como ocorre nas orações compostas), a flexão como um elemento referencial, o que traz conseqüências interessantes para o sentido. Isso daria para as sentenças com categoria vazia combinada com flexão de terceira pessoa do singular do tipo:

(2)

(a) *(e) Diz que ele se saiu muito bem.*

(b) *Este ano (e) vai usar muito roxo.*

interpretações totalmente diferentes nas duas variantes: indeterminada na brasileira <sup>28</sup>, e com um sujeito de terceira pessoa recuperável no discurso na européia <sup>29</sup>.

<sup>26</sup> Segundo Givon (1979), é a necessidade de deixar claro o referente que faz com que o falante use esse pronome, que pode ser explicado também como uma flexão do verbo.

<sup>27</sup> Exemplo (13) em Tarallo (1993a: 52).

<sup>28</sup> Como *INFL* não tem referência no PB, a representação de frases com sujeitos vazios de terceira pessoa seria a seguinte: S --- NP(*PRO*) *INFL*(*PRO*) VP.

<sup>29</sup> A representação, para o PE, de frases com sujeito vazio de terceira pessoa seria: S --- NP( ) *INFL*(*pro*) VP.

O fato de que o português brasileiro não interprete a flexão como um elemento referencial o estaria tornando uma língua menos *pro-drop* do que o português europeu. Galves ainda cita, como motivação independente para o processo de não apagamento do sujeito no português brasileiro, além do uso da terceira pessoa do singular sem sujeito lexical com valor indeterminado, o decréscimo no emprego do infinitivo pessoal. Tarallo (1993a: 54) resume da seguinte maneira a interpretação de Galves:

*"A diferença fundamental, então, entre o PB e o PE é que no primeiro (mas de modo algum no segundo) o pronome lexical ele é acessível à regra de predicação. Essa regra só será aplicada a categorias vazias no PE: pro com elementos de concordância; e traços no caso da relativização (...)."*

Segundo Tarallo, a análise de Galves sobre os pronomes sujeitos na variante brasileira e na variante européia leva a pensar que, no caso específico dos sujeitos pronominais, a sintaxe do português brasileiro é mais rígida e orientada para a sentença, configuracionalmente introvertida, enquanto a do português europeu é mais frouxa, mais orientada para o discurso.

Na visão de Negrão (1990), o que ocorre no português brasileiro é uma **descaracterização das marcas de flexão**, especialmente da marca de terceira pessoa que, quando correlacionada com uma categoria vazia à qual nenhum outro procedimento de interpretação se aplica, resulta numa interpretação indeterminada. Isso ocorre, segundo a autora, exatamente por uma orientação do português brasileiro para construções que privilegiam o estatuto informacional de certos argumentos, que tanto podem ocupar a posição de sujeito quanto não, o que acaba por desvincular da posição de sujeito essa função informacional.

Por outro lado, vimos já que Galves (1993) aponta que o enfraquecimento da concordância redundante numa reorganização total da oração do português brasileiro, na qual o especificador de *AGR* passa a ser o lugar de geração de um outro SN (o tópico), interpretado como sujeito cujo predicado é a oração, o que viria a equivaler a uma estrutura tópico-comentário.

Assim, como vemos, todos parecem confirmar a importância do tópico, o que também já foi amplamente demonstrado por Pontes (1981, 1987) no português brasileiro, e o seu papel na reorganização geral e na representação da oração.

Ao que tudo indica, é possível aplicar certas afirmações de Galves sobre o português europeu ao espanhol estândar. Essa língua tampouco dispõe da possibilidade de interpretar indeterminadamente as categorias vazias presentes em orações equivalentes a (2.a) e (2.b), a saber:

(3)

(a) (e) *Dice que se salió muy bien.*

(b) *Este año (e) va a usar mucho el morado.*

Para atribuir uma interpretação indeterminada a essas duas sentenças, ao menos no espanhol estândar, seria necessário utilizar outros recursos, como por exemplo a construção impessoal com *se* (*se dice, se va*)<sup>30</sup>. Em ambas, pressupõe-se um sujeito de terceira pessoa recuperável no discurso. Além disso, em (3.a), a eventual presença de um *él* no lugar da segunda categoria vazia, forçaria uma interpretação contrastiva, no sentido de *él* por oposição a *otros*, segundo averiguamos em testes com falantes nativos dessa língua, além de acrescentar um sentido de dúvida à construção (*Él dice que..., si es verdad no lo sabemos.*). A interpretação contrastiva também se aplicaria ao preenchimento da outra categoria vazia presente em (3.a), bem como da presente em (3.b), já que, como vimos antes, esse é um dos fatores determinantes para o emprego do pronome lexical sujeito nessa língua.

Retomando Galves (1983, 1984), o âmago de tudo isso se encontraria na natureza da flexão, cada vez mais empobrecida, do português brasileiro, o que faz com que ela não tenha referência, especialmente para a terceira pessoa, na qual a categoria vazia seria interpretada como um *PRO*.

Talvez, então, seja possível invocar para certos casos do português brasileiro o **AVOID PRONOUN PRINCIPLE** - evite o pronome lexical se *PRO* for possível - usado por Jaeggli (1982) para explicar sujeito nulo vs. sujeito preenchido em espanhol, o que só é possível, mostra Jaeggli, numa análise em que os sujeitos nulos sejam tratados como *PROs*<sup>31</sup>. Ao que tudo indica, é a sua aplicação que permite a

30 Navarro (1990) registra a presença de alguns casos de impessoais sem *se* numa pesquisa realizada sobre o espanhol de Valência (Venezuela), o que, se não chega a ser significativo para o quadro focalizado para este trabalho, é no mínimo instigante, uma vez que outros fenômenos encontrados no português brasileiro já foram detectados no espanhol do Caribe. O exemplo que ele traz é: "*Dice que lo pueden poner preso.*" (p. 117).

31 Cabe lembrar que Jaeggli (1982: 180-1) propõe uma redefinição da categoria *PRO*. Não se pode perder de vista, diz o autor, que *PRO* é simplesmente um pronome fonologicamente vazio. Ele tem

interpretação indeterminada de estruturas com sujeito vazio de terceira pessoa (*Diz-Dizem*). Nesses casos, o português brasileiro licencia um *PRO* e o pronome é evitado. Como ele não é comandado por flexão, sua interpretação passa a ser indeterminada. Galves (1983, 1984), como vimos, e Kato & Tarallo (1986) também aceitam a possibilidade da existência de um *PRO* funcionando como sujeito em sentenças com tempo no português brasileiro.

O que permitiria, no espanhol, o aparecimento de um *PRO* em posição pré-verbal seria, segundo Jaeggli (1982), que a flexão não rege nessa língua a posição do SN sujeito, posição essa que varia estruturalmente. Assim, a atribuição de caso nominativo nessa língua não requer regência da flexão para a posição de sujeito pré-verbal. O caso nominativo é atribuído de forma livre a qualquer SN e esse SN marcado por nominativo deve concordar em pessoa e número com a flexão do verbo. No português brasileiro, no qual *INFL* não tem referência, dois *PROs* são mutuamente governados e um está ligado ao outro. Eles estão livres e não têm um índice referencial, daí sua interpretação arbitrária <sup>32</sup>.

Se generalizarmos isso, explica-se, talvez, por que ocorre de modo tão forte no português brasileiro a presença do pronome lexical, mesmo com pessoas que ainda mantêm a concordância, como é o caso da primeira <sup>33</sup>, pessoa que, segundo Duarte (1993), se encontra em mais adiantado estágio de mudança em direção a um sistema não *pro-drop* <sup>34</sup>.

Essa interpretação de Jaeggli nos permite retomar a questão da existência de uma assimetria no português brasileiro em termos de retenção de pronome sujeito vs. apagamento de pronome objeto, que o diferenciava do português europeu e

todos as especificações de traço de um pronome. A única coisa que lhe falta é uma matriz fonética. Jaeggli propõe, então, que os pronomes são sempre gerados como *PROs* e que só são pronunciados quando tiverem caso e forem c-comandados. Uma sentença do inglês como "*He likes ice cream.*", por exemplo, seria gerada com um *PRO* (= [+masç., sing., 3ª pessoa]) na posição de sujeito. Uma vez que esse *PRO* recebe o caso nominativo e é c-comandado pela flexão, ele deve ser pronunciado, de acordo com a interpretação alternativa dada à categoria, que o autor reescreve da seguinte maneira: *Pronuncie PRO se ele tiver caso e for c-comandado.*

32 Lembremos a representação dessas sentenças proposta por Galves, já citada acima.

33 Duarte (1993) entende que a presença forte do pronome de primeira pessoa se deve à não existência de um reforço externo ao elemento de concordância.

34 Julgamos procedente, a esta altura, deixar no ar uma pergunta: estaria, então, o português brasileiro a caminho de atribuir uma interpretação arbitrária a todos os sujeitos nulos? Não nos sentimos, entretanto, suficientemente abalizados para dar essa resposta.

também do espanhol, que apresentam a assimetria oposta. Para o caso de apagamento vs. retenção de pronome sujeito, a aplicação do *AVOID PRONOUN PRINCIPLE* parece ser a tônica no espanhol, o que força uma interpretação enfática quando ele está presente, conforme já vimos. No caso do português, a tônica parece ser a da violação constante desse princípio, se aceitarmos que todos os sujeitos nulos são *PROs*, ou diretamente a sua não aplicação, o que explica a interpretação não enfática. Outra possibilidade seria limitar a aplicação desse princípio aos casos de terceira pessoa indeterminada e continuar interpretando os demais casos como *pro*. Qualquer que seja a interpretação, no entanto, a diferente assimetria nas duas línguas é indubitável.

No que se refere às construções de tópico, elas são dadas como freqüentes em espanhol por vários estudos, ao que tudo indica na oralidade. Numa pesquisa recente realizada sobre a variante uruguaia, Caviglia *et alii* (1990) indicam uma alta freqüência de construções que guardam alguma semelhança com as do português. Um dado importante constatado pela pesquisa é que, formalmente, predominam no aparecimento do tópico as formas nominativas, que se manifestam morfologicamente no caso dos pronomes (o que nos faz supor um aumento considerável dessas formas), como em (4.a); pela ausência de marcas preposicionais nos sintagmas nominais, como em (4.b); e na forma do infinitivo nos verbos, como em (4.c). Os autores também fazem referência a construções com tópico correferencial com o sujeito da oração comentário, como em (4.d), ou com algum dos referentes do sujeito, como em (4.e)<sup>35</sup>:

(4)

(a) *Él, ahí enfrente le dieron la plata.*

(b) *Esa mujer, algo le falla.*

(c) *Comer, lo que se dice comer, no como desde...*

(d) *María, ella hoy no viene.*

(e) *Yo, íbamos a cortar uva.*

<sup>35</sup> Não encontramos, no entanto, nenhuma referência a um pronome nominativo na posição de objeto correferencial com o tópico, tal como ocorre em português, como vimos (*Esse buraco taparam ele...*). Nesses casos, no espanhol aparece sempre o clítico (*El profesor, hasta ahora no lo vi.*).

Ainda que não se trate propriamente de um estudo de frequência, o trabalho de Caviglia *et alii* (1990) deixa claro que (4.d) e (4.e) são construções que "podemos encontrar". Mas os autores esclarecem imediatamente: "*Téngase en cuenta que en español no es necesario expresar léxicamente el sujeto, por lo que la co-referencialidad se da entre el tópico y la desinencia verbal.*"<sup>36</sup>. Essas afirmações nos fazem supor que se trata de construções eventuais. Seria necessário, entretanto, estabelecer essa frequência com maior precisão bem como verificar o seu aparecimento em outras variantes do espanhol e também na língua escrita. Tampouco encontramos estudos que apontassem alguma possibilidade de que essas construções estejam acarretando mudanças no espanhol equiparáveis às do português brasileiro<sup>37</sup>.

Como vemos, há razões estruturais que condicionam de modo diferente o aparecimento ou não de um sujeito lexical nas línguas que estamos observando. A essas devem se acrescentar, entretanto, razões de ordem discursiva e estilística que operam como complicadores adicionais. Os estudos variacionistas e quantitativos deixam isso bem claro. Do mesmo modo, se ambas as línguas possuem construções com tópico, a sua manifestação superficial nem sempre é a mesma. Em todos os casos, parece se confirmar ao menos um fato: enquanto o português brasileiro é fortemente marcado pela presença de pronomes lexicais sujeitos e pela perda dos clíticos, o espanhol possui um baixo índice de pronomes lexicais sujeitos e um índice muito alto de clíticos, como vimos.

#### 2.1.1.1. Análises quantitativas sobre o preenchimento do sujeito

Há vários estudos que se dedicam a verificar os índices de preenchimento do sujeito no português, alguns deles cruzando a variável ocorrência do pronome pleno vs. categoria vazia com vários fatores.

36 In: Caviglia *et alii* (1990: 10).

37 Jaeggli (1982) também faz referência ao fato de que numa construção de deslocamento à esquerda, um sujeito vazio na oração principal pode, no espanhol, funcionar como um pronome resumptivo, para o SN deslocado na posição de tópico, como em (5), e deve, de acordo com sua análise, ser interpretado como um PRO: *Juan, dudo que PRO compre esa casa*. Um PRO sujeito de um infinitivo não pode, entretanto, funcionar como um pronome resumptivo, uma vez que os PROs na posição de sujeito de infinitivos nunca são marcados por caso: *\*Juan, es imposible PRO llegar a tiempo*. Uma sentença como essa não pode significar, segundo Jaeggli, "*Es imposible que Juan llegue a tiempo.*"

Duarte (1993), por exemplo, cruzando essa variável com os fatores morfossintáticos de *número* e *pessoa*, comprova a existência de um favorecimento, no português brasileiro atual, do uso de pronomes plenos de primeira e segunda pessoas, ao contrário do que ocorre com a terceira, em que o preenchimento do sujeito seria forçado apenas por uma barreira entre o pronome e o *TEMA* rompendo a necessária adjacência sintática. Quando o referente é esperado, diz a autora, usa-se o pronome nulo; caso contrário, o pronome pleno. E o que faz um referente ser fortemente esperado, prossegue, é o fato de ele ser o sujeito de uma predicação, isto é, *TEMA*<sup>38</sup>. Este é o referente disponível para um pronome nulo numa matriz ou numa subordinada a ela ligada. Só uma barreira entre o pronome e o *TEMA* força o uso do pronome pleno. É exatamente a existência dessa barreira que explica o pronome pleno em orações como<sup>39</sup>:

(5)

(a) *Encontrei ontem com o João; e ele; me disse que ia viajar hoje.*

(b) *Você podia vir para o trabalho com o Paulo; agora que ele; tem carro.*

Essa constatação de Duarte (1993) aproxima o português do espanhol. Lembremos que Enríquez (1984) apontava, sem referir-se ainda ao traço *pessoa*, que o uso do pronome lexical é mais elevado em orações compostas que apresentam sujeitos não coincidentes. Enríquez não considera a mudança de papel temático de um mesmo referente, mas o seu peso fica patente em algumas das ocorrências por ela citadas. Parece, portanto, que nos dois casos - português brasileiro e espanhol - não é de fato o traço *pessoa* que está pesando aí, mas a mudança de função sintática de um mesmo referente, fator considerado determinante - ao lado da estrutura sintática, dos papéis temáticos, do dinamismo comunicativo e das hierarquias narrativa e discursiva - para o aparecimento de sujeitos pronominais plenos, no modelo de abordagem multifuncional da anáfora proposto por Manoliu (s/data). Parece, então, haver, nos casos que aproximam o espanhol do português, razões mais de ordem discursiva - talvez estratégias discursivas generalizadas ou até mesmo universais - e não propriamente ligadas à estrutura lingüística.

38 A autora toma o termo *Tema* de Calabrese (1986, *apud* Duarte, 1993), cujas idéias está usando.

39 Exemplos nossos.

Por tudo isso, são normais em espanhol os seguintes empregos, encontrados no *corpus* de Enríquez (1984) <sup>40</sup>:

(6)

(a) (...) *encuentran a un señor; que tiene un capital. Él; aporta el capital; el óptico diplomado aporta el título.*

(b) *Y, claro, vienen los hijos; con los problemas de hoy, que ellos; puede que los entiendan, pero que yo no entiendo nada.*

Duarte (1993) constata, ademais, que todos os fatores lingüísticos testados favorecem amplamente o uso do pronome pleno de primeira e segunda pessoas no português brasileiro. Por isso são tão freqüentes orações como:

(7)

(a) *Eu já te contei sobre o filme que eu vi ontem?*

(b) *Quem sabe se você tomar as pílulas você melhora?*

Os estudos do espanhol apontam também um aumento considerável de pronomes lexicais quando se trata de segunda pessoa, independentemente do valor que os pesquisadores atribuem a essas segundas pessoas <sup>41</sup>. Daí serem freqüentes ocorrências como as seguintes:

(8)

(a) (...) *¿usted se cree que no torea como puede torear uno de éstos que ustedes le ponen en la cátedra del torero?* <sup>42</sup>.

(b) *La mujer casada tiene más obligaciones que la soltera, porque vos tenés gente a comer (...)* <sup>43</sup>.

Para a primeira pessoa, no entanto, os índices de presença no espanhol são baixos, exceto na variante de Porto Rico e em algumas poucas mais, nas quais a presença do pronome sujeito parece ter uma função desambiguadora, em virtude da perda de certas desinências verbais (-n, -s). Daí (9), na qual a forma verbal *estudiaría* poderia ser confundida tanto com a terceira pessoa (*estudiaría*) quanto com a segunda (*estudiaría(s)*):

40 Ejemplos equivalentes podem ser encontrados nas variantes americanas.

41 Determinado ou indeterminado, dependentes, como já vimos, quer dos fatores condicionantes para a obtenção dos dados, quer de interpretações diferentes dessas classificações.

42 Das pesquisas com o espanhol de Madri feitas por Enríquez (1984).

43 Das pesquisas com o espanhol de Buenos Aires feitas por Barrenechea & Alonso (1977).

(9) *Yo estudiaría más si tuviera tiempo.*

Mesmo que o estudo de Enríquez (1984) tenha mostrado que o pronome *yo*, seguido do pronome *tú*, sejam os mais usados, depois das formas de cortesia *usted-ustedes*, lembramos que o percentual de presença de cada um é baixo no total da mostra analisada <sup>44</sup>. Na pesquisa de Barrenechea & Alonso (1977) o *yo* ficava, como apontamos, em sétimo lugar, abaixo dos pronomes de segunda do singular e plural e mesmo da terceira do singular indeterminada *uno*.

Por outro lado, Duarte (1993) constatou que o índice de frequência dos pronomes plenos no português brasileiro sobe ainda mais na fala, e significativamente para a terceira pessoa, como em (10), que na escrita apresentava os índices mais baixos, sendo que na segunda não se constataram alterações:

(10) *Às vezes ele; não morre. Mas se ele; não morre, ele; fica aleijado pra sempre.*

Dos estudos de variantes do espanhol, apenas o que se referia à variante de Porto Rico indicava um aumento de pronomes sujeitos de terceira pessoa em função de desambiguação, tal como apontamos para o *yo*. Enríquez (1984) observa, no entanto, que depois das formas de cortesia (*usted-ustedes*) e dos pronomes de diálogo (*yo-tú*), entre as formas restantes são *ella* e *ellos* as que tendem a ser mais empregadas. Os percentuais são, no entanto, muito baixos <sup>45</sup>.

Lembremos também que no caso do espanhol são fatores condicionantes da presença do pronome os traços [+Humano], [+Determinado] e [+Contraposição], o que se confirma quando observamos os pronomes que têm mais alto índice de presença <sup>46</sup>.

Duarte (1993) não inclui em sua pesquisa esses fatores considerados fundamentais para a presença do pronome no espanhol. Mas os casos analisados e os resultados de sua pesquisa parecem indicar que eles têm importância. Todos os casos mencionados pela autora têm ao menos referência de *pessoa, determinada*. Quanto à

44 31.89% para o *yo*, 26,22% para o *tú*, ao lado de 72.70% para o *usted*, 89.09% para o *usted* generalizador e 80.43% para o *ustedes*.

45 18.45% para *ella* e 14.52% para *ellos*.

46 Considerados todos os casos de aparecimento do pronome, o espanhol do Prata tende a expressar com pronomes plenos as segundas pessoas (*vos/usted/ustedes*), sobretudo em função de sujeito indeterminado na interpretação das autoras argentinas, sendo que o *yo* demonstra um baixíssimo percentual de uso, como já vimos. O espanhol de Madri tende a expressar as formas de cortesia (*usted/ustedes*), seguidas de *yo/tú*, cujo percentual de presença é, no entanto, baixo, e de *ella-ellos*, com percentual mais baixo ainda.

contraposição (ou contraste), parece que no português brasileiro ela fica à cargo do tópico e não do sujeito <sup>47</sup>.

A não ser no caso das variantes que apresentam enfraquecimento de concordância, como a do Caribe por exemplo, que ao que tudo indica poderia estar seguindo um rumo semelhante ao do português brasileiro, espanhol estândar e português brasileiro pareceriam, então, diferir consideravelmente nesse particular. O que mais contrasta nas duas línguas confrontadas é, portanto, o alto índice de presença de pronome de primeira pessoa no português brasileiro e o baixo índice de presença desse pronome no espanhol, existindo uma equivalência parcial no que diz respeito às pessoas que favorecem o aparecimento do pronome (segunda e, em certos casos, terceira), equivalência essa que parece, como vimos, obedecer a fatores mais discursivos e pragmáticos do que propriamente lingüísticos <sup>48</sup>.

#### 2.1.1.2. O Parâmetro Sujeito Nulo (ou *Pro-Drop*)

Deixamos de lado aqui toda a caracterização do parâmetro do sujeito nulo, à qual já nos dedicamos bastante no momento em que estudamos a distribuição de sujeito preenchido-sujeito vazio no espanhol, mas retomamos apenas uma questão importante antes de passar a outro tópico. A caracterização permitida pelos estudos quantitativos até o presente momento vem sendo a de que o português seria uma língua que estaria passando de uma marcação positiva para uma marcação negativa desse parâmetro, segundo o que afirmam vários autores, ao passo que o espanhol seria uma língua tipicamente *pro-drop*, por tudo o que constata em nela as pesquisas já mencionadas.

Em termos absolutos, os resultados para o espanhol indicam, no caso da variante do Prata e no caso da variante de Madri, um baixo percentual de pronomes

---

47 Deixamos no ar uma pergunta que nos fizemos, várias vezes durante esta pesquisa: seria possível afirmar que o valor contrastivo do sujeito em espanhol dá a ele o estatuto de um tópico?

48 Apenas a título de curiosidade, em pesquisas com falantes do espanhol, constatamos que a presença "exagerada" do pronome eu - tanto na forma de sujeito quanto nas formas possessivas (Meu supermercado é o Eldorado.) - é considerada até um pouco chocante. Outra forma considerada chocante é o uso de Eu e X em português, nessa ordem, como sujeito. Tal procedimento é inadmissível no espanhol - trata-se, é claro, de uma questão já de ordem pragmática, mas nem por isso menos significativa -, que inclusive dispõe de um dito que se usa para reprovar esse uso quando ele ocorre: *El burro adelante, para que no se espante*. Talvez aqui poderíamos pensar que o diferente semblante das duas línguas pode revelar diferentes talentos.

plenos <sup>49</sup>. São tais constatações que permitem afirmar que o espanhol estandar continua mantendo claramente o seu caráter de língua *pro-drop*, o que é reforçado por outras características do parâmetro, associadas sobretudo a ordem.

Os resultados das pesquisas de Duarte (1993), no entanto, apontam com clareza uma alteração nas características de língua *pro-drop* do português brasileiro, decorrente da redução do quadro de desinências verbais. A identificação do sujeito nulo referencial, licenciada pela concordância (AGR), ficou comprometida, e a ocorrência de *pro* se transformou num fenômeno periférico, que depende fundamentalmente de um reforço externo ao elemento de concordância. O reforço, no caso da segunda pessoa, vem do contexto pragmático, o que, segundo mostra a autora, não é prerrogativa das línguas *pro-drop*, e no caso da terceira pessoa, vem do SN que dá referência a *pro*. Mostra ela ainda que a primeira pessoa, que não conta com tal reforço, é aquela em que a mudança para um sistema não *pro-drop* se encontra em estágio mais avançado.

Esses resultados são confirmados pela pesquisa de Silva & Faccio (1981) em dois sentidos: nela também se constata que o índice de presença do pronome lexical é praticamente predominante e que o pronome mais presente é o *eu*, que apresenta um percentual de 37,12% sobre o total das ocorrências, isto é, 1452 presenças sobre 3912 ocorrências. A tendência do português do Brasil a marcar negativamente o parâmetro *pro-drop* se confirma, por outro lado, também nas características associadas à ordem.

Portanto, se as duas línguas apresentam a possibilidade alternativa de realização fonológica ou não do sujeito, os resultados dos estudos quantitativos consultados são categóricos e nos permitem afirmar que, na prática, elas se comportam de formas bem diferentes. Os estudos variacionistas e quantitativos nos servem, pois, de reforço para postular que as diferenças são de ordem estrutural, não sendo o caso de uma simples variação.

Lembremos, no entanto, que Kato (1986) considera a hipótese de encaixar as línguas dentro de *continua* tipológicos, em lugar de encaixá-las em tipos estanques e

---

49 Barrenechea & Alonso (1977) computam sobre o total do *corpus* analisado 20.97% de presenças vs. 79.02% de ausências. Enríquez (1984) computa um total de 20.47% de presenças e, portanto, 79.53% de ausências. Como vemos, a variação nos percentuais é muito baixa para que se possa supor um comportamento diferente dessas variantes nesse caso específico.

excludentes. Nesse caso, entram em jogo os aspectos quantitativos e o caráter categórico ou não de aplicação de determinadas regras. Isso configura, como já deixamos claro, uma relação particularmente complexa entre o português brasileiro - que além do mais já apresenta um grau de variação interna complexo que leva Kato (1993a) a apontar a existência no Brasil de um caso extremo de 'diglossia' entre a fala e a escrita padrão - e o espanhol, relação essa que provavelmente traz maiores problemas para a aquisição desta última como L2 por falantes daquela do que se se tratassem de línguas que seguissem parâmetros exatamente opostos. Acrescentem-se a tudo isso as dificuldades, mencionadas por Liceras (1988, 1989), que pressupõe não apenas a refixação do parâmetro, mas a série de conhecimentos que o aprendiz precisa adquirir sobre a categoria *pro* (e também, é claro, de *PRO*), algumas delas envolvendo preferências e fatores estilísticos, e encontramos a explicação para grande parte dos insucessos que observamos na aquisição do espanhol por brasileiros.

Relembramos aqui, entretanto, o que afirma Negrão (1990: 6-7):

*"A alta freqüência de categorias lexicais ocupando a posição de sujeito, observada tanto nos estudos de Tarallo, quanto nos estudos de Rodrigues, coocorrendo ou não com marcas de flexão no verbo, pode levar à conclusão de que o Português do Brasil está distanciando-se do Parâmetro do Sujeito Vazio, o que levaria a supor que as marcas de concordância verbal, nessa língua, estão perdendo sua capacidade de identificação referencial.*

*No entanto, a crescente incidência de categorias vazias na posição de objeto (constatada por Tarallo), o aparecimento de categorias vazias na posição de sujeito sem as correspondentes marcas de flexão no verbo, cuja referência é dada pela recuperação de SNs expressos anteriormente no discurso, acrescidos dos resultados da pesquisa de Pontes (1981) que mostra a realização da estrutura tópico-comentário em sentenças do Português do Brasil, apontam para a necessidade de um reexame do papel que as marcas de flexão do verbo desempenham no licenciamento de categorias vazias na posição de sujeito das sentenças."*

Como lembra bem a autora, teoricamente postula-se que a descaracterização das marcas morfológicas de flexão no que diz respeito à sua capacidade referencial levou as línguas ou a um preenchimento da posição de sujeito ou à manutenção de categorias vazias interpretadas pela sua ligação com SNs em posição de tópico. O português apresenta ambas as características, sendo que no caso das ocorrências com marcas de terceira pessoa preenchimento e não preenchimento apresentam um certo equilíbrio, o que encontra justificativa "num conjunto de construções para as quais a

*interpretação das categorias em posição de sujeito é garantida por processos alternativos ao processo de preenchimento.*"<sup>50</sup>. São esses processos alternativos, aos quais já fizemos referência<sup>51</sup>, que esvaziaram a função das marcas de flexão.

As afirmações de Negrão (1990), que como vimos invertem uma relação de causa-efeito bastante consagrada nos estudos sobre o português brasileiro, estão exigindo, portanto, uma reavaliação a respeito de como interpretar os fatos relacionados nessa língua ao parâmetro do sujeito nulo. Não cabe, evidentemente, a nós fazê-lo aqui.

### 2.1.1.3. O enrijecimento da ordem

Galves (1993) que, como vimos, atribui as diversas transformações pelas quais vem passando o português brasileiro ao enfraquecimento da concordância, mostra que, com o enfraquecimento de *Agr* e a dissociação entre o morfema *Agr* e o núcleo *Agr*, a posição *Comp* torna-se de acesso difícil para o verbo, já que um núcleo intermediário se interpõe entre a posição normal do verbo (*Tempo*) e *Comp*. Ela interpreta dessa forma a tendência à ordem SV que se afirma, a partir do século XIX, nas frases simples e interrogativas. A ordem VS passa, assim, a depender, segundo a autora, essencialmente da projeção de verbos monoargumentais, cujo argumento é gerado em posição pós-verbal.

De acordo com vários estudos, a tendência atual do português brasileiro a preencher o sujeito - isto é, sua tendência a marcar negativamente o parâmetro *pro-drop* - explicaria por que a chamada inversão livre não é produtiva nessa língua, mostra Kato (1987). Dois fatos, entretanto, colocaram em cheque essa correlação, segundo a autora: a) a descoberta de que certos dialetos italianos que não permitem o sujeito nulo admitem, ainda assim, a inversão livre do sujeito; b) a descoberta de que uma língua de sujeito nulo como o português não pode ter inversão livre de sujeito, o que é confirmado pelos estudos quantitativos. Assim, abriu-se a hipótese de que sujeito nulo e inversão livre constituam parâmetros distintos. Kato conclui, assim, que o fenômeno da ordem VS nas línguas românicas não é homogêneo, devendo sua ocorrência ou incidência ser analisada levando-se em conta essa heterogeneidade. É

50 In: Negrão (1990: 44).

51 Lembramos que são eles: a substituição de formas pronominais e o emprego de construções de destaque da função informacional.

exatamente isso que ela classifica de variação translingüística e é nessa perspectiva que ela estudará certas línguas românicas - entre elas o português e o espanhol - mostrando que elas podem ser agrupadas como pertencentes a um mesmo parâmetro por compartilharem uma mesma propriedade, mas que uma abordagem quantitativa poderá aproximá-las ou afastá-las em função do grau de incidência de um fenômeno.

Utilizando idéias de Givon (1984), Kato (1987) mostra que as línguas naturais têm mais de um recurso para codificar funções. Línguas que tenham um rico sistema casual poderão ter uma ordem mais flexível. Essa ordem será ainda mais flexível se além de um sistema casual elaborado a língua dispuser de um rico sistema flexional. Línguas menos favorecidas em termos de um sistema casual lexicamente marcado deverão utilizar a ordem e o sistema entoacional para codificar as mesmas funções.

Num esboço de comparação entre o português brasileiro e outras línguas românicas que leva em conta a ordem, Kato (1987) mostra que o enfraquecimento da flexão afeta a liberdade da ordem dos constituintes no português brasileiro, que apresenta baixa inversão de sujeito em estruturas transitivas e limita as inversões às estruturas intransitivas <sup>52</sup>. Após analisar as relações presença/ausência de sujeito e ordem VS livre, Kato observa o comportamento, no espanhol e no português brasileiro, das construções com verbos ergativos, como em (11.a), de fronteamento de verbo (*V-Front*), como em (11.b), e de anti-tópico (*afterthought*, para outros), como em (11.c):

(11)

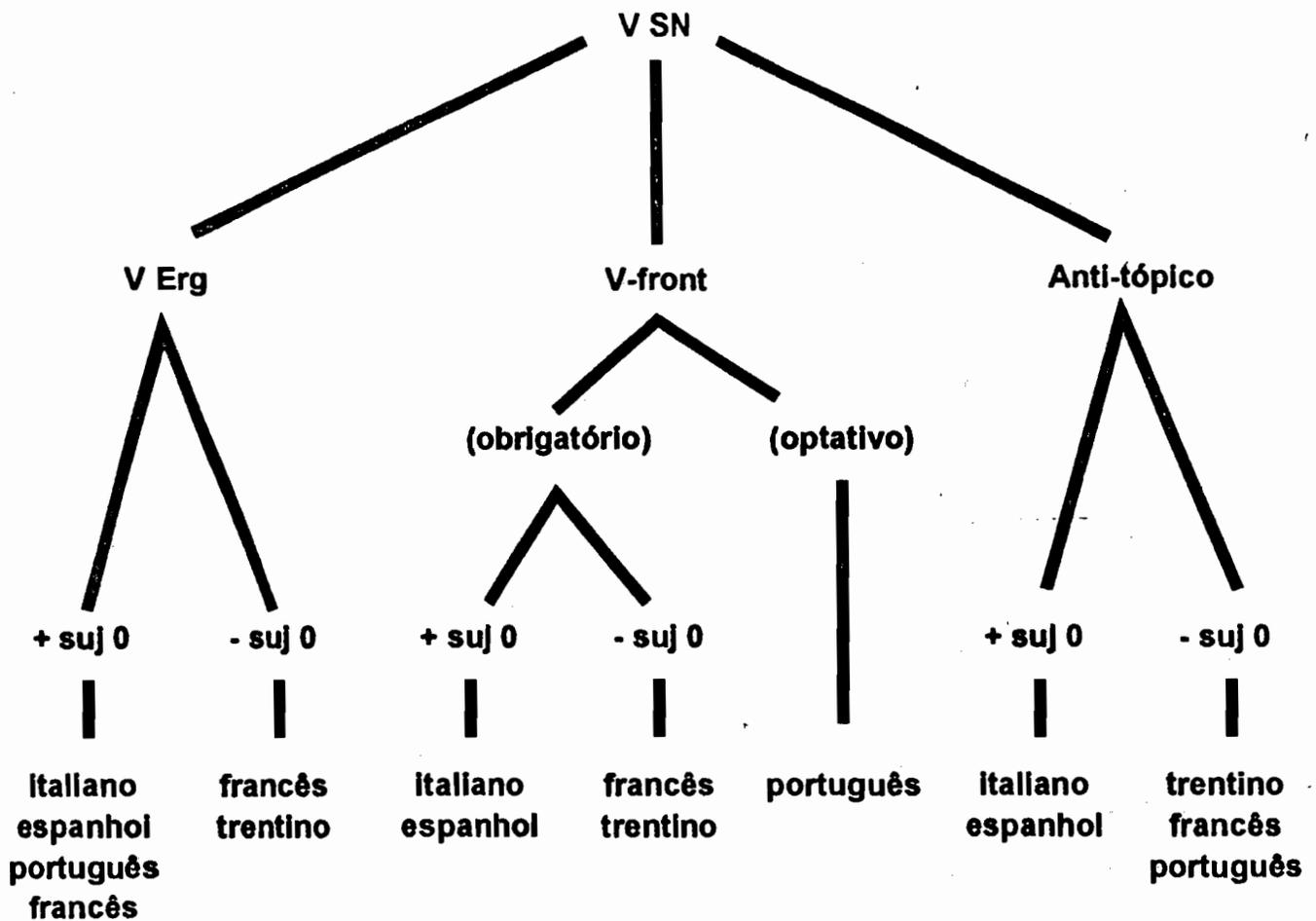
(a) *Chegaram meus alunos. / Llegaron mis alumnos.*

(b) *O que queriam esses dois? - O que esses dois queriam? / ¿Qué querían esos dos? - \*¿Qué esos dos querían?*

(c) *Ele te telefonou, o João. / O Te ha llamado, Juan. - \*Él te ha llamado, Juan.*

Em função disso, a autora caracteriza as duas línguas que estamos observando da seguinte maneira:

<sup>52</sup> Parece haver também restrições na ordem nome adjetivo.



Kato (1987) lembra as características marcantes do português brasileiro que ocorrem no sistema pessoal e procura estabelecer uma relação entre elas e as questões de ordem dos constituintes que está focalizando. Ela chega, então, a dois parâmetros independentes: [+/-sujeito 0] e [+/-clítico acusativo], que a levarão a certas generalizações:

- a) se uma língua for [+clítico acusativo], ela terá V-FRONT obrigatório, o que distingue português e espanhol, como em:

(12)

(a) *¿Qué querían esos dos? / \*¿Qué esos dos querían?*

(b) *No sabía qué querían esos dos. / \*No sabía qué esos dos querían.*

(c) *O que queriam esses dois? / O que esses dois queriam?*

(d) *Eu não sabia o que queriam esses dois. / Eu não sabia o que esses dois queriam.*

- b) se a língua for [+clítico acusativo]<sup>53</sup> e [+sujeito nulo], ela terá construção de antitópico com sujeito preenchido por categoria vazia (nesse caso uma variável, já que o SN posposto está numa posição não argumental), e apresentará, então, inversão livre, o que também parece distinguir o português e o espanhol, como em:

(13)

(a) *Ya está listo, el vestido. / \*Él ya está listo, el vestido.*

(b) *Já está pronto, o vestido. / Ele já está pronto, o vestido.*

Kato (1987) mostra, assim, que o uso cada vez mais generalizado do pronome pessoal sujeito preenchido explica o fato de nossa língua não ser produtiva em relação à inversão livre. Por outro lado, o fato de não haver um sistema produtivo de clíticos acusativos explica a não obrigatoriedade da regra de *V-Front*. Com essa análise, Kato (1987) não apenas comprova as diferentes assimetrias apresentadas pelo português brasileiro e pelo espanhol no preenchimento dos argumentos sujeito e objeto a que fazíamos referência acima, bem como os seus efeitos. Ela também as correlaciona a outros fatos que igualmente separam as duas línguas, confirmando que elas se comportam de modos bastante diferentes. Aliás, do ponto de vista da autora, essas idiosincrasias do português brasileiro estão, na verdade, distanciando-o das outras línguas românicas em geral.

Mas as assimetrias continuam. É o que vamos considerar a seguir.

---

53 Certas constatações de Bentivoglio (1978) e de Terker (1984) apontadas por Kato (1993: 20) parecem confirmar isso para o espanhol. As análises feitas por ambos revelam que é justamente quando o objeto é clítico que as inversões tanto livres quanto obrigatórias ocorrem (*Lo instaló Esteban.; ...cuando lo pedían los de la división.; Se lo iba a decir el estudiante.; Quería hacerlo Juan.*).

### 2.1.2. Objeto nulo vs. objeto preenchido

- *Cadê o pronome?*

- *O gato comeu.*

- *¿Y el pronombre?*

- *Se lo comió el gato.*

Analisando supostas propriedades crioulas no português brasileiro, Tarallo (1993a) destaca, apoiado em Galves (1983, 1984), que enquanto a variante européia favorece a retenção dos clíticos (objetos diretos preenchidos), a variante brasileira tende a apagá-los. Isso é mais uma prova da diferente assimetria encontrada nas duas variantes ao se considerar preenchimento vs. não-preenchimento dos argumentos sujeito e objeto. Ele usa como demonstração dessa assimetria os diferentes modos que os falantes das duas variantes utilizariam para responder uma pergunta como (1). Diz o autor (1993a: 51):

*"O falante do PB muito provavelmente reteria uma forma pronominal na posição de sujeito e apagaria o objeto; em oposição, o falante do PE muito provavelmente deixaria o sujeito vazio e preencheria a posição de objeto."*

Teríamos, assim <sup>54</sup>:

(1) - *Paulo viu Maria ontem?*

(2) - *Sim, ele viu (e).* (Sujeito preenchido/Objeto vazio = PB).

(3) - *Sim, (e) a viu.* (Sujeito vazio/Objeto preenchido = PE)

As prováveis respostas mencionadas em (2) e (3) mostram, segundo o autor, uma distância crucial entre o português europeu e o brasileiro e podem apontar também diferenças cruciais entre o espanhol e o português se consideramos um possível equivalente do exemplo de Tarallo em espanhol como em:

(4) - *¿Vio Pablo a María ayer?*

(5) \* - *Sí, él (e) vio.*

(6) - *Sí, (e) la vio* <sup>55</sup>.

<sup>54</sup> Ocorrências (10), (11) e (12), respectivamente, em Tarallo (1993a: 51).

<sup>55</sup> Uma diferença que vale a pena comentar, ainda que de passagem, entre o português brasileiro e o espanhol em respostas desse tipo (*sim/não*) é a de que enquanto o primeiro admite respostas afirmativas com a simples reiteração do verbo (- *Você viu o Pedro?* - *Vi*), o segundo exige a presença

Os fenômenos relativos à categoria objeto presentes na variante brasileira que estariam contribuindo para diferenciá-la da européia, bem como das demais línguas românicas, são:

- a) a alta frequência de categorias vazias em posição de objeto nas frases simples, como em:

(7) - *Achei lindas flores na feira.*

- *Você compra (e) para mim amanhã?* <sup>56</sup>.

- b) a alta frequência de pronomes resumptivos ou lembretes na posição de objeto direto nas relativas, como em <sup>57</sup>:

(8) *Esse moço al que vi ele ontem...* <sup>58</sup>.

- c) a possibilidade de ocorrência do pronome sujeito nominativo, especialmente *ele*, na posição de objeto direto, tanto em cláusulas relativas, como em (9), quanto em principais, como em (10):

(9) *O buraco que taparam ele outro dia...* <sup>59</sup>.

(10) *Encontrei ele ontem...* <sup>60</sup>.

Segundo Galves (1984), categorias vazias na posição de objeto não podem estar ligadas a um SN dentro da mesma cláusula, como em (11), ao contrário de categorias vazias na posição de sujeito, como em (12). Mas um tópico discursivo no português brasileiro pode ligar diretamente uma categoria vazia na posição de objeto direto, como em (13) <sup>61</sup>:

do advérbio (- *¿Viste a Pedro? - Sí, [lo vi].*). Isso também representa uma dificuldade maior do que se supõe na aquisição do espanhol por brasileiros.

56 In: Galves (1984). Casos como esse são comuns tanto na língua oral quanto na língua escrita, mais ou menos formal. Citamos como exemplo adicional o texto de propaganda veiculado em revistas: *Viva o verão com Tampax. Achou (e), ganhou (e)!*

57 Ainda que, como vimos, o pronome lembrete apareça também em outras posições, inclusive na de sujeito, como em: *Tem uma porção de gente aqui, que eles sabem muito mais ler do que eu.* (Mollica, 1977, *apud* Galves, 1984).

58 In: Galves (1984).

59 In: Kato (1993b).

60 In: Galves (1984). Também essas construções, consideradas mais estigmatizadas, já começam a invadir a língua escrita, ao menos a não muito formal. Veja-se, por exemplo, esse texto de propaganda de *whisky* estrangeiro veiculado na revista *Isto é* e dirigido a público evidentemente de poder aquisitivo alto: *Já que não está fácil mandar o seu dinheiro pra Suíça, mande ele pra Escócia.*

61 Exemplos de Galves (1984). Construções com tópico e CV na posição de objeto também aparecem muito em propaganda: *Isso mãe nenhuma esquece. Irmão você não escolhe. Mas gravador você pode escolher na fotóptica. Outdoor, até mfope lê.*

(11) \**João<sub>i</sub> disse que Pedro viu<sub>i</sub> (e)*.

(12) *João<sub>i</sub> disse que (e)<sub>i</sub> viu Pedro*.

(13) *Paulo<sub>i</sub>, João disse que Pedro encontrou (e)<sub>i</sub> ontem*.

As línguas que não permitem tais categorias vazias preenchem a posição de objeto ou com um pronome tônico (p. ex.: o inglês) ou com um pronome clítico (p. ex.: o português europeu), mostra ainda Galves (1984). Assim teríamos no português europeu:

(14) *João<sub>i</sub> disse que Pedro o<sub>i</sub> viu* <sup>62</sup>.

Podemos dizer que no espanhol o procedimento seria o mesmo que no português europeu, o que daria para os exemplos (13) e (14) as seguintes versões:

(15) *Pablo<sub>i</sub>, Juan dijo que Pedro lo<sub>i</sub> encontró ayer*.

(16) *Juan<sub>i</sub> dijo que Pedro lo<sub>i</sub> vio*.

Galves (1984) conclui a partir disso que a categoria vazia no português brasileiro é uma variável no sentido de Chomsky (1982), isto é, está numa posição argumental e localmente ligada a uma expressão não-argumental, como ocorre em (13). Para que exemplos como:

(17) *Eles fabricaram camisetas e venderam (e) no Brasil inteiro* <sup>63</sup>.

não contrariem sua interpretação, a autora propõe uma expansão da noção chomskyana de ligação, que ela formula da seguinte maneira:

Uma posição argumental X pode vincular -A' [não-argumentalmente] uma outra posição argumental Y em uma frase, se X não c-comanda Y<sup>64</sup>.

Trata-se, segundo a autora, de um fenômeno típico do português do Brasil, em que a condição de ligação entre tópico e variável é permitida por não haver relação de c-comando entre os dois. Isso só é possível numa língua de tópico, isto é, mais orientada para o discurso.

Uma frase como (17) ficaria, no entanto, da seguinte forma em espanhol:

(18) *(Ellos) fabricaron remeras y las vendieron por todo el Brasil*.

62 Exemplo de Tarallo (1993a).

63 In: Galves (1984). Como exemplo adicional, citamos um encontrado em reportagem do jornal *A Folha de São Paulo: O grupo de mergulhadores subiu com o ouro e deu (e) aos pobres*.

64 In: Galves (1984: 118).

A partir disso, Tarallo (1993a) conclui que, com respeito a objetos diretos, há no português brasileiro uma relação mais próxima entre a sentença e o discurso. Assim, exatamente ao contrário do que ocorria com preenchimento vs. não preenchimento da posição de sujeito, no caso do argumento objeto o português brasileiro é mais orientado para o discurso e o português europeu, mais orientado para a sentença, o que parece ser válido também para o espanhol, que só admite o apagamento de objetos marcados pelo traço [-Definido] <sup>65</sup>.

Há ainda um outro fato presente no português brasileiro - articulado à diminuição da frequência dos clíticos e à alteração de sua colocação na oração -, mas não no português europeu: o uso do pronome sujeito, nominativo, *ele* (e eventualmente outros) na posição de objeto direto, como em:

(19) *Eu vi ele ontem no shopping.*

Tal fenômeno é explicado, segundo Galves (1984), pelo mesmo princípio de ligação tópico/variável. No português europeu e, por extensão, nas demais línguas românicas, segundo Tarallo (1993a) (o que julgamos poder confirmar, no caso do espanhol, já que não encontramos nenhuma referência a esse fenômeno nessa língua), a posição de objeto não é ligada por uma posição argumental, o que exige a presença do clítico, que, por sua vez, liga, a partir de uma posição não-argumental, a posição de objeto vazia <sup>66</sup>.

65 Lembremos que Jaeggli (1982) estabelece uma diferença entre o que ele chama de construções com deslocamento à esquerda (*Esas novelas, Juan dijo que no las pudo terminar.*), na qual a presença do clítico correferencial com o SN deslocado marcado pelo traço [+Definido] é obrigatório, e construções de topicalização (*Dinero, me parece que Juan no tiene...*), nas quais o clítico correferencial com o SN deslocado marcado pelo traço [-Definido] não é possível. No português brasileiro, entretanto, nos dois casos a presença do clítico não seria necessária. Pontes (1987), que estuda as construções de tópico em nossa língua à luz dessa diferença, considera difícil distinguir as duas construções, porque o pronome e a pausa são opcionais e as funções do discurso são normalmente as mesmas. Ela encontrou uma correlação, em termos de frequência, entre pausa e pronome-cópia. Também encontrou uma tendência para sentenças sem pronome não terem pausa e serem contrastivas. As sentenças com pronome só têm SNs definidos, no que há uma coincidência com o espanhol, ainda que o pronome cópia em português seja habitualmente o tônico. Por fim, SNs genéricos e indefinidos não coocorrem com pronome, no que também há coincidência com o espanhol. A variação depende, nesses casos, de quando espanhol e português licenciariam SNs indefinidos, o que indica que são necessários também estudos que comparem o emprego ou não dos artigos ou de outros determinantes nas duas línguas. Ao que tudo indica o português tem procedimentos mais amplos de indeterminação e generalização. Casos como o nosso típico "*Brasileiro é assim mesmo.*", por exemplo, não seriam possíveis no espanhol.

66 O tratamento dos pronomes pessoais por meio dos princípios de ligação de Múgica & Solana (1989) confirma que o espanhol faz parte do outro grupo das línguas românicas no que diz respeito ao emprego dos clíticos, tal como havia suposto Tarallo (1993a), já mencionado. As autoras confirmam que nessa língua o clítico está numa posição não-argumental, ligando a partir daí a

A interpretação de Galves (1984), mostra Tarallo (1993a), abre mais uma vez espaço para uma interpretação radicalmente diferente da sintaxe do português brasileiro e do europeu (e, por extensão, da sintaxe das outras línguas românicas). A sintaxe do português europeu é, neste caso, mais rígida, mais orientada para a sentença, ao contrário do que ocorre com a variante brasileira, que é mais orientada para o discurso.

A partir de tudo o que aponta Galves, Tarallo (1993a) traça o seguinte quadro para as duas variantes:

---

posição de objeto vazia, sendo sua presença, portanto, obrigatória. Lembremos que as autoras assumem a análise dos clíticos proposta por Borer, que preserva a relação de c-comando entre o clítico e o SN coindexado com ele, já que consideram que os clíticos fazem parte do constituinte verbal. Clítico e categoria vazia (*e*) formam uma cadeia que compartilha o mesmo papel temático. O clítico identifica com os traços de pessoa, gênero e número a categoria vazia e esta é regida pelo verbo. A cadeia clítico-categoria vazia não está coindexada com nenhum outro elemento da oração e, portanto, é livre. Sendo (*e*) regida e pronominal, é um *pro*, concluem Múgica & Solana (1989). Recordemos, no entanto, que Jaeggli (1982) tem uma interpretação diferente da categoria vazia. Para ele, o clítico é gerado na posição de clítico por regras de base, de modo completamente independente dos elementos gerados na posição de objeto. É justamente essa teoria de geração na base que lhe permitirá explicar as construções com duplicação de clítico às quais já nos referimos e que, a não ser em alguns casos marginais (*a mim me parece*), podemos considerar praticamente inexistentes no português brasileiro atual. Para o autor, os clíticos no espanhol absorvem regência da subcategorização (*s-government*), deixando a posição do complemento correspondente a eles não regida, o que faz com que um *PRO* possa ocorrer aí. A duplicação de clíticos só é possível, mostra Jaeggli, quando uma língua possui um meio extra de atribuição de caso para o SN em posição de objeto, além da regra que depende da regência. Kato & Tarrallo (1986) consideram, como Jaeggli, que o português do Brasil, tanto quanto o espanhol e o italiano, podem ter um *PRO* na posição vazia de objeto numa estrutura com clítico [(clítico + V)\_\_\_...]. Nesse caso, *PRO* é c-comandado pelo verbo e não tem caso atribuído, o qual, por sua vez, é atribuído ao clítico. Eles afirmam ainda que, a não ser em casos muito especiais, o português brasileiro não apresenta ocorrências de duplicação de clíticos, ao contrário do espanhol. Eles não consideram, no entanto, que o princípio formulado por Jaeggli - Pronuncie *PRO* se ele tiver caso e for c-comandado - corresponda aos fatos empíricos do português brasileiro moderno, no qual "*Jodo pôs PRO.*" não só é perfeitamente gramatical e aceitável, mas também a estratégia mais favorecida. Qualquer que seja a interpretação adotada - a de Múgica & Solana ou a de Jaeggli -, no entanto, nosso trabalho ainda depende muito de fatores não estritamente estruturais, como já vimos. Ou seja, mesmo que aplicando determinadas regras da gramática um aluno de espanhol possa gerar frases gramaticais, ainda dependemos do licenciamento dessas frases pelo uso efetivo que os falantes fazem da língua e dos efeitos estilísticos e pragmáticos que uma construção possa ter. E esses dados só os estudos quantitativos e variacionistas podem nos dar.

SUJEITO	VERBO	OBJETO
PB = preenchido por ele sob <i>INFL</i> (i.é., interpretação dentro ou fora do nível da sentença)		categoria vazia ele *pronomes clíticos (i.é., ligação no discurso)
PE = vazio (i.é., interpretação fora do nível da sentença, no discurso)		*categoria vazia *ele pronomes clíticos (i.é., ligado dentro de S)

Por tudo o que vimos, com algumas poucas variações, um quadro muito semelhante poderia ser traçado comparando-se português brasileiro e espanhol, ao menos na sua forma considerada "estândar".

## 2.2. Os clíticos no português brasileiro

### 2.2.1. Os clíticos ainda são clíticos?

Segundo Galves (1993: 400), é novamente a concordância que é responsável pela legitimação desses vários fenômenos presentes no português brasileiro. Para a autora, *"...um verdadeiro sistema de clíticos, ou seja, de pronomes cuja caracterização lexical é serem núcleos - e não sintagmas - que se movem para a flexão por derivação sintática, implica uma concordância rica."* Isso explica o quase desaparecimento dos clíticos *o/a*, atestado pelas pesquisas, especialmente a de Pagotto (1992). Para Galves (1993: 400), o fato de os outros clíticos terem sobrevivido, ainda que com menos saliência, na língua:

*"...deve-se ao fato de que puderam ser reinterpretados como pronomes plenos (sintagmas), deslocados por uma regra de adjunção, e não mais como núcleos movendo-se para Agr. Isso explica as importantes mudanças de colocação emergindo já no final do século XVIII."*

Tudo isso, mostra Galves (1993: 402) mais adiante:

*"...implica uma reorganização lexical do sistema de pronomes. A oposição clítico/não clítico cede lugar para a oposição morfologicamente marcado com caso (me/te/lhe/se)/não morfologicamente marcado com caso*

*(eu/ele/você). Os pronomes da segunda categoria podem então aparecer em qualquer posição, inclusive na posição objeto."*

Com essas afirmações, Galves explica como se legitimam, no português brasileiro, o objeto nulo, o pronome tônico em posição de objeto e também o desaparecimento do *se* apassivador, cuja função é detematizar o sujeito, estando em estreita relação com a concordância <sup>67</sup>.

A partir das afirmações de Galves (1993), perguntamo-nos se esse procedimento não estaria mais uma vez ligado à tendência já assinalada do português brasileiro à saliência fônica. As formas que podemos considerar praticamente perdidas são exatamente as mais fracas (*o/a* <sup>68</sup>), que tanto Correa (1991) quanto Pagotto (1993) constatarem serem adquiridas apenas tardiamente, durante a escolarização. As que se mantêm (*me/te/lhe/se*), por sua vez, ainda que isso seja relativo também <sup>69</sup>, são mais fortes que as outras e têm assumido uma posição na sentença que exige que sejam pronunciadas com certo grau de tonicidade, o que já faz alguns pesquisadores chegarem a duvidar de sua qualidade de clíticos. Mas isso já nos leva a uma questão que abordaremos mais adiante: a colocação. Por isso, no momento de tratar essa questão, retomaremos a idéia básica deste item, isto é, a hipótese de que os "clíticos" no português brasileiro já não sejam mais clíticos.

Não encontramos, entretanto, nenhuma referência na bibliografia consultada ao fato de que os clíticos no espanhol tenham perdido ou estejam em vias de perder o seu estatuto categorial de clíticos.

Múgica & Solana (1989) mostram que os pronomes pessoais da gramática tradicional têm em comum o fato de ocuparem uma posição argumental ou formarem uma cadeia com uma posição argumental, como é o caso dos clíticos, que podem ser pronominais e anáforas (como os reflexivos), estas últimas ligadas em sua categoria de regência. Entretanto, como estão numa posição não argumental, pronominal e

67 As pesquisas de Nunes (1990, 1991), como já dissemos, mostram claramente que esse *se* tende cada vez mais a ser interpretado como um indeterminador, em frases sem concordância.

68 Lembremos que essas formas são justamente as que perdem a sua consoante de apoio. Além do mais, o maior índice de realização desses clíticos atestados pelas pesquisas é justamente quando eles mantêm essa consoante (*vê-la, buscá-los*, etc.).

69 Talvez constitua um indício de que também essas formas estão debilitadas a freqüência de construções com as preposições *a/para* mais pronome tônico, do tipo "*perguntou a/para mim*", "*olhou para nós*", "*disse a/para você*", "*falou para a gente*" etc., que Martins (1989) classifica como uma preferência pela regra nominal de superficialização do caso dativo, sempre fonologicamente mais salientes, por outro lado, do que suas equivalentes com pronome átono.

anáfora serão, na verdade, as categorias vazias associadas a eles. No sistema pronominal espanhol, a primeira e a segunda pessoas não têm, como no português, forma especial para a anáfora: *me, te, nos, os* tanto podem ser pronominais como anáforas. A terceira pessoa, também como no português, possui forma específica para a anáfora (*se*) e para o pronominal (*lo, la, le*), estes últimos com caso morfológico, o que, segundo as autoras é um vestígio histórico. Como podemos ver, as autoras não fazem nenhuma referência a alguma possibilidade de que essas partículas tenham perdido o seu caráter de clíticos.

### 2.2.2. A diminuição na freqüência dos clíticos e a implementação do objeto nulo

As pesquisas de Tarallo (1983) e Cyrino (1990, *apud* Cyrino [1993]) mostram que é na segunda metade do século XIX, como no caso dos outros fenômenos, que há uma queda drástica na ocorrência de clíticos. Os dados de Cyrino (1993) mostram também que o primeiro clítico a cair é o *o* proposicional. Eles também deixam clara a correlação que há entre a queda do clítico e a ocorrência do objeto nulo. Localizam, ademais, o início do preenchimento da posição de objeto por pronome tônico. Todas essas mudanças tiveram, ao que parece, como conseqüência, segundo Cyrino, a refixação do parâmetro relacionado ao objeto nulo.

Duarte (1989) faz uma análise da distribuição clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia na linha da sociolinguística laboviana, na qual cruza uma série de variáveis. Em termos absolutos, seus resultados apontam uma preferência categórica pela categoria vazia (62.6% = 1235 ocorrências sobre um total de 1974). Os percentuais restantes acusam 17.1% de SNs anafóricos, 15.4% de pronomes lexicais e 4.9% de clíticos.

A autora analisa vários tipos de condicionamentos lingüísticos (morfológico, sintático e semântico) e extralingüísticos (social: escolaridade e faixa etária; estilístico; percepção da variável) que apontam várias coisas, dentre as quais vamos destacar apenas as que mais nos interessam.

A análise do condicionamento morfológico aponta, entre outras coisas, o seguinte: das 97 ocorrências de clíticos, 55 correspondem a formas enclíticas a um verbo no infinitivo, como em:

(1) *Ele veio do Rio só pra me ver. Então eu fui buscá-lo no aeroporto* <sup>70</sup>.

Isso indica uma preferência pela forma *lo* sobre aquela que se constrói com um único fonema, preferência essa que parece confirmar a tese da saliência fônica à qual já nos referimos. Com imperativo, tempos compostos e locuções verbais com gerúndio é praticamente nulo. Por fim, o uso da categoria vazia supera todas as demais variantes, independentemente da forma verbal, só perdendo para os SNs anafóricos nas construções com gerúndio.

A análise do condicionamento sintático revela um alto índice de apagamento de objetos diretos sentenciais, como em:

(2) *Em vez de vir curar brasileiro, vem matar brasileiro. Ele não pode fazer o que não sabe e ele quer fazer (e)* <sup>71</sup>.

Isso, a nosso ver, se explica, entre outras coisas, pelo fato de ter sido o objeto proposicional *o*, como aponta Cyrino (1993), o primeiro clítico a cair. Esse apagamento chega a ser de 100% no caso das estruturas simples construídas com objeto direto e indireto como em:

(3) *Eu fui ganhar a chave de casa com dezenove anos. Eu conto (e) pra todo mundo* <sup>72</sup>.

Em ambos os casos, o espanhol não aceitaria o objeto nulo e precisaríamos ter, na primeira, "*quiere hacerlo*", com o *lo* como objeto proposicional, e na segunda, dois clíticos, um deles duplicando obrigatoriamente o objeto indireto e o outro como objeto direto proposicional: "*se lo cuento a todo el mundo*".

Podemos observar o apagamento do objeto sentencial até em frases em que o objeto e o predicativo constituem o que Duarte classifica de "quase uma outra oração" (*semi-clause*), contexto que aumenta o aparecimento dos objetos lexicais, como em:

(4) *Eu queria ter uma irmã. Eu acho (e) tão bom* <sup>73</sup>!

Nesse caso, o espanhol poderia expressar a segunda oração com uma forma em que o *eu* perdesse sua função de sujeito e na qual a posição de sujeito, eventualmente preenchida por um demonstrativo, poderia aparecer vazia, como em "*me parece tan*

70 Exemplo (1) em Duarte (1989: 20).

71 Exemplo (8) em Duarte (1989: 22).

72 Exemplo (12) em Duarte (1989: 22).

73 Exemplo (10) em Duarte (1989: 22).

*bueno (eso)*", ou com uma forma em que *eu* se mantivesse como sujeito, embora não expresso, forma essa que forçaria a presença do *lo* proposicional: "*lo encuentro tan bueno*".

Nas estruturas simples com verbos transitivos diretos e indiretos, se o objeto é um SN, o índice de apagamento é de 78%, como em (5.a), e passa a ser categórico (100%) com objeto sentencial, como em (5.b) <sup>74</sup>:

(5)

(a) *Conta essa história do seu avô de novo. Você já contou (e) pra ele?*

(b) *Eu fui ganhar a chave de casa com dezenove anos. Eu conto (e) pra todo mundo.*

Nesses casos, no espanhol, apareceriam, habitualmente, clíticos duplos, em alguns casos com duplicação do objeto indireto (*¿Ya se la contaste? / [Se] lo cuento a todo el mundo.*). Lembremos, no entanto, do caso apontado por Kany (1976) de omissão do clítico objeto direto com verbos de dois complementos (*Cuando lo vea a tu padre le [se lo] voy a contar* <sup>75</sup>). Observemos, entretanto, que o clítico objeto indireto se mantém, aparecendo às vezes inclusive duplicado (*Hay que decirle a él* <sup>76</sup>).

Os contextos que favorecem o aparecimento do objeto lexical no português brasileiro, com preferência pelo pronome sujeito, são as construções com objeto sentencial preposicionado, como (6.a), e as estruturas com reduzidas de infinitivo e gerúndio, como (6.b) e (6.c), respectivamente <sup>77</sup>:

(6)

(a) *Uma parou agora porque o marido dela está bem demais. Então o marido proibiu ela de trabalhar.*

(b) *Ontem ele foi ao cardiologista. Eu já deixei ele ir ao cardiologista sozinho há muito tempo.*

(c) *Quando nós estávamos assim saindo da loja nós vimos eles quase parando o carro.*

74 Exemplos (11) e (12), respectivamente, em Duarte (1989: 22).

75 In: Kany (1976: 147).

76 In: Kany (1976: 147).

77 Exemplos (13), (14) e (15), respectivamente, em Duarte (1989: 22-3)

Nessas construções, mostra Duarte, o verbo da subordinada projeta uma estrutura com agente, que vem a ser exatamente o objeto da matriz. A força dessa função real do SN (sujeito/agente) determina a tendência à realização do objeto e a preferência pelo pronome sujeito.

Em todos esses casos, no espanhol apareceria, com possíveis variações regionais, o clítico - "*la prohibió*", "*lo dejó*", "*los vimos*" -, entre outras coisas, dada a impossibilidade de as formas nominais do verbo terem um sujeito pronominal anteposto, excetuando-se alguns casos especiais em determinadas variantes, conforme já vimos <sup>78</sup>.

No estudo do condicionamento semântico, Duarte testa um traço que se revelou sempre muito marcante no espanhol - [+/-*Animado*] - e que se mostra extremamente importante na escolha da variante candidata à representação do objeto anafórico no português brasileiro. A pesquisa encontra, assim, um traço que aproxima bastante o espanhol do português, já que indica que o uso do clítico e do pronome lexical é fortemente condicionado pelo traço [+*Animado*] (78.4% de clíticos e 92.4% de pronomes lexicais para objetos com esse traço, contra 21.6% de clíticos e 7.6% de pronomes lexicais para objetos sem esse traço). Só não ocorre o mesmo nas estruturas simples, nas quais esse traço deixa de ter força decisiva na realização fonológica (56.6%) ou não fonológica (43.4%), e a variabilidade passa a ser condicionada por fatores sociais e estilísticos. Os números indicam, ainda assim, uma preferência considerável pelo pronome lexical sobre o clítico no caso dos objetos com traço [+*Animado*], preferência que se neutraliza no caso dos objetos [-*Animado*]: 281 pronomes lexicais sobre um total de 304 casos, frente a 76 clíticos sobre um total de 97 casos, para os objetos com o traço [+*Animado*]; 21 clíticos sobre o mesmo total, frente a 23 pronomes lexicais sobre o mesmo total, para os objetos com traço [-*Animado*]. Por outro lado, o uso da categoria vazia e dos SN anafóricos é maior com objetos cujo antecedente é [-*Animado*]. A atuação desse traço no favorecimento do objeto nulo, independentemente da estrutura sintática, não deixa

---

78 São muito freqüentes no espanhol também construções do tipo: *Vi pasar a los estudiantes*. Essas construções se explicam também pela inexistência do infinitivo flexionado nessa língua, o que dificulta o aparecimento de um sujeito para essa forma sem concordância. Esse também é um fato que apresenta grande dificuldade na aquisição do espanhol por brasileiros.

dúvidas. Os números revelam o seguinte: 239 SNs sobre um total de 338, frente a 942 categorias vazias sobre 1235, para objetos com traço [-Animado].

Lembremos que esses traços são fundamentais no espanhol: na variante peninsular, na escolha do clítico objeto direto, gerando o fenômeno classificado de *leísmo*; em determinadas variantes americanas, na duplicação do objeto direto. O traço opera fortemente também, em todas as variantes, nas construções chamadas de *dativo posesivo* e *dativo ético*.

Como se deduz dessa exposição, se semanticamente as línguas se aproximam pelo papel que atribuem ao traços [+/-Animado], as formas que encontram para manifestar essa preferência - ou os índices de frequência dessas formas - continuam, como se pode ver, a separá-las. Será interessante ver mais adiante o papel dessas marcas e preferências na interlíngua de alunos de espanhol como língua estrangeira.

O estudo do **condicionamento social**, que levou em conta faixa etária e escolaridade, revela um favorecimento, por parte de todos os grupos, da categoria vazia, o que mostra, segundo a autora, o estágio de implementação da variante no sistema lingüístico. Na fala dos informantes mais escolarizados, o uso dessa estratégia está condicionado à maior complexidade da estrutura da frase. O estudo indica ainda uma tendência dos mais escolarizados e de faixa etária mais alta a adotarem a estratégia do apagamento ou a recorrerem ao SN lexical, procedimentos menos estigmatizados do que o uso do pronome lexical.

O estudo do **condicionamento estilístico** revela que a maior ou menor formalidade do contexto atua sobre a escolha da variável. Revela também que é a escola que prepara o indivíduo para o uso do clítico, o que faz com que grau de escolaridade associado a idade sejam fatores relevantes na realização dessa variante. Entretanto, o clítico é sempre usado com parcimônia e fica clara a procura de formas substitutivas, como SNs e categorias vazias.

Finalmente, o **teste de percepção da variável**, aplicado por Duarte, revela que as frases com clíticos são melhor aceitas em certos contextos, como as estruturas simples com clítico [+Animado], com tempos simples do indicativo. Frases como<sup>79</sup>:

(7)

(a) *Não sei por onde anda María. Não a tenho visto ultimamente...*

79 Exemplos (16), (17) e (18), respectivamente, em Duarte (1989: 31).

(b) *Coitada da menina! Deixe-a em paz.*

(c) *O senhor não pode acreditar neles. Eu os vi abrindo a porta do meu carro.*

foram consideradas pedantes pelos informantes que, embora reconhecessem não ser "certo", consideraram o uso do pronome lexical como mais "coloquial" e "natural". O clítico, nesses casos seria a única forma possível no espanhol: "*no la he visto*", "*déjala/dejála en paz*", "*los/les vi*". Seria possível prever, como vimos, variações devidas a outros fatores, mas não a queda de clítico.

A estratégia do pronome lexical tem, no entanto, menor aceitação, exceto por parte dos jovens, em frases simples, como:

(8) *Eu vi ele ontem no cinema*<sup>80</sup>.

Essa estratégia não é documentada por nenhum estudo do espanhol.

A aceitação da anáfora zero é grande em praticamente todos os contextos, sendo que no caso do objeto [-*Animado*] ela passa praticamente despercebida e no caso do objeto [+*Animado*] ela choca um pouco os mais escolarizados, que no entanto a usam, como em:

(9) *No princípio ele não concordava comigo, mas depois eu convenci (e) de que ele não devia agir assim*<sup>81</sup>.

Isso talvez explique, sugere Duarte, a alta incidência de SNs anafóricos na fala desses informantes.

No caso do espanhol, a presença do clítico seria obrigatória, enquanto a do sujeito sim seria dispensável. Por isso teríamos "*pero después 0 lo convenci*".

Entre as conclusões de Duarte, algumas já bastante evidentes no resumo da pesquisa apresentado, gostaríamos de destacar duas coisas que nos parecem de interesse para nossa própria pesquisa. Por um lado, seu trabalho deixa claro que a noção de variante estigmatizada muda conforme o contexto e que, assim, usar o clítico em situações informais é uma atitude tão estigmatizada quanto usar o pronome lexical em situações formais, o que, na prática, por sua vez, se limita a frases simples. Veremos posteriormente de que modo atua na língua estrangeira o que aponta Duarte. Por outro lado, Duarte constata que o fenômeno do objeto nulo

80 Exemplo (22) em Duarte (1989: 31).

81 Exemplo (23) em Duarte (1989: 32).

ocorre com intensidade não apenas na fala, mas também em artigos de jornais e revistas, na literatura, nas traduções, ou seja, em vários contextos nos quais não há nenhuma intenção de reproduzir a língua falada, o que representa mais uma prova de sua implementação no sistema <sup>82</sup>.

Os dados de nossa própria pesquisa apontam claramente para essa implementação do objeto nulo no sistema. Em testes de percepção <sup>83</sup>, tanto com frases do português quanto com frases agramaticais do espanhol, obtivemos um índice muito alto de não identificação de categorias vazias. Por outro lado, obtivemos também um alto índice de não identificação da referencialidade dos clíticos, tanto em português quanto em espanhol, embora para a língua estrangeira essa dificuldade fosse ainda maior, o que é mais ou menos lógico. Algumas frases com clíticos em português, especialmente as com duplo clítico, não foram sequer reconhecidas como válidas para o português, enquanto essas frases no espanhol não foram consideradas estranhas, ainda que sempre classificadas de "difíceis". Além disso, quando solicitados a verter ao espanhol frases com clíticos em português, os alunos demonstraram grande rejeição por esse estilo em nossa língua, que consideram "pedante" e "ultrapassado". Finalmente, mesmo tendo diante de si frases com clíticos para verter ao espanhol, muitas vezes esses clíticos se perderam no momento da versão. Entendemos, assim, que nossos testes valem não apenas para marcar uma dificuldade na aquisição de uma língua estrangeira com emprego vigoroso de clíticos, mas também para marcar as intuições dos falantes, no nosso caso todos com nível universitário, a respeito de sua própria língua e confirmar o que vem sendo apontado por várias pesquisas.

Os estudos consultados não fazem qualquer referência a algum tipo de diminuição no uso dos clíticos no espanhol e todas as formas do paradigma, a não ser por questões específicas relacionadas às formas de tratamento usadas nas diversas variantes, estão em plena vigência. A não ser por alguns fatos marginais, tudo indica que o emprego dos clíticos continua não apenas vigoroso nessa língua, mas também

---

82 Nós mesmos mostramos isso quando fornecemos exemplos encontrados na imprensa escrita e na propaganda, por exemplo.

83 Ainda que de um modo não tão sistemático, procuramos sempre testar o grau de formalidade de uma série de construções do português e do espanhol com nossos alunos. Falaremos mais desses testes no momento da análise do material de interlíngua coletado para esta pesquisa, isto é, no último capítulo.

que as construções com clíticos tendem a crescer, como observamos para o caso dos dativos éticos por exemplo.

Por outro lado, o fenômeno do objeto nulo tampouco parece consolidar-se muito na língua, considerada, de resto, como vimos, como uma *lengua acusativa* <sup>84</sup>. A prova de que esse não é um fenômeno significativo no espanhol é que ele não preocupa os pesquisadores, mais dedicados ao estudo da duplicação de clíticos, das construções de duplos clíticos, das classificações das construções com *se*, das construções de dativo e do fenômeno do *leísmo*.

Tudo o que já observamos a respeito do espanhol nos permite afirmar, sem sombra de dúvida, que a retenção de clíticos é um fato nessa língua, o que já a diferencia consideravelmente do português do Brasil. Ao que tudo indica, ademais, a possibilidade de duplicação de clíticos é uma questão crucial na marcação das diferenças entre espanhol e português brasileiro e que reforça a hipótese de diferentes assimetrias. O espanhol não apenas é uma língua marcada pela retenção dos clíticos, mas é, sobretudo, uma língua de duplicação de clíticos. Essa talvez possa ser configurada como um caso de saliência fônica no espanhol, ao lado da tonicização de clíticos (*muestrenmelón, diganlén, vayansén*), atestada por algumas pesquisas em algumas variantes da língua.

Por fim, se a frequência dos clíticos é baixa no português brasileiro, as formas combinadas (*mo, to, lho, no, etc.*) podem se considerar banidas dessa variante. Em sua pesquisa sobre o português popular escrito, Pimentel Pinto (1986) não registrou nenhuma ocorrência dessas formas. Nossos testes com alunos mostraram que elas

---

84 Já sabemos que as categorias vazias na posição de objeto são raras e ocorrem em condições bem estritas no espanhol. Como já vimos ao analisar essa língua, o objeto nulo pode ocorrer em alguns casos, em geral discursivos, quando o antecedente possui o traço [-Determinado], o que, por outro lado, confirma a importância do traço [+Determinado] para a realização fonológica do pronome nessa língua. (- ¿Comes carne? - Sí, como (e). / - ¿Viste algún niño en el patio? - Sí, vi (e)). Múgica & Solana (1989), por outro lado, citam também casos de objetos nulos em relativas (*Este es el libro que<sub>i</sub> compré t<sub>j</sub> para regalar (e)<sub>i</sub>*). Nesse caso, a categoria vazia (e) - uma lacuna parasita, categoria vazia que se apóia em outra categoria vazia (t) para escapar à violação de Subyacência - deve ser interpretada como um *pro*, segundo as autoras, já que é regida, tem papel temático, está identificada pela variável e tem a possibilidade de alternar com um pronome. Interpretando (e) dessa maneira, não há violação do Princípio de Bijeção (= existe uma correspondência biunívoca entre variáveis e posições não-argumentais). A gramaticalidade dessa oração contrasta, no entanto, com a agramaticalidade desta construção sem relativo (*\*Devolviste el libro<sub>i</sub> sin leer (e)<sub>i</sub>*). Aqui, a categoria vazia está regida pelo infinitivo, tem papel temático de objeto e precisa da presença de uma variável. Lembremos que nos dois casos o português brasileiro licenciaria o objeto nulo, de modo que os exemplos que seguem seriam considerados gramaticais (*Este é o livro que eu comprei para dar de presente. / Você devolveu o livro sem ler.*)

provocam desde riso até absoluta incompreensão. Esse representa um sério problema na aquisição do espanhol por brasileiros, uma vez que essas combinações - que, no entanto, não redundam em formas sincréticas - são absolutamente freqüentes em todas as variantes da língua.

### 2.2.3. Outros fenômenos associados à diminuição da freqüência dos clíticos

#### 2.2.3.1. O predicativo nulo

Como já tivemos possibilidade de afirmar, pouco se encontra na bibliografia sobre o comportamento dessas construções no português brasileiro. Nossa pesquisa nos permite, no entanto, traçar um breve quadro do que julgamos ser a tendência da língua nesses casos.

Em primeiro lugar, nossa observação, quer da fala, mais ou menos descontraída, quer da escrita, nos faz pensar que as construções com clítico predicativo (*o*) também estão praticamente fora do uso mais espontâneo da língua. Constatamos alguns poucos casos de aparecimento desse clítico em escrita altamente formalizada, de pessoas com alto grau de escolaridade, o que faz pensar que ele não é adquirido naturalmente, mas só é aprendido mediante educação formal <sup>85</sup>. Citamos como exemplo de construções com predicativo nulo as seguintes:

(10)

(a) *Parece inteligente, mas não (e) é* <sup>86</sup>.

(b) *Isso parece uma excrescência, mas não (e) é* <sup>87</sup>.

(c) - *Cê acha isso importante?*

- *Acho (e) (e)* <sup>88</sup>.

85 Tratando-se de uma forma idêntica ao proposicional *o*, supomos que ele possa ter caído praticamente ao mesmo tempo que aquele, embora não tenhamos dados que confirmem nossa hipótese. Trata-se de um caso que está merecendo estudo.

86 Produzida por um aluno de quarto ano de Letras.

87 Exemplo já citado no início desta segunda parte do capítulo III, extraído de artigo publicado em *Estudos Avançados*, informativo do Instituto de Estudos Avançados da USP, ano V, no 31, maio de 1993, p. 3.

88 Exemplo extraído de conversa entre alunos.

Nos dois primeiros casos, (10.a e b), o espanhol pediria o clítico (*pero no lo es*). Em (10.c), o espanhol também permitiria a categoria vazia (- *¿Te parece importante eso? - Sí, me parece (e).*).

Por outro lado, encontramos alguns casos de realização do predicativo mediante um pronome demonstrativo, como em (11), do advérbio *assim*, como em (12), ou da expressão *nada disso*, como em (13) <sup>89</sup>:

(11) - *Professora, ele tá falando que eu sou ferro, mas eu não sou isso não.*

(12) - *Tudo parece muito simples, mas não é assim não.*

(13) - *Todo mundo dizia que o espanhol era muito fácil, mas não é nada disso.*

Dessas três formas, a com demonstrativo seria possível, ainda que menos indicada, talvez, ao menos do ponto de vista da norma mais formal; a com *assim* (*asi*) seria perfeita e corrente; e a terceira não faz partes das possibilidades da língua, ao menos a partir das informações que nos foram dadas por falantes nativos.

As construções com clíticos predicativos em português apresentadas aos estudantes foram, como várias outras construções com clíticos, classificadas de "pedantes", "pernósticas", "fora de moda", etc. Em alguns poucos casos, foram consideradas "incorretas" <sup>90</sup>.

#### 2.2.3.2. O baixo emprego dos dativos ético e possessivo

Quanto às construções com dativo, observa-se o seguinte: encontram-se alguns raros casos de dativo ético - construção, como vimos, em expansão em todas as variantes do espanhol - sobretudo na fala informal, como em (14.a), ainda que, Cunha (1972: 217) afirme que "...por vezes aparece na pena de escritores e, não raro, produzindo belos efeitos, como neste passo de Vinícius de Moraes:...", como em (14.b):

(14)

(a) *Não vai me quebrar esse vaso, menino.*

<sup>89</sup> Exemplos produzidos em fala espontânea por alunos de Letras.

<sup>90</sup> Três estudantes consideraram a frase "*Ela se diz simpática, mas na verdade não o é.*", incorreta, pela "falta de concordância do pronome com o adjetivo". Essa mesma impressão lhes causam as construções com clítico predicativo (*lo*) em espanhol.

(b) *Quem pagará o enterro e as flores / Se eu me morrer de amores?*

Câmara Jr. (1974: 286), que inclui esses dativos entre as partículas de realce, que não concorrem, segundo ele, para a compreensão, mas para a expressividade, refere-se a elas como tratando-se de:

*"...uma espécie de objeto indireto (stricto sensu), em que não se trata de um objeto da ação mas de um interesse todo particular na ação por parte de uma pessoa expressa pelos pronomes adverbiais átonos junto ao verbo - me, te, nos, vos, lhe, lhes; a sua inclusão entre os objetos indiretos decorre do pronome de 3ª pessoa (lhe, lhes) e da tradição da gramática latina, onde se tinha aí um dativo dito - DATIVO ÉTICO; ex.: "Entre-me logo o touro em sua agreste lida / a arar, fundo..." (Castilho, Georgicas, 12)."*

Não encontramos, entretanto, nenhum estudo sobre a freqüência dessas construções que nos permitisse extrair conclusões seguras sobre a sua produtividade na língua atual <sup>91</sup>. Da mesma forma, não encontramos nenhum exemplo de dativo ético na língua contemporânea com outro pronome que não o de primeira pessoa, o que em parte se explica por estarem essas construções tão ligadas à emotividade do falante.

A construção de **dativo possessivo** - mais freqüente no espanhol, como vimos, do que a construção com pronome possessivo, esta nem sempre, inclusive, considerada correta pelas gramáticas, como no caso da posse inalienável - é, em tese, possível no português brasileiro, segundo Cunha (1972: 217), especialmente quando os pronomes átonos, objetos indiretos, *"...se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular."*, como em <sup>92</sup>:

(15)

(a) *Escutaste-lhe a voz? Viste-lhe o rosto? (...)* (Fagundes Varela)

(b) *O barro que em quimeras modelaste / Quebrou-se-te nas mãos.*  
(Camilo Pessanha)

<sup>91</sup> A título de antecipação, essas construções não aparecem nos dados de interlíngua coletados por nós para análise. Como curiosidade, citamos a observação de um aluno durante uma aula sobre essas construções em espanhol. Segundo ele, o espanhol se aproximava muito da "fala italianada" de uma personagem de novela exibida pela *Rede Globo de Televisão* - lamentavelmente não a vimos - de nome Tancinha, personagem essa que falava, segundo o aluno, mais ou menos assim: *Não me vai me fazê isso...; Eu não me quero que...*; etc.

<sup>92</sup> In: Cunha (1972: 217).

Tampouco encontramos, entretanto, estudos sobre a frequência dessas construções na língua atual, falada ou escrita, mais ou menos formal. Porém, nossa intuição de falante e nossa breve observação nos fazem supor tratarem-se de construções formais, que já se encontram fora da expressão mais solta. Kato & Tarallo (1986) fazem uma breve alusão a elas e consideram que o fato de que o parâmetro *pro-drop* já não seja tão produtivo para a posição do sujeito, ao lado da alta frequência de construções de tópico no português oral parecem trabalhar a favor da alternativa mais popular das construções de dativo, como em <sup>93</sup>:

(16)

(a) *Dói-me a cabeça.*

(b) *Minha cabeça dói.*

Um problema adicional, no caso dessas construções, para brasileiros que adquirem o espanhol como L2 é o da duplicação. Nos casos de posse inalienável, como vimos, ela é obrigatória (*Le duele la cabeza a Mafalda. / A Mafalda le duele la cabeza.*), em outros, ela pode ser opcional. A presença do clítico nas primeiras é requerida, mostra Jaeggli (1982), para fixar apropriadamente a relação temática do sintagma preposicional. Nesses casos, a preferência em nossa língua parece ser categoricamente por construções alternativas nas quais *a cabeça da Mafalda* ou *Mafalda* funcionam como sujeito:

(17)

(a) *A cabeça da Mafalda está doendo.*

(b) *A Mafalda está com dor de cabeça.*

Se levarmos em conta as observações de Lorenzo (1980) sobre a produtividade dessas construções no espanhol, configura-se uma diferença bastante grande na sintaxe dessa língua em relação ao português brasileiro, que representa um grande desafio para o processo de sua aquisição por falantes desta. Provavelmente esse desafio é maior ainda levando-se em conta que a norma culta mais formal do português brasileiro, à qual se tem - supostamente - acesso na escola, ainda prevê

93 Exemplos (21) e (22) em Kato & Tarallo (1986: 354). A alternativa popular é, evidentemente, (16.b). Uma outra alternativa para essa construção de dativo é: *Estou com dor de cabeça.* Lembremos ainda que, quando a construção de dativo aparece, a probabilidade maior é a de que o clítico seja pré-verbal: *Me dói tanto a cabeça!*

algumas dessas possibilidades. Assim, além de ter que adquirir tais construções, o aprendiz ainda tem que desvinculá-las do registro com o qual as identifica. Vê-se, assim, que a variação interlingüística que constatamos nas duas línguas em contato nesse processo, acrescida da variação translingüística, que não chega a colocar português brasileiro e espanhol em grupos totalmente diferentes, pode ser muito mais problemática para um processo de aquisição/aprendizagem como o que estamos focalizando.

### 2.2.3.3. O objeto indireto: a preferência pela regra nominal de superficialização do caso dativo e o objeto indireto nulo

As pesquisas indicam que os clíticos próprios para a expressão do objeto indireto (*me, te, lhe, se*), neutros, conforme aponta Pagotto (1993), em relação à concordância, são os que mais se mantêm ainda na língua. O autor aventa, no entanto, a possibilidade de que tenham vida curta.

Outras pesquisas mencionam também uma diminuição na freqüência dos clíticos próprios para a expressão do objeto indireto, especialmente dos de terceira pessoa. Mártins (1989) considera que o progressivo desaparecimento de *lhe*, ao lado de *o* (*lo*), se deve ao fato de essas formas constituírem uma reminiscência das formas casuais latinas. Estão fora do sistema casual dos nomes, mostra a autora, por expressarem morfologicamente os casos, e do sistema dos pronomes pessoais, por serem os únicos que expressam dessa maneira a oposição dativo/acusativo<sup>94</sup>. Por isso escasseiam cada vez mais na língua falada, o que se confirma pelo seu desaparecimento na fala de pessoas não escolarizadas, conforme atestam os dados de Omena (1978). Trata-se de formas eruditas - prossegue - que têm o seu emprego condicionado ao conhecimento da norma gramatical. Quando essa norma é conhecida, como ocorre com os informantes da autora, há, entretanto, outros fatores que influem no seu emprego. O primeiro deles é o caso: a autora comprovou o

94 A confusão dos casos é, no entanto, um fenômeno razoavelmente freqüente no português brasileiro. Ainda que não tenhamos tido a oportunidade de consultar nenhum estudo de freqüência, uma ligeira observação das falas nos permite dizer que o fenômeno ocorre. Atesta a sua produtividade na língua o estudo de Pimentel Pinto (1986: 70) sobre o português popular escrito. A autora registrou casos freqüentes de *lhe* assumindo a função de objeto indireto - fenômeno equiparável ao *letsmo* do espanhol - (*quem lhe estima; porque lhe amo também; apesar de não lhe conhecer; tudo faria por lhe fazer feliz; estou lhe esperando*) e de *o* assumindo outras funções que não a de objeto direto (*simpatizei-o [=com você]; desta desconhecida que muito o quer [lhe]; resolvi escrevê-lo [lhe]*). Eventualmente, a função sintática de *o/a* não fica nítida, embora possa ser identificada, segundo a autora, em estrutura profunda (*eu não podia deixa-la de escrever-te [deixar de escrever-te a carta]*).

emprego majoritário (82.14%) da regra nominal de superficialização dos casos (Rn) para o dativo, que aparece, assim, expresso fundamentalmente por *a (para) ele*, como em:

(18) *Deu a (para) ele as melhores oportunidades* <sup>95</sup>.

Contribui decisivamente para a opção entre o emprego das formas casuais latinas e a regra nominal de superficialização do caso dativo o grau de formalidade da elocução. Favorecem o emprego da forma nominal: a presença do traço [+*Humano*], fundamental, como vimos, para certos casos do espanhol, e o fato de o pronome ser um "anafórico dêitico" <sup>96</sup>, como em:

(19) *Depois, se tem futebol, a gente deixa o televisor pra ele* <sup>97</sup>.

Como vemos, a autora não levanta a hipótese, que julgamos ser bastante procedente, de que essas formas obedeçam, por um lado, à tendência à saliência fônica, atestada por mais de um autor como uma característica do português brasileiro, o que, para alguns, poderia ser uma prova a favor de que se trata de um dialeto crioulo. Por outro lado, também parece obedecer à tendência, apontada por

---

95 Veremos, no momento de análise do material de interlíngua coletado, a força de construções com *pedir para, decir para, responder/contestar para*. Tais "erros", comuns na interlíngua de alunos brasileiros de espanhol L2, como bem sabe todo professor, atribuem-se habitualmente a um mau emprego da preposição *para*. Uma análise como a que estamos fazendo, no entanto, nos permite incluí-los nesse conjunto amplo de fenômenos cuja correlação não é percebida por outros enfoques. No caso de *pedir para* e outras construções do gênero, apresenta-se um problema adicional gerado pelo não emprego do clítico e pela preferência pela forma nominal. Frequentemente o objeto direto desses verbos é oracional (*Le pedí que me llevara los libros*). A preferência pela forma nominal (*a/para él*) termina por forçar o aparecimento de um infinitivo precedido de sujeito que o espanhol estándar não aceita: \**Pedí para él llevar los libros*.

96 Martins (1989) distingue a anáfora dêitica (pronomes que substituem o nome de um elemento presente no contexto lingüístico ou extralingüístico, tendo também a função de indicar um ser como terceira pessoa, aquele que não é nem o locutor nem o receptor dentro do processo dialógico) da anáfora sintática (pronomes que substituem um SN em situação de identidade com outro, na mesma sentença, separados por um limite oracional). Os dados de sua pesquisa comprovaram que o traço [+*Humano*] aparece em anafóricos dêiticos e sintáticos, enquanto o traço [-*Humano*] é quase exclusividade dos anafóricos sintáticos (86.49%). Isso mostra que o traço [-*Humano*] é raro em pronomes complemento de terceira pessoa, quando são do tipo anafóricos dêiticos. Isso aproxima, de certa forma, o espanhol do português, uma vez que, como vimos, esse traço também é muito importante na realização tanto do sujeito quanto dos complementos mediante pronomes pessoais, ainda que a diferença dêiticos/anafóricos não tenha sido considerada no caso do espanhol. Pelo que deduzimos, entretanto, no espanhol os dêiticos com traço [+*Humano*] favorecem a duplicação mediante sintagma pronominal preposicionado (ocorrência simultânea das duas regras de superficialização), o que em tese não seria possível para complementos não humanos, já que as formas tônicas se empregam fundamentalmente para pessoas e raramente para coisas.

97 Exemplo (6) de Martins (1989: 107).

Negrão (1990) para o caso do sujeito, a dar preferência a construções que privilegiem o estatuto informacional dos argumentos.

A duplicação do objeto indireto, prevista no sistema, que poderíamos pensar que conteria uma carga máxima de informação, não parece, entretanto, freqüente no português brasileiro. Bechara (1978) classifica-a como um caso de ênfase. Cunha (1972: 217), que também a interpreta como um caso de ênfase, cita apenas a reiteração do objeto indireto em início de frase pelo pronome *lhe* (*lhes*) e dá como exemplo dois provérbios, justamente o lugar por excelência da língua cristalizada:

(20)

(a) *Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltes.*

(b) *Ao médico e ao abade fala-lhes sempre a verdade.*

Tanto quanto no espanhol, a nosso ver, mais do que de ênfase, trata-se de de um caso de contraste. O contraste, no entanto, é marcado mais pela forma tônica e pela sua posição na construção do que pela duplicação propriamente e se mantém mesmo quando esta aparece não duplicada pelo clítico, como em:

(21) *A mim - e creio que a ninguém - esses argumentos já não convencem*<sup>98</sup>.

O baixo emprego da duplicação parece constituir, assim, uma prova a mais do decréscimo no emprego dos clíticos em nossa língua<sup>99</sup>.

Trata-se, como vemos, de um caso de catáfora, da qual as gramáticas praticamente não falam. Encontramos um exemplo dessa construção em Bechara (1978), mas pertencente à língua literária e à variante europeia.

Os casos de duplicação no espanhol, bastante estudados quando procedemos à análise dessa língua, estão regulados por regras relativamente estritas, como vimos. A sua presença na língua atual é, sabemos, muito forte, o que se configura numa diferença considerável entre o espanhol e o português brasileiro, portanto. Além disso, lembremos que no espanhol, a não ser nos casos de elipse do verbo, a forma "suprimível" é a tônica.

<sup>98</sup> Exemplo extraído de artigo sobre política publicado pelo jornal *Folha de São Paulo*.

<sup>99</sup> Registre-se, entretanto, um caso típico de duplicação, porém de objeto direto, encontrado numa canção popular atual, cujo título lamentavelmente não registramos: *Te amo você*. O mesmo aluno que observou uma alta freqüência de dativos éticos numa personagem de novela de nome Tancinha, citou-nos um exemplo de duplicação de objeto indireto em frase proferida pela mesma personagem: *Eu te disse pra você num fazê isso*.

As pesquisas não consideram, de um modo geral, a anáfora zero de objeto indireto. Entretanto, uma rápida observação, especialmente da fala coloquial, nos mostra que ela pode ocorrer no período composto, como em (22.a e b) e no discurso, como em (22.c e d) <sup>100</sup>:

(22)

(a) - *Professora, a senhora disse que ia mostrar o vídeo pra gente, mas não (e) (e) mostrou.*

(b) - *Nós não fizemos o exercício que ela (e) pediu, porque ela não tinha explicado (e) (e). Agora a gente vai falar com ela e pedir pra ela (e) (e) explicar.*

(c) - *Você perguntou isso pra ela?*

- *Perguntei (e) (e), claro.*

(d) - *Vocês gostaram do filme?*

- *Gostamos (e).*

Esse tipo de anáfora zero dificilmente ocorreria no espanhol, como vimos, que em alguns casos optaria até pela construção duplicada. Lembremos que a duplicação do objeto indireto é dada como forma preferencial em algumas variantes do espanhol<sup>101</sup>.

Os exemplos de Duarte (1989) para frases com verbos transitivos diretos e indiretos nos levam, por outro lado, a pensar que quando os dois complementos podem ser expressos por clínicos, há grande probabilidade de que se apague o objeto direto e que o objeto indireto venha representado por uma forma nominal, como em:

(23) *Conta essa história do seu avô de novo. Você já contou (e) pra ele*  
102?

Nas construções com tópico, arroladas por Pontes (1981, 1987) e retomadas por Decat (1989) <sup>103</sup>, também encontramos vários casos de anáfora zero de objeto indireto, mesmo na língua escrita, formal ou informal, como em <sup>104</sup>:

100 Exemplos extraídos da fala informal de alunos de Letras.

101 Remetemos ao que dizem Silva-Corvalán (1980-1981) e Jaeggli (1982) a esse respeito.

102 Exemplo (11) em Duarte (1989: 22).

103 Lembremos que Decat (1989) insiste em que o desaparecimento dos clínicos, que impede visibilizar a função da construção de tópico, está levando a uma reanálise dessa construção como sujeito.

(24)

(a) *Macacão, quem resiste (e)?*(b) *Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco (e).*(c) *A Joana não se deve confiar (e).*(d) *Os seus (exemplos) eu não acredito mais (e) não.*(e) *Pão com presunto, eu também gosto (e).*

Decat (1989) tenta refazer a trajetória dessa mudança no português brasileiro. Segundo ela, tudo começou por um enfraquecimento da morfologia de caso - Galves (1993), como vimos, fala em enfraquecimento da concordância - que deu origem ao desaparecimento dos clíticos e a sua substituição por pronomes tônicos ou por outras expressões anafóricas. A tendência hoje, mostra a autora, é claramente o aparecimento de um correferente não clítico ou da anáfora zero.

Nos casos de construções de tópico em espanhol, lembremos, o aparecimento do pronome cópia com objeto indireto é normal até com SNs indefinidos, como bem mostra Jaeggli (1982: 53):

(25) *A un chico de tres años, yo creo que se le podría regalar ese libro.*

#### 2.2.3.4. Pronominalização e relativização: as relativas no português brasileiro

Tarallo (1983, 1993a) considera que relativização e pronominalização na gramática do português brasileiro moderno estão interrelacionadas e ambas o distanciam do português europeu. Investigando as estratégias de relativização na variante falada na área urbana de São Paulo, ele constatou a presença de três tipos diferentes de cláusulas relativas:

a) o idêntico ao das cláusulas relativas encontradas na língua padrão, como em:

(26) *Tem as<sub>i</sub> que (e<sub>j</sub>) não estão nem aí, não é<sup>105</sup>?*

b) o que traz o pronome resumptivo, como em:

104 Os exemplos (24.a, b, c, d) foram extraídos de Pontes (1987); o exemplo (24.e) foi extraído de Decat (1989: 131), que, por sua vez, toma-o de Braga (1986).

105 Exemplo (1) em Tarallo (1993a: 41).

(27) *Você acredita que um dia teve uma mulher; que ela; queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone* <sup>106</sup>.

- c) o classificado de relativa cortadora, que ocorre apenas quando o SN relativizado é objeto de uma preposição, na qual estão ausentes a preposição regente e o SN relativizado, como em:

(28) *E um deles foi esse fulano; aí, que eu nunca tive aula (com e)* <sup>107</sup>.

As relativas *piedpiping*, que a gramática padrão prescreve para posições mais baixas (objetos indiretos, objetos de preposição ou oblíquos, e genitivos), como em (29) não ocorrem na língua vernácula, segundo Tarallo, na qual são substituídas ou pela estratégia do pronome resumptivo, como em (30), ou pela relativa cortadora, como em (28):

(29) *E um deles foi esse fulano; aí, com quem; eu nunca tive aula* <sup>108</sup>.

(30) *E um deles foi esse fulano; aí, que eu nunca tive aula com ele* <sup>109</sup>.

Tarallo aponta que, na língua padrão, a relativa é mais apropriadamente tratada como envolvendo movimento: o sintagma-*qu* na cláusula relativa é movido para a posição *COMP*, deixando um traço que é ligado ao *qu* em *COMP*. Na língua falada, entretanto, há evidências de que não há mais movimento, do que se derivam duas interpretações possíveis: (i) movimento-*qu*, seguido pelo apagamento do *qu* em *COMP*; ou (ii) as lacunas são derivadas do apagamento do pronome resumptivo na cláusula relativa, sendo que o apagamento da preposição nas relativas cortadoras ocorre não em *Comp*, mas *in situ*. Tarallo argumenta a favor da segunda hipótese e defende a existência no português brasileiro de uma regra *pro-drop* independentemente requerida. Ademais, diz ele (1993a: 42), "*diferentemente da regra de pro-drop em outras línguas e dialetos românicos, incluindo o português padrão escrito, essa regra, em PB falado, aplica-se em todas as posições sintáticas.*" Esse é exatamente o mesmo comportamento de sintagmas não-*qu* na fala, mostra Tarallo, os quais podem ser mantidos (anáfora pronominal) ou apagados (anáfora zero). Do ponto de vista estrutural, ele considera que apenas (26) e (29) contêm um pronome relativo ligado a uma variável. Em (27), (28) e (30), no entanto, teríamos

106 Exemplo (2) em Tarallo (1993a: 41).

107 Exemplo (5) em Tarallo (1993a: 42).

108 Exemplo (3) em Tarallo (1993a: 41).

109 Exemplo (4) em Tarallo (1993a: 42).

um *que* complementizador, idêntico ao das subordinadas integrantes, com a posição relativizada ocupada por um pronome lexical ou nulo.

A hipótese de Tarallo sobre a generalização da regra *pro-drop* é interessante, pois os estudos variacionistas e quantitativos estão apontando que ela vem cada vez mais perdendo sua força para o apagamento do sujeito e, no entanto, estaria atuando, cada vez mais fortemente, como numa espécie de estratégia compensatória, no caso do preenchimento dos complementos, o que confirma a assimetria a que já fizemos referência. No espanhol, como já sabemos, a tendência é exatamente a oposta.

Já fizemos alusão a casos de duplicação de relativos mediante pronome átono na parte em que estudamos o espanhol. Eles são atestados por gramáticos espanhóis, como Fernández Ramírez (1987) e Marcos Marín (1978), e hispano-americanos, como Barrenechea & Orecchia (1970) e Lope Blanch (1986a e b). Os estudos apontam, lembremos, que tais duplicações ocorrem sobretudo com objeto direto e indireto, mas é freqüente também a duplicação de sujeito e de complemento circunstancial. O relativo mais freqüentemente duplicado é *que*, havendo no entanto outros casos de duplicação, como com *cual*, por exemplo. Barrenechea & Orecchia (1970) comprovam a sua vigência no espanhol do Prata e Lope Blanch (1986a e b) comprova a sua vigência no espanhol do México, de Madri e inclui em seus textos exemplos de ocorrências encontradas com freqüência nas diversas variantes do espanhol americano.

Este último autor trata o fenômeno como um caso de *despronominalización de los relativos*, os quais assumem, assim, um duplo papel - pronominal e conjuntivo - e se dissociam de modo a ficarem reduzidos à sua função de conectivo, no que sua análise, embora com base teórica diferente, coincide em parte com a de Tarallo (1993a), que defende para o português brasileiro a transformação dos relativos em um complementizador. Nesses casos, no espanhol, o antecedente é reproduzido por meio de um pronome pessoal, como ocorre nas relativas com pronome resumptivo ou lembrete. O desdobramento funcional é favorecido pelo fato de que o relativo deva aparecer regido por uma preposição, sendo que o relativo *cuyo* é o que mais se presta ou mesmo favorece o desdobramento.

Fora os casos de relativas padrão, os casos - "anômalos", no dizer de Lope Blanch - existentes no espanhol se encaixam dentro do que Tarallo (1983) classifica de "estratégia do pronome resumptivo". Entretanto, um fato separa aqui de modo

muito significativo o espanhol do português do Brasil. Exceto nos casos de desdobramento de complementos de preposição e de sujeito, o espanhol duplica o relativo mediante clíticos, constituindo justamente esse tipo de duplicação o predominante nessa língua <sup>110</sup>. Os termos mais duplicados são, por isso, os objetos direto e indireto. Os resultados dessa pesquisa também confirmam, assim, ser o espanhol uma língua de clíticos, e mais, de clíticos redundantes, conforme já apontado por outros autores. Além disso, não há casos atestados de duplicação de objetos direto e indireto mediante pronome tônico de caso nominativo, o que parece ser predominante na estratégia do pronome resumptivo no português do Brasil. Por outro lado, se no espanhol o desdobramento é favorecido pelo fato de que o relativo deva ir regido por alguma preposição, contexto que também favorece o uso de estratégias alternativas no português brasileiro, é um fato que naquele não há nenhum registro - ao menos na bibliografia consultada - da relativa cortadora, na qual ocorre a anáfora zero. Mais uma vez se confirma, portanto, que mesmo quando português e espanhol compartilham um mesmo fenômeno, a sua realização superficial difere consideravelmente, havendo aí claramente razões que se associam a vários fatores.

Kato (1993b), no entanto, retoma a tese de Tarallo (1983) e rebate a interpretação dada pelo autor ao *que* como um complementizador, interpretação semelhante à de Lope Blanch para o espanhol. Para Kato, nos três casos apontados por Tarallo: a) o *que* é um pronome relativo extraído de uma posição não canônica; b) a posição da variável presa a esse pronome relativo é de deslocamento à esquerda; c) o pronome resumptivo, quando presente, é correferente à variável em *LD* (deslocamento à esquerda) e pode ser nulo para o objeto direto e para o possessivo de terceira pessoa; d) a estratégia cortadora resulta de uma regra de eclipse que, embora tenha lugar no caminho para a *FF* (Forma Fonética) e não na sintaxe, tem como *input* descrições estruturais em nível de estrutura-S, responsável pela parametrização. Kato estabelece uma correlação entre essas sentenças e as sentenças com tópico discursivo, nas quais esse tópico ocupa a posição de *LD*, como em <sup>111</sup>:

110 A duplicação é, sem dúvida, uma característica que o espanhol possui de uma forma marcante, ao contrário do que ocorre em nossa língua, que tende mais ao apagamento ou dá preferência às formas tônicas. Nos dois casos, trata-se de generalização de regras já existentes.

111 Exemplos (8.a, b, c, d) respectivamente, em Kato (1993b: 230).

(31)

(a) *Esse buraco<sub>i</sub>, taparam ele<sub>i</sub> outro dia.*(b) *Essa cerveja<sub>i</sub>, eu não gosto  $\theta_i$ .*(c) *O seu regime<sub>i</sub> entra muito laticínio  $\theta_i$ ?*(d) *As cadeiras optativas<sub>i</sub>, cê precisa ter um conhecimento  $\theta_i$  bom antes.*

Kato deriva, assim, a relativa resumptiva da posição de *LD* e considera que a relativa cortadora tem um *pro* correferencial a uma variável-*Q* em *LD*. Só nos casos nominais, no entanto, temos a categoria vazia. Para os casos de *PP* (sintagma preposicional), Kato considera haver elipse na *FF* (Forma Fonética), provavelmente pela inexistência de prossintagmas para tais categorias, o que não ocorre apenas no português, mas também no espanhol, como fica claro no exemplo citado pela autora, extraído de Campos *et alii* (1991), no qual o *pro-PP* é *L*-marcado pelo verbo <sup>112</sup>:

(32)

(a) *¿Discrepa ese artículo de tus puntos de vista?*(b) *No, creo que no discrepa (e).*

Kato aponta, então, para o fato de que o português brasileiro possui pronomes lexicais não-clíticos para argumentos e, no entanto, pode usar categorias vazias para essas funções. Logo, conclui, seria a inexistência de prossintagmas clíticos que propiciaria o aparecimento de lacunas e não a carência de pronomes em geral. Kato distingue, então, dois tipos de lacunas: de um lado aquelas interpretáveis como prossintagmas nulos, que licenciam as categorias vazias em posição de possessivo nulo e objeto nulo; de outro, as lacunas de elipse para as categorias que não têm prossintagmas, como o *PP*. Os prossintagmas nulos (clítico e possessivo) propiciam a reanálise das categorias vazias como lacunas resultantes de elipses de expressão referencial, sendo essa a mudança em curso no português brasileiro. No entanto, para Kato, o fato de ainda usarmos resumptivos tônicos e alguns clíticos acusativos bem como vários possessivos não permite ainda falarmos em mudança paramétrica.

---

<sup>112</sup> Exemplo (45.a e b), respectivamente, em Kato (1993b: 244).

Pois bem, os deslocamentos à esquerda são possíveis no espanhol e forçam quase sempre o aparecimento de um clítico duplicador do elemento deslocado <sup>113</sup>, topicalizado, como em "*A Juan lo vi...*" e em "*A Juan le dije...*" <sup>114</sup>. Mesmo com relativas, como vimos, a duplicação de objeto mediante clítico ocorre com frequência no espanhol, ainda que em alguns casos ela seja considerada uma "anomalia".

Conclui-se disso que espanhol e português brasileiro não diferem quanto a utilizar deslocamento à esquerda, como quer que se interprete esse deslocamento (por movimento ou por geração na base). Espanhol e português brasileiro diferem quanto à possibilidade de ter ou não uma categoria vazia pronominal no objeto, ou mais ainda, quanto aos contextos em que a lacuna pode ou não ser licenciada. A assimetria entre as duas línguas se configuraria, assim, em que o português brasileiro, carente de prossintagmas para certas categorias e com uma "existência residual de clíticos nulos para argumentos", segundo Kato (1993b: 250), licencia as categorias vazias de complemento em um número maior de contextos e dá preferência a elas sobre outras formas possíveis. Enquanto isso, o espanhol não apenas teria um licenciamento muitíssimo mais reduzido das categorias vazias de complemento, mas daria preferência àquelas construções nas quais a duplicação clítica ocorre, mesmo quando não aceita pela norma padrão. Em suma, no que diz respeito às relativas, o que separa as duas línguas é a preferência da primeira pela estratégia cortadora, condizente com sua característica de língua de objeto nulo, e da segunda pela estratégia do pronome resumptivo, condizente com sua característica de língua de clíticos e de clíticos duplicados.

Resta saber de que modo opera essa assimetria na aquisição do espanhol por falantes do português brasileiro.

113 Múgica & Solana (1989), lembremos, não concordam com o fato de que um elemento à esquerda seja resultado de movimento e propõem que ele é gerado nessa posição à esquerda, coindexado com o clítico por uma regra de predicação. Da mesma forma, elas defendem que o sintagma nominal duplicado de um clítico não tem caráter argumental e a correferência com o clítico se explica por uma regra de discurso.

114 Lembremos que Jaeggli (1982) prevê casos em que um tópico com traço [-Definido] não pode ser duplicado por um clítico (*Dinero, me parece que Juan no tiene.*), ao lado de casos com tópico marcados pelo traço [+Definido], em que a duplicação pelo clítico é obrigatória (*El libro, me parece que Juan no lo tiene.*). Passadas para o português, essas frases ficariam da seguinte forma: *Dinheiro, eu acho que o João não tem.* (na qual o pronome lembrete tampouco é possível); *O dinheiro, eu acho que o João não está com ele. / ...eu acho que (e) não está com o João.*

### 2.2.3.5. Apagamento vs. retenção de reflexivos e se

*Quem casa, quer casa.*

*Quien se casa, quiere casa. / El que se casa casa quiere.*

O apagamento de pronomes reflexivos e do pronome *se* em certas construções no português brasileiro é atestado por mais de um estudo. Kliffer (1977), por exemplo, analisa uma série de construções em que o fenômeno ocorre, mas esclarece logo de início o sentido que dá ao termo "reflexivo": trata-se simplesmente de um rótulo tradicional para a forma *se* e para outros pronomes pessoais correferenciais com o sujeito de um verbo. Veremos, no entanto, que sob esse rótulo, ele engloba fenômenos os mais variados, não passíveis de serem incluídos numa classificação mais estrita de reflexividade, no entanto altamente correlacionados.

#### 2.2.3.5.1. As diferentes construções com reflexivos e se

As classificações do *se* têm sido objeto de muitos trabalhos e de muitas controvérsias que, se não chegam a ser questão central para este trabalho, indiretamente têm que ver com a interpretação dos fenômenos que interessam a ele. Faremos, por isso, breve alusão a elas.

Trabalhando estritamente com os vários tipos de *se*, Ikeda (1980) propõe agrupá-los da seguinte forma <sup>115</sup>:

- a) *se* indefinido, que engloba o *se* de indeterminação do sujeito, como em (33.a), e a partícula apassivadora, como em (33.b):

(33)

(a) *Gosta-se de bons livros.*

(b) *Amam-se os bons livros.*

- b) *se* reflexivo (que ao menos no seu sentido mais estrito, a nosso ver, alterna com os demais itens do paradigma), o qual engloba o reflexivo propriamente dito, como em (34.a), o recíproco, como em (34.b), e o *se* sujeito de orações infinitivas, como em (34.c):

(34)

(a) *Pedro se feriu. / Eu me feri para receber a indenização.*

<sup>115</sup> Os exemplos são todos de Ikeda (1980).

(b) *Eles se cumprimentaram. / Nós nos cumprimentamos.*

(c) *Era bonito de se ver...*

c) *se incoativo* (que também alterna com outros itens do paradigma, a nosso ver, como em:

(35) *Pedro se feriu. / Eu me feri ao pular o muro.*

d) *se fossilizado* (que procede, a nosso ver, como o anterior), como em:

(36) *O cão se comportou. / Eu me comportei bem durante a exposição.*

Referindo-se à omissão ou conservação do *se* nas construções, a autora afirma que o *se* indefinido é dificilmente omitido. Pelo contrário - prossegue Ikeda (1980: 128) - "...talvez por intuito de demonstrar maior erudição, o falante tende por vezes a exceder-se no seu emprego." Essa é a forma de indeterminação do registro formal, o que explica esse uso em excesso, mesmo com verbos que não admitem indeterminação com esse *se*, como em:

(37) *O parque abre-se de terça a sexta... 116.*

A construção sem supressão é também mais comum, segundo a autora, no registro semiformal (a linguagem jornalística por exemplo), como em (38.a), mas com o infinitivo preposicionado a escolha entre a supressão ou a manutenção não é muito clara, como em (38.b) <sup>117</sup>:

(38)

(a) *Na verdade é preciso ter-se cautela com as afirmações...*

(b) *É de (se?) assinalar que o movimento ganha vulto...*

Já o *se* fossilizado e o *se* incoativo, afirma Ikeda, exceto no registro formal escrito ou formal oral extremamente policiado, tendem a ser omitidos, como em (39.a e b) <sup>118</sup>:

(39)

(a) *Vai 0 queixar para o diretor, vai.*

(b) *...antes que o amor 0 acabe...*

116 Exemplo (122) em Ikeda (1980), extraído do jornal *Folha de São Paulo*.

117 Exemplos (133) e (137), respectivamente, em Ikeda (1980).

118 Exemplos (147) e (145), respectivamente, o segundo extraído de uma canção popular, em Ikeda (1980).

Também nesse caso, no entanto, a intenção de hipercorreção pode produzir sentenças como:

(40) *A APROPUC se aderiu ao movimento* <sup>119</sup>.

Ikeda (1980: 128) afirma que não tratará nesse item de seu trabalho o caso do *se* reflexivo, pois, segundo ela, ele não constitui problema, já que ela não teve "...uma única oportunidade de detectar a sua omissão, seja no registro formal, seja no informal, concorrendo para isso, com certeza, o fato de a omissão acarretar mudança de sentido."; fato que não parece ser confirmado por outras pesquisas, como verificaremos mais adiante.

#### 2.2.3.5.2. O *se* apassivador e o *se* indeterminador

Ao tratar do *se* indeterminador - para Ikeda (1980), tanto o índice de indeterminação do sujeito [IIS] quanto a partícula apassivadora [PA] -, a autora lembra que ele sempre indetermina o sujeito agente [Caso Agentivo], como em (41.a e b), ou paciente [Caso Dativo], como em (41.c e d), com traço [+Humano]. Verbos que não admitem esse tipo de traço não podem ter o sujeito indeterminado por *se*, como em (41.e), não valendo essa exigência para os outros tipos de *se*, que podem ocorrer com verbos que admitam um SN [-Humano] <sup>120</sup>:

(41)

(a) *No dia seguinte, encarregou-se a um pedreiro de correr uma caiação.*  
[IIS]

(b) *Procuram-se editores com audácia.* [PA]

(c) *Precisa-se de operários.* [IIS]

(d) *Aprendem-se muitas coisas a poder da vontade.* [PA]

(e) \**Chove-se no verão.*

Ikeda defende em seu artigo que o *se* [IIS] e o *se* [PA] se comportam de modo idêntico, ambos indeterminando o sujeito, o que é confirmado por Dutra (1981), que considera que é a supressão ou a indeterminação de qualquer agente individualizado que identifica essas construções. Para esta última, são funções da passiva a remoção

119 Frase dita por um professor universitário de português, exemplo (152) em Ikeda (1980).

120 Exemplos (5), (6), (8), (9) e (11), respectivamente, em Ikeda (1980).

de sujeitos e a promoção de objetos. É precisamente a remoção do sujeito que liga as passivas analítica e sintética, bem como estas a construções com verbos transitivos diretos na terceira pessoa do singular, normalmente seguidos de um SN, como em (42.a, b e c), respectivamente. Se aceitarmos a análise de Comrie (1977, *apud* Dutra, 1981) de que a remoção do sujeito para outra posição na sentença que não a original leva o verbo para a terceira pessoa do singular, como aconteceu em muitos casos de posposição do sujeito em português, explica-se, então, a relação de sinonímia entre (42.a, b, c, d, e) <sup>121</sup>:

(42)

(a) *As provas foram adiadas.*

(b) *Adiaram-se as provas.*

(c) *Adiaram as provas.*

(d) *Adiou-se as provas.*

(e) *Adiou as provas.*

Lembremos que Galves (1993) associa o desaparecimento do *se* passivador, cuja função é detematizar o sujeito, ao enfraquecimento da concordância de pessoa. No novo sistema pronominal do português brasileiro, no qual a oposição clítico/não clítico cede lugar para uma oposição morfologicamente marcado com caso/não morfologicamente marcado com caso, tal como já mostramos, não há espaço, segundo a autora, para esse tipo de processo sintático, uma vez que o *se* não se move para concordância, o que é visível nas locuções verbais, onde ele se mantém próximo ao verbo principal. Por outro lado, considerando-se que o *se* recebe a função temática de sujeito no SV, o sujeito de uma frase com *se* será interpretado no português brasileiro como um expletivo. Esse enfoque explica, por um lado, a passagem de (42.b) a (42.d), e finalmente o surgimento de (42.e).

Cabe lembrar que no espanhol todas essas construções - exceto (42.e) - são possíveis, o que se explicaria pelo não desaparecimento do *se* passivador e pelo fato de não se perder nessa língua a oposição clítico/não clítico. Como vimos, a não ser por um caso mencionado de construção indeterminada com verbo em terceira pessoa

<sup>121</sup> Exemplos (27), (28), (25), (29) e (30), respectivamente, em Dutra (1981).

do singular sem *se* numa variante caribenha que passa por problemas relacionados à concordância equiparáveis aos do português brasileiro, essa construção não ocorre.

Nunes (1990) explica a diferença entre *o se* passivador e o *se* indeterminador a partir da Teoria da Regência e Ligação: enquanto o passivador (um anafórico) absorve o papel temático reservado ao argumento externo (o sujeito) e caso acusativo, detematizando a posição de sujeito, como em (43.a), o indeterminador não absorve caso nem papel temático, tornando arbitrária a referência do pronome nulo de terceira pessoa que ocupa a posição de sujeito, como em (43.b) <sup>122</sup>:

(43)

(a) *Alugam-se casas.*

(b) *Precisa-se de empregadas.*

Com base em semelhanças entre o clítico *se* e o afixo de particípio, o autor propõe uma análise unificada desses dois tipos de *se*. Na abordagem diacrônica, Nunes (1990: 4) defende que "*houve no português (...) um processo de reanálise sintática em que o expletivo da posição de sujeito de construções com se passivador foi reinterpretado como um pronome nulo referencial: e.*" Tal mudança lingüística - cujo início Nunes situa no século XIX -, que passou a permitir estruturas como (44.a e b), já está, no português brasileiro, em sua etapa final, tendo a construção com *se* indeterminador se tornado canônica e a com *se* passivador ficado relegada à escrita. Nunes registra ainda duas outras mudanças no português brasileiro: o apagamento do *se* indeterminador em construções finitas, como (44.c), e sua inserção em construções infinitas, como (44.d) <sup>123</sup>:

(44)

(a) *Aluga-se casas.*

(b) *Aqui se conserta sapatos.*

(c) *Aqui conserta sapatos.*

(d) *É impossível se achar lugar aqui.*

122 Exemplos (1) e (3), respectivamente, em Nunes (1990: 17).

123 Os exemplos (44.a, b e c) correspondem aos de número (2), (3) e (4) em Nunes (1990: 8). O exemplo (44.d) corresponde ao de número (26) em Nunes (1990: 107).

### 2.2.3.5.3. Um tratamento unificado das construções com se

Nunes (1990), ainda que em apêndice, refere-se à importância de se tratar de uma forma unificada todos os empregos do clítico *se*. Em princípio, parece-lhe que é possível estabelecer uma relação entre o *se* de "*Alugam-se casas.*" e os tipos de *se* presentes em (45. a, b, c, d, e) <sup>124</sup>:

(45)

(a) *João se machucou.* (ergativo)

(b) *João se arrependeu de seu crime.* (inerente)

(c) *João ainda não se foi.* (enfático)

(d) *Esta calça se lava bem.* (médio)

(e) *João se viu no espelho.* (reflexivo)

Em "*Alugam-se casas.*", o *se* está especificado como um clítico anafórico que, opcionalmente, absorve papel temático. Diante disso, prossegue Nunes (1990: 165):

*"...as diferenças básicas que se podem arrolar para os vários tipos de se envolvem a absorção de papel temático e a posição em que o clítico é gerado. Sendo resultado de operações lexicais, é possível que, enquanto ergativo, inerente, enfático e médio, se seja gerado numa posição de adjunção ao verbo, em que não absorve papel temático e, portanto, não absorve caso; ao passo que enquanto reflexivo, se absorve o papel temático reservado ao argumento interno, devendo estar obrigatoriamente associado a uma cadeia com caso."*

Estabelecendo essa correlação, Nunes legitima o tratamento conjunto dado por Kliffer (1977), mencionado ao princípio, a construções aparentemente tão díspares, nas quais se dá o apagamento do *se*.

Tal correlação é legitimada também por Dutra (1981), que propõe uma interpretação unificada desses fenômenos. Ela lembra, por um lado, que os verbos propriamente reflexivos admitem com frequência uma interpretação passiva. Em circunstâncias normais, lembra a autora, em nossa cultura uma pessoa não *se batiza*, mas *é batizada*, não *se opera*, mas *é operada* <sup>125</sup>. Por outro lado, diz a autora, a

<sup>124</sup> Exemplos (2) a (6), respectivamente, em Nunes (1990: 164). Veremos posteriormente que todas essas construções possuem versões alternativas atestadas por pesquisas: (45.a, b e d) sem o *se*; (45.c) com a expressão *foi embora* e sem o *se*; (45.e) sem o *se* e com um pronome nominativo *ele*.

<sup>125</sup> Se lembrarmos o que foi dito sobre o espanhol, em termos de preferências pelas diferentes construções de sentido passivo, vemos que nele é exatamente o contrário o que ocorre.

interpretação reflexiva do *se* em sentenças do português envolvendo os chamados reflexivos propriamente ditos parece depender de um não-deslocamento vs. deslocamento espontâneo do sujeito nos termos de Comrie (1977), já citado acima. No entanto, Dutra (1981: 84) não considera isso suficiente para explicar todos os casos de "...passivização-omissão de agente-reflexivização que ocorrem na língua. Isso porque não é sempre que se pode estabelecer uma correspondência um-a-um entre forma e sentido. Ou seja, muitas vezes não há uma correspondência direta entre homogeneidade sintática e homogeneidade semântica ou pragmática." A autora conclui, então, que associar essas construções não é "malabarismo intelectual", já que essa possibilidade decorre justamente "...do parentesco entre essas construções que, sensíveis que são a fatores semântico-pragmáticos, ora se distinguem, ora se confundem, como todo fenômeno lingüístico que se preza." (grifo nosso).

#### 2.2.3.5.4. Estudos sobre o apagamento dos reflexivos e do *se*

Kliffer (1977), que como já vimos estuda todos os fenômenos de modo unificado, mostra que o alcance dos reflexivos do português brasileiro está diminuindo, embora não se possa afirmar que eles estejam se perdendo, já que em todos os registros e em diversas variantes geográficas ele encontrou alternância de usos. Ele mostra também que o processo ocorre numa classe muito variada de verbos<sup>125bis</sup> : estativos (*decepcionar, interessar, etc.*), como (46.a), de ação (*esforçar, divertir, operar, etc.*), como (46.b), e de mudanças de estado (*quebrar, encher, desmaiar, estragar, etc.*), como (46.c):

(46)

(a) *Eu interesseo muito pelo povo do lugar* <sup>126</sup>.

(b) *Eu não acho de acordo que a pessoa não esforça tanto* <sup>127</sup>.

(c) *O argentino quase desmaiou quando o país dele marcou o sexto gol* <sup>128</sup>.

125bis Os exemplos que daremos a seguir foram todos tomados de Kliffer (1977).

126 Pimentel Pinto (1986: 71), que também registra a ocorrência desse fenômeno no português popular escrito, cita o seguinte exemplo: *No momento sinto muito solitária.*

127 Pimentel Pinto (1986: 71) cita vários exemplos com o verbo *corresponder(se)*, entre eles: *Eu nunca respondi com ninguém.* Cita também: *Resolvi despedir das revistas.*

128 Pimentel Pinto (1986: 71) cita o seguinte exemplo: *Espero que tornemos amigos.*

Encontramos construções desse tipo: com sujeitos animados, como (47.a), e inanimados, como (47.b):

(47)

(a) *O povo também gosta de ir a festa e divertir* <sup>129</sup>.

(b) *A camisa desabotoou.*

Há construções com verbos que admitem ser parafraseados por *estar* e *particípio*, como em (48.a), ou que têm uma correspondência com uma construção com *ficar* e *particípio*, como em (48.b):

(48)

(a) *A lâmpada quebrou. / A lâmpada está quebrada.*

(b) *Eu aborreci com aquele pianista. / Eu fiquei aborrecido com aquele pianista.*

Enfim, ainda que haja autores que postulem uma diferença entre vários tipos de *se*, incluindo-se aí o chamado "intrínseco", o "pseudo-passivo" e o "indefinido", o apagamento, mostra Kliffer, é menos discriminador. Ele se aplica, ainda que não de forma regular, aos reflexivos nocionais, como em (49.a), apagamento que Ikeda (1980) afirmava não ocorrer, aos indefinidos, como em (49.b) e aos intrínsecos, como em (49.c):

(49)

(a) *Ela lavou* <sup>130</sup>.

(b) *No Brasil prefere cerveja.*

(c) *Ele arrependeu.*

Kliffer encontra, portanto, ocorrências com apagamento para todos os tipos de *se* previstos nas várias classificações propostas para o clítico. O caráter difuso do apagamento o leva a supor, então, que não há vários tipos de *se* homófonos, mas apenas um *se*, sem variação morfofonêmica, que, em relação à posição junto ao verbo, é igual a outros clíticos. Analisando pares de sentenças com e sem *se*, o autor

129 Citamos uma frase ouvida faz pouco do humorista-entrevistador Jô Soares em seu programa "Jô Soares onze e meia": *Tem que torcer pra gente classificar.*

130 Citamos como exemplo uma frase freqüentemente proferida e que registramos faz pouco na representação de um conto infantil exibida por uma emissora de TV: *Aí ela olhou no espelho...*

lança a hipótese de que a questão possa ser tratada nos termos de marcado/não-marcado, na perspectiva jakobsoniana, o que é especialmente notável com verbos cuja interpretação pode se alterar radicalmente se o *se* for apagado. Assim, deve-se entender o *se* como marcado pelo traço *limit-setting*, traço que aparecerá todas as vezes que ele ocorrer, enquanto as sentenças sem *se* não seriam afetadas por esse traço. Isso explica por que *mudar-se* (*mudar de casa*) pode alternar com *mudar* (*passar por uma transformação/mudar de casa*), mas o contrário é impossível (*\*mudar-se=transformar-se*). Para Kliffer, esse traço não se aplica a outros clíticos que podem ser correferenciais com o sujeito, o que não chega a ficar claro para nós, já que vemos as mesmas diferenças entre o par "*Vou me mudar./Vou mudar.*". A presença do clítico *me* numa das frases claramente restringe o sentido do verbo. Desse modo, todos os verbos com clíticos anafóricos têm o seu significado restringido pela aplicação da correferencialidade, significado esse que fica no mínimo em aberto quando esse clítico é apagado (*casar-se/casar X, lavar-se/lavar X, X* podendo ser uma referência disjunta). Para o autor, no entanto, sua explicação prova que a teoria da marcação está em perfeita concordância com os fatos morfológicos, uma vez que só na terceira pessoa existe de fato uma forma diferente para a correferencialidade sujeito-clítico e o *se* é o único clítico, pensa Kliffer, marcado por *limit setting*. A teoria da marcação permite ver, assim, que o apagamento do reflexivo não implica necessariamente a perda do traço atrelado ao reflexivo quando esse está presente.

Façamos, agora, uma breve referência a um fenômeno apontado por Moreira (1983), Lemle (1985) e Galves (1986): a interpretação reflexiva, no dialeto mineiro, de 131:

(72) *João vê ele no espelho.*

Lemle (1985: 123) explica essa interpretação pelo fato de que "*o pronome, enfraquecido com a perda do seu poder de possuir um índice referencial próprio, se transforma numa anáfora.*" Ela relaciona a ocorrência com o enfraquecimento da concordância no português brasileiro, enfraquecimento esse devido à perda do traço [+*pessoa*]. Galves (1986), que concorda plenamente com a correlação feita por Lemle entre essas ocorrências e o enfraquecimento da concordância, interpreta, no

131 O mesmo exemplo é citado pelos três autores.

entanto, o fenômeno de outra forma. Galves defende que *ele* não é o reflexivo de *João* como seria o *se*. Sua interpretação é a de que *ele* e *João* remetem à mesma pessoa: o tópico do discurso. Assim, é a autonomia do pronome em relação à sintaxe que explica o seu aparente funcionamento anafórico. Isso é uma consequência do fato de ser nossa variante uma língua de tópico, e está relacionado com a possibilidade de se usar pronome pleno em posição de objeto. Galves afirma que falantes brasileiros que têm o clítico na sua gramática possuem uma gramática mista. Assim, em casos em que uma construção viola o Princípio B de Ligação - um pronome é livre em sua categoria de regência -, os falantes optariam pela construção com anafórico. Quando essa violação se manifesta mais fracamente em virtude da distância entre os dois SNs, como em (50), a possibilidade da correferência com o pronome é mais facilmente aceita:

(50) *Maria fez a lista dos convidados mas esqueceu de incluir ela* <sup>132</sup>.

Galves conclui, assim, que (49) e (50) são a manifestação da mesma gramática e que o dialeto mineiro só representa uma expressão mais completa de tendências fortes existentes em outros dialetos brasileiros, como o paulista e o carioca, por oposição ao de Portugal, no qual essas construções são impossíveis.

Todas essas considerações nos fazem retomar questões abordadas desde o princípio na caracterização do português brasileiro. Por um lado, parece que estamos mais uma vez diante de fenômenos correlacionados, nos quais novamente se manifesta a tendência à perda dos clíticos, tendência essa que por sua vez explica o aparecimento de formas que ou optam diretamente por seu apagamento ou pela sua substituição pelo pronome tônico ou, mais genericamente, por uma forma fonicamente saliente e, talvez por isso mesmo, com maior carga informativa aos ouvidos do falante. De novo os fatos parecem explicar-se quer pelo enfraquecimento da concordância de pessoa, quer pela orientação discursiva da língua.

Também confirmam essas intuições as afirmações de Kato & Tarallo (1986). A tendência a apagar o pronome reflexivo - sustentam - parece fazer parte de um fenômeno mais extenso no português brasileiro: a rejeição pelo clítico (*clitic rejection*), comprovada por várias pesquisas. O clítico *se*, apontam os autores, tanto quanto já apontavam os demais, é apagado tanto em contextos em que ele é usado

132 Exemplo (4) em Galves (1986: 252).

não anaforicamente, como em (51.a), quanto em contextos em que ele é usado anaforicamente, como em (51.b e c) <sup>133</sup>:

(51)

(a) *Não...usa mais fazer isso.*

(b) *A porta...abriu.*

(c) *Ele...sentou lá.*

Uma outra estratégia de evitamento de uma construção com *se* é constatada em construções transitivas com *fazer*, como em:

(52) *Ele fez a barba. (Usada no lugar de Ele se barbeou.)* <sup>134</sup>.

Outro fator que contribui para determinar a distribuição das funções do *se* entre os pronomes nominativos, segundo Kato & Tarallo (1986), é a tendência crescente no português brasileiro a preencher a posição do sujeito em lugar de deixá-la vazia. Isso fica patente quando se observa outra característica marcante dessa variante - proeminência de tópico - estratégia com a qual se evitam, conforme já vimos, as construções sem sujeito inicial (*Venta muito nesta casa.*), substituindo-as por construções SV nas quais o tópico pode ser interpretado como sujeito (*Esta(s) casa(s) venta(m) muito.*) <sup>135</sup>.

Kato & Tarallo (1986) concluem que todos esses fenômenos estão associados a uma tensão nos sistemas de pronominalização e relativização, já mencionado por nós em diversas oportunidades.

Resta vermos agora como se comporta o espanhol em relação a esses fenômenos, sendo, como já sabemos, uma língua de clíticos por excelência.

Em primeiro lugar, ainda que possamos encontrar na bibliografia algumas menções a apagamento de reflexivos, vemos que se trata de fenômeno restrito, limitado social ou geograficamente, que em nenhum caso é dado como uma tendência crescente na língua. Martín Zorraquino (1979) só aborda o tema na segunda parte de seu livro, que ela dedica ao que chama de *desviaciones*. Ao contrário, tudo indica que os anafóricos são muito produtivos nessa língua, o que fica

<sup>133</sup> Exemplos (14), (15) e (16), respectivamente, em Kato & Tarallo (1986: 351).

<sup>134</sup> Exemplo (17) em Kato & Tarallo (1986: 351).

<sup>135</sup> Esses dois fatores conjugados, por sua vez, estão, como vimos, ativos nas construções que substituem as de dativo na linguagem mais popular, como em: *Minha cabeça dói. /Estou com dor de cabeça* (que substituem "*Dói-me a cabeça.*").

claro não só pelas referências a respeito encontradas na bibliografia, mas também quando observamos a sua alta incidência tanto na fala, como também no registro escrito. Na linguagem publicitária, por exemplo, que precisa valer-se de formas que garantam uma certa empatia com o leitor e que atuem sobre o seu comportamento, encontramos centenas de exemplos desses usos, entre os quais selecionamos alguns, encontrados em textos publicitários:

(53)

(a) *Suscríbese a Cambio 16.*

(b) *Atrévete a More.*

(c) *Fíjese bien en esta crema dental y la nicotina no se fijará en sus dientes.*

(d) *Vete de lo gris. Ven a lo verde. (...) Vete de la ciudad. Escápate a Andorra.*

(e) *Hay días en que es mejor largarse.*

(f) *Disfrute las vacaciones: apriétese el cinturón. Diviértase. Tome sol. Relájese. (...) No se prive de nada. Pero apriétese el cinturón. (...) Llegará muy lejos en la vida.*

Isso fica mais claro ainda quando observamos o comportamento do chamado dativo ético, cujo emprego tende a crescer cada vez mais, sobretudo no registro oral, mas também em registros escritos mais ou menos soltos, como podem ser o do jornalismo, como em (54.a), ou o da publicidade, como em (54.b e c):

(54)

(a) *Mario Soares se trabaja día a día, voto a voto, la continuidad en la presidencia* <sup>136</sup>.

(b) *Tu cuerpo te la aplaudirá.*

(c) *¿Qué te llevarías a una isla desierta?*

É certo que Martín Zorraquino (1979) faz referência a uma certa flutuação no emprego dos reflexivos em praticamente todas as variantes do espanhol. Suas referências deixam, no entanto, claro que a tendência maior é a de empregar esses pronomes com verbos que habitualmente não os pediriam, o que é corroborado por

<sup>136</sup> Extraído de reportagem publicada no jornal madrileno *El País*.

Albano Vázquez *et alii* (1990) para o espanhol do Prata. Martín Zorraquino (1979) registra também a ausência do reflexivo em certas zonas hispânicas, atestada também por alguns outros autores <sup>137</sup>. Essas vacilações no uso dos reflexivos estão favorecidas no espanhol pela existência de um sistema verbal que apresenta um *status* híbrido no que se refere ao regime e à construção. Trata-se, entretanto, - insistimos - de casos restritos, que não chegam a afetar o que parece ser a tendência dessa língua. Tanto que em suas conclusões Martín Zorraquino (1979: 378-9) corrobora essa hipótese quando afirma <sup>138</sup>:

*"Si se comparan los procesos 'pseudorreflejos' (o reflexivos 'de forma') del español - y en general de las lenguas románicas y aun de otras lenguas - con las oraciones que más o menos les corresponden - los traducen - en otros idiomas, como el inglés, por ejemplo, se observa que el pronombre reflejo se ha recargado con una pluralidad de funciones o tiene una vitalidad considerablemente mayor en nuestra lengua. Bastantes estudiosos se inclinan, quizá, por ello, a considerar el reflexivo como 'redundante' en muchos casos (...). (grifo nosso)*

Não encontramos na bibliografia sobre o espanhol nenhum registro sobre o fenômeno presente no dialeto mineiro, atestado por vários autores, de um pronome *ele - él*, no espanhol - ocupando o lugar do anafórico *se*, o que é óbvio, já que o espanhol não apresenta casos de utilização de pronomes nominativos em função de complemento.

Quanto à questão mais específica do uso do *se* em construções passivas e impessoais, cabe lembrar que vários autores se referem à preferência ou por formas ativas ou pelas passivas com *se*. Isso é válido tanto para a variante peninsular <sup>139</sup>, quanto para a variante do Prata <sup>140</sup>. Não encontramos, por outro lado, na bibliografia nenhuma menção a variantes nas quais a preferência recaia sobre a forma perifrástica, o que também, a nosso ver, parece confirmar uma tendência.

137 Kany (1976), lembremos, faz alusão à supressão de reflexivos de alguns verbos que geralmente os requerem na fala padrão: *desayunar* (corrente também na Espanha), *disparar*, *casar* e *llamar* (este último freqüente na Colômbia). Outros autores citam também *afligir* e *vestir*. Trata-se, no entanto, de usos bastante mais restritos.

138 Lembremos que essa marcada tendência do espanhol à expressão pronominal é destacada por inúmeros autores, que não voltamos a citar aqui para evitar repetições.

139 Lembremos que tanto Lorenzo (1980) quanto Molina Redondo (1976) afirmam isso explicitamente e que o estudo de Martín Zorraquino o comprova mediante dados muito concretos.

140 O estudo de Barrenechea & Manacorda de Rosetti (1979) mostra claramente isso.

Assim, apenas um fenômeno encontrado no português brasileiro é encontrado com frequência, ainda que até essa frequência oscile muito nos estudos quantitativos, em todas as variantes do espanhol. Trata-se da construção passiva com *se* com verbo não concordado. No caso das orações em que o elemento nominal é [+Humano] e [+Definido], e por isso regido pela preposição *a*, a construção é a consagrada pela gramática normativa, para evitar a confusão com o sentido recíproco, como em:

(55) *Se amonestará a los infratores.*

Outras, entretanto, ainda que freqüentes, não são ainda aceitas como corretas pela gramática normativa, como é o caso de <sup>141</sup>:

(56) *Se vende casas.*

Por mais que a norma oficial mostre-se refratária a aceitar essas construções sem concordância, mostra Molina Redondo (1976: 25), "...son legítimas, en el sentido de que manifiestan una posibilidad sistemática latente del español - que, según la opinión a la cual nos sumamos, está convirtiéndose en modo acelerado en una realidad patente." Ainda assim, todas as pesquisas quantitativas revelam uma preferência, em alguns casos categórica, pela forma concordada, só superada pelas formas ativas.

Martín Zorraquino (1979), que menciona, lembremos, uma série de orações "usos anômalos" presentes na sua mostra, observa, no entanto, que suas análises quantitativas revelaram uma porcentagem surpreendentemente elevada de usos "normais", superior a 90% do total da maioria dos casos, que contrastam com esses usos "anômalos". Nem mesmo o uso que se documenta em espanhol há mais tempo e considerado freqüente e abundante pelos gramáticos - *Se vende casas.* - mostrou-se significativo. A partir da análise que faz de todas essas construções que carecem de agente expreso e da sua proposta de atribuir-lhes uma dupla interpretação - passiva/ativa - Martín Zorraquino (1979) conclui que, fora a construção de sentido impessoal dos verbos reflexos (\**se se arrepiente*), somente dois usos ficam totalmente excluídos de uma gramática do espanhol: "*\*Se persiguen a los ladrones.*" e "*\*Se vende los libros.*" Para os usos anômalos sem concordância que contêm SNs

<sup>141</sup> Lembremos que a existência desse tipo de construções tem gerado uma polêmica sobre a classificação das orações com *se*. Trata-se, para alguns, como vimos, de construções sempre passivas, para outros, de construções sempre indeterminadas, ainda que em alguns casos essa diferença se neutralize (*Se vende casa.*).

não determinados (*Se vende casas.*), há uma tendência clara a favor da plena aceitabilidade e da gramaticalidade <sup>142</sup>.

Como se pode ver, o volume de construções com clíticos reflexivos, todas elas produtivas e em plena vigência no espanhol atual, representa um imenso desafio no processo de aquisição de uma segunda língua para falantes de uma outra língua que passa por um processo de perda de clíticos e que, portanto, encontrou outras estratégias de expressão para esses processos tão variados.

#### 2.2.4. A colocação dos clíticos

##### *Pronominais*

*Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido*

*Mas o bom negro e o bom branco  
Da nação brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso, camarada,  
Me da um cigarro*

(Oswald de Andrade. In: *Pau Brasil. Paris, Au Saint Pareil, 1925*)

"A posição dos clíticos na oração é certamente um dos fenômenos mais significativos da gramática de uma língua (...)", afirma Galves (1993: 393). "Este é um dos aspectos mais fascinantes da emergência da gramática do português brasileiro.", prossegue a autora (id: 393).

As mudanças na colocação dos clíticos no português brasileiro já começam a surgir no final do século XVIII, segundo atestam as pesquisas diacrônicas. Cyrino (1990), trabalhando com peças de teatro, nas quais existe uma preocupação com a reprodução da oralidade, localiza na segunda metade do século XIX o aparecimento

<sup>142</sup> O que barra as duas primeiras construções é, lembremos, a presença de SNs marcados pelo traço [+Determinado]. As formas aceitas são: "*Se persigue a los ladrones.*" (na qual o SN preposicionado não funciona como sujeito e o sentido é necessariamente impessoal, sendo a forma concordada inaceitável pela confusão que se estabeleceria com a recíproca) e "*Se venden los libros.*" (a forma sem concordância não poderia ser interpretada nem como passiva nem como impessoal, mas como um caso de dativo ético com sujeito recuperável no contexto).

do imperativo com próclise, como em (1.a), e o início da tendência à próclise sistemática com infinitivo flexionado, como em (1.b) <sup>143</sup>:

(1)

(a) *Me liga amanhã.*

(b) *O fato de os negócios com a América Latina se expandirem...*

Tanto no *corpus* de Cyrino, quanto no de Pagotto (1992) aparece com muita frequência a próclise ao verbo principal não flexionado das locuções verbais, fenômeno até mais precoce do que os anteriormente citados, como em <sup>144</sup>:

(2) *João vai me dar um livro.*

O que os dados apontam é, lembra Galves (1993), que a partir da primeira metade do século XIX, a gramática produz estruturas em que a posição do clítico não é mais sensível a modificações que afetem o complementador ou o complexo flexional, uma variante que já se anuncia, nos dados de Pagotto, no século XVIII. Todos esses fenômenos estão relacionados, para Galves, e têm, como já dissemos, uma causa comum: o enfraquecimento da concordância, que também afeta os clíticos.

#### 2.2.4.1. Novamente a pergunta: os clíticos ainda são clíticos?

Para Galves (1993: 440-1):

*"O fato de o pronome ficar nas locuções sempre próximo ao verbo principal, isto é, ao verbo que lhe atribui função temática, deriva de uma restrição de localidade sobre essa adjunção. O pronome adjunge-se à primeira projeção funcional que contém o verbo em estrutura-S. Da mesma maneira, a insensibilidade ao que acontece com a negação e o complementador deriva do fato de que esses pronomes, contrariamente aos verdadeiros clíticos, não estão afixados ao elemento flexional da oração e independem dos processos que afetam este." (grifo nosso).*

A hipótese de que os nossos pronomes oblíquos não são verdadeiros clíticos é levantada por mais de um autor, inclusive de diferentes pontos de vista. Lobo *et alii* (1991), estudando as discrepâncias entre as afirmações das gramáticas normativas, que sustentam que a ênclise é a posição "normal" do pronome, e os fatos encontrados

143 Cyrino não exemplifica os casos mencionados. Os exemplos citados, foram, assim, escolhidos por nós: (1.a) é comum na fala; (1.b) foi extraído do jornal *O Estado de São Paulo*.

144 Exemplo (12) em Cyrino (1993: 171).

no seu *corpus* <sup>145</sup>, lançam mão de Câmara Jr. (1972) para mostrar as diferenças entre o comportamento de pronomes verdadeiramente átonos, tal como os que existem na variante europeia do português e o comportamento dos supostos pronomes átonos existentes no português brasileiro. É o que veremos a seguir.

#### 2.2.4.1.1. O que apontam os estudos quantitativos

Os dados do *corpus* analisado por Lobo *et alii* (1991) revelaram o seguinte sobre os contextos em que as prescrições normativas indicam a ênclise <sup>146</sup>:

- a) verbo iniciando período ou oração assindética: 72 ocorrências de pronomes átonos, sendo 46 proclíticos (64% do total), como em (3.a), e 26 enclíticos, como em (3.b):

(3)

(a) *Meu amigo Joseph (Winter)...uma vez teve um argumento...me pareceu na hora de...muito contundente.*

(b) *...não há uma atribuição de alma a objetos ou a plantas...supõe-se que estas plantas...*

- b) verbo imediatamente precedido de sujeito nominal: 83 ocorrências, sendo 66 casos de próclise (80% do total), como em (4.a), e 17 de ênclise, como em (4.b). No caso do verbo precedido por sujeito pronominal, para o qual apenas Rocha Lima (1982) indica a ênclise, o *corpus* revelou 100% de proclíticos nas 66 ocorrências encontradas, como em (4.c):

(4)

(a) *O biriba me atrai muito mais.*

(b) *A censura tornou-se muito restritiva.*

(c) *Vocês se lembram que o tema...*

- c) verbo precedido unicamente por conjunção coordenativa: 33 casos de próclise (87% do total), como em (5.a), e cinco de ênclise, como em (5.b):

(5)

(a) *Os testes foram muito úteis e se desenvolveram.*

145 Os autores analisaram 18 inquéritos do Projeto NURC/Salvador e 9 do Projeto NURC/São Paulo.

146 Os exemplos citados a seguir estão todos em Lobo *et alii* (1991).

(b) *Filmava-se em São Paulo com aquelas dificuldades todas que eu aludi mas filmava-se em São Paulo, no Rio...* <sup>147</sup>.

- d) orações reduzidas de gerúndio, excetuando-se as introduzidas pela preposição *em*: em 21 ocorrências, 6 casos de próclise, como em (6.a), e 15 de ênclise (71% do total), como em (6.b), o que revela uma inversão do modelo predominante até então:

(6)

(a) *...ali se transformando de pintura cubista em pintura abstrata...*

(b) *Falando-se em fruta, vamos dizer o seguinte...*

Entretanto, uma observação deve ser feita por nós: o número total de ocorrências do tipo (d) é muito baixo (o menor entre todos), o que aponta para a marginalidade do fenômeno;

- e) pausa entre o verbo e o termo antecedente, que pode provocar próclise: em 30 ocorrências, 21 foram casos de próclise (70% do total), como em (7.a e b), e 9 de ênclise, como em (3.b), acima:

(7)

(a) *Então, se faz a mastectomia alargada...*

(b) *...o volley sempre é...me atraiu como um dos jogos de...de pouca violência.*

Os dados revelaram ainda duas coisas muito significativas: para dois contextos listados entre os casos de ênclise:

f) pronome *o(s)*, *a(s)* com verbo no infinitivo regido pela preposição *a*;

g) verbo no imperativo afirmativo;

não houve ocorrências suficientes para permitir inferências, o que não deve ser significativo. No caso de (g), pode-se supor que o material não condicionou o seu aparecimento <sup>148</sup>. No caso de (f), no entanto, os dados parecem confirmar que se trata de construção não usual em nossa variante.

Lucchesi & Mota (1991), coautores da pesquisa ora resenhada, corroboraram vários desses achados em outro trabalho no qual analisaram o papel das variáveis

147 Embora os autores não mencionem, o exemplo vale também para ênclise em início de período.

148 Esse é um contexto no qual, de acordo com o que indicam outras pesquisas, ainda há uma certa variação, sendo a ênclise mais comum em registros mais formais e a próclise a registros menos formais.

sociolinguísticas na colocação dos pronomes átonos em um *corpus* de 20 inquéritos<sup>149</sup>. Os contextos de colocação destacados na abordagem dos dados foram:

- a) verbo no infinitivo, por admitir, segundo as gramáticas, tanto a ênclise quanto a próclise;
- b) forma verbal precedida de sujeito pronominal, por não haver concordância quanto à colocação nesses casos entre as gramáticas<sup>150</sup>.

Os números provam ser a próclise a colocação pronominal predominante na norma urbana culta no Brasil, o que contraria a prescrição da ênclise como colocação "normal" do pronome encontrada nas gramáticas normativas: num total de 988 ocorrências, 878 foram de próclise (88.9%) e 110 foram de ênclise (11.1%), sendo que a prescrição da gramática normativa foi desobedecida em 72.8% dos casos (201 sobre 75, num total de 276). Levados em conta os casos em que a próclise é prescrita pela gramática, o percentual de uso da próclise sobe para 97.3%.

O trabalho não traz exemplos. Por isso, citamos alguns encontrados por nós, mas de língua escrita. Verificamos a ocorrência dessas formas em um número da revista feminina *Máxima* e em um número do informativo *Estudos Avançados*, do Instituto de Estudos Avançados da USP. Em ambas as publicações, os casos de próclise superaram os de ênclise. Os percentuais médios são os seguintes: 76% de casos de próclise e 24% de casos de ênclise.

(8)

(a) *Ela foi sempre compensada pelo fato de a forma de produção da economia de mercado se expandir com maior rapidez...*

(b) *Nada pode te incomodar.*

(c) *Palermont. Pra você se tornar uma nova mulher.*

É interessante também destacar um dado que a tabela apresentada pelos autores revela: a preferência pela escolha de contextos que indicam a próclise (514 ocorrências, sendo que 500 coincidem com a norma e apenas 14 divergem dela). Nenhum caso de mesóclise foi registrado. Os autores constataram também uma grande homogeneidade no plano diatópico (o percentual de variação entre as duas

149 Os autores analisaram 12 inquéritos do Projeto NURC/Salvador e 9 do Projeto NURC/São Paulo (3 EFs, 9 DIDs e 3 D2s).

150 Rocha Lima (1982) preconiza a ênclise e as demais não fazem referência a esse caso entre as prescrições de ênclise e apresentam exemplos que contradizem a prescrição de Rocha Lima.

idades não passou de 2%). Observando a variável faixa etária, constataram uma progressiva consolidação, entre os falantes mais jovens, da colocação proclítica; observando a variável categoria de texto, constataram uma maior obediência às normas padrão em momentos de maior formalidade.

Lobo *et alii* (1991), buscando uma explicação para essa predominância da próclise no português brasileiro, lembram que o enfraquecimento das vogais em distribuição não acentuada (pretônicas e postônicas) é o principal fator da fixação, no português europeu, do modelo "normal" - a ênclise - previsto pelas gramáticas, pelo qual a pronúncia tende a incorporar os pronomes oblíquos, realmente átonos, ao verbo, à moda de um verdadeiro sufixo. Trata-se, segundo Câmara Jr. (1972: 51), de *"...um sufixo a mais, ao lado de sufixos temporais e modais, cuja insignificância fonética não perturba seu alto valor semântico."* Já no português do Brasil, o que se deu foi exatamente o contrário: **as vogais não acentuadas, ao invés de enfraquecerem, fortaleceram-se na pronúncia brasileira, o que transformou os pronomes oblíquos átonos não em partículas realmente átonas e sim em partículas semitônicas.** Assim, o deslocamento do pronome para antes do verbo predominou, entre outros fatores, pela tendência, na pronúncia brasileira, ao que Câmara Jr. (1972: 50-1) define como *"...intensificação da primeira consoante com vocábulo fonético, que nele funciona como um corte na cadeia da fala."* (grifo nosso). Tal intensificação, concluem Lobo *et alii*, põe em relevo a **partícula pronominal proclítica no vocábulo fonético verbal.** Um dos aspectos mais interessantes dessa conclusão é o fato de que ela também pareceria confirmar a hipótese, já levantada antes, da importância, para o português brasileiro, da saliência fônica, que parece permear um pouco quase todos os fatos nele presentes.

O português brasileiro moderno praticamente não possui, assim, verdadeiros clíticos. É o que sugerem Galves (1993) e Lobo *et alii* (1991), como vimos acima, Silva (1990), Corrêa (1991) e Pagotto (1993), entre outros. Quanto aos pronomes *o/a*, são usados apenas marginalmente e adquiridos por aprendizagem escolar, junto com uma regra particular de adjunção à flexão verbal, conforme também destacam várias pesquisas, o que faz com que os falantes lhes atribuam um estatuto diferente e que obedeçam a regras de colocação diferentes.

Pagotto (1993), que também se ocupa de mudanças na colocação dos clíticos no português brasileiro e analisa o fato da perspectiva gerativista, assume:

- a) que os clíticos se movem para núcleos funcionais (Concordância [AGR] ou Tempo [T]);
- b) que esse movimento se dá conjuntamente com o verbo, ou não;
- c) que a próclise, de acordo com Kayne (1990), é a posição natural do clítico, sendo a ênclise fruto de um movimento suplementar do verbo.

Pois bem, mostra o autor, o português clássico possuía movimento do clítico e movimento do verbo. No processo de mudança, o português brasileiro teria perdido tais movimentos, ou pelo menos eles estariam bastante restritos, hipótese aceita, como vimos, por outros autores também. Sua posição não é a de um núcleo funcional. De que natureza, então - pergunta-se ele - são os clíticos no português brasileiro atual? Pagotto adota a hipótese de Silva (1990, *apud* Pagotto) de que os clíticos no português brasileiro teriam passado por um processo de reanálise, tendo mudado seu estatuto categorial, isto é, deixaram de ser clíticos. Admitindo-se que essas mudanças nas regras da gramática fizeram com que aos clíticos restasse uma posição estranha à sua natureza, prossegue Pagotto (1993: 201), "*...podemos supor que ou eles deixam de existir no sistema ou se adaptam ao novo habitat.*" Ora, os clíticos que podemos considerar fora do sistema são os acusativos de terceira pessoa, ou seja, os que mais traços de concordância apresentam e por isso - poderíamos dizer - são os mais claramente clíticos, o que é corroborado por vários estudos. Os que restaram são neutros em relação à concordância (*me, te, lhe, se*). "*É plausível supor então que as mudanças havidas colocaram a sobrevivência dos clíticos em jogo. Aqueles que não se adaptaram... morreram. Mas os que se adaptaram teriam longa vida?*" - pergunta-se Pagotto (1993: 201).

#### 2.2.4.1.2. As mudanças na colocação e a sua correlação com outros fenômenos

Como vimos já, para Galves (1993), tudo isso implica uma reorganização lexical do sistema de pronomes, e a oposição clítico/não-clítico cede lugar para a oposição morfologicamente marcado com caso (*me, te, lhe, se*)/não morfologicamente marcado com caso (*eu, ele, você*), oposição essa que licenciará, por sua vez outros tantos fenômenos.

Estamos, portanto, mais uma vez, diante de um fenômeno encaixado, isto é, totalmente correlacionado com outros já analisados. Galves (1993), lembremos,

coloca como núcleo de todas as mudanças por que passa o português brasileiro moderno a natureza da flexão. O enfraquecimento da concordância explica, por um lado, a perda de alguns clíticos e, por outro, as mudanças na colocação daqueles que ainda sobrevivem, reinterpretados como pronomes plenos (sintagmas), deslocados por uma regra de adjunção, e não mais como núcleos movendo-se para a concordância (AGR) <sup>151</sup>.

Cyrino (1993), por sua vez, afirma que há fortes indícios de que a mudança na posição dos clíticos, especificamente a perda da ênclise no português brasileiro, esteja ligada ao fenômeno do objeto nulo, com a qual está relacionada também, segundo a autora, a queda dos clíticos.

#### **2.2.4.2. A hipótese de Nunes (1993): a mudança na direção de cliticização fonológica e sua relação com outros fenômenos encontrados no português brasileiro**

É de Nunes (1993) uma das hipóteses mais interessantes a respeito do que ocorre no sistema pronominal do português brasileiro. Ele sustenta que todas as características já apontadas pelos vários autores em relação ao sistema pronominal do português brasileiro moderno decorrem de uma mudança na direção de cliticização fonológica, mudança que, mais uma vez, é localizada no século passado, por volta da virada para o século XIX. Segundo o autor, tal mudança impossibilitou o licenciamento da sílaba dos clíticos acusativos de terceira pessoa, o que explica, por um lado, a constatação dos estudos variacionistas de que o uso desses clíticos, que não pertencem ao vernáculo, depende de aprendizagem escolar e revela grau de instrução elevado, sendo identificado com língua escrita e estilo formal. Por outro lado, essa mudança explica também por que esses clíticos não obedecem à distribuição dos demais clíticos, como em <sup>152</sup>:

(9)

(a) *Me chame amanhã.*

(b) *Te chamo amanhã.*

(c) *Lhe chamo amanhã.*

<sup>151</sup> Outros, como vimos, pensam que a origem de tudo está na substituição das formas pronominais ou numa situação de tensão pronominal.

<sup>152</sup> Exemplos (1.a, b, c, d), respectivamente, em Nunes (1993: 207-8).

(d) \**O chamo amanhã.*

No português europeu moderno, mostra o autor, a cliticização fonológica se dá da direita para a esquerda: os clíticos, nessa língua, são sempre enclíticos, qualquer que seja a palavra que os precede, como em (10.a, b, c, d), o que explica a agramaticalidade de (11) nessa língua <sup>153</sup>:

(10)

(a) *Quem-me vê?*

(b) *Não-te vi.*

(c) *Já-te digo.*

(d) *Vamo-nos encontrar.*

(11) \**Me diga uma coisa.*

É essa direção de cliticização que permite que o início (*onset*) da sílaba dos clíticos acusativos de terceira pessoa seja licenciado, de acordo com vários princípios, mesmo quando o clítico não se incorpora sintaticamente à palavra que o precede.

No português antigo, a direção de cliticização também era da direita para a esquerda e o início da sílaba do clítico presumivelmente podia ser licenciado de modo semelhante ao que se dá no português europeu moderno.

Já no português brasileiro atual, mostra Nunes (1993), a direção de cliticização fonológica é claramente da esquerda para a direita, como em <sup>154</sup>:

(12)

(a) *Já te-vi.*

(b) *João vai te-ver.*

(c) *João tinha me-visto.*

(d) *Vamos nos-encontrar.*

É a cliticização da esquerda para a direita - uma inovação do português brasileiro - que permite, segundo Nunes, que clíticos outros, que não os acusativos

153 Exemplos (2.a, b, c, d) e (3), respectivamente, em Nunes (1993: 209).

154 Exemplos (19.a, b, c, d), respectivamente, em Nunes (2003: 214).

de terceira pessoa (*o(s)/a(s)*) ocorram, diferentemente do português europeu, em início de sentença, como em <sup>155</sup>:

(13) *Me diga uma coisa.*

A hipótese de Nunes é a de que as crianças do início do século XIX adquiriram um sistema com cliticização da esquerda para a direita, pelo qual não havia meio de se licenciar o início da sílaba dos clíticos acusativos de terceira pessoa. Então, deduz Nunes (1993: 216), "...entre introduzir novas regras para licenciar o onset da sílaba dos clíticos e adquirir uma gramática sem clíticos acusativos de terceira pessoa, as crianças do início do século optaram por essa última possibilidade." Esse sistema inovador abriu caminho, por sua vez, para duas novas construções substitutas, de aparecimento ou posterior ou simultâneo ao fenômeno focalizado <sup>156</sup>: as com objeto nulo - que Nunes (1993: 216-7) afirma explicitamente tratarem-se de um subproduto do desaparecimento dos clíticos acusativos de terceira pessoa ou, em outras palavras, um "...subproduto da inexistência de aquisição de clíticos acusativos de terceira pessoa por crianças que internalizaram um sistema de cliticização fonológica da esquerda para a direita." (grifo nosso); e as com pronome tônico na posição de objeto direto, como em <sup>157</sup>:

(14)

(a) *Eu entreguei (e) pro João.*

(b) *Eu entreguei ele pro João.*

Nunes (1993) acrescenta ainda algumas observações que vale a pena sintetizar e comentar. Primeiramente, estudando tabelas adaptadas de Corrêa (1991), que evidenciam a relevância do nível de escolaridade dos falantes no uso de objetos diretos anafóricos, ele constata que mesmo na fala de estudantes universitários, na qual o aparecimento dos clíticos é mais expressivo, a sua taxa de aparecimento é muito baixa (10.7% = 3/28). Além disso, observando a média do uso de pronomes tônicos em posição de objeto na fala de pessoas escolarizadas (24.1% = 21/87), ele verifica que ela não é consideravelmente diferente da média apresentada por adultos

<sup>155</sup> Exemplo (20) em Nunes (1993: 214).

<sup>156</sup> Os dados de Cyrino (199) permitem ao autor afirmar que esses dois fenômenos seguem-se ou são simultâneos à mudança na direção de cliticização.

<sup>157</sup> Exemplos (22) e (23), respectivamente, em Nunes (1993: 216).

analfabetos (25.6% = 10/39). O que ocorre é que esse uso é internalizado no processo natural de aquisição, enquanto o emprego dos clíticos acusativos de terceira pessoa só se dá via instrução formal, o que é evidente quando se constata que os adultos analfabetos não usam clíticos. Ele ainda detecta na mostra uma instância de hipercorreção, em que o clítico é reduplicado, como se vê em (15) <sup>158</sup>, dado bem ilustrativo, segundo o autor, na medida em que evidencia os dois sistemas conflitantes com que se depara a criança na tentativa de aprender o uso dos clíticos acusativos de terceira pessoa:

(15) ...*para o identificá-lo.*

Todos esses dados trazidos por Nunes são de enorme interesse para o presente trabalho, que também observa o atrito de dois sistemas conflitantes - ou até mais de dois, se considerarmos a multiplicidade de normas no português brasileiro, que leva Kato (1987) a falar em diglossia - no processo de aquisição/aprendizagem de uma segunda língua.

Voltando à questão de os clíticos acusativos não poderem ocupar a posição inicial de uma sentença, Nunes (1993: 220) levanta, "*em termos meramente especulativos*", a hipótese de que o aprendizado dos clíticos acusativos de terceira pessoa na escola "*...inclua também o licenciamento do onset (início) da sílaba dos clíticos*". Considerando-se o par:

(16)

(a) \**O chamo amanhã.*

(b) *Eu o chamo amanhã.*

é possível postular que os clíticos acusativos de terceira pessoa no português brasileiro precisam, pelo menos, de material fonológico que os preceda.

Nunes não prossegue no seu instigante raciocínio. No entanto, sua observação nos permite avançar com as especulações. Assim, podemos nos perguntar até que ponto esse novo licenciamento dos clíticos acusativos que as crianças aprenderiam na escola não estaria forçando o preenchimento do sujeito. Por outro lado, cabe indagar

---

158 Exemplo (24) em Nunes (1993: 218).

até que ponto isso não explica também a preferência, apontada pela pesquisa de Duarte (1989), pela forma *lo* sobre a que se constrói com um único fonema <sup>159</sup>.

Nunes conclui com Lightfoot (1991), mostrando que mudanças lingüísticas que levam à obsolescência de algumas formas, como a que envolve os clíticos acusativos de terceira pessoa, podem lançar luzes sobre a experiência engatilhadora (ou desencadeadora) (*triggering experience*) na aquisição da linguagem e o seu próprio estudo é uma ilustração disso. Resta ver como essas mudanças operam - se é que operam - na experiência de aquisição de uma segunda língua, especialmente quando esta pode ser considerada, em vários aspectos, muito próxima da primeira língua dos aprendizes, como parece ser o espanhol do português, e particularmente quando essa aquisição ocorre em situações formais ou artificiais, configurando-se, portanto, mais como um processo de aprendizagem, como outro qualquer, do que como aquisição propriamente dita, no entender de muitos.

#### **2.2.4.3. Um ponto central: a próclise ao verbo principal (não flexionado) nas locuções verbais <sup>160</sup>**

Tanto Pagotto (1993) quanto Cyrino (1993) apontam como uma das mudanças mais significativas no português brasileiro o desenvolvimento da próclise em contextos nos quais o clítico se situa entre um verbo finito e um infinitivo. Esse desenvolvimento, mostra Roberts (1993), resulta de outras duas mudanças, uma das quais ocorre em todas as línguas românicas, exceto o português europeu, e a outra apenas no francês e em certos dialetos do norte da Itália. A primeira - e mais generalizada - é a perda da ênclise a verbos finitos. A segunda - e mais restrita - é a perda da subida do clítico. No caso dos grupos verbais, mostra Pagotto (1993), os clíticos perdem a capacidade de subir até o verbo mais alto. Restaria para eles, ainda, a possibilidade da ênclise, desde que o verbo realizasse um movimento suplementar para uma posição disponível, inacessível para os clíticos. No entanto, prossegue

<sup>159</sup> Talvez caiba nos perguntarmos também que relação guarda tudo isso com a tendência à saliência fônica dada por vários autores como característica do português brasileiro e como tudo isso se relaciona com a preferência de nossa variante por construções que privilegiam o estatuto informacional dos argumentos apontada por Negrão (1990).

<sup>160</sup> Usamos a expressão "locuções verbais", tal como o faz Galves (1993). A título de esclarecimento, estamos incluindo sob esse rótulo, tanto as formas compostas do verbo, nas quais o verbo auxiliar está gramaticalizado (*havia dito*), quanto as perífrases em que isso não ocorre (*queria dizer, tenho que dizer*). Encontramos uma grande variação na nomenclatura empregada para fazer referência a essas formas. Não sendo nosso intuito discutir nomenclatura, para simplificar, optamos por manter a terminologia empregada por Galves.

Pagotto (1993: 201), "...o português perdia também o movimento do verbo, e neste caso não restaria ao clítico senão ficar na posição pré-verbal em que foi gerado." Esse fenômeno, que ocorreu em outra língua românica - o francês - não ocorre no espanhol, segundo mostra Roberts (1993). Um outro fato significativo no português brasileiro, mostra esse autor, é a perda da ênclise a infinitivos, além, é claro, da perda de clíticos complementos, sem paralelos em outras línguas românicas.

Retomemos agora, sinteticamente, a fim de podermos estabelecer as necessárias comparações, certas regras de colocação dos pronomes em relação ao verbo do espanhol.

As normas de colocação dos pronomes em relação ao verbo no espanhol padrão são bem claras. Os pronomes átonos sempre se colocam ou imediatamente antes ou imediatamente depois do verbo, ao qual se unem acentualmente, como se se tratasse de uma só palavra. Essa união se manifesta inclusive na escrita, embora unicamente quando o pronome é enclítico, colocação obrigatória com imperativo afirmativo, e com gerúndios e infinitivos quando estes aparecem sozinhos (*dámelo, diciéndomelo, ocurrírsele*). Como já vimos também, o espanhol é uma língua predominantemente proclítica (*Lo arreglamos hoy y se lo entregamos mañana.*). Essa é a colocação, exceto alguns casos muito especiais a que já fizemos referência na primeira parte deste capítulo, com todos os tempos - simples ou compostos - dos modos indicativo e subjuntivo (*me dijo, me ha dicho, me dijera, me hubiera dicho*)<sup>161</sup>.

Deixando de lado as prescrições da gramática normativa e levando em conta a predominância da próclise no português brasileiro atestada pelas várias pesquisas mencionadas, seria de se esperar que certas construções não representassem um problema maior para estudantes brasileiros. No entanto, o problema, em alguns casos, não é propriamente a colocação pronominal, mas sim a própria presença dos clíticos, que muito provavelmente seria evitada de vários modos no português brasileiro, gerando fenômenos como o objeto nulo, a reorganização da construção, com alteração de funções, a substituição por pronome objeto tônico, etc.

161 Os casos de ênclise com formas verbais flexionadas são apenas marginais no espanhol e não pertencem ao uso comum da língua. Formas como *dícese, úsase*, etc. estão praticamente restritas a indicações prescritivas encontradas em verbetes de alguns dicionários e de gramáticas normativas, em geral já de alguns anos, ou se trata de preferências regionais, como as assinaladas por Álvarez Martínez (1989) para Galícia, Astúrias e León (Espanha). Esses usos, no entanto, não são representativos para o presente trabalho.

Um caso, entretanto, é particularmente problemático para o brasileiro que adquire o espanhol: o da colocação nos tempos compostos. A única colocação possível no espanhol para esses tempos é, como vimos, a próclise ao verbo auxiliar. O pronome, como sabemos, não pode, nessa língua, ser enclítico ao auxiliar marcado por Tempo. Por outro lado, a próclise e a ênclise ao particípio também são barradas nessa língua. Enquanto isso, como vimos, a grande mudança no português brasileiro é exatamente ele ter assumido a próclise ao verbo auxiliar sem Tempo. Assim, temos:

(17) *Ele tinha me-visto. / (Él) me había visto. (\* (Él) había me visto.)*

No caso do gerúndio e do infinitivo compostos não atrelados a perífrases e locuções verbais, a gramática espanhola prescreve que o elemento de referência é o verbo auxiliar, e o pronome, portanto, deverá ser enclítico ao verbo auxiliar. Nesses casos, o português brasileiro teria, não a ênclise ao auxiliar, mas a próclise ao verbo principal <sup>162</sup>. Assim, temos:

(18)

(a) *Tendo me-dito... / Habiéndome dicho... (\*Habiendo me dicho...)*

(b) *Depois de ter me-pedido isso... / Después de haberme pedido... (\*haber me pedido...)*

Com infinitivo e gerúndio, a ênclise no espanhol é, como vimos, apenas opcional quando estes aparecem depois de outros verbos, auxiliares e em outros tipos de locuções, chamadas, em geral, na gramática espanhola, de perífrases verbais. Nesses últimos dois casos mencionados - locuções e perífrases - encontra-se, a nosso ver, uma outra grande diferença entre o espanhol e o português brasileiro, sempre tomando por base o que efetivamente se usa neste último, conforme atestam as pesquisas.

Na parte deste capítulo em que descrevemos o espanhol, dizíamos que em sentenças com Tempo prevalece a próclise e que em sentenças sem Tempo prevalece a ênclise. Nos casos em que ocorrem locuções ou perífrases compostas por um elemento que tem a flexão Tempo e um outro que não a tem, o clítico poderá afixar-se a um ou a outro (isso não se aplica, é claro, ao particípio), mas obedecendo o

<sup>162</sup> Os efeitos da interferência, nesses casos, às vezes ficam patentes na fala (tonicização do pronome *e*, em algumas vezes, na ortografia.

mesmo critério de colocação em relação a cada um deles. Essa possibilidade de dupla colocação no espanhol - que tem suas restrições, como vimos na parte deste capítulo dedicada à descrição dessa língua, à qual remetemos o leitor, para evitar repetições - decorre do fato de, ao contrário do que ocorreu no português brasileiro, não ter havido nele perda de movimentos dos clíticos, perda de movimento essa que levou o português brasileiro a afixar os clíticos, no caso das perífrases e locuções, tanto quanto nas formas compostas, sempre ao verbo mais baixo, ao verbo principal, em posição de próclise, única colocação impossível no espanhol, língua na qual os clíticos são proclíticos ao auxiliar ou enclíticos ao verbo principal em gerúndio ou infinitivo. Essas diferenças estão claras em:

(19)

- (a) *Queria me-dizer* <sup>163</sup>. / *Quería decirme.* - *Me quería decir.* (\**Quería me decir*)
- (b) *Está me-olhando* <sup>164</sup>. / *Está mirándome* - *Me está mirando.* (\**Está me mirando.*)
- (c) *Ele vai me-ver amanhã* <sup>165</sup>. / *(Él) va a verme mañana.* - *(Él) me va a ver mañana.* (\**(Él) va a me ver mañana.*)
- (d) *Você tem que me dizer a verdade* <sup>166</sup>. / *Tienes que decirme la verdad.* - *Me tienes que decir la verdad.* (\**Tienes que me decir la verdad.*)

A questão se torna ainda mais problemática, quando entram em cena os complementos de terceira pessoa no português. A colocação dos clíticos de terceira pessoa, como vimos, é regida por regras especiais. Mas a probabilidade maior é a de que ocorra o objeto nulo ou o pronome tônico do caso nominativo, o que se configura numa grande diferença em relação ao espanhol, como vemos em:

- (20) \**E a Maria, você vai a-ver quando?* - (?) *E a Maria, você a vai ver quando?* - *E a Maria, você vai vê-la quando?* - *E a Maria, você vai ver ela quando?* - *E a Maria, você vai ver (e) quando?*

*¿Y a María, vas a verla cuándo?* - *¿Y a María, la vas a ver cuándo?* (\**vas a la ver/vas a ver a ella/vas a ver (e)*)

163 "*Queria dizer-me.*", sabemos, é mais rara e pertence a um estilo mais formal.

164 "*Está olhando-me.*", sabemos, é mais rara e pertence a um estilo mais formal.

165 "*Ele vai ver-me amanhã.*", sabemos, é mais rara e pertence a um estilo mais formal.

166 "*Você tem que dizer-me.*" é, sabemos, mais rara e pertence a um estilo formal.

A dificuldade continua quando o verbo possui dois complementos, um dos quais, sabemos, pode ser apagado no português brasileiro, que por sua vez perdeu por completo as formas combinadas (*mo, to, lho*, etc.). Vejamos um caso:

- (21) *O livro, você tem que lhe-pedir (e).* - *O livro, você tem que pedir (e) para/a ele.* - *O livro, você tem que pedi-lo para/a ele.* - \**O livro, você tem que o pedir para ele.* - (?) *O livro, você tem que pedir ele pra ele.* - (?) *O livro, você tem que pedi-lo (e).* - (?) *O livro, você tem que pedir ele (e).* - (?) *O livro, você tem que pedir (e) (e).* <sup>167</sup>.

*El libro, tienes que pedírselo [a él].* - *El libro, se lo tienes que pedir [a él].* (\**pedirle (e) a él/pedirlo a él/pedirle (e)/pedirlo (e)/se lo pedir/lo pedir a él/lo pedir (e)/le (e) pedir/le pedir él/ pedir él a él/pedirle él/pedir (e) (e)*)

A título de conclusão, podemos afirmar que a posição preverbal do clítico no português brasileiro não é igual à próclise predominante no espanhol e a prova disso se encontra - assumindo a mesma comparação feita por Galves (1993) entre o português clássico (também eminentemente proclítico) e o português brasileiro - na posição diferente ocupada pelos clíticos nos tempos compostos e nas outras locuções verbais nas duas línguas.

Tomando-se por base a interpretação dada por Kayne (1990) a esses fatos, assumida por Pagotto (1993), poderíamos dizer que no espanhol, a próclise a verbos simples é fruto de um movimento conjunto do verbo e do clítico até o nódulo *T* (Tempo), não ocorrendo a ênclise porque o verbo não faria nenhum movimento suplementar. No português brasileiro esses movimentos, lembremos, podem se considerar perdidos ou bastante restritos. No caso dos grupos verbais, obedecidas certas restrições, os clíticos do espanhol podem subir até o verbo mais alto, restando a alguns ainda a possibilidade da ênclise. No português brasileiro, os clíticos perderam a capacidade de subir até o verbo mais alto, mas a língua perdeu, ademais, o movimento do verbo, não restando outra opção ao clítico do que ficar na posição pré-verbal em que foi gerado. Sobre a direção da cliticização no espanhol, ela teria merecido um estudo muito aprofundado, que não tivemos oportunidade de fazer. Por isso prescindimos de tecer comparações a esse respeito.

167 Estamos, claro, descartando as formas combinadas do clítico: (?) \**O livro, você tem que lho pedir.* - (?) \**O livro, você tem que pedir-lho.* - (?) \**O livro, você lho tem que pedir.*

### 3. Em síntese...

Resumir tudo o que foi dito até agora sobre as diferenças entre o espanhol e o português brasileiro seria tarefa quase impossível, além de redundante. A título de fecho, entretanto, gostaríamos de olhar para os fatos apontados tendo em mente as idéias de Gundel & Tarone (1983) a respeito dos modos pelos quais as línguas podem diferir em relação à anáfora pronominal.

Em primeiro lugar, julgamos ter deixado claro que espanhol e português brasileiro diferem consideravelmente quanto a permitir pronome ou anáfora zero em determinados contextos, primeiro ponto levantado por esses autores. Foi isso que classificamos - inspirados em Galves e Tarallo - de uma diferente assimetria no preenchimento dos argumentos sujeito e objeto. Além disso, mostramos também as diferenças nos modos de preencher esses argumentos, bem como de outros, e os efeitos que as escolhas e preferências podem produzir. Vimos que essas variações ocorrem no que Gundel & Tarone classificam de contexto A - o SN que controla a anáfora pronominal é um tópico sintático - e no que classificam de contexto B - o SN que controla a anáfora pronominal não é um tópico sintático. Vimos, por outro lado, que essas variações todas estão levando a que as sintaxes das duas línguas tomem rumos muito diferentes. Aliás, vimos, sobretudo, que o português brasileiro está se distanciando muito das demais línguas românicas, como deixa muito claro Kato (1987), na sua abordagem tipológica, e também Roberts (1993), ao apontar nela uma perda de clíticos complementos sem paralelos.

Quanto ao segundo ponto levantado por Gundel & Tarone - ou seja, sobre o tipo de informação codificada nos pronomes e sobre a relação social entre o emissor e o receptor ou entre o emissor e a pessoa de que ele fala - acreditamos ter deixado claro que essa não era a preocupação central de nosso trabalho. Ainda assim, quando procedente, fizemos algumas observações a respeito. Acreditamos que talvez possa se incluir neste item a forma especial que o espanhol tem de marcar, sintaticamente, a distinção pessoa-não pessoa bem como a baixa probabilidade de emprego dos pronomes do caso nominativo para referências não animadas.

Quanto ao terceiro ponto - a variação na posição que o pronome ocupa em relação ao verbo - o último abordado por nós neste capítulo, as diferenças encontradas nos parecem evidentes. Essas diferenças, por outro lado, estão

absolutamente correlacionadas com todas as outras. Ou seja, o que observamos é, de fato, um conjunto de fenômenos "encaixados" que, na sua totalidade, configuram duas línguas consideravelmente diferentes, muito mais do que um olhar ingênuo possa supor.

Como operam essas diferenças estruturais na aquisição do espanhol por falantes do português brasileiro é exatamente do que nos ocuparemos a seguir:

## Capítulo IV

### Mas que gramática é essa? A análise da interlíngua de estudantes de espanhol L2

#### 1. A coleta dos dados

As ocorrências que aqui vamos analisar foram recolhidas ao longo de aproximadamente quatro anos e a forma de coletá-las é, por um lado, fruto de uma decisão que justificaremos mais adiante e, por outro, está relacionada com a própria forma como este trabalho foi gestado, explicitada na introdução.

Antes mesmo de nos decidirmos por fazer deste um tema de tese, já nos havíamos dedicado a coletar ocorrências surgidas na expressão de alunos de espanhol como L2, de diferentes níveis, produzidas em diferentes circunstâncias, bem como ocorrências encontradas na fala ou na escrita de não-nativos considerados proficientes. Tomada a decisão de observar a aquisição das estruturas com pronomes pessoais num trabalho de tese, durante algum tempo enfrentamos um dilema: optar entre aplicar testes e trabalhar com os dados obtidos a partir deles ou continuar coletando esses dados da produção mais espontâneos dos estudantes, em circunstâncias diferentes.

A opção pela segunda alternativa foi consciente, uma vez que sempre nos pareceu que os dados obtidos em testes correm o risco de chegar a ter certo grau de artificialismo provocado pela própria situação ou mesmo condicionar um pouco o aparecimento de certos fatos que preferíamos que aparecessem mais espontaneamente. Pareceu-nos também que só essa forma de coleta nos permitiria obter dados abundantes, produzidos em diferentes situações comunicativas, que pudessem nos oferecer uma visão suficientemente ampla do fenômeno observado. Esse era, assim, o único modo de perceber onde se manifestava uma regra da gramática não-nativa, e não simplesmente uma forma resultante da aplicação de uma estratégia empregada circunstancialmente, por pressões do ato comunicativo. Em síntese, essa nos pareceu a melhor maneira de chegar àquilo que Liceras (1986a e b) classifica de uma competência homogênea.

Os dados de produção foram, assim, obtidos de estudantes de espanhol de diversos níveis, níveis esses que serão explicitados sempre que julgarmos tratar-se de

uma informação relevante <sup>1</sup>. As ocorrências surgiram em diferentes situações, quais sejam:

- a) **produção oral espontânea:** intervenções nas aulas; conversas entre os alunos ou entre eles e a professora; discussões surgidas espontaneamente durante as aulas ou mesmo fora delas.
- b) **produção oral dirigida:** atividades didáticas interativas variadas, planejadas para diversos fins; atividades de dramatização; exposição de seminários e de trabalhos de pesquisa;
- c) **produção escrita, com diferentes graus de formalidade:** frases produzidas durante a exploração de algum tema em aula; diálogos criados entre diversos personagens fictícios, reproduzindo a oralidade; o relato desses diálogos em discurso indireto; narrativas mais ou menos breves, feitas a partir de temas livres ou indicados de acordo a diferentes circunstâncias; descrições de pessoas, objetos, lugares, etc.; roteiros de situações representáveis, produzidos pelos estudantes; preenchimento de agendas; textos publicitários fictícios; redação de trabalhos de pesquisa e de análise e interpretação de textos;
- c) **respostas a exercícios <sup>2</sup>:** de transformação; de substituição; de respostas induzidas; de preenchimento de lacunas; de conexão de frases para formar orações complexas, parágrafos e pequenos textos; de paráfrase; exercícios de tradução e de versão, literais e livres.

Um dado importante que levaremos em conta na menção das ocorrências e que será explicitado sempre que necessário é se elas apareceram antes ou após instrução formal específica sobre a categoria dos pronomes. Esse dado e a informação sobre o nível em que se encontrava o aluno que produziu uma dada construção nos permitiram ter uma certa visão desenvolvimental, longitudinal da interlíngua, ainda que não fosse esse nosso objetivo fundamental.

---

1 Trabalhamos com produção de alunos de primeiro a quarto ano do Curso de Letras da FFLCH/USP, optando por observar aqueles que não possuíam conhecimento prévio da língua ao ingressarem na carreira, o que significa, para o ensino do espanhol, a quase totalidade. Isso implicou, é claro, deixar fora inclusive aqueles alunos que, mesmo não tendo passado por um aprendizado formal do espanhol, tivessem tido com ele um contato familiar, por razões de parentesco. Quanto aos dados de falantes considerados proficientes, eles serão eventualmente utilizados para reforçar alguma tese que estivermos desenvolvendo.

2 Por tratar-se de uma produção por demais condicionada, só eventualmente, sempre explicitando, empregaremos esses dados ou os incluiremos nos percentuais que vamos oferecer de emprego de determinadas construções. De qualquer forma, foi interessante tê-los coletado, até para termos um ponto de referência a respeito de como operam determinadas regras em situações nas quais o seu emprego é mais ou menos forçado. Todas as vezes em que julgarmos a informação procedente explicitaremos também em que tipo de tarefa surgiu a ocorrência.

Evidentemente, as ocorrências foram mantidas, na etapa prévia à análise que vamos fazer delas aqui, no seu contexto. Dessa forma, pudemos relacioná-las às outras junto às quais elas apareciam<sup>3</sup>. Só esse procedimento nos permitiu extrair os percentuais de incidência das construções observadas na interlíngua dos alunos<sup>4</sup>. Apenas posteriormente, elas foram isoladas para que pudéssemos citá-las no trabalho, já que não era possível citá-las em seus contextos. Sendo o número de ocorrências coletadas, já isoladas de seu contexto, muito grande - 750, agrupadas, posteriormente, por tipos - não as transcreveremos na sua totalidade. Mencionaremos apenas alguns exemplos para cada tipo de construção encontrado.

Além das ocorrências que coletamos, que de alguma maneira refletem, no mínimo, variabilidade de intuições numa área da gramática, nos dedicamos a observar quais estruturas não apareciam ou raramente apareciam na interlíngua dos estudantes, fenômeno classificado por alguns pesquisadores como uma *estratégia de evitamento (avoidance)*, embora outros, como Kellerman (1983), não aceitem essa classificação, uma vez que ela supõe certa consciência de qual é a forma da L2, o que nem sempre ocorre. Assim, para nós, evitamento será praticamente sinônimo de não percepção ou de não compreensão de determinadas estruturas, que por isso mesmo não são incorporadas pelos aprendizes. Em síntese, o fenômeno do evitamento está associado, em nosso caso, à visão seletiva de aquisição que adotamos, seleção essa que, como vimos, ocorre no nível do *intake*. Esses dados - isto, é, aquilo que não aparece - terminam às vezes sendo tão reveladores quanto aqueles que aparecem de um modo concreto na interlíngua.

As observações que faremos e as conclusões a que chegaremos se apóiam, portanto, num tripé composto por uma análise contrastiva das duas línguas, numa

---

3 As atividades orais foram, em parte, gravadas para uma análise posterior e em parte transcritas. No caso da produção escrita, fizemos cópia dos trabalhos e exercícios entregues pelos alunos para posterior análise.

4 Cabe esclarecer que não estava entre nossos objetivos a princípio fazer uma análise quantitativa, análise essa que inicialmente pensamos que só caberia se tivéssemos optado por outra forma de coleta de dados e de controle e análise dos mesmos. No decorrer da análise do material coletado, entretanto, percebemos que seria importante apontar os percentuais de incidência dos fenômenos nesse *corpus*, já que eles nos pareciam extremamente reveladores. Evidentemente, essas quantificações poderão e deverão, talvez, ser confirmadas também por outras pesquisas, que planejem a coleta de dados de outra forma. Isso não invalida, no entanto, nossos resultados, que, segundo nos parece, revelam muito claramente as intuições mais freqüentes dos falantes do português brasileiro numa área específica da gramática do espanhol, área essa que passa, ou já passou, como já sabemos, por um processo de mudança na sua língua materna.

análise geral da performance dos estudantes e em outra, mais específica, de erros. Por outro lado, elas se fundamentam num modelo cognitivo de aquisição de L2, que aceita que a L1 tem um papel considerável nesse processo cognitivo.

Embora tenhamos optado pela forma de coleta de dados relatada aqui, na fase em que os estivemos coletando, decidimos testar - sempre durante as aulas normais e em situações com o menor grau de formalidade possível - certas intuições dos estudantes, tanto sobre estruturas da língua estrangeira quanto sobre estruturas da língua materna. Tais testes foram: de compreensão, uma vez que as análises de performance e de erros não revelam necessariamente a boa ou má compreensão ou mesmo a incompreensão de certas construções; de julgamento de gramaticalidade e/ou aceitabilidade de determinadas construções; e de percepção da variável, isto é, do efeito sociolingüístico, ou mesmo estilístico, de certas construções.

Testes semelhantes foram feitos com falantes nativos do espanhol, de distintas procedências, e com professores de espanhol L2, tanto nativos quanto não-nativos. O objetivo desses últimos foi o de manter um certo controle sobre nossas próprias interpretações, mas eles terminaram sendo também muito reveladores a respeito de um certo grau de variabilidade de intuições mesmo entre falantes altamente proficientes e nativos. Comentaremos isso sempre que julgarmos oportuno. A esse último grupo foram, então, apresentadas construções que admitem uma certa variação dentro da própria gramática espanhola, algumas delas não incorporadas ainda às normas habitualmente apresentadas nos manuais, outras dependentes de preferências regionais. Também lhes foram apresentadas algumas das construções produzidas pelos estudantes, sobre cuja gramaticalidade ou aceitabilidade tiveram que opinar, sem recorrer a gramáticas.

Pois bem, queremos mostrar agora, mediante a análise das ocorrências por nós levantadas, que a transferência estrutural existe, que o empréstimo pode ocorrer e ocorre de fato, que a persistência dos erros e a fossilização não são frutos do olhar "hipercorretivo" do professor. Mas queremos mostrar sobretudo que a transferência, a influência da língua materna ou, mais ainda, a experiência de aquisição da língua materna é um processo que vai - ou mesmo que está - além da incorporação dos empréstimos na interlíngua. A nosso ver, ela opera de um modo muito mais forte no processo cognitivo - no nível do *intake*, à maneira de um filtro ou de um processador que capta parte do *input* e descarta o que não parece ser relevante ou o que não é

compreendido. A incorporação de empréstimos da L1 na interlíngua, neste cenário, é apenas uma mínima parte dos efeitos, muito mais difusos e complicados, dessa influência, que pode conduzir a graves distorções. É isso que julgamos que nossos dados revelam.

## 2. O que buscamos nos dados

Assumimos desde o princípio a hipótese de que um feixe de propriedades - um "nó estrutural", como dizíamos na introdução - do português brasileiro teria efeitos variados e difusos sobre a interlíngua de aprendizes do espanhol. Assim, cabe agora provar que isso de fato ocorre, interpretando as ocorrências selecionadas à luz desses fatos presentes em nossa língua. Procuraremos, então, detectar quais fenômenos aproximam a gramática não-nativa da gramática do português brasileiro e confirmam a sua influência nesse processo de aquisição do espanhol, ou por outra, quais fenômenos se explicam a partir do fato de que esses estudantes já passaram pela aquisição do português brasileiro, mesmo que o resultado na interlíngua não aproxime a gramática não-nativa da gramática da L1. Entretanto, levando em conta também que a interlíngua é um sistema aproximativo pelo qual os aprendizes vão formulando hipóteses sobre a língua alvo, procuraremos observar também que fatos aproximam sua gramática da gramática da língua que está sendo adquirida. Por fim, trataremos de observar, nessa tentativa de aproximação da língua alvo, às vezes forçada pelo ensino, que distorções ocorrem na gramática não-nativa.

### 3. O que os dados revelam <sup>5</sup>

#### 3.1. Sujeito pronominal pleno vs. sujeito nulo <sup>6</sup>

Embora - como já dissemos - nosso estudo não tivesse a princípio a intenção de ser quantitativo e preferíssemos trabalhar simplesmente por amostragem, até mesmo um olhar ingênuo pode observar nas ocorrências selecionadas um alto índice de preenchimento do sujeito pronominal. Isso é significativo quando se trabalha com um caso de variação translingüística, como parece ser - até o momento, ao menos - o que ocorre entre português brasileiro e espanhol na aplicação do Parâmetro do Sujeito Nulo. Lembremos que Kato (1987) insiste em que a variação translingüística deve ser estudada não apenas em função da ocorrência qualitativa de um fenômeno, mas também de sua ocorrência quantitativa. Assim, se aceitarmos a hipótese da existência de uma variabilidade e de um certo grau de opcionalidade nas duas línguas que estamos observando no que diz respeito a preenchimento vs. não preenchimento do sujeito, a quantificação pode revelar como os falantes dessas línguas lidam com essa opcionalidade e quais são as tendências predominantes em cada uma. No nosso caso, ela pode revelar como interpretam essa opcionalidade os falantes do português brasileiro que aprendem o espanhol como língua estrangeira.

Pois bem, em função disso, pareceu-nos relevante estabelecer percentuais de preenchimento e não preenchimento de sujeito na mostra de interlíngua focalizada - ao lado, é claro, de uma observação dos fatores condicionantes da adoção de uma ou de outra solução - para verificar quando e quanto as hipóteses dos aprendizes aproximam a sua gramática não-nativa da gramática da sua língua materna e quando e quanto elas a aproximam da língua alvo.

Descontamos deste cômputo todos os casos em que o sujeito não costuma aparecer nunca no espanhol, e em geral tampouco no português, isto é, os verbos impessoais, certos bordões e frases estereotipadas do tipo *es decir, quiere decir*, certos infinitivos e gerúndios subordinados a outros verbos <sup>7</sup>, e mesmo imperativos

<sup>5</sup> Esclarecemos de antemão que as construções que vamos apresentar aqui podem apresentar alguns outros problemas que não o focalizado no momento. Entretanto, não comentaremos todos eles, a não ser que interfiram na compreensão.

<sup>6</sup> Apenas para distingui-los visualmente, decidimos marcar, nesta parte do trabalho, os sujeitos nulos com *Ø* e os clíticos nulos com *(e)*.

<sup>7</sup> Não estão entre esses casos, evidentemente, aqueles em que uma construção sem clítico no português brasileiro pode condicionar o aparecimento de um pronome tônico que termina por funcionar como

8. Descontamos também as ocorrências de indeterminação do sujeito com verbo em terceira pessoa do plural, mesmo porque ficou claro não tratar-se de um caso problemático. Entretanto, preferimos não excluir das ocorrências os verbos que aparecem em orações subordinadas com sujeito coincidente com o da principal, contexto no qual Barrenechea & Alonso (1977) consideram que o sujeito pronominal não costuma aparecer nunca no espanhol. Pareceu-nos importante, por isso mesmo, verificar qual é o comportamento dessas construções na interlíngua. Pelas mesmas razões, tampouco excluímos dos dados as coordenações com sujeitos correferentes, tal como faz Duarte (1993) ao analisar o português brasileiro.

Efetuados todos esses descontos, o índice de preenchimento alcançado, não computados ainda os fatores condicionantes nem a adequação ou não da solução adotada, atinge a cifra de 69.6%. Se ainda excluirmos das ocorrências computadas as frases produzidas em exercícios mais dirigidos, nos quais já se dão certas pistas para a construção (que nem por isso é sempre correta), e computarmos apenas as frases propriamente produzidas pelos estudantes, tanto na oralidade quanto na escrita, esse índice sobe para 80%. Esses números, entretanto, correspondem aos índices de preenchimento em termos absolutos. Cruzemos agora esses dados com certos fatores que podem atuar como condicionantes do preenchimento.

### 3.1.1. Opcionalidade vs. obrigatoriedade

A gramática tradicional espanhola considera que o aparecimento do sujeito pronominal é opcional diante de qualquer forma verbal que não apresente sujeito expresso, não havendo outras restrições para esse aparecimento além das estilísticas. Isso, é claro, não corresponde, ao menos em termos absolutos, à verdade, conforme provam os diferentes trabalhos citados, que mostram alterações fundamentais no sentido - percebidas por qualquer falante nativo - em casos que poderiam ser considerados de preenchimento optativo. Aceitemos, entretanto, como hipótese, essa

---

sujeito da forma nominal do verbo, como em "*Pedi para ele fazer isso.*", que no espanhol seria "*Le pedí que hiciera eso.*" e não "*\*Pedi para él hacer eso.*", construção que, como veremos, apresenta problemas na interlíngua.

8 Convém esclarecer que o aparecimento do imperativo, em nosso corpus, foi bastante baixo. Como, entretanto, ele não foi obtido a partir de testes programados, fica difícil determinar a causa dessa baixa incidência de construções com imperativos.

opcionalidade que, também em tese ao menos, vale para o português, e vejamos como ela opera na interlíngua dos estudantes brasileiros de espanhol.

### 3.1.1.1. Preenchimento em contextos de suposta opcionalidade

Das ocorrências coletadas por nós, **84.8% preenchem os requisitos necessários para serem consideradas contextos de preenchimento optativo**, nos quais o pronome sujeito é uma variante livre, tal como o define a gramática normativa tradicional. Nesses casos, **o índice de preenchimento na interlíngua é de 77.5%**.

O percentual de preenchimento obtido em contextos de suposta opcionalidade nos parece de extrema importância, uma vez que marca claramente uma preferência por essa estratégia, que a nosso ver tem relação com uma tendência equivalente na língua materna, apontada pelos vários estudos consultados, já que as pesquisas indicavam para o espanhol um baixo índice de preenchimento nesses casos.

Considerando-se o total dos casos ditos optativos em que a estratégia escolhida foi a do preenchimento, pode-se observar que **64.2% deles não comporta nenhuma ambigüidade morfológica** que justifique o uso do pronome, isto é, as formas verbais envolvidas valem apenas para uma pessoa, como em (1.a, b e c), o que reforça a hipótese de uma preferência pelo preenchimento, mais compatível com uma tendência da L1 do que com o que as pesquisas indicam para a L2:

(1)

(a) *Mas la vida es así, 0 cambia mucho y hoy yo hago cosas muy diferentes y 0 aprecio ellas también.*

(b) *Si tú sabes algo, tú debes decirme, si no yo voy a pensar que tú no eres mi amigo.*

(c) Professor - *¿Y qué le has dicho?*

Aluno - *Yo (e) he dicho que 0 siga.*

Note-se que em (1.a) o não preenchimento dos sujeitos correferentes das coordenadas é compatível com a estratégia detectada por Duarte (1993) no português brasileiro, que coincide com uma estratégia do espanhol; a forma verbal *hago*, no entanto, não comporta nenhum tipo de ambigüidade que justifique o aparecimento do sujeito pronominal, assim como não comporta ambigüidade a forma verbal *he dicho*, de (1.c). Em (1.b), o sujeito da principal e das subordinadas é coincidente, o que,

segundo Barrenechea & Alonso (1977), tornaria desnecessária e improvável a sua repetição.

Em 35.8% desses casos, as formas verbais comportam alguma ambigüidade morfológica que, no entanto, pode ser resolvida pelo contexto, como em (2.a, b e c). O fato de essas ocorrências serem em número menor do que o daquelas em que não há nenhuma ambigüidade também é significativo, já que indica que a forma preenchida é a preferida, não importando de fato que esse preenchimento seja mais ou menos necessário para a compreensão:

(2)

(a) *Aunque yo quisiera, yo no puedo olvidarte.*

(b) *María quería ver a Antonio. Entonces ella (e) pidió a Juana que 0 dijera para él pasar.*

(c) Aluno 1 - *Juan se divierte. Él da un paseo todas las tardes.*

Aluno 2 - *Pues él (e) dará, pero 0 no le sirve de nada.*

Em (2.a), a ambigüidade de *quisiera*, que também é a forma da terceira pessoa, resolve-se em *puedo* (1ª pessoa), dispensando o uso dos pronomes. Além disso, trata-se de um caso de subordinada com sujeito coincidente com o da principal. Em (2.b), o pronome sujeito *ella* é dispensável, uma vez que não houve mudança do papel temático do sujeito *María* nesta oração, além de ser desnecessária e incorreta a presença de *él* como sujeito do infinitivo, construção que claramente ocorre aí em substituição à adequada, com clítico e sem sujeito pronominal: ...*que le dijera [a Antonio] que pasase*<sup>9</sup>. Em (2.c), a ambigüidade das formas verbais *da* e *dará*, próprias também para a segunda pessoa (*usted*), se resolve com o sujeito expresso da primeira oração, com o qual o contexto não deixa dúvidas de que os dos outros dois verbos são correferentes.

A tendência aponta também que as eventuais alterações de sentido provocadas pela adoção de uma forma ou de outra na L2 ou não são suficientemente salientes no *input*, e por isso não conduzem à discriminação, ou não estão sendo devidamente

<sup>9</sup> Neste caso, não apenas fica clara a transferência de uma estrutura da L1, como também fica clara a correlação entre os vários fenômenos apontados no português brasileiro. Aqui fica, a nosso ver, patente uma correlação entre a perda dos clíticos, a regra de superficialização do caso dativo e o seu funcionamento como sujeito do infinitivo. Como vemos, os fenômenos de interlíngua podem ser reveladores também sobre tendências da língua nativa dos aprendizes.

processadas pelos aprendizes pelo fato de que elas não coincidem com as intuições a respeito de sua L1. Em muitas das formas produzidas, a opção pelo sujeito pleno tem conseqüências importantes para o sentido, das quais, no entanto, os aprendizes que as produziram raramente têm consciência, conforme provaram os testes feitos com eles, como em:

(3)

(a) *Ø (e) Explicó para la muchacha que él no podría ayudarla.*

(b) *Yo tuve que enseñarle algunos juegos para que ella convenciera él y...*

Em (3.a), sem um reforço do contexto que esclareça a correferência do pronome *él* com o sujeito da principal, cabe uma interpretação não correferencial, além de que a presença do pronome *él* na oração subordinada pode forçar uma interpretação contrastiva: *él*, por oposição a *otros*. Em (3.b), a presença do pronome *yo* - morfológicamente dispensável, já que *tuve* é forma exclusiva de primeira pessoa - confere à construção um sentido enfático, e sua coexistência com o sujeito *ella* pode forçar uma interpretação contrastiva que desaparece se aquele for omitido.

Em 62.3% desses casos ditos de preenchimento optativo, a presença do pronome possibilitaria, como vimos, quando não forçaria, uma interpretação contrastiva ou enfática, como em (4.a, b, c e d), o que prova que preenchimento vs. não preenchimento não são opções meramente estilísticas, mas escolhas que podem afetar o sentido. Porém, tanto os contextos em que as frases aparecem, nos quais em geral não há nenhum indício de que se esteja objetivando a ênfase ou o contraste, quanto testes de percepção aplicados mostram que os estudantes que produziram essas construções, bem como outros que as ouviram, raramente tiveram consciência disso, o que reforça que a estratégia não foi adotada de acordo com um critério proveniente da língua alvo a fim de se obter um determinado efeito de sentido:

(4)

(a) *Los ladrones se entregan, pero ellos llevan el dinero debajo de la ropa.*

(b) *Nosotros (e) pasamos muy bien.*

(c) *Ya está todo bien y nosotros vamos a desactivar la bomba - dice uno de los secuestradores.*

(d) *Ø Dijo que él iba a me llamar.*

Em (4.a), a presença do sujeito *ellos* na coordenada abre espaço para uma interpretação não correferencial, contrastiva portanto, não confirmada no contexto em que a oração ocorre, no qual *ellos* quer referir-se a *los ladrones*. Em (4.b), é possível estabelecer uma oposição entre *nosotros* e *todos los demás*, interpretação que não cabe, entretanto, no contexto em que a frase aparece. Em (4.c), poderíamos interpretar esse *nosotros* como *nosotros mismos y no otros*, não sendo esse, no entanto, o sentido pretendido no contexto. Em (4.d), *él* também se opõe a qualquer outra pessoa possível, sem que esse fosse o sentido pretendido; outra interpretação possível, da qual o teste de percepção provou não haver consciência, é a de um *él* não correferencial com o sujeito de *dijo*.

Em apenas 8% desses casos o uso contrastivo ou enfático foi claramente consciente e proposital, como em:

(5)

(a) Professor - *Pero quiero detalles*

Aluno - *Yo también (e) quería.*

(b) Professor - *Australia es un continente en continuo progreso.*

Aluno - *Si tú (e) dices, Ø será eso, pero Ø no me interesa para nada.*

Como já apontamos anteriormente, muitos casos tratados pela gramática como variantes livres na verdade não o são. Em alguns, a solução menos adequada na L2, de acordo com os efeitos de sentido pretendidos, que ou o contexto ou os testes esclarecem, seria a do preenchimento. O percentual de escolha dessa solução menos adequada encontrado na interlíngua foi de 55%, índice também altamente significativo. Em todas essas ocorrências, das quais são exemplos (6.a, b, c e d), o preenchimento é, de fato, no mínimo desaconselhável, já que incompatível com as tendências de uso apontadas para o espanhol pelas diversas pesquisas, tendências essas sem dúvida, presentes no *input* oferecido aos estudantes:

(6)

- (a) *Juan, yo voy a ver (e) mañana, pero Ana yo sólo voy a ver (e) el domingo. (A Juan, lo voy a ver mañana, pero a Ana, sólo la voy a ver el domingo.)*
- (b) *El personaje (...), aunque Ø (e) hubiera casado, él no se casó. (...), aunque se hubiera casado, no se casó.)*
- (c) *Él lo formula en el presente y entonces él vuélvese al pretérito... (Él lo formula en el presente y entonces vuelve al pretérito...)*
- (d) *Ø No sé si yo (e) caso o si yo (e) compro una bicicleta. (No sé si me caso o si me compro una bicicleta.)*

Em (6.a) e (6.b), estamos claramente diante de construções topicalizadas típicas do português brasileiro. A primeira, sem o clítico correferencial ao objeto direto [+*Definido*] topicalizado. A segunda, com um pronome cópia em função de sujeito, correferencial ao tópico. Em (6.c), não há ambigüidade morfológica que justifique o aparecimento do segundo pronome sujeito; trata-se, ademais, de estruturas coordenadas, que sequer no português habitualmente exigiriam a repetição do sujeito. Em (6.d), as formas verbais permitem prescindir dos dois sujeitos pronominais.

Entre os casos supostamente opcionais, encontramos também aqueles em que a solução mais adequada, isto é, esperada ou recomendável, seria a do preenchimento, que coincidiu com a adotada pelos estudantes. Tais casos correspondem, no entanto a apenas 23% do total das ocorrências. Nessas construções, os aprendizes parecem, em geral, seguir regras válidas para as duas línguas, como a mencionada por Duarte (1993) para casos de referentes fortemente esperados. Segundo a autora, lembremos, o que faz com que um referente seja fortemente esperado é o fato de ele ser sujeito de uma predicação: *TEMA*. Uma barreira entre o pronome e o *TEMA* rompe a necessária adjacência sintática e força o uso do pronome pleno. São exemplos disso:

(7)

- (a) *El otro día yo vi a Esteban y le conté algo que él no sabía, pero Ø (e) sospechaba, y eso le sorprendió. (...pero lo sospechaba...)*
- (b) *Yo quería una muñeca. Ø (e) Pedí una a mi madre. Pero ella no podía darme (e). Entonces Ø (e) (e) pedí a Papá Noel. (...Le pedí una a mi madre. Pero ella no podía dármela. Entonces se la pedí a Papá Noel.)*
- (c) *Entrega (e) a Berta el paquete de revistas que está sobre la mesa, pues ella (e) necesita hoy mismo. (Entrégale..., pues ella lo necesita...)*

### 3.1.1.2. Não preenchimento em contextos de suposta opcionalidade

O índice de não preenchimento nos casos de suposta opcionalidade foi, como se deduz, muito baixo: 22.5%. Entretanto, entre as ocorrências não foi encontrado nenhum caso de não preenchimento que pudesse ser considerado propriamente um erro de construção. Isso faz pensar que obedecem a regras consideradas universais ou ao menos válidas para as duas línguas, tais como a do não preenchimento em coordenações com sujeitos correferentes, mencionada por Duarte (1993), como em (8.a e b), e a do não preenchimento em subordinadas com sujeito coincidente com o da principal, mencionada por Barrenechea & Alonso (1977), como em (9.a e b):

(8)

(a) *Yo quería ver el libro, pero 0 no (e) vi.*

(b) *Ellos querían entrar en Cuba y 0 no podían.*

(9)

(a) *Él sabe que 0 debe ir (...)*

(b) *Enrique se decepcionó mucho porque 0 no pudo obtener el empleo.*

Ainda assim, a aplicação dessas regras na interlíngua não é absoluta e podemos encontrar na mostra exemplos em que elas não são seguidas e o sujeito é preenchido, como em:

(10)

(a) *Él nada me dijo. Y él sabía de todo.*

(b) *La señora dijo que 0 no podía recibirlos y entonces ella cerró la puerta.*

(c) *Ella siempre cree que ella (e) sabe todo.*

(d) *Si tú sabes algo, tú debes decírmelo,...*

(e) *Él dice que 0 no entiende nada de coches. Él no se siente bien cuando alguien habla mal de los taxistas porque él ha encontrado más taxistas simpáticos que vulgares.*

Entre os casos de não preenchimento, encontramos algumas poucas construções com o verbo *decir* passíveis de serem interpretadas como de uso de categoria vazia

com sentido indeterminado, não válidas para o espanhol, ao menos para o estandar, conforme vimos. Não consideramos esses casos como um erro na utilização do sujeito nulo, mas sim como um erro no plano do sentido que se quer obter com essas construções. Aqui claramente se adota uma hipótese da L1 para a interpretação da categoria vazia na L2.

A frequência de aparecimento dessas construções na interlíngua é, no entanto, muito baixa para que se possa considerar que seja uma característica com forte probabilidade de transferência e uma hipótese forte da gramática não-nativa. Ao que tudo indica, pode tratar-se, pelo seu caráter esporádico, de um fenômeno de empréstimo, nos termos de Corder (1983). Mas ainda é possível interpretar esses fatos dentro de um outro fenômeno, que analisaremos posteriormente, que é o de apagamento de clíticos, neste caso do *se*. Citamos aqui dois exemplos dessas construções. O primeiro deles foi encontrado em tarefa de redação de aluno de segundo semestre e o segundo em redação de aluno de sétimo semestre, o que mostra que se sua frequência não é muito grande, a sua incidência na gramática da interlíngua não se dá exclusivamente nas etapas iniciais:

(11)

(a) *Yo quería ir a la piscina, pero como 0 dice que hoy va a llover entonces 0 voy a quedarme en casa.* (as opções possíveis são:...*se dice/dicen...*)

(b) *0 Dice que ese profesor es muy nervioso pero yo no (e) creo.* (as opções possíveis são:...*se dice/dicen...*)

Em ambas as construções, o espanhol estandar trataria de recuperar a referência da categoria vazia no discurso ou na situação <sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Além desses, encontramos vários casos em que o verbo *tener* substitui o verbo *haber* em construções impessoais, tal como ocorre no português brasileiro, embora esse não seja o contexto mais importante em que *tener* substitui *haber* na interlíngua dos estudantes de espanhol, que com maior frequência usam *tener* como auxiliar da conjugação perifrástica. Essas substituições de *tener* por *haber* na interlíngua de estudantes de espanhol mereceriam estudos mais aprofundados que levassem em conta a evolução desses verbos no português brasileiro. Sendo um fenômeno que provavelmente envolve o léxico, é muito provável que se trate de um empréstimo da língua materna, ainda que sua frequência na mostra e o seu aparecimento na interlíngua de aprendizes de todos os níveis indique uma incorporação à gramática não-nativa: *0 Tiene que abrir la puerta*. Nesse caso também a referência da categoria vazia teria de ser recuperada no discurso, já que um falante nativo não a interpretaria como uma marca de impessoalidade.

### 3.1.1.3. Casos de preenchimento obrigatório

São muito poucos os casos considerados de preenchimento obrigatório que apareceram na mostra selecionada. Considerando-se o total de sujeitos (preenchidos ou não), o percentual desses casos é de 12.3%. Significativamente, quase todos eles foram corretamente solucionados na interlíngua. A julgar pelo que observamos até este momento, podemos supor que isso se deva a uma coincidência entre a hipótese predominante na gramática não-nativa - a do preenchimento - e determinadas regras da L2, o que se pode considerar um caso de transferência positiva. Mas esse preenchimento, inserido na tendência predominante apontada já na interlíngua, não pode ser considerado discriminatório. Ou seja, é difícil saber, neste quadro, se são, na verdade, as coerções textuais que explicam o preenchimento, ou se se trata de uma simples coincidência com a estratégia predominante. Os testes feitos apoiaram bastante essa hipótese, uma vez que os aprendizes em geral não revelaram ter claras as razões que os levaram a preencher tais sujeitos. Ainda assim, julgamos difícil dar uma resposta definitiva a este caso.

Classificamos como de preenchimento obrigatório os casos em que exista elipse de verbo, como em (12.a); em que seja necessário estabelecer contrastes entre pessoas, como em (12.b); aqueles em que há uma ambigüidade morfológica ou de outro tipo que não se soluciona no contexto, como em (12.c e d); e aqueles em que uma regra pragmática aconselha a menção do sujeito, em geral as formas de tratamento *usted*, como em (12.e), e *ustedes*, para diferenciá-las claramente do tratamento informal:

(12)

- (a) *Tú podrías ir, ya que tú tienes tiempo y yo no, porque yo prometí llevarle este paquete a Teresa hoy mismo.*
- (b) *Ella quiere eso, yo quiero otra cosa.*
- (c) *Enseguida Luisa saludó a Federico y 0 le habló de su interés y él le (e) agradeció.*
- (d) *El otro día yo vi a Esteban y le conté algo que él no sabía, pero 0 (e) sospechaba, y eso le sorprendió.*
- (e) *¿Qué hace usted aquí?*

Evidentemente, os conceitos de opcionalidade e obrigatoriedade mereceriam, sem dúvida, uma discussão mais cuidadosa. Como se pode ver, as regras de

obrigatoriedade obedecem a fatores os mais variados, nem sempre estritamente gramaticais, que teriam exigido um olhar mais detido. Por outro lado, entre essas "regras", estão algumas das coerções discursivas que forçam o aparecimento do sujeito pleno, como a descontinuidade - discursiva, sintática, pragmática e narrativa na hipótese de Manoliu (s/data) - que vem a ser uma ampliação do que habitualmente se entende por contraste.

Assim, se verificarmos os fatores que regem a ocorrência de um sujeito pronominal na hipótese de Manoliu (s/data) - a autora não fala em obrigatoriedade -, veremos que alguns dos nossos exemplos preenchem essas condições: mudança na função sintática - de objeto a sujeito - tal como ocorre em (12.c e d); mudança no papel temático, que, parece-nos, ocorre em (12.d); mudança na função narrativa da personagem, o que só é possível estabelecer em seqüências mais longas; e introdução de uma distância pragmática, o que nos parece ocorrer em (12.e).

Coincidência ou não com regras mais ou menos gerais de preenchimento do sujeito, o fato é que esse é o aspecto menos problemático na interlíngua analisada.

#### **3.1.1.4. Uma área de permeabilidade**

Diante de tudo o que foi dito, cabe uma pergunta: a presença de tais fenômenos na interlíngua dos estudantes é indício de uma área de permeabilidade em sua gramática não nativa ou simplesmente representa uma etapa evolutiva dentro de seu processo de aquisição?

Em primeiro lugar, levando-se em consideração os índices de preenchimento encontrados e, portanto, o grau de incidência do fenômeno em tarefas de todo tipo - da fala mais informal à escrita mais formal - é difícil julgar que se trata meramente de uma etapa de interlíngua ou mesmo de um fenômeno de empréstimo por pressões do processo de comunicação. Além disso, comparando-se a produção de alunos de diferentes estágios - do mais elementar ao mais avançado - a variação no que diz respeito aos índices de preenchimento vs. não preenchimento do sujeito em contextos ditos opcionais foi muito baixa. Em todos os casos predomina o preenchimento e as diferenças não chegaram a ser significativas a ponto de se poder pensar que essa seja apenas uma estratégia das etapas iniciais da aprendizagem. Ao contrário, encontramos altos índices de preenchimento em trabalhos escritos, de caráter bastante formal, de alunos de oitavo semestre, que não apenas foram bastante expostos a *input*

adequado, como também foram certamente alertados para não abusarem de sujeitos pronominais e corrigidos ao longo de todo o curso. Além disso, estudaram sistematicamente o tema, inclusive numa perspectiva contrastiva com o português. Tudo isso parece corroborar uma hipótese fortemente defendida por alguns autores de que nem a correção nem a instrução formal conduzem à aquisição.

Ao que tudo indica, portanto, estamos diante de um fenômeno típico de fossilização, já que a gramática não nativa parece resistir a uma transformação na direção da língua alvo. São exemplos disso as seguintes construções:

(13)

- (a) (...) *si él empezó a buscar empleo, O significa que él siguió haciendo eso.* (construção encontrada em trabalho de análise de texto literário de aluno de sétimo semestre)
- (b) *Él lo formula en el presente y entonces él vuélvese al pretérito...* (exemplo extraído de um bom trabalho de aproveitamento de aluno do sétimo semestre sobre análise dos tempos verbais num texto)
- (c) *Él dice que no entiende nada de coches. Él no se siente bien cuando alguien habla mal de los taxistas porque él ha encontrado más taxistas simpáticos que vulgares.* (exemplo extraído de trabalho de análise de texto de aluno de oitavo semestre)
- (d) *Son utilizados verbos en el pretérito. Ellos sirven para...* (exemplo extraído de um excelente trabalho de análise dos tempos verbais de um texto, feito por aluno de sétimo semestre)

Se somarmos a isso o fato de que vários falantes não nativos considerados altamente proficientes que atuam no ensino do espanhol como língua estrangeira, quando testados, apresentaram tanto um elevado grau de variabilidade nas suas intuições quanto, em muitos casos, não percepção do grau de marcação de determinadas construções com pronomes sujeito pleno, a existência da fossilização torna-se quase que indiscutível. Nos testes com nativos, entretanto, o "abuso" no emprego de sujeitos pronominais foi em geral assinalado.

Considerando-se, assim, os altos índices de preenchimento do sujeito em contextos de suposta opcionalidade - 77.5%, frente a 22.5% de não preenchimento - bem como o preenchimento quase categórico em contexto de obrigatoriedade; considerando-se a falta de percepção dos valores enfáticos ou contrastivos que o pronome pleno pode acrescentar às construções, que têm, por isso, um caráter

altamente marcado no espanhol; considerando-se também a incidência do fenômeno nas diferentes etapas da interlíngua e na fala de indivíduos altamente proficientes, podemos afirmar que esta é uma área da gramática não-nativa altamente permeável.

Lembremos que Liceras (1985) associa o alto grau de permeabilidade das gramáticas não-nativas a uma combinação de três fatores: a falta de exposição aos dados fundamentais que poderiam fornecer evidências para uma regra ou parâmetro particular; os problemas de marcação de determinadas construções, que podem ter um papel no nível do *intake*, isto é, que podem não ser adequadamente processadas e até mesmo filtradas; e o domínio de um sistema completo de conhecimento - a língua nativa e, eventualmente, outras - conhecimento esse que de algum modo dirigirá as escolhas dos aprendizes.

Neste caso, a L1 parece dirigir os aprendizes a uma não percepção das restrições no uso do sujeito pronominal pleno no espanhol e do grau de marcação das estruturas em que ele aparece. Isso, por sua vez, acaba conduzindo a uma tendência à marcação negativa do Parâmetro do Sujeito Nulo, compatível com a mudança que parece estar se processando na língua materna dos estudantes. E numa gramática em que os sujeitos pronominais são predominantemente plenos, a diluição dos valores marcados é praticamente inevitável.

Os estudos variacionistas apontam para o português brasileiro um certo grau de concomitância das estratégias de preenchimento e não preenchimento, embora o uso do sujeito vazio esteja se perdendo cada vez mais em todos os contextos, inclusive na escrita. Na fala, a preferência pelo preenchimento é quase categórica, o que leva a pensar que seja essa a gramática que esteja operando na filtragem dos valores marcados das construções com sujeito pronominal pleno da L2. Podemos supor também, tal como já foi provado para outras áreas que sofreram mudança no português brasileiro, que as construções com sujeito vazio sejam incorporadas não propriamente no processo de aquisição, mas posteriormente, por aprendizagem escolar. Tais construções, por outro lado, têm um alto grau de marcação, o que representa, na aquisição do espanhol, um ter que se virar do avesso, uma vez que a marcação, naquela língua, está exatamente na outra possibilidade.

Se aquisição e mudança estão, como vimos, tão associadas, se não são pressões externas que levam o aprendiz a associar o *input* a uma ou outra gramática, mas um mecanismo avaliativo interno de adequação (*fitness metric*), como afirmam Clark &

Roberts (1992), e se a existência de um certo grau de opcionalidade na L2 não conduz à discriminação, tudo leva a crer que estamos diante de um claro fenômeno de transferência, que vai muito além de um mero caso de empréstimo.

### 3.1.2. Os sujeitos pronominais e o traço [+/-*Humano*] <sup>11</sup>

#### 3.1.2.1. O traço [-*Humano*]

Lembremos que o uso de pronomes pessoais de terceira pessoa para a menção de sujeitos não humanos é desaconselhado pela gramática espanhola e que, além disso, as pesquisas indicam que o percentual de aparecimento desse tipo de sujeitos é baixo em mais de uma mostra analisada <sup>12</sup>.

O índice de sujeitos pronominais com o traço [-*Humano*] em nosso corpus, como o de (14.a), foi relativamente baixo (26%) <sup>13</sup>. Um dado curioso, no entanto, é que a presença de sujeitos pronominais não humanos mostrou-se mais forte na escrita formal (redações e trabalhos de aproveitamento), de alunos de níveis mais avançados portanto, como em (14.b, c, d, e), todas construções de alunos de sétimo e oitavo semestres:

(14)

(a) *Avisaron que había una bomba y que ella se explotaría si... (...una bomba que explotaría...; una bomba y que ésta explotaría...)*

(b) *Otro aspecto importante es saber apreciar los momentos de soledad; ellos pueden ser aprovechados para que uno haga una reflexión sobre su vida... (...éstos...;...uno los puede aprovechar...)*

11 Lembremos que alguns preferem falar em [+/-*Animado*]. Não vamos, entretanto, entrar nessa discussão, pois ela nos levaria para outras questões que já não têm espaço neste trabalho.

12 Enríquez (1984: 176-7) afirma que "...el comportamiento de todas las referencias a sujetos no-humanos es homogéneo en lo que respecta a la presencia pronominal y en ningún caso llega ésta al uno por ciento. Teniendo en cuenta que el análisis se basa ya en un número de datos suficientemente elevado (tres mil doscientos sesenta y cinco en total), parece que es necesario admitir que en estos casos la presencia del pronombre personal sujeto en la oración es, si no inexistente, si casi extraña en el español hablado en Madrid, con un porcentaje global de tan sólo un 0,15% de presencias pronominales." Como ilustração dessa tendência, a autora mostra, mais adiante, que um mesmo falante do espanhol considerará "estranha" a oração "La casa está sucia porque ella ha estado cerrada mucho tiempo.", enquanto "La casa está sucia porque ella ha estado encerrada mucho tiempo." lhe parecerá absolutamente normal, já que ele interpretará rapidamente que o sujeito ella de ha estado encerrada tem como referência a dona da casa ou qualquer outra mulher, e não a casa, sujeito não humano que não deveria ser mencionado, ao menos mediante um pronome pessoal.

13 Embora o percentual de emprego de pronomes pessoais do caso nominativo com esse traço cresça consideravelmente se contarmos os seus usos em função de objeto. Mas isso veremos depois.

- (c) *Son utilizados verbos en el pretérito. Ellos sirven para... (Éstos sirven...; Tales verbos...)*
- (d) *Aunque los enunciados se presentan de modo incomprensible en el plano referencial-denotativo, ellos pueden ser entendidos si pensamos... (...es posible entenderlos...; se los puede entender...)*
- (e) *La voz no puede ser asociada a colores. Ella puede ser asociada... (Se la puede asociar...; Sólo es posible asociarla...)*

De um modo geral, o alto grau de preenchimento do sujeito mediante pronomes pessoais mostra que lhe é dada uma posição de destaque na construção. A tendência subjacente parece ser a apontada por Kato (1987) para o português brasileiro: atribuir ao pronome reto um lugar fonologicamente saliente. Isso é particularmente evidente nessas construções com sujeito pronominal com traço [-*Humano*], nas quais o critério parece pesar até mesmo na escolha, em alguns casos, da passiva analítica, construção que põe o sujeito em evidência. Por outro lado, lembremos que isso também pode coincidir com o apontado por Negrão (1990) para o português brasileiro: privilegiar construções que possibilitam a explicitação da relevância informacional dos argumentos. Tal destaque, no espanhol, ficaria provavelmente a cargo de um demonstrativo. Mas como vemos, em (14.b, d, e), no espanhol provavelmente se optaria por outro tipo de construção, em que tal destaque se diluiria, construção essa que em alguns casos forçaria o aparecimento de clíticos, como: *se los puede aprovechar, se los puede entender, se la puede asociar*. Outra interpretação cabe, no entanto: a de que não se trata propriamente de atribuição de um lugar mais saliente ao sujeito, mas da generalização de uma regra, ou seja de uma tendência que se confirma, talvez a da construção SV.

### 3.1.2.2. O traço [+*Humano*] e os fatores morfossintáticos de *número* e *pessoa*

O índice de sujeitos pronominais com o traço [+*Humano*] foi bem alto (74%). Cruzando esse traço com os fatores morfossintáticos de *número* e *pessoa*, obtivemos um quadro que merece atenção, ainda que seja necessário levar em conta que as tarefas realizadas em sala de aula, mesmo as mais informais, sempre podem condicionar certos fatos, como o uso de uma determinada pessoa gramatical.

Em termos absolutos, a *pessoa* mais preenchida na mostra foi a terceira do singular (*él, ella*: 39.2%), como em (15.a e b), seguida da primeira do singular

(yo: 29.6%), como em (16), da segunda do singular, de tratamento informal (*tú*: 12.8%), como em (17), da terceira do plural (*ellos, ellas*: 8%), como em (18.a e b), da primeira do plural (*nosotros*: 4.8%), como em (19), da segunda do singular como tratamento formal, com verbo em terceira pessoa do singular (*usted*: 4%), como em (20), e da segunda do plural como forma de tratamento, na qual, na variante americana - a usada nas aulas pela professora - neutraliza-se o traço [+/-Formal], com verbo em terceira pessoa do plural (*ustedes*: 1.6%), como (21). O uso nas aulas, pela professora, dessa variante, na qual a forma *vosotros* não é empregada, pode explicar o não aparecimento desse tratamento na interlíngua dos alunos, a não ser quando se trata de exercícios extraídos de livros, que não estamos considerando neste caso. Entretanto, considerando-se que o tratamento aparece em materiais que compõem o *input* que é fornecido aos alunos, bem como o seu contato com outros professores que empregam essa forma de tratamento, é possível supor também que esteja sendo adotada uma estratégia facilitatória, pela qual se evita o que representa um alto esforço no processo de aprendizagem. Levando-se em conta que a terceira pessoa do plural no português brasileiro pode ter os dois valores (*vocês, os senhores*), é possível supor que o critério adotado proceda da L1. Passemos aos exemplos:

(15)

(a) *Si él tiene un viaje de negocios y deja de llamar un día, yo (e) imagino que él tuvo algún problema y no pudo llamar.*

(b) *Ella no es una buena novia. Creo que ella está me traicionando.*

(16) *Algunas personas me juzgan una chica antipática, pero yo no soy eso.*

(17) *Muy bien, tú sabes ser romántica y al mismo tiempo no se olvida de los otros. Tú puedes quedarse bien en todas las situaciones de la vida*<sup>14</sup>.

(18)

(a) *Los ladrones intentaron huir pero, no consiguiendo (e), ellos amenazaron matar a los rehenes.*

<sup>14</sup> Evidentemente, a construção apresenta problemas de concordância devidos à mistura entre as formas *tú* e *usted*, que neste momento, entretanto, não estão em foco.

(b) *Ellas no habían hecho lo que debían, entonces ellas merecían el castigo.*

(19) *Nosotros no podemos estar solos. Nosotros nacimos para vivir en sociedad...*

(20) *Usted simplemente no respetó las leyes de tránsito, ya que es obligatorio quedarse primero al lado del coche que (e) desea pasar. Usted no tiene razón. ¿Usted está de acuerdo?*

(21) *¿Qué ustedes quieren decir con eso* <sup>15</sup>?

Considerando-se, agora, separadamente, as menções de cada pessoa, os índices são os seguintes:

	Preenchimento (%)	Não preenchimento (%)
<i>él/ella</i>	74.6	25.4
<i>yo</i>	78.2	21.8
<i>tú</i>	88.8	11.2
<i>ellos/ellas</i>	73.3	26.7
<i>nosotros</i>	85.7	14.3
<i>usted</i>	75.0	25.0
<i>ustedes</i>	88.0	12.0

Levando-se em consideração os contextos em que as formas apareceram, a terceira pessoa, tanto a do singular quanto a do plural, teve maior incidência nas tarefas escritas, como em (22.a), e nos exercícios, como em (22.b), e apareceu bastante menos na fala, como em (22.c), o que, a nosso ver, é normal e está mais associado a questões pragmáticas. A segunda pessoa do singular, formal e informal, predominou na fala, como em (23.a), mas apareceu também nos exercícios e na escrita, sobretudo quando essa reproduz a oralidade, como em (23.b), o que também se explica por razões pragmáticas,; em alguns poucos casos ela foi usada como construção impessoal, como em (23.c). Quanto à segunda do plural (*ustedes*

<sup>15</sup> Lembremos que este é um caso de inversão obrigatória (*verb fronting*) no espanhol, que ocorre em função da atração que o elemento interrogativo exerce sobre o verbo. Para Torrego (1984), essa regra se aplica obrigatoriamente apenas a elementos interrogativos que sejam argumentos temáticos do verbo. Kato lembra também que a obrigatoriedade da regra de *V-Front* está ligada parametricamente à propriedade de haver um sistema produtivo de clíticos acusativos, o que, sabemos, distingue muito bem o espanhol do português.

formal/informal), só apareceu preenchida na fala, como em (24), mais uma vez explicando-se o fato por questões pragmáticas. A primeira pessoa, tanto do singular quanto do plural, foi a que apresentou uma distribuição mais equilibrada, aparecendo com índices muito próximos nos três tipos de produção - na escrita, como em (25.a), na fala, como em (25.b) e em exercícios, como em (25.c) -, o que nos parece significativo, pois aponta uma tendência que se mantém, em todos os contextos, com muito pouca variação. Vejamos os exemplos:

(22)

(a) *Los secuestradores tienen éxito. Ellos consiguen otro avión y vuelven a su país.*

(b) *Debemos llamar a Julio, porque Marta y Pablo lo esperan a las ocho y él no sabe que debe ir porque ellos tienen noticias importantes que él las espera desde hace tiempo.*

(c) Aluno 1 - *Tus amigos llegaron.*

Aluno 2 - *Pregunta (e) si ellos no quieren pasar.*

(23)

(a) Aluno 1 - *Me gustó mucho el vestido.*

Aluno 2 - *Entonces ¿por qué tú no (e) (e) compras?*

(b) *Entonces ella me dijo: - No sé por qué usted me dice eso.*

(c) *A veces tú piensas que todo va a salir bien y después no sale. Por eso es mejor no tener muchas expectativas.*

(24) - *0 Les voy a prestar un disco para que ustedes (e) escuchen.*

(25)

(a) *Los dos discutieron mucho tiempo, pero yo podría decir con seguridad que la culpable era la mujer, porque yo presencié toda la escena.*

(b) Professor - *¿Cómo lo sabes, si lo que ves es perfecto?*

Aluno - *Yo (e) sé, simplemente.*

(c) *Él dijo que me llamaba, pero aunque 0 me lo llame yo no voy.*

A título de uma brevíssima conclusão, vale a pena dizer que se o que apontavam pesquisas como a de Enríquez (1984) - e que é corroborado por outros autores - de

que quando um pronome pessoal sujeito aparece junto a uma forma pessoal do verbo é preciso supor pelo menos três traços - [+*Humano*], [+*Determinado*] ou, como preferem outros, [+*Definido*], e [+*Contraposição*] ou, como preferem outros, [+*Contraste*] - é de fato válido, não são claramente esses, a não ser quase por casualidade, os fatores que determinam o aparecimento do sujeito pronominal na interlíngua analisada.

### 3.1.3. A marcação do Parâmetro *Pro-Drop* ou do Sujeito Nulo

#### 3.1.3.1. A primeira pessoa e a marcação do Parâmetro *Pro-Drop* ou do Sujeito Nulo

Considerando-se os altos índices de preenchimento da primeira pessoa no português brasileiro constatados por Duarte (1993) - que levaram a autora a apontar que é nela em que a mudança para um sistema não *pro-drop* se encontra em estágio mais avançado -, ao lado dos baixíssimos índices apontados pelas pesquisas de Enríquez (1984) para o espanhol de Madri e de Barrenechea & Alonso (1977) para o espanhol do Prata, essa distribuição regular do pronome pleno de primeira pessoa parece ser uma das mais sintomáticas de que de fato a L1 - ou a experiência de aquisição da L1 - esteja exercendo um papel marcante na aquisição do espanhol como L2 por brasileiros adultos. Levando-se em conta os altos índices de preenchimento constatados até agora, tudo indica que encontramos na interlíngua uma forte tendência à marcação negativa desse parâmetro.

Se a aquisição depende de dados robustos e essa robustez é uma função de saliência e frequência, tal como propõe Lightfoot (1991), as evidências da opcionalidade na representação fonológica do sujeito e os valores marcados das construções com preenchimento evidentemente não são suficientemente robustas no *input* que os aprendizes recebem, o que é, de certa forma, estranho se pensamos que se trabalha todo o tempo com material autêntico e também que os estudantes observados estiveram em contato com vários professores nativos de língua espanhola. Isso reforça, no entanto, outra hipótese de Lightfoot (1991), a de que o processo de aquisição é seletivo, o que implica que esse *input* ainda é filtrado e processado por uma estrutura mental que já adquiriu uma língua materna na qual a marcação positiva do parâmetro em questão vem perdendo cada vez mais a sua força. Do ponto de vista

de Clark & Roberts (1992), poderíamos dizer que novamente está sendo aplicado, neste caso, o mecanismo avaliativo interno de adequação (*fitness metric*). Isso equivale mais ou menos ao que Sharwood Smith (1988a) considera, para a aquisição de língua estrangeira, como um *input* interno.

### 3.1.3.2. A ordem: SV/VS

Essa hipótese da marcação negativa do Parâmetro do Sujeito Nulo - ou *Pro-Drop* - deve, no entanto, ser corroborada por um outro fato ainda, associado à ordem dos constituintes.

Se aceitarmos com Kato (1987) que as duas propriedades que constituem o Parâmetro do Sujeito Nulo são, em última análise, a possibilidade do sujeito nulo e a inversão do sujeito, uma vez que todas as outras - construções impessoais com verbos de tempo e existência; sujeito agente indefinido nulo; passiva sem alçamento - se encaixam dentro delas, é forçoso verificarmos como opera na interlíngua observada a inversão livre. Lembremos que Kato (1987) apontava diferenças significativas nesse particular entre o português brasileiro, língua de ordem consideravelmente mais rígida, e o espanhol, língua de inversão mais livre.

Considerando-se a totalidade das ocorrências, o percentual de emprego da ordem SV é de 97.5%, contra 2.5% de emprego da ordem VS, o que já é significativo sem qualquer outra consideração. Entre esses casos em que a ordem escolhida foi SV, encontramos um percentual de 10.7% de construções nas quais a ordem VS teria sido possível e, às vezes, até esperada, como em:

(26)

(a) Professor - *¿Quién se lo va a llevar?*

Aluno - *Yo (e) (e) voy a llevar.* (na qual a intenção enfática com que a frase foi proferida pediria a ordem: *Se lo voy a llevar yo* <sup>16</sup>.)

(b) Professor - *Australia es un continente en continuo progreso.*

---

<sup>16</sup> Casos como este poderiam merecer um tratamento em termos de *tema* e *rema*. Entretanto, isso já nos levaria a outros caminhos que nos é impossível percorrer neste trabalho. Lembremos, porém, o que aponta Kato (1987) a respeito de que é quando o objeto é clítico - tal como seria na frase correta em espanhol - que as inversões, tanto livres quanto obrigatórias, ocorrem nessa língua, inversões que ocorrem mesmo com verbos de três argumentos, como neste caso. Podemos estabelecer, assim, uma interessante correlação entre pelo menos três fenômenos numa ocorrência como a que estamos analisando: preenchimento do sujeito - ordem SV - apagamento de clítico objeto. Essa mesma correlação nos parece que se aplica ao exemplo (26.b) e talvez ao (26.c).

Aluno - *Si tú (e) dices, O será eso, pero O no me interesa para nada.*

(na qual, pelas mesmas razões enfáticas, poderíamos esperar uma construção do tipo: *Si lo dices tú, ...*)

(c) *Dijo que él iba a me llamar.* (na qual, pelo sentido contrastivo possível, poderíamos esperar uma construção do tipo: *Dijo que iba a llamarme él.*)

(d) *...ya tiene conocimiento de cómo las cosas ocurrieron.* (tratando-se de uma subordinada interrogativa indireta, a inversão no espanhol é obrigatória para argumentos internos do verbo e livre, nos demais casos, embora seja fortemente esperada: *...de cómo ocurrieron las cosas.*)

(d) - *¿Qué ustedes van a hacer?* (na qual a ordem correta seria, como já vimos: *¿Qué van a hacer ustedes?*)

Consideramos uma prova de que a ordem VS é a que de fato corresponde à hipótese privilegiada na gramática dos aprendizes, além de constituir uma prova de que o sujeito possui um lugar de saliência na frase, o exemplo (27), no qual, em um trabalho de comentário de texto, um aluno de sétimo semestre parece ver-se obrigado a parafrasear uma frase aparecida no conto analisado - uma construção impessoal com *se* - como que para restaurar a ordem que supõe familiar ao seu leitor, transformando o que na frase original era um objeto em um sujeito <sup>17</sup>:

(27) *Él dice que "se podía esperar otro ascenso más", es decir, otro ascenso se podría ser esperado* <sup>18</sup>.

Entre as construções em que aparece a ordem VS, encontramos algumas que têm seu sentido afetado por essa opção, sem que o teste de percepção tenha revelado que houvesse consciência ou intenção de fazê-lo, como em:

(28) *En la época de la universidad iba yo a todas las fiestas con mis compañeros de curso.* (na qual o sentido contrastivo - *iba yo, no otro* - que essa inversão provoca não foi intencional, conforme provou o teste feito com o estudante que produziu a frase)

Encontramos no *corpus* raríssimos casos de passiva sem alçamento, sempre em contextos de maior formalidade, especialmente na escrita, como em:

<sup>17</sup> Esse parece ser o critério que determina outro resultado encontrado por nós no *corpus*: a predominância da passiva com *ser* sobre qualquer outra forma de passiva possível no espanhol.

<sup>18</sup> Curiosa construção de aluno de nível avançado, que procura manter o clítico, consciente de seu forte emprego no espanhol, fazendo, no entanto, uma espécie de superposição de duas construções diferentes.

(29) *Son utilizados verbos en el pretérito. Ellos sirven para...*

O maior índice de inversão ocorre nas intercaladas com verbos *dicendi*, como em (30.a e b), freqüentes também no português brasileiro, que Kato (1987) aponta como um caso especial de fronteamto de verbo, uma vez que o que se cita é normalmente o foco sentencial, mas encontramos na mostra também algumas construções ergativas e de verbos intransitivos muito comuns, como em (31.a, b, c e d). Há também alguns poucos casos de construção de antitópico, como em (32):

(30)

(a) *Por lo tanto, señora - (e) dijo ella - (...)*(b) *Yo (e) estoy poniendo un poquito de miel en la leche de él - (e) respondió él con una sonrisa.*

(31)

(a) *Finalmente, el lunes llegaron los muebles.*(b) *Cuando cumple años la esposa o novia, ...*(c) *Ayer me llamó Luis y me dijo que...*(d) *Se quedaron pocos amigos de aquel tiempo.*(32) *A veces es muy pesada para ellos, la literatura.*

As construções nas quais aparece a ordem VS são, como se vê, aquelas nas quais essa ordem seria absolutamente normal no português brasileiro. O seu raro aparecimento, ao lado de outros inúmeros casos nos quais essa ordem seria a esperada ou a necessária mas não ocorre, corrobora a hipótese de que de fato o Parâmetro do Sujeito Nulo não está devidamente fixado na gramática não-nativa desses alunos. Se a isso associarmos o alto índice de preenchimento do sujeito pronominal, nossa hipótese se reforça mais ainda. Por outro lado, se verificarmos que esse é o procedimento da língua materna, julgamos poder afirmar a existência de um processo de transferência, que vai muito além de uma estratégia de empréstimo por pressões do ato comunicativo, bem como não corresponde, como vimos, a uma simples etapa evolutiva da interlíngua. No entanto, ainda que aceitássemos a hipótese de que se trata apenas de uma etapa da interlíngua, os dados nos provaram que a resistência a uma mudança na direção da língua alvo é um fato e de que essa é uma área da gramática não-nativa fortemente candidata à fossilização.

### 3.1.3.2.1. S (sujeito pronominal) V: uma estratégia compensatória

Antecipando um pouco o que vamos analisar com mais detalhes na parte seguinte do trabalho, queremos assinalar um fato que chama a atenção em um grande número de construções que aparecem na mostra selecionada. Nelas, a presença do pronome pleno não obedece a nenhum dos critérios usados na L2 para o seu aparecimento. Nessas construções, muitas vezes falta um clítico que, de acordo com as regras da L2, deveria estar presente. O pronome sujeito - colocado no lugar em que ele aparece - parece ter nelas um efeito compensatório, servindo como muleta para compensar uma falta.

Isso parece valer para os seguintes casos já citados:

(1.c) Professor - *¿Y qué le has dicho?*

Aluno - *Yo (e) he dicho que 0 siga.*

(no qual a resposta esperada seria: *Le he dicho que siga.*)

(2.b) *María quería ver a Antonio. Entonces ella (e) pidió a Juana que 0 (e) dijera para él pasar.*

(no qual a forma esperada seria: (...) *Entonces le pidió a Juana que le dijera que pasase.*)

(2.c) Aluno 1 - *Juan se divierte. Él da un paseo todas las tardes.*

Aluno 2 - *Pues él (e) dará, pero 0 no le sirve de nada.*

(no qual deveríamos esperar: - *Pues lo dará...*)

(4.b) *Nosotros (e) pasamos muy bien.*

(que deveria ser: *Lo pasamos muy bien.*)

(5.b) Professor - *Australia es un continente en continuo progreso.*

Aluno - *Si tú (e) dices, 0 será eso, pero 0 no me interesa para nada.*

(no qual a presença do pronome não apenas compensa a ausência do clítico, mas também ocorre no lugar em que ele apareceria, forçando a ordem SV, em lugar de termos, como se esperaria: *Si lo dices tú...*)

(6.a) *Juan, yo voy a ver (e) mañana, pero Ana yo sólo voy a ver (e) el domingo.*

(construção com alçamento de objeto, que força a sua duplicação pelo clítico, e que portanto deveria ser *A Juan, lo voy a ver (...), pero a Ana, sólo la voy a ver...*)

(6.d) *No sé si yo (e) caso o si yo (e) compro una bicicleta.*

(no qual o pronome sujeito parece compensar a perda do reflexivo, que deixaria a construção: *No sé si me caso o si me compro una bicicleta.*)

(7.c) *Entrega (e) a Berta el paquete de revistas que está sobre la mesa, pues ella (e) necesita hoy mismo.*

(no qual deveríamos esperar: (...), *pues [ella] lo necesita hoy mismo.*)

(10.c) *Ella siempre cree que ella (e) sabe todo.*

(no qual deveríamos ter a duplicação do quantificador *todo*: (...) *que lo sabe todo.*)

(22.a) *Los secuestradores tienen éxito. Ellos consiguen otro avión y vuelven a su país.*

(no qual um dativo ético teria sido extremamente produtivo: (...). *Se consiguen otro avión...*)

(22.c) Aluno 1 - *Tus amigos llegaron.*

Aluno 2 - *Pregunta (e) si ellos quieren pasar.*

(no qual o clítico objeto indireto seria imprescindível: *Pregúntales si no quieren pasar.*)

(23.a) Aluno 1 - *Me gustó mucho el vestido.*

Aluno 2 - *Entonces ¿por qué tú no (e) (e) compras?*

(no qual a resposta esperada seria: *Entonces ¿por qué no te lo compras?*)

(25.b) - *Yo (e) sé, simplemente.*

(no qual a resposta deveria ser: *Lo sé, simplemente.*)

(26.a) Professor - *¿Quién se lo va a llevar?*

Aluno - *Yo (e) (e) voy a llevar.*

(no qual a resposta esperada seria, como dissemos: *Se lo voy a llevar yo*)

Como esses, encontramos uma infinidade de exemplos na mostra que reforçam essa hipótese de uma correlação entre a presença do pronome sujeito - no lugar em que ele aparece - e a ausência dos clíticos, e que configuram na gramática da

interlíngua um tipo de assimetria mais compatível com a da língua materna dos aprendizes do que com a da língua alvo, conforme veremos mais adiante.

Retomemos agora uma questão já ressaltada em nota, no momento em que comentávamos o exemplo (26.a), com a qual estão também associados certos casos de ordem de constituintes. Como mostramos no momento da análise do português brasileiro, Kato (1987) também apontava uma correlação entre a inversão livre e a existência de clíticos acusativos, o que se confirma para o espanhol nas pesquisas de Bentivoglio (1978) e Terker (1984), mencionadas pela autora. Tais pesquisas, lembremos, revelam que é justamente quando o objeto é clítico que as inversões tanto livres quanto obrigatórias ocorrem no espanhol.

Pois bem, encontramos na interlíngua inúmeros exemplos que apresentam as características exatamente constrárias às assinaladas pelos autores, como em:

(33)

(a) Professor - *¿Quién ha traído este texto?*

Aluno - *Ella (e) ha traído.*

(na qual, a resposta esperada teria sido: *Lo ha traído ella.*)

(b) *Siempre salimos más temprano, claro, cuando ellos [los profesores] (e) deciden.* (construção que poderia ser melhor formulada como: (...), *claro, cuando lo deciden ellos.*)

A ocorrência de tais fatos não apenas corrobora a hipótese de que estamos trabalhando com fenômenos altamente correlacionados, como também constitui prova de que é o conjunto desses fatos, presentes na gramática da língua nativa dos estudantes, que forçou a produção de tais construções e que está atuando sobre a sua aquisição do espanhol. Todos os fatos assinalados indicam, assim, que as hipóteses presentes na gramática não-nativa de alunos brasileiros de espanhol como língua estrangeira contradizem as regras da língua alvo numa extensa área fortemente correlacionada. Quanto contribuem para reforçar essa variabilidade de intuições o processo pedagógico e também o fato de que ela não chegue a impedir completamente a comunicação seria tema para um outro trabalho.

### 3.2. Apagamento vs. não apagamento de clíticos e estratégias alternativas de preenchimento de complementos

No momento em que nos dedicamos à comparação entre o português brasileiro e o espanhol, apontamos a existência de dois tipos diferentes de assimetria entre essas duas línguas quanto ao preenchimento dos argumentos sujeito e objeto: enquanto a primeira tende a preencher mais o sujeito e a apagar o objeto, especialmente quando ele é clítico, a segunda vai exatamente na direção contrária, apresentando um alto grau de apagamento do sujeito ao lado de um preenchimento quase que categórico do objeto mediante clíticos.

Nossa hipótese é, como vimos, a de que esses fenômenos que envolvem essas duas posições em relação ao verbo estão fortemente correlacionados e devem afetar a gramática não-nativa de aprendizes do espanhol que têm como L1 o português brasileiro. Acreditamos ter demonstrado isso em relação ao preenchimento do argumento sujeito e à aplicação do Parâmetro do Sujeito Nulo em geral. Resta ver o que ocorre com o outro argumento.

Embora os estudos sobre o português brasileiro se concentrem, como pudemos constatar, mais na perda do clítico objeto direto, mostramos que nele se apagam também outros clíticos, que cumprem outras funções. Em nossa análise procuraremos observar o que ocorre com os clíticos em geral na interlíngua dos aprendizes, uma vez que nossos dados indicam que o clítico objeto direto não é o único a desaparecer. Nela se apagam com uma frequência considerável também os clíticos objetos indiretos, os clíticos predicativos e os pronomes reflexivos em suas várias funções, conforme veremos.

Além disso, focalizaremos em nossa análise também as formas alternativas de preenchimento desses complementos na interlíngua, bem como fenômenos de supergeneralização e/ou distorção de regras de emprego dos clíticos, que se manifestam sobretudo em tarefas mais dirigidas e após instrução formal.

Da mesma forma que quando analisamos o sujeito, nossa idéia era trabalhar aqui simplesmente por amostragem, já que nosso trabalho pretende mostrar as conseqüências na interlíngua e na gramática não-nativa de uma área em "tensão" - usando um termo de Kato & Tarallo (1986) - da língua materna, em atrito com uma área que se porta de um modo muito diverso na língua estrangeira. No entanto, a

freqüência dos fenômenos acima mencionados chamou tanto nossa atenção, que decidimos estabelecer alguns percentuais <sup>19</sup>.

### 3.2.1. Anáfora zero de objeto direto

O fenômeno do objeto nulo tem, como já sabemos, um caráter muito limitado no espanhol estândar, podendo suceder em contextos muito estritos. De um modo geral, o espanhol é, como vimos, uma língua que preenche as posições de complemento, às vezes até de modo redundante. No caso do objeto direto, lembremos que a freqüência do seu aparecimento em todas as variantes da língua leva Morales (1990) a classificá-la tipologicamente como *una lengua acusativa*. É, portanto, a um *input* com essas características que estão expostos os aprendizes dessa língua como L2. É preciso, no entanto, observar com cuidado o que ocorre no processo da aquisição dessa língua por falantes de uma outra língua, que se porta de modo tão diverso nessa área da gramática.

Computando-se o total de frases de nossa mostra cujo verbo pedia um objeto direto clítico, a incidência do objeto nulo, como em (34.a, b, c e d), foi de 65%, sendo que nos 35% de objetos preenchidos devem ser computados não só os casos de preenchimento mediante clíticos, mas também aqueles em que o objeto é preenchido por pronomes pessoais do caso nominativo e por pronomes demonstrativos, que serão analisados posteriormente. Vejamos os exemplos:

(34)

(a) *Les voy a prestar un disco para que ustedes (e) escuchen. (lo escuchen)*

(b) Aluno 1 - *Sólo voy a bailar la música especial.*

Aluno 2 - *Entonces tienes que pedir (e) (e) a los músicos. (pedírsela)*

(c) *En cuanto al trabajo, haga (e) como pueda y si no entiende (), pregunte. (hágalo/si no entiende algo)*

(d) Professor - *¿Viste la película de Almodóvar?*

Aluno - *0 (e) Vi. (Sí, la vi)*

<sup>19</sup> Queremos deixar claro, no entanto, assim como já o fizemos quando da análise do preenchimento do sujeito, que outras pesquisas deverão testar esses percentuais, talvez mediante uma coleta de dados programada de outra forma, mais sistemática, a partir de testes um pouco mais dirigidos. De qualquer forma, os números exibidos a partir de nossa mostra nos parecem altamente sintomáticos.

(onde o  $\emptyset$  representa o apagamento de *sí* <sup>20</sup>)

Desse total de objetos nulos, 25.5% correspondem a objetos diretos proposicionais, ou sentenciais, cujo não preenchimento foi categórico em nosso *corpus*. Esse fato, por si só, já é muito significativo se lembramos que Cyrino (1993) aponta que o clítico proposicional ( $\emptyset$ ) é o primeiro a ser atingido pela mudança por que passa o português brasileiro, e que Duarte (1989) aponta em sua pesquisa sobre essa língua 79.7% de apagamento de objetos sentenciais em estruturas simples SVO; 84.6% de apagamento desses mesmos objetos em estruturas sintaticamente mais complexas, como aquelas em que objeto e predicativo constituem quase uma outra oração (*semi-clause*); e 100% de apagamento desses objetos em estruturas simples construídas com objeto direto e indireto.

Em nossa mostra encontramos exemplos de apagamento de clítico objeto sentencial em dois dos tipos de condicionamento sintático apontados por Duarte: em estruturas simples SVO, que equivalem a 80% dessas ocorrências, como em (35.a, b, c e d), e em estruturas simples construídas com objeto direto e indireto, que equivalem aos 20% restantes dessas ocorrências, como em (36.a, b e c)). Não houve, entretanto, nenhuma ocorrência do terceiro tipo (*semi-clause*) que envolvesse apagamento de clítico. Veremos mais adiante que nesses casos a tendência foi o preenchimento mediante outra classe de pronomes. Vejamos os exemplos:

(35)

(a) Aluno - *X se peleó con Y.*

Professor - *¿Quién te lo contó?*

Aluno - *Nadie me (e) contó, yo (e) vi con mis propios ojos. (me lo contó/lo vi)*

(b) *Está muy preocupado y (e) he notado porque esta mañana estaba de muy mal humor. (lo he notado)*

(c) *Los dos discutieron durante mucho tiempo, pero yo podría decir con seguridad que la culpable era la mujer, que no había percibido el coche a su lado que podía pasarla a cualquier momento, ya que no había ninguna señal que (e) prohibiese. (lo prohibiese)*

20 Essa é também uma tendência quase categórica na interlíngua analisada. As respostas afirmativas em geral são dadas apenas mediante a reiteração do verbo, o que é uma constante no português brasileiro, no qual o *sim* parece ter adquirido um valor bastante enfático.

*coche a su lado que podía pasarla a cualquier momento, ya que no había ninguna señal que (e) prohibiese. (lo prohibiese)*

(d) *la edición internacional es muy buena. Puedo garantizarte (e). (garantizártelo)*

(37)

(a) *Ellos querían entrar en Cuba y no podían. Pero la dirección del aeropuerto decidió permitir (e) (e) porque... (permitírselo)*

(b) *Era importante que todos estuviesen presentes. El profesor nos (e) repitió muchas veces. (nos lo repitió)*

(c) *Así tiene que ser. Dile (e) a Antonio <sup>21</sup>. (díselo)*

### 3.2.1.1. O condicionamento sintático

Verifiquemos agora todos os condicionamentos sintáticos em que ocorre o objeto nulo, independentemente do fato de que esse objeto seja sentencial ou não.

Nas estruturas com verbo transitivo direto, que correspondem a 72.7% das ocorrências nas quais deveria aparecer um clítico objeto direto, o índice de apagamento foi de 64.5%, como em (37.a, b, c e d), sendo que o percentual de objetos diretos preenchidos (35.5%) está dividido, como veremos posteriormente, entre objetos preenchidos por clíticos e objetos preenchidos por pronome pessoal do caso nominativo ou por pronome demonstrativo. Vejamos os exemplos:

(37)

(a) *El otro día encontré a Carlos y le conté algo que le sorprendió, porque aunque (e) imaginaba, no (e) sabía. ([se] lo imaginaba/no lo sabía)*

(b) *(...), sino que supone algún valor, justificando (e) enseguida. (justificándolo)*

(c) *Cuando escribes una carta, ¿(e) mecanografías para que parezca menos íntima o (e) escribes a mano y pones todo lo que te viene a la cabeza? (la mecanografías/[la] escribes)*

(d) *Él empezó a llenar las botellas de aire caliente y a vender (e). (venderlas)*

<sup>21</sup> Lembremos que esse apagamento do clítico *lo* em construções nas quais apareceria a seqüência *se lo* é dado por Kany (1976) como um fenômeno que ocorre com certa freqüência em algumas variantes americanas do espanhol.

Nas estruturas com verbo transitivo direto e indireto, que correspondem a 27.3% das ocorrências nas quais deveria aparecer um clítico objeto direto, o índice de apagamento do objeto direto é de 77.7%, sendo que na metade dos casos esse apagamento se dá junto com o do objeto indireto, como em (38.a e b), e na outra metade apenas o objeto direto é apagado, como em (39.a e b). No percentual restante (22.3%), incluem-se tanto os casos em que o objeto direto se realiza por um clítico, quanto aqueles em que ele se realiza de outras formas. Como vemos, também nessas estruturas a tendência ao apagamento é muito forte. Vejamos os exemplos:

(38)

(a) Professor - *¿Vas a llevarte el libro?*

Aluno - *Claro que voy a llevar (e) (e).*

*(voy a llevármelo)*

(b) *Yo necesitaba una información que todos tenían, pero nadie quería dar (e) (e). (dármela)*

(40)

(a) *Eso me interesa y debes decirme (e). (decírmelo)*

(b) *Si querías el dulce, ¿por qué no me (e) pediste? (me lo pediste)*

Como se vê, a hipótese do objeto direto nulo é a mais forte na gramática desses aprendizes e, mais uma vez, a sua distribuição equilibrada em todos os tipos de tarefas orais ou escritas, bem como na interlíngua de alunos de todos os níveis e até de falantes proficientes, sugere que esta também é uma área da gramática altamente permeável à influência da língua materna.

### 3.2.1.2. O apagamento de clíticos objetos duplicados <sup>22</sup>

#### 3.2.1.2.1. O apagamento do clítico nos objetos deslocados à esquerda

Muito poucas são as estruturas com deslocamento à esquerda de SN objeto direto<sup>23</sup>, que exigem duplicação por clítico, aparecidas na mostra. O percentual de

<sup>22</sup> Já esclarecemos de antemão que os casos de duplicação foram muito baixos na mostra. Podemos dizer inclusive que os contextos de duplicação obrigatória foram baixos, o que pode tratar-se de um caso de *avoidance*. Por isso, não dedicaremos nenhum item especial aos casos que raramente apareceram ou diretamente não apareceram na mostra.

incidência sobre a totalidade dos casos foi de 4.8%. O índice de não duplicação, isto é, de não aparecimento do clítico, foi de 80%, como em (40.a, b, c e d) <sup>24</sup>:

(40)

- (a) *Los días más felices de mi vida, yo (e) pasé con mi familia. (los pasé)*
- (b) *Juan, yo (e) voy a ver mañana, pero Ana yo sólo (e) voy a ver el domingo. (A Juan, lo voy a ver..., pero a Ana, sólo la voy a ver...)*
- (c) *Me gustan los perros, los gatos, los caballos, las aves. A todos ellos yo (e) encuentro muy buenos. (a todos los encuentro)*
- (d) *Eso, sólo mañana podemos preguntar (e) (e) a Teresa. (preguntárselo)*
- (e) *A tu amigo, yo (e) encontré el otro día en la calle.*

Como vemos, em todas as construções focalizadas o objeto é marcado pelo traço [+Definido] <sup>25</sup> e a duplicação é obrigatória no espanhol. O mesmo procedimento foi adotado para objetos marcados pelo traço [-Definido] - muito poucos na mostra analisada -, o que demonstra que a regra predominante nessa gramática é a do apagamento, uma regra mais compatível com a da L1. Nesses casos, o apagamento foi categórico, o que não redundava em problema, dada a coincidência dessa regra com uma regra da L2:

(41) Professor - *Entonces tienes ganas de hacer el trabajo sobre ese tema.*

Aluno - *Ganas no tengo, pero como tengo que hacer un trabajo...*

<sup>23</sup> Recordamos aqui a distinção habitualmente feita entre o deslocamento à esquerda (para objetos marcados com o traço [+Definido]) e topicalização (para objetos marcados com o traço [-Definido]). Os primeiros, como vimos, devem ser obrigatoriamente duplicados por um clítico correferencial, enquanto os segundos não. Lembremos também que Pontes (1987) aponta para a dificuldade de fazer essa distinção no português brasileiro em virtude de a elipse do pronome ser nessa língua, mais livre do que em outras.

<sup>24</sup> Nos exemplos (40.a, b, c, e) mais uma vez a presença de um pronome pessoal do caso nominativo parece compensar o vazio criado pela ausência do clítico, fato que já havíamos observado quando analisamos o preenchimento vs. não preenchimento do sujeito mediante pronome lexical.

<sup>25</sup> Convém lembrar que esse mesmo traço recebe, por parte de diferentes autores, diferentes nomes: [+Determinado] e [+Específico]. Trata-se, no entanto, de uma mesma coisa.

Não houve nenhum caso de duplicação de objeto direto deslocado à esquerda ou topicalizado mediante pronome reto, o que talvez se explique pelo fato de ser esse um procedimento mais estigmatizado no português brasileiro, evitado pelos estudantes em situações de aulas, onde se supõe que policiem mais sua linguagem.

### 3.2.1.2.2. O apagamento do clítico com objetos diretos pronominais

Também não foram muitos os casos de objetos pronominais que exigem duplicação clítica que apareceram. O percentual de incidência na mostra não passou de 2.5%. O índice de apagamento foi de 98%. Evidentemente, algumas dessas ocorrências se confundem com a estratégia de preenchimento mediante um pronome pessoal do caso nominativo. O que chama a atenção nesses casos - e que parece obedecer a uma tendência semelhante à já encontrada para os sujeitos pronominais, bem como pautar-se por critérios mais válidos para a L1 - é a claríssima preferência pelas formas tônicas, mais salientes portanto, em detrimento das formas átonas. Por outro lado, a baixa incidência desse tipo de construções bem como daquelas com SN objeto direto topicalizado talvez se deva a uma estratégia de evitamento (*avoidance*), uma vez que sua frequência no espanhol - e, portanto, no *input* sempre autêntico que os alunos recebem - é muito grande, como já sabemos. Observemos os exemplos:

(42)

(a) *Encantada de hospedar (e) a ustedes. (hospedarlos [a ustedes])*

(b) *Entonces la señora vino a recibir (e) a nosotros. (vino a recibirnos [a nosotros])*

### 3.2.1.2.3. O apagamento do clítico nas construções com quantificadores

Embora raras na mostra, nas estruturas com o quantificador *todo* que pedem duplicação por clítico o apagamento foi categórico, como em:

(43) *Los maridos son aquellos que siempre (e) entienden todo. (lo entienden todo)*

### 3.2.1.2.4. O caso dos clíticos lexicalizados

O percentual de aparecimento de verbos que possuem um clítico cristalizado ou lexicalizado e de expressões que também já praticamente incorporaram o clítico foi

também muito baixo, não passando de um 3% sobre o total dos casos. Aqui, o índice de apagamento foi de 90%, como em:

(44)

(a) (e) *Pasamos muy bien. (Pasarlo bien/mal: Lo Pasamos muy bien.)*

(b) *No te preocupes que él se (e) arregla muy bien. (Arreglárselas: ...él se las arregla muy bien)*

(b) (e) *Siento mucho, pero no puedo ayudarte. (Lo siento mucho...)*

Como vemos, portanto, a tendência ao apagamento do clítico acusativo, duplicado ou não, é marcante na interlíngua analisada. Se levarmos em conta todas as classificações feitas do espanhol, entre elas a de *lengua acusativa*, bem como todos os estudos que apontam o uso abundante de clíticos nessa língua, não cabe outra conclusão do que a de que estamos diante de um caso claríssimo de transferência.

### 3.2.1.3. O condicionamento estilístico e o fator *nível de aprendizagem*

Observando-se os contextos em que o fenômeno do objeto nulo ocorre, verifica-se que ele aparece com muita força na fala, em frases nas quais ele não possui um antecedente sintático, já que seu antecedente encontra-se na fala de outro, como em (45. a, b e c), sendo, portanto, discursivo. O percentual de apagamento na fala foi de 85%, incluindo-se no percentual de casos preenchidos o preenchimento mediante clítico e as outras formas de preenchimento. Vejamos os exemplos:

(45)

(a) Professor - *¿Y el disco?*

Aluno - *Rosa (e) guardó. (Rosa lo guardó./Lo guardó Rosa.)*

(b) Aluno 1 - *¿Y dónde está CP?*

Aluno 2 - *Nadie (e) sabe. (Nadie lo sabe.)*

(c) Professor - *Los ingleses han desempeñado un papel importante en la historia de la humanidad.*

Aluno - *Es posible que (e) hayan desempeñado, pero no se puede olvidar que también fueron imperialistas. (...lo hayan desempeñado...)*

Essa força não diminui, entretanto, tanto quanto se poderia pensar, na escrita, na qual ela ocorre, inclusive no registro mais formal, como em (46.a, b e c), de alunos de níveis avançados, com uma frequência não muito inferior à da fala: 78%. Esses objetos nulos aparecem quase sempre em construções relativamente complexas, nas quais observamos também - como se pode ver nos exemplos nos quais os objetos nulos convivem com clíticos bem empregados - uma certa variabilidade de intuições em relação a essa área da gramática não-nativa, que talvez possa ser explicada em parte pelas condições em que se elabora o trabalho escrito e em parte pelas pressões que as normas próprias para a escrita da L1 exercem sobre a gramática não-nativa. Lembremos que Kato (1987) defende a existência de uma diglossia no português brasileiro, dadas as cruciais diferenças entre a escrita e a fala. Lembremos também que várias pesquisas apontam que certas ocorrências na escrita de falantes do português brasileiro são decorrências de aprendizagem escolar e não propriamente de aquisição. Mas vejamos os exemplos:

(46)

- (a) *En cuanto a los pretéritos pluscuamperfectos de subjuntivo, el narrador (e) usa para...; pero los emplea también para... (...el narrador los usa...)*
- (b) *(...), entonces, de una manera sorprendente, el amigo lo mira y le dice que si sabe algo, debe decirle (e), ya que... (...debe decirselo...)*
- (c) *Se trata de una narrativa fantástica en la que el personaje empieza a llenar botellas con aire caliente y a vender (e) por la calle. Las llena... (...y a venderlas...)*

Essa variabilidade de intuições levará, como veremos mais adiante, ao aparecimento de outros fenômenos na gramática da interlíngua. Um dos aspectos que consideramos mais surpreendente, e que merece comentário, é o fato de que é freqüente que os alunos, mesmo os de níveis avançados, quando testados, não percebiam a existência, nas construções, de posições não preenchidas. Da mesma forma, diante de frases com clíticos, muitas vezes os estudantes, quando testados, não souberam identificar sua referência e/ou sua função. Esses dois últimos fatos explicam o aparecimento - em geral em etapas mais avançadas da aprendizagem e especialmente depois de instrução formal - de um grande número de estruturas com geração indevida de clíticos.

A importância do traço [-*Humano*] <sup>26</sup> no apagamento dos clíticos objetos diretos já ficou clara no momento em que apontamos o índice de apagamento de objetos sentenciais, habitualmente expressos em espanhol pelo clítico neutro *lo*. Resta vermos agora se ele tem algum peso no apagamento de outros complementos cuja referência possua esse traço.

Os objetos diretos marcados pelo traço [-*Humano*] predominaram na mostra, alcançando um percentual de 75.5%, contra 24.5% de objetos diretos com referência [+*Humana*].

O índice de não preenchimento dos objetos com referência [-*Humana*], como em (47. a e b) alcançou os 83.3%, o que é muito significativo, uma vez que a pesquisa de Duarte (1989) revela que esse traço é fundamental na preferência pelo apagamento de clíticos acusativos no português brasileiro, permitindo-nos mais uma vez supor que a L1 dos aprendizes está condicionando fortemente suas hipóteses sobre a L2. Vejamos os exemplos:

(47)

(a) Professor - *Ese diccionario es muy bueno. ¿Dónde lo compraste?*

Aluno - *No sé, fue mi papá que (e) compró. (...lo compró./ Me lo compró mi papá.)*

(b) *Las maletas, sólo (e) vamos a arreglar mañana. (...las vamos...)*

Quando nessa referência o traço [-*Humano*] se combina com o traço [-*Definido*] o apagamento é de 100%, como em (48.a e b), o que não chega a representar um problema, uma vez que, como vimos, essa é uma possibilidade que existe na gramática do espanhol:

(48)

(a) *Verduras, no como nunca. Sé que debería comer (e), pero...*

(b) Aluno 1 - *¿Ves TV?*

Aluno 2 - *No, no veo (e) nunca, no me gusta.*

A incidência de objetos diretos com o traço [+*Humano*] na mostra foi, como vimos, mais baixa (24.5%), o que não deve, entretanto, ser considerado muito

<sup>26</sup> Ou [+/-*Animado*], como sabemos.

A incidência de objetos diretos com o traço [+Humano] na mostra foi, como vimos, mais baixa (24.5%), o que não deve, entretanto, ser considerado muito significativo, uma vez que os temas das tarefas nas quais eles aparecem podem ter condicionado esse fato. Se cruzarmos esse traço com os fatores morfossintáticos de *número* e *pessoa*, temos o seguinte quadro indicando a freqüência de aparecimento de cada uma das pessoas, que também pode ter sofrido algum tipo de condicionamento pelas tarefas, condicionamento esse que não se aplica, no entanto, aos índices de apagamento: **65% desses objetos são de terceira pessoa, singular e plural, sendo que o índice de apagamento foi de 60%**, como em (49.a e b); **10% são de primeira pessoa, singular (na maior parte dos casos) e plural, com um índice de apagamento de 12%**, como em (50.a e b); **13% são de segunda pessoa do singular, informal (tú), com um índice de apagamento de 10%**, como em (51); **12% são de segunda pessoa formal, singular e plural (usted/ustedes), com um índice de apagamento de 35%**, se considerarmos os casos de não duplicação do pronome pelo clítico, já que não há outros na mostra, como em (52.a e b):

(49)

(a) Aluno 1 - *¿Visitas siempre [a] tus padres?*

Aluno 2 - *Claro que (e) visito. (...los visito.)*

(b) *Quería ver a mi novio, pero no (e) vi. (...no lo vi.)*

(50)

(a) Aluno 1 - *¿Quién te contó eso?*

Aluno 2 - *¿Quién (e) (e) contó? Nadie (e) (e) contó! Eso yo ya (e) sabía! (...me lo contó...lo sabía.)*

(b) *Ella siempre dice que va nos visitar, pero nunca (e) visita. (...nos visita.)*

(51) *Habla más alto, qué no (e) escuchamos. (...no te escuchamos. 27)*

(52)

(a) *American Express Card (e) lleva usted al encuentro de todos los placeres de la vida. (...lo lleva [a usted]...)*

27 Exemplo no qual a ausência do clítico provoca uma alteração de sentido, já que entre *no escuchar* e *no escuchar a alguien* há uma considerável diferença.

(b) *Encantada de conocer (e) a ustedes. (...conocerlos [a ustedes].)*

Esse quadro merece, entretanto, algumas observações. Em primeiro lugar, os índices de apagamento de objeto com traço [+*Humano*] são, como se pode ver, bastante mais baixos que os daqueles marcados pelo traço [-*Humano*]. Se à primeira vista isso pode parecer um argumento que enfraquece nossa tese, uma observação mais cuidadosa nos mostra duas coisas que não reforçam essa idéia: também no português brasileiro esse traço - que Duarte (1989) denomina [+*Animado*] - favorece o preenchimento, ainda que muito mais mediante pronomes pessoais do caso nominativo, como prova a pesquisa feita por essa autora; além disso, o índice de preenchimento de objeto direto com traço [+*Humano*] que observamos na mostra não significa em absoluto que ele se faça sempre mediante o emprego de um clítico, já que é com os objetos que contêm esse traço que o pronome pessoal do caso nominativo ganha força na menção do objeto direto na mostra analisada, o que aproxima a gramática não-nativa, outra vez, mais da gramática da L1 do que da da L2.

Em segundo lugar, o relativamente alto percentual de apagamento de clíticos objetos de terceira pessoa e os baixos percentuais de apagamento obtidos para as primeira e segunda pessoas também aproximam essa gramática da do português brasileiro, uma vez que várias pesquisas, entre elas as de Tarallo (1983) e Cyrino (1993), registram o mesmo para essa língua. Em seu estudo diacrônico, Cyrino apresenta dados que comprovam que nossa língua passou - e, ao que tudo indica, ainda está passando - por uma mudança no sistema de clíticos e por um processo de refixação do parâmetro relacionado ao objeto nulo. Nesse processo de mudança, a língua ainda mantém, embora em proporção reduzida, os clíticos de primeira e segunda pessoa, mas o clítico de terceira pessoa, tende a desaparecer, sendo que ela considera o proposicional *o* já completamente perdido. O quase desaparecimento do clítico objeto direto de terceira pessoa é, aliás, um fato apontado por quase todas as pesquisas sobre o português brasileiro, como pudemos constatar.

Diante disso, é lícito pensar que os mesmos fatores que operam na aquisição da língua materna desses estudantes observados estejam não apenas forçando a ocorrência de fatos semelhantes na sua gramática não-nativa, mas dificultando uma reanálise desses fatos à luz de hipóteses mais compatíveis com a língua alvo, o que leva ao fenômeno que aqui estamos chamando de fossilização.

Mais uma vez, vemos que a estrutura mental conformada pela língua materna parece estar operando como um filtro. Resta saber como e por que é feita essa filtragem. Talvez estudos psicolingüísticos possam algum dia definir em que sentido exatamente ele opera: se descartando o incompreensível e não processável ou se descartando o que não traz uma boa carga informativa, isto é, o considerado supérfluo, ou se as duas coisas.

### 3.2.2. O preenchimento do objeto direto

Como já deixamos claro ao estabelecer os índices de aparecimento da categoria vazia de objeto direto, o percentual de **preenchimento (35%)** em nossa mostra não apenas foi mais baixo do que o de **não preenchimento (65%)**, mas nele estavam incluídos fenômenos diferentes: o **preenchimento mediante clíticos, mediante pronomes pessoais do caso nominativo e também mediante demonstrativos**. Assim sendo, cabe agora verificar qual é a incidência de cada uma dessas estratégias.

Considerando-se cada caso separadamente, o percentual de aparecimento de clíticos foi maior: **51%**, como em (53.a, b e c). O restante está assim distribuído: **35.5% de pronomes lexicais**, como em (54.a, b, c e d); **13.5% de demonstrativos**<sup>28</sup>, como em (55.a, b, c e d). Não levamos, é claro, em conta os casos de objeto representado por SN. Vejamos os exemplos:

(53)

(a) *Pepa necesita estos papeles hoy mismo. ¿Tú podías llevar(e)los? (...llevárselos?)*

(b) *Aunque yo quisiera, yo no puedo olvidarte.*

(c) *Cuando él me vio haciendo aquello, me preguntó si yo tenía algún problema.*

(d) *Me gustaría invitarlos para la fiesta de mi cumpleaños.*

(55)

(a) *Entonces la señora vino a recibir nosotros. (...arecibirnos.)*

(b) *Todos los días compra los panes y siempre pone ellos sobre la mesa. (...los pone...)*

28 O que, ao contrário do que ocorre com os pronomes lexicais em função de objeto, nem sempre constitui um "erro" do ponto de vista da gramática do espanhol.

- (c) *Me solicitó que acompañara ella al baño. (...la acompañara...)*
- (d) *Si ves ellos en el pasillo, habla con ellos. (Si los ves...)*
- (e) *Yo tuve que enseñarle algunos juegos para que ella convenciera él, y... (...lo convenciera y...)*
- (56)
- (a) *Él sabe que debe ir, pues tienen noticias importantes para él. Él espera esas. (...las espera.)*
- (b) *Si él empezó a buscar empleo, significa que él siguió haciendo eso. (...haciéndolo.)*
- (c) *Dicen que yo soy un imbécil. Claro que dicen eso. (...lo dicen.)*
- (d) *Siempre practico deportes. Encuentro eso muy bueno para la salud. (...lo encuentro.)*

Se, no entanto, somamos os percentuais de preenchimento por pronome lexical e por pronome demonstrativo, obtemos um índice de 49% de preenchimento mediante uma forma tônica que, comparado ao índice de preenchimento por clítico (51%), torna-se mais significativo, dando a esta última estratégia um peso muito pequeno na gramática não-nativa. Outra vez, assim, configura-se uma preferência por formas fonicamente salientes, com mais carga informativa aos ouvidos de quem as emprega, mais compatível com a gramática da L1 do que com a da L2.

O exemplo (55.d) representa a alternativa encontrada na interlíngua para as configurações com predicativo, em que objeto e predicativo constituem quase uma outra oração (*semi-clause*). Lembremos que Duarte (1989) aponta que, no português brasileiro, o objeto sentencial favorece, nesse tipo de condicionamento sintático, o uso da categoria vazia. Não encontramos, no entanto, como já dissemos anteriormente, exemplos desse tipo em nosso *corpus*, talvez porque o emprego, nesses casos, de verbos como *creer que* ou *parecerle algo a alguien* força o aparecimento de estruturas de outro tipo, nas quais pode figurar uma categoria vazia de sujeito ou mesmo um sujeito preenchido, como em (56. a, b e c), respectivamente:

(56)

- (a) *Sé que eso es así y 0 me parece muy bueno.*

(b) *Me gusta estudiar literatura. Creo que eso es muy bueno.*

(c) *¿Tener dinero? Creo que 0 es muy importante.*

### 3.2.3. Assimetria no preenchimento de sujeito e objeto direto

Em suma, pelo que vimos até o momento, a gramática da interlíngua de falantes do português brasileiro que aprendem o espanhol apresenta, no que diz respeito ao preenchimento vs. não preenchimento dos argumentos sujeito e objeto direto, uma assimetria bastante próxima à da encontrada na L1. Isso ocorre, como vimos, inclusive na gramática de aprendizes de níveis avançados, na qual encontramos, no mínimo, uma variabilidade de intuições, e até mesmo na de falantes considerados proficientes, alguns deles já atuando como professores dessa língua.

É exatamente esse último fato que nos permite defender que ocorre, com muita frequência, nessa área da gramática, o fenômeno conhecido como fossilização. É provável que a não inviabilização absoluta da comunicação pelo fato de que ocorram esses fenômenos na interlíngua - garantida por uma semelhança indiscutível das duas línguas em atrito, em vários outros aspectos - contribua de modo significativo para a não reestruturação da gramática na direção da língua alvo. Mais adiante veremos que, quando a instrução formal promove a aprendizagem dessas construções e procura forçar a percepção e o emprego dos clíticos pelos aprendizes, dois fenômenos muito curiosos ocorrem: o da supergeneralização e o da distorção de regras.

Por outro lado, quando a estratégia privilegiada é a do preenchimento, vemos que também a gramática não-nativa se aproxima mais da da L1 dos aprendizes, já que o preenchimento por clítico é o que apresenta o menor percentual em nossa mostra.

Do nosso ponto de vista, esses fatos nos permitem defender a ocorrência daquilo que se convencionou chamar de transferência, ou interferência, ou ainda influência da língua materna, como preferem outros. Esse processo de transferência, a nosso modo de ver, se explica, como já dissemos, não simplesmente pelo empréstimo de estruturas da L1, mas se revela como uma forma de filtrar e processar o *input* recebido, redundando tanto em semelhanças em relação à L1 quanto em aproximações mal sucedidas da L2.

### 3.2.4. Apagamento vs. não apagamento de objeto indireto

A maior parte das pesquisas sobre o português brasileiro se detém na análise da anáfora zero de objeto direto e no preenchimento do objeto direto pelo pronome lexical. Raramente encontramos nelas alguma menção ao objeto indireto. Lembremos, no entanto, que elas apontam, em geral, uma queda drástica do número de clíticos no português brasileiro, que se inicia no século XIX, sendo que os clíticos que mais se mantêm, segundo Pagotto (1993), são *me*, *te*, *lhe*, *se*, neutros em relação à concordância e adequados para a menção do objeto indireto. Pagotto, entretanto, deixa bem claro que a sobrevivência desses clíticos, em função das mudanças havidas no sistema, está em risco. Outros trabalhos constatarem também uma redução no emprego do *se* e dos reflexivos em geral. Por outro lado, lembremos que Martins (1989) aponta em seu trabalho não apenas um progressivo desaparecimento do clítico de terceira pessoa *lhe*, como também uma categórica preferência pela regra nominal de superficialização do caso dativo representada por *a (para) ele*: 82.14%. Resta-nos observar agora como se comporta a interlíngua nesse particular.

Pois bem, as ocorrências encontradas em nossa mostra revelam que o fenômeno do objeto nulo não se aplica apenas ao objeto direto. A presença de objetos indiretos nulos na interlíngua é, como veremos, significativa, tão significativa quanto a baixa ocorrência de clíticos com essa função e a alta frequência da aplicação da regra nominal de superficialização do caso dativo. Isso nos leva a pensar, inclusive, que esse é um fenômeno que está merecendo um estudo mais detido e cuidadoso no português brasileiro, uma vez que nada consta a respeito de tal fenômeno no espanhol.

#### 3.2.4.1. O objeto indireto nulo

Computando-se o total de frases de nossa mostra cujo verbo pedia um objeto indireto, o percentual de incidência de **apagamento do clítico** foi de **68.8%**. Entretanto, nesse percentual estão incluídos tanto os casos considerados propriamente como categoria vazia quanto aqueles em que o objeto indireto se realiza mediante um sintagma preposicionado - aplicação da regra nominal de superficialização do caso dativo, nos termos de Martins (1989), da qual trataremos depois.

Computando-se agora apenas as ocorrências nas quais aparece um objeto indireto, a incidência da categoria vazia - isto é, o objeto indireto não é mencionado na frase mediante nenhuma forma - é de 35%, como em:

(57)

(a) Professor - *¿Y qué le has dicho?*

Aluno - *Yo (e) dicho que siga. (...le he dicho...)*

(b) *Él (e) preguntó qué yo estaba haciendo. Yo estoy poniendo un poquito de miel en la leche de él - (e) respondí con una sonrisa. (...me preguntó...le respondí...)*

(c) *Cuando cumple años la esposa o novia, (e) regalo flores y (e) escribo una carta de amor o (e) regalo siempre algo útil. (...le regalo...le escribo...le regalo...)*

(d) Aluno 1 - *¿Qué me estás queriendo decir?*

Aluno 2 - *Estoy queriendo decir (e) que...(...decirte que...)*

(e) Aluno 1 - *¿Y vas a devolver (e) el regalo? (...devolverle...)*

Aluno 2 - *Claro que voy a devolver (e) (e). (...devolvérselo.)*

(f) *Entonces, unas tres cervezas después y con un poco de arrepentimiento por no haber ido a la clase, llegué a la conclusión de que ya era la hora de volver a mi casa, pero (e) hice una pregunta más:... (...le hice...)*

Uma vez que as pesquisas praticamente não fazem referência a objeto indireto nulo no português brasileiro, testamos os nossos alunos - tanto os que produziram essas construções, quanto outros - de mais de uma maneira, em relação às frases que apresentavam esse fenômeno. De um modo geral, não identificaram essas categorias vazias, isto é, não tinham consciência de sua existência. Quando lhes foram solicitadas traduções dessas frases ao português, elas também apareceram, com muita frequência, com as mesmas categorias vazias, o que nos leva a supor que essa hipótese esteja vigorando no português brasileiro, mesmo porque no espanhol é certo que, a não ser em alguns casos muito especiais em que não se quer ou não se necessita especificar o objeto indireto, o apagamento não cabe.

### 3.2.4.2. O objeto indireto preenchido

Se o índice de apagamento do objeto indireto é significativo, também é verdade que, computadas todas as frases nas quais aparece um objeto indireto, o **percentual de preenchimento - 65% - supera o de objetos indiretos nulos**. É preciso deixar claro, no entanto, que isso não significa um aumento considerável das formas clínicas, já que esse preenchimento se divide entre a superficialização do argumento mediante clítico e a sua superficialização mediante um sintagma preposicionado - regra nominal de superficialização do caso dativo, nos termos de Martins (1989) -, como veremos.

Os 65% de objetos preenchidos estão, por sua vez, distribuídos entre dois tipos de preenchimento: por SN preposicionado e por clítico, simples ou duplicado.

Computadas todas as construções nas quais aparece um objeto indireto, o **índice de preenchimento do objeto indireto mediante um sintagma preposicionado**, como em (59.a, b, c, d, e), é de **34%**. Algumas dessas ocorrências de preenchimento por sintagma preposicionado são regidas no espanhol pelas regras de duplicação de clítico, que incluem casos de duplicação opcional e casos de duplicação obrigatória, como vimos ao analisar essa língua:

(58)

- (a) *Yo (e) agradezco a aquel hombre que ha puesto un poquito de miel en mi leche. (...[le] agradezco a aquel hombre...)*
- (b) *María quería ver a Antonio. Entonces ella (e) pidió a Juana que (e) dijera para él pasar. (...[le] pidió a Juana que le dijera [a él] que pasase.)*
- (c) *A mi amigo (e) dijeron que podía entregar los documentos la semana que viene. (A mi amigo le...)*
- (d) *(e) Preguntó para mí si podía explicar (e) dónde quedaba la farmacia. (Me preguntó [a mí]...explicarle [a...]...)*
- (e) *A mí no (e) interesan esas cosas. ([A mí] no me interesan...)*

Em (58.a e b), a duplicação é optativa, obedecendo por vezes a intenções enfáticas, a uma necessidade de evitar ambigüidade ou mesmo a preferências

regionais <sup>29</sup>. Em (58.c), no entanto, o deslocamento à esquerda do SN objeto indireto obriga a sua duplicação mediante o clítico. Em (58.d, e), trata-se de objetos indiretos pronominais, cuja duplicação é obrigatória, sendo que nesses casos, dependendo de haver ou não intenções de contraste, é a forma tônica a que pode cair. Essas intenções enfáticas ou contrastivas que podem ter as formas tônicas no espanhol nem sempre são captadas pelos aprendizes, como ficou claro nos testes aplicados.

A grande incidência de construções desse tipo, especialmente das regidas pela preposição *para* nos levam a pensar que novamente o critério da saliência fônica e da relevância informativa, tão importante para o português brasileiro, pode estar sendo carreado para a interlíngua dos aprendizes do espanhol que as produziram.

O percentual de preenchimento do objeto indireto por clítico (simples ou duplicado) sobre o total das frases nas quais aparece um objeto indireto, como em (59.a, b, c e d), é de 31%, percentual ligeiramente inferior ao encontrado para a estratégia de preenchimento mediante uma forma tônica (34%), bem como ao encontrado para o não preenchimento por nenhuma forma (35%). Vejamos os exemplos:

(59)

(a) *Lamento, pero no puedo ayudarte.*

(b) *Me gustó mucho la casa.*

(c) *Le agradeció muchísimo la visita y le pidió que volviese otras veces.*

(d) *Ese juguete, dáselo a tu hijo.*

À primeira vista poderíamos pensar que o percentual muito mais alto de preenchimento de objeto indireto - 65%, frente a 35% de objeto indireto nulo - contraria a tese da transferência que vimos defendendo. Entretanto, se observamos o percentual de preenchimento por clítico - 31% - e o percentual de emprego de outras estratégias (apagamento: 35% + preenchimento por Sn preposicionado: 34% = 69.% ) -, vemos que ainda é a gramática da L1 que está conformando as hipóteses mais fortes sobre a gramática da língua alvo, uma vez que é nela que o

<sup>29</sup> Lembremos que tanto Jaeggli (1982) quanto Silva-Corvalán (1980-1981) apontam uma preferência categórica pela duplicação em diversas variantes americanas.

apagamento e a regra nominal de superficialização do caso dativo efetivamente têm mais força. Em síntese, se para o objeto indireto é o preenchimento que ganha mais força, é preciso ter claro que o menor índice obtido para esse preenchimento é justamente aquele que tem mais força na língua que está sendo aprendida.

### 3.2.4.3. O condicionamento sintático

#### 3.2.4.3.1. Os verbos de três argumentos

Dos verbos da mostra que pedem um objeto indireto, 79% são transitivos diretos e indiretos<sup>30</sup>. Com esses verbos de três argumentos, o índice de apagamento do objeto indireto é de 42.2%, sendo que em 37.3% desses casos apaga-se apenas o objeto indireto, como em (60. a, b e c), e em 4.9% apagam-se objeto indireto e direto, como em (61. a e b):

(60)

(a) *Sobre la heladera está la botella de vino de Roberto. ¿Tú podías llevar(e)la? Él quiere servirlo hoy en la cena. (...llevársela?)*

(b) *Voy a llamar [a] la profesora de literatura y pedir(e)lo [el libro de Cervantes]. (...pedírselo.)*

(c) *Yo (e) los agradezco mucho, pero no (e) sirvieron para nada [los consejos]. (...te los agradezco mucho,...)*

(61)

(a) Aluno 1 - *Quiero mis discos y él no (e) (e) devuelve. (...me los devuelve.)*

Aluno 2 - *Entonces pide (e) (e). (pídeselos)*

(e) *Joaquín me prestó las cintas, pero tengo que devolver (e) (e) mañana. (devolvérselas)*

O índice de preenchimento do objeto indireto com verbos transitivos diretos e indiretos na mostra é de 57.8%, sendo que esse percentual se divide em três tipos diferentes de preenchimento: por sintagma preposicionado; por clítico; por sintagma preposicionado duplicado por clítico.

30 Ou simplesmente transitivos como se classificam no espanhol, que só estabelece a oposição transitivo/intransitivo.

Em 30% dos casos de verbos transitivos diretos e indiretos, o preenchimento se faz por sintagma preposicionado, às vezes um SN preposicionado, outras uma forma pronominal tônica preposicionada. Esses casos já estão regulados pelas regras de duplicação de clíticos no espanhol. Às vezes essa duplicação é opcional, como vimos. Esse é o caso dos objetos indiretos meta em (62.a e b) por exemplo, ainda que o uso indique uma preferência pela opção duplicada, segundo alguns mais forte em algumas variantes americanas. Em outros casos a duplicação é obrigatória, como em (63.a e b) por exemplo, já que são objetos pronominais, ou como em (63.c), que tem o SN objeto deslocado à esquerda. Na maioria dos casos, a preferência na interlíngua é - mesmo contrariando as regras, tanto gramaticais quanto de uso, do espanhol - pela forma tônica:

(62)

(a) *Siempre (e) compro un regalo a mi novio. (...[le] compro...a mi novio.)*

(b) *...que hasta (e) dan un cierto sentimiento de seguridad al hombre. (...[le] dan...al hombre.)*

(63)

(a) *A él (e) dije que viniera el sábado y a ella (e) dije que viniera el domingo. (A él le dije...a ella le dije...)*

(b) *¿Y a mí (e) vienes a decir que tienes buenas intenciones? (a mí me vienes)*

(c) *Para mi mamá yo (e) conté la verdad, porque ella siempre me entiende. (A mi mamá (yo) le conté...)*

O percentual de preenchimento por clítico, com verbos transitivos diretos e indiretos, como em (64.a, b e c), é de apenas 24.2%, sendo que a maior parte desses casos correspondem a estruturas nas quais temos um clítico objeto indireto e um objeto direto oracional, como em (64.a e b), ou um SN objeto direto, como em (64.c). São bastante mais raros os casos de clíticos duplos (OI+OD), como em (64.d):

(64)

(a) *¡No me digas que no vas con nosotros!*

(b) *Les voy a contar algo que me sucedió la semana pasada.*

(c) *Es que él no quiere decirte la verdad.*

(d) *Ella ya ha conseguido los folletos, pero no quiere mostrármelos.*

O percentual de objetos indiretos duplicados encontrado na mostra, com verbos de três argumentos, não passou de 3.6%, como em (65.a, b e c), Também neste caso, foram raros os clíticos duplos, como em (65.a), sendo mais freqüentes os objetos diretos oracionais, como em (65.b), e os SN objetos diretos, como em (65.c e d):

(65)

(a) *¿Y vienes a decirme a mí?*

(b) *Dile a tu hermano que él escribe muy bien.*

(c) *A ustedes sí les muestro la casa.*

(d) *A mí me contaron otra cosa.*

O baixo percentual encontrado para as construções com duplicação é, como vimos, então, perfeitamente explicável não apenas pelo caráter opcional de algumas dessas construções, mas também por uma filtragem das formas consideradas mais marcadas aos olhos dos aprendizes, o que, por sua vez, se explica pelo caráter marcado que essas formas têm na sua própria gramática, na qual são raríssimas, para não dizer inexistentes. Como veremos mais adiante, no item 4 deste capítulo, a insistência, mediante instrução formal, na existência dessas formas redundantes no espanhol leva muitas vezes a deformações na interlíngua que, como já dissemos, terminam por afastá-la tanto da L1 quanto da língua alvo. Nos casos observados agora, a gramática da interlíngua parece tomar como opcionais três formas: ou objeto nulo, ou objeto clítico, ou SN preposicionado, esse último, como vimos, mais freqüente. Poderíamos pensar que a preferência por formas salientes levasse a uma maior aceitação das duplicações, igualmente salientes, por sua redundância. Mas isso se entende quando levamos em conta a baixa produtividade dos clíticos na língua materna dos estudantes, na qual a saliência é garantida somente pela forma tônica.

Como quer que seja, uma vez mais, fica clara a importância que têm as formas tônicas na interlíngua desses aprendizes. É preciso, no entanto, refletir um pouco a respeito de por que isso ocorre. Evidentemente, as dificuldades de aquisição tendem a crescer quando entra em jogo o fator opcionalidade vs. obrigatoriedade na aplicação de regras, como já ficou claro quando analisamos o preenchimento vs. não preenchimento do sujeito. A opcionalidade implica, para o aprendiz, receber

evidências positivas de formas diferentes e atribuir a cada uma delas o valor que têm nessa gramática, bem como os efeitos de sentido que se obtêm com seu emprego em diferentes situações. Por outro lado, além de perceber o exato valor das formas opcionais, o aprendiz precisa também assimilar as regras não opcionais. Assim, sempre há o risco de generalizar essa opcionalidade, que é o que parece ocorrer predominantemente. Nesses casos, quando as evidências não são suficientes ou quando existe algum outro fator interferindo no processamento, pode haver também um mecanismo de simplificação, de filtragem, e o que se filtra são, evidentemente, as formas mais marcadas para os aprendizes. Ou seja, num processo de aquisição de uma segunda língua, ter que lidar não apenas com a variação translingüística, mas também com a variação interlingüística pode resultar, no mínimo, numa variabilidade de intuições bastante difícil de ser superada, bem como em algumas generalizações que não são totalmente compatíveis com a língua que está sendo aprendida, ainda que não cheguem a impedir por completo o processo de comunicação. As chances de que ocorra, então, a transferência e de que isso resulte em fossilização são bem maiores.

### 3.2.4.3.2. Os verbos de dois argumentos

O percentual de verbos transitivos indiretos <sup>31</sup> encontrados na mostra foi de 21%. O índice de apagamento do complemento com verbos de dois argumentos, como em (66 a. e b), cai bastante: 25%:

(66)

(a) *Él lo ayudó, ya era hora. Pero aunque (e) haya ayudado, no (e) sirvió para nada. (...no le sirvió...)*

(b) *Él habló con ella, pero ella no (e) contestó. (...le contestó.)*

O percentual de preenchimento é de 75%. Esse preenchimento se divide na mostra da seguinte maneira: 40% de preenchimento por clítico, como em (67. a, b, c); 25% de preenchimento por sintagmas nominais e pronominais - em proporção praticamente igual - preposicionados não duplicados, como em (68.a e b); e 10% de sintagmas preposicionados - nominais e pronominais em proporção praticamente idêntica - duplicados por clítico, como em (69.a e b):

31 Ou intransitivos (com objeto indireto), como são classificados pela gramática espanhola.

(67)

(a) *Las películas de ciencia ficción no me interesan.*(b) *Si me agrada (esa persona), (e) hablo sobre temas del cotidiano e (e) insinúo mis ganas de tener otra cita. (...le hablo...le insinúo...)* <sup>32</sup>.(c) *Yo sé que no le gusta engañarme.*

(68)

(a) *(e) Agradezco a aquel hombre que ha puesto un poquito de miel en mi leche. ([Le] agradezco a aquel hombre...)*(b) *Bueno, a mí no (e) interesa, pero a él parece que sí, (e) interesa. (...a mí me interesa...a él...le interesa.)*

(69)

(a) *A Jorge no le gusta cuando hacemos eso.*(b) *Entonces le pregunté: ¿A usted no le parece una buena idea?*

O baixo índice de objetos indiretos nulos com esse tipo de verbos - que só parecem ocorrer em orações nas quais a sua referência é facilmente recuperável no contexto - é absolutamente compreensível e não significa necessariamente um contraexemplo para nossa tese. De um modo geral, nas frases em que o apagamento não ocorre, a menção do objeto indireto é indispensável para a compreensão da construção, como vemos pelos exemplos. Por outro lado, os clíticos mais freqüentes nesse caso equivalem praticamente aos mais freqüentes na L1 e o considerável índice de sintagmas preposicionados, especialmente os não duplicados, ainda mostra a força da saliência fônica na interlíngua, bem como a filtragem dos casos mais marcados.

#### 3.2.4.4. O papel dos traços [+/-Humano] [+/-Definido] e dos fatores morfossintáticos de *número e pessoa* na realização do objeto indireto

Ainda que não sejam muito freqüentes, encontram-se no espanhol casos de emprego das formas *le/les* - próprias, como vimos, para a menção do objeto indireto e, em algumas variantes, do objeto direto de pessoa, gênero masculino (*leísmo*) - em construções com objeto indireto [-Humano], como no exemplo mencionado por Seco (1989): *He leído tus cartas y les he encontrado una falta*. Tais clíticos aparecem

32 Observe-se, nesse caso, a clara variabilidade de intuições.

ainda em construções freqüentes do tipo: *A esto le decimos anteojos*. Entretanto, para outros gramáticos, como Fernández Ramírez (1987) por exemplo, o dativo é um caso eminentemente pessoal, o que, é claro, não significa em absoluto excluir a possibilidade do dativo de coisa, mas simplesmente marcar uma freqüência.

Em relação ao português brasileiro, não encontramos nenhum estudo que observasse esse aspecto, mas se nossa mostra de interlíngua de falantes dessa língua for significativa para indicar as suas preferências, é bem provável que o percentual de objetos indiretos com o traço [-*Humano*], especialmente os mencionados por clíticos, seja muito reduzido na sua L1.

Em nosso *corpus*, predominam os objetos indiretos com o traço [+*Humano*], com um percentual de 97.2%, sendo que o índice de apagamento é de 37.3%. Os objetos indiretos marcados pelo traço [-*Humano*] foram raríssimos, portanto, com uma incidência no *corpus* de 2.8%, sendo que o índice de apagamento, nesses casos, foi de 100%, como em:

(70)

(a) *El juego fonético participa activamente en la construcción del enunciado, dando (e) un tono poético y una musicalidad expresiva. (...dándole...)*<sup>33</sup>.

(b) *Tu pelo quedaría mejor sin la tintura que (e) has puesto. (...le has puesto.)*

O traço [-*Humano*], como vimos, também era fundamental na opção pela anáfora zero de objeto direto, fato que parece repetir-se no apagamento de objeto indireto. Entretanto, como veremos, o fato de que o apagamento do objeto indireto não seja tão significativo quanto o do objeto direto não aproxima muito as hipóteses da gramática não-nativa da gramática da língua alvo.

Se o traço [+*Humano*] é tão importante na menção do objeto indireto, cruzemos, agora, esse traço com os fatores morfossintáticos de *número* e *pessoa* e examinemos o papel que eles têm no apagamento ou não apagamento desse complemento. É importante ressaltar, no entanto, que o índice de aparecimento de cada uma das pessoas gramaticais pode ter sido condicionado pelas tarefas realizadas

---

33 Frase produzida por aluno de oitavo semestre, em trabalho escrito, registro muito formal, portanto.

ou pelas situações criadas, embora esse condicionamento não afete a estratégia de apagamento ou não apagamento.

A pessoa gramatical que apareceu com mais frequência foi a terceira (singular e plural, com uma distribuição bem equilibrada), com 53.6% de incidência. Nesse caso, o índice de apagamento foi de 47.6%, como em (71.a); o índice de preenchimento por um SN preposicionado foi de 33.7%, como em (71.b); o índice de preenchimento por clítico foi de 11.9%, como em (71.c); o índice de preenchimento por uma forma pronominal tônica preposicionada foi de 4.8%, como em (71.d); e o índice de duplicações foi de 2%, como em (71.e, f):

(71)

- (a) *Se puso delante del jefe de la oficina y (e) preguntó si aquél era el lugar justo. El jefe de la oficina (e) afirmó que... (...le preguntó...le afirmó...)*
- (b) *Por lo tanto, señor - (e) dijo al poste, pensando que era una persona... (...[le] dijo al poste...)*
- (c) *Tuve que decirle que las cosas no eran como él creía.*
- (d) *Dijo para ella que no le gustaba hablar de ese asunto. (Le dijo [a ella]...)*
- (e) *Explícale a esa mujer dónde queda la universidad.*
- (f) *A él le gustan los deportes.*

A primeira pessoa foi a segunda mais frequente, com um índice de 29.3% de incidência na mostra. Desses casos 70.8% correspondem à primeira do singular e 29.2% à primeira do plural. O índice de apagamento do objeto indireto de primeira pessoa foi de apenas 16.6%, como em (72.a e b). Em 54.2% dos casos o objeto é mencionado pelo clítico, como em (72.c e d); em 25.2%, ele é mencionado por um sintagma pronominal preposicionado, como em (72.e, f); e em 4% dos casos o clítico duplica um sintagma pronominal ou nominal preposicionado, como em (72.g, h, i):

(72)

- (a) *Aunque me lo hará un regalo, por que sé que (e) lo hará, todo seguirá como antes. (Aunque me hará un regalo, porque sé que me lo hará...)*<sup>34</sup>.
- (b) *Nosotros (e) queríamos saber, pero él no (e) dijo nada. (...no nos dijo nada.)*
- (c) *Dime ¿sabes algo? Me interesa saber (e).*
- (d) *Nos entregaron las llaves así que llegamos.*
- (e) *A mí no (e) hace diferencia escucharla. (A mí no me hace...)*
- (f) *Entonces (e) dijo para nosotros que nunca más iba a hacer aquello. (...nos dijo [a nosotros]...)*<sup>35</sup>.
- (g) *A mí me hace mucha gracia lo que dicen esos políticos.*
- (h) *A nosotros no nos gusta que sean así.*
- (i) *A Neide le encantan los pronombres.*

Em terceiro lugar aparece a segunda pessoa (singular e plural, com uma distribuição bem equilibrada) *usted/ustedes*, cuja concordância se faz em terceira pessoa, com uma incidência na mostra de 11%. O índice de apagamento desses objetos foi de 50%, como em (73.a e b). Em 22% dos casos o objeto foi mencionado pelo clítico, como em (73.c e d); em 25%, por um sintagma pronominal preposicionado, como em (73. e, f); e em 3% houve duplicação de clítico, como em (73.g e h):

(73)

- (a) *Usted no se preocupe, si yo (e) digo que va a ser así es porque va a ser así. (...le digo...)*<sup>36</sup>.
- (b) *Aun así, (e) recomiendo que vayan pensando en todo lo que conquistaron hasta hoy... (...les recomiendo...)*
- (c) *Le aseguro que eso no volverá a suceder.*

34 Observe-se nessa construção a variabilidade de intuições.

35 A frequência de construções com *decir para*, *pedir para*, *preguntar/contestar para* e *mirar para* é enorme na interlíngua analisada. Habitualmente, como já dissemos, esses "erros" são atribuídos a um mau emprego da preposição *para*. Entretanto, nossa tese é de que esse é um caso relacionado com os vários fenômenos apontados no português brasileiro: perda de clíticos, preferência por formas tônicas e salientes, etc.

36 Esse tipo de apagamento também pode ocorrer no espanhol.

- (d) *Les pido que me disculpen.*
- (e) *Lamento mucho, pero (e) pido a usted que me comprenda. (...le pido [a usted]...)*
- (f) *Vengan que (e) muestro la casa a ustedes. (...les muestro la casa [a ustedes].)*
- (g) *¿A usted le parece bien que digan esas cosas?*
- (h) *¿Les gustan a ustedes las películas de misterio?*

A segunda pessoa do singular *tú* aparece em quarto lugar, com uma incidência de 6.1%. O percentual de apagamento desses objetos foi de 35%, como em (74.a). O percentual de preenchimento por clítico foi de 35%, como em (74.b); o de preenchimento por sintagma pronominal preposicionado foi de 27%, como em (74.c); e o de duplicação de clítico foi de 3%, como em (74.d):

(74)

- (a) Aluno 1 - *¿Qué me estás queriendo decir?*  
 Aluno 2 - *Estoy queriendo decir (e) que...(Estoy queriendo decirte.../Te estoy queriendo decir...)*
- (b) *¡No te permito decir eso!*
- (c) *Para ti (e) estaba cantando. (...a ti te estaba...)*
- (d) *¿A ti te gusta ir al cine?*

Os fatos encontrados neste último item são, a nosso ver, muito significativos e merecem alguns comentários. Em primeiro lugar, como vimos, o traço [+Humano] mostra-se fundamental na opção entre apagar ou não o objeto indireto. Se lembrarmos que esse traço já era importantíssimo na opção entre a anáfora zero ou o preenchimento do objeto direto, podemos generalizar a sua força nas hipóteses da interlíngua, que, uma vez mais, se aproxima da L1, para a qual as pesquisas indicam que ele é fundamental nessas escolhas. Se em alguns casos essas escolhas coincidem com tendências da língua que está sendo aprendida, podemos postular que ocorre uma transferência positiva. Por outro lado, como já vimos, preenchimento está longe de equivaler, na interlíngua, a menção do objeto indireto por clítico, já que a hipótese de emprego de estruturas fonologicamente salientes - as preferidas na L1 dos aprendizes - é uma das mais fortes nessa gramática. A duplicação, como vimos,

é rara, predominando a hipótese de estratégias opcionais. Por outro lado, a percepção do valor contrastivo das formas duplicadas mostrou-se muito baixo nos testes, embora muitos atribuam esse traço simplesmente à forma tônica.

Em segundo lugar, queremos dizer que os objetos indiretos marcados pelo traço [-Definiido] foram raros em nosso *corpus* e que o índice de apagamento do clítico nesses casos foi de 100%, como em (75.a). Mas é preciso deixar claro também que o traço [+/-Definido] não afeta exclusivamente a opção entre a realização e o apagamento do objeto indireto. A indeterminação pode significar também, segundo nos parece, a possibilidade de não emprego do objeto indireto, como ocorre com verbos como *decir*, por exemplo, que simplesmente podem não possuir esse argumento quando não se quer ou precisa determinar o alvo dessa ação, como em (75.b):

(75)

(a) *A una persona como esa no se (e) puede dar mucha atención. (...no se le puede... 37)*

(b) *Ya está todo bien y nosotros vamos a desactivar la bomba - dice uno de los secuestradores.*

(construção na qual não é fundamental determinar a quem se diz isso)

Em terceiro lugar, o cruzamento do traço [+Humano] com o fator morfológico *pessoa* é extremamente revelador de que a gramática da interlíngua está fortemente marcada pela língua materna dos aprendizes. Como nesta, a maior candidata ao apagamento é sempre a terceira pessoa (47.6%), o que, para alguns, estaria associado ao enfraquecimento da concordância que, por sua vez, também é mais fraca no espanhol nesse caso, dada a maior ambigüidade das formas de terceira pessoa nessa língua também. Para a terceira pessoa, a estratégia do apagamento só possui um forte concorrente: o preenchimento por sintagmas nominais preposicionados sem duplicação do clítico (33.7%). Compatível com isso é o índice de apagamento das segundas pessoas *usted/ustedes* (50%), com concordâncias de terceira pessoa. Esse índice de apagamento só tem um concorrente, pouco próximo, no preenchimento por sintagma pronominal preposicionado (25%), para o que

---

37 Recordemos que se trata de um caso de objeto indireto topicalizado ou deslocado à esquerda e que, segundo Jaeggli (1982), com objetos indiretos, a duplicação é categórica no espanhol, mesmo quando esse objeto seja [-Específico].

contribuem, como sabemos, regras pragmáticas que sempre aconselham a menção dessas formas de tratamento.

É com a segunda pessoa do singular (*tú*) e sobretudo com a primeira, especialmente do singular, que encontramos os mais altos índices de realização do objeto indireto pelo clítico (35% para a segunda e 54.2% para a primeira) e os menores índices de apagamento do objeto indireto (35% para a segunda e 16.6% para a primeira), o que, uma vez mais, está em perfeito acordo com as tendências da L1 dos aprendizes, na qual são exatamente esses clíticos os que ainda têm mais força. Se no espanhol tais fatores não pesam na determinação de um apagamento do objeto indireto, que raramente ocorre, podemos postular mais uma vez um caso de transferência, que às vezes, por uma coincidência entre regras da L1 com regras da L2, pode ser positiva, e outras não.

#### 3.2.4.5. O condicionamento estilístico e o fator *nível de aprendizagem*

Mais uma vez, a variação no percentual de emprego das diferentes estratégias nos diversos tipos de produção foi absolutamente insignificante, sendo que o índice de apagamento do objeto indireto foi ligeiramente maior na escrita do que na fala, contrariamente ao que se poderia supor. A nosso ver, esse fato reforça a idéia de que essa é uma hipótese com muita força na gramática da interlíngua. Mesmo em tarefas mais dirigidas, o equilíbrio entre as diferentes soluções se mantém, mantendo-se inclusive em exercícios específicos sobre o emprego de clíticos, nos quais muitas vezes eles são apagados ou substituídos por outras formas, o que parece confirmar a existência de um filtro que, ou pela pouca saliência dessas partículas clíticas ou por terem elas pouca carga informativa para os aprendizes ou por algum outro fato que ainda deve ser determinado, não os processam e parecem descartá-los, mesmo quando toda a atenção lhes está sendo dirigida.

Por outro lado, a variação é muito pequena também quando comparamos a produção de estudantes de níveis mais elementares com a de estudantes de níveis mais avançados. Na destes últimos, a hipótese do apagamento continua sendo bastante forte, como em (76.a, b, c e d), mas observa-se um grau mais alto de variabilidade das intuições, como em (76.e, f). A hipótese do preenchimento mediante formas tônicas também se mantém com força nesse nível, tal como

percebemos em (77.a e b). Todos esses exemplos foram colhidos da produção de estudantes de sétimo e oitavo semestres:

(76)

- (a) *Cuando cumple años la esposa o novia (e) regalo flores y (e) escribo una carta de amor o (e) regalo siempre algo útil. (...le regalo...le escribo...le regalo...)*
- (b) *Las experiencias que ha pasado por la vida (e) enseñaron varios modos de ver y de comprender las dificultades. (...le enseñaron...)*
- (c) *Cómo era eso posible, exclama la otra, diciendo (e) que o se contesta a uno o no. (...diciéndole...)*
- (d) *El juego fonético participa activamente en la construcción del enunciado, dando (e) un tono poético y una musicalidad expresiva. (...dándole...)*
- (e) *Si me agrada [esa persona], (e) hablo sobre temas del cotidiano e (e) insinúo mis ganas de tener otra cita. (...me agrada...le hablo...y le insinúo...)*
- (f) *Al ser presentado a alguien por un amigo que de repente tiene que salir y nos deja solos a mí y al recién conocido, le digo que tengo mucho gusto en conocerlo, pero que estoy muy apurada e (e) invento que tengo que salir. (...le digo...y le invento...)*

(77)

- (a) *María quería ver a Antonio. Entonces ella (e) pidió a Juana que (e) dijera para él pasar. (...le pidió a Juana que le dijera que pasase.)*
- (b) *A mí no (e) hace diferencia escucharla. (A mí no me hace...)*

Esses fatos todos, ao lado da observação de fenômenos semelhantes na gramática de falantes não-nativos considerados proficientes, que, quando testados, também apresentaram um elevado grau de variabilidade de intuições a respeito dessas estruturas, nos permitem postular que essa é uma área da gramática não-nativa também altamente permeável e que conduz facilmente à fossilização.

Por fim, tal como ocorre para o emprego dos clíticos objetos diretos, comprovamos que quanto mais a percepção, a compreensão e o emprego dos clíticos objetos indiretos - assim como de todos os demais clíticos - são forçados mediante instrução formal, mais fortemente começam a aparecer na interlíngua os fenômenos de supergeneralização e distorção de regras que dão origem a construções que, como

já dissemos, se distanciam tanto da língua materna dos aprendizes quanto da língua que estão aprendendo. Para nós, essa é uma outra manifestação do fenômeno da transferência, talvez aquela - de acordo com a interpretação que temos dele - em que ele fique mais evidente. Disso, porém, falaremos mais adiante.

### 3.2.5. O dativo possessivo

Se as construções com objeto indireto apresentam uma variação nas soluções encontradas na gramática da interlíngua, as construções com dativos possessivos podem se considerar como praticamente inexistentes nessa mesma gramática, o que, a nosso ver, constitui mais uma prova do que vimos afirmando a respeito de um processo de transferência da L1 que afeta a aquisição do espanhol como L2.

A incidência na mostra de construções que teriam podido solucionar-se com um dativo possessivo foi muito baixa (8.7%). Nesses casos, as estratégias empregadas foram as seguintes: não utilização nem do clítico nem do pronome possessivo: 55.5%, como em (78.a e b); emprego do pronome possessivo ou de *de+pronome pessoal*: 22.2%, como em (78.c, d, e, f, g); emprego de clítico: 11.5%, como em (78.h, i, j); emprego de clítico mais possessivo: 8.8%<sup>38</sup>, como em (78.l, m); ainda apareceram na mostra algumas construções alternativas: 2%, como (78.n, o):

(78)

(a) *Su madre (e) ayudó a parar la sangre que (e) corría por la nariz. (...le corría por la nariz.)*

(b) *Tu novio se pone una ropa que nunca has visto. (e) Elogias la ropa y él dice que se la regaló una ex-novia. Durante la noche, encuentras una manera de, "sin desear (e)", manchar (e) el suéter. (...Le elogias la ropa...mancharle el suéter.)*

(c) *Duele mucho mi cabeza.* (para elementos de posse inalienável, em espanhol certamente se daria preferência pela construção com dativo possessivo: *Me duele mucho la cabeza.*<sup>39</sup>)

38 A nosso ver, trata-se de casos típicos de hipercorreção.

39 Lembremos, no entanto, que esses casos são em geral muito pouco explicados pelas gramáticas do espanhol. Alguns deles são dados como obrigatórios, mas encontramos exemplos do outro tipo de construção às vezes numa mesma gramática, fato que gera certa insegurança quanto a classificar certas construções de agramaticais. De qualquer modo, as pesquisas consultadas indicam uma preferência quase categórica pelas construções com dativo possessivo sobre as com pronomes possessivos.

- (d) *A mí siempre mi cabeza duele.* (*A mí siempre me duele la cabeza.*:  
extranha construção esta, na qual a forma preposicionada do dativo  
faz esperar o aparecimento do clítico, que depois não aparece.)
- (e) *...sacando su máscara.* (...*sacándose la máscara.*)
- (f) *Yo estoy poniendo un poquito de miel en la leche de él.* (...*le estoy  
poniendo un poquito de miel en la leche.*)
- (g) *Él rompió la cara de ella...* (...*le rompió la cara.*)
- (h) *Entonces le empezó a doler una muela...*
- (i) *Yo me rompí la pierna.*
- (j) *...o (e) escribes a mano y (e) pones todo lo que te viene a la cabeza*
- (l) *...me delataba mi origen.* (...*delataba mi origen./Me delataba el  
origen.*)
- (m) *Me duele mi pie.* (*Me duele el pie.*)
- (n) *Yo estoy con dolor de cabeza.*
- (o) *Yo tengo dolor de diente.*

Alguns desses fatos - como (78.c e d) e todas as construções alternativas - se explicam na gramática da interlíngua se os associarmos ao que apontam Kato & Tarallo (1986) para o português brasileiro, língua na qual a substituição de "*Dói-me a cabeça.*" por "*Minha cabeça dói.*" é um fato: a baixa produtividade da regra *pro-drop* para a posição do sujeito e a alta frequência de construções topicalizadas, inclusive com concordância do tópico com o verbo (*Estas casas ventam muito.*), permitindo a interpretação do tópico como sujeito. Assim, a tendência ao preenchimento da posição de sujeito, a preferência pela ordem SV em certos casos, a rejeição ao clítico e o licenciamento de categorias vazias num maior número de casos explicam, assim, a baixa produtividade do dativo possessivo na interlíngua dos alunos brasileiros.

### 3.2.6. Um olhar especial sobre as construções com clíticos duplos (dativo + acusativo)

A incidência, considerando-se o total da mostra, de construções que exigem clíticos duplos - um clítico dativo e um clítico acusativo - foi baixa, não passando de 26.6%, o que já é um fato significativo, talvez caracterizável como um caso

de *avoidance*, sempre entendendo por esse fenômeno não um evitamento deliberado, como temos feito até aqui, mas como uma evidência de não aquisição. É claro que não estamos considerando nesse percentual, as construções distorcidas, nas quais aparecem clíticos que não deveriam aparecer, e que preferimos considerar separadamente, como fruto de pressão de aprendizagem, no item 4 deste capítulo. Aqui só estão computadas as construções nas quais os clíticos apareceram de modo adequado, ou deveriam ter aparecido se a sua aquisição realmente tivesse se processado.

O comportamento da interlíngua nesse caso foi o seguinte: em 47.4% dos casos apaga-se apenas o clítico acusativo, o que já revela a influência de um comportamento da L1 na interlíngua, como em (79.a, b, c). Só em 3% dessas ocorrências com objeto direto nulo e dativo preenchido por clítico, este duplica um sintagma preposicionado, como em (79.d):

(79)

(a) *Eso me interesa y debes decirme (e). (decírmelo)*

(b) *Le hizo un favor y él le (e) agradeció. (...se lo agradeció.<sup>40</sup>)*

(c) *Quería una muñeca. (e) Pedí una a mi madre. Pero ella no podía darme (e). Entonces (e) (e) pedí a Papá Noel. (...dármela...)*

(d) *Pero eso, yo le (e) dije a él. (...se lo dije a él.)*

Essa estratégia tem como concorrente mais próxima a do apagamento dos dois clíticos, com um percentual de 28%. Nesses casos em que os clíticos dativo e acusativo não aparecem, as referências desses complementos já apareceram - no discurso ou na oração -, mas na sentença eles se apagam por completo, como em (80. a, b, c e d):

(80)

(a) *Ellos querían entrar en Cuba y no podían. Pero la dirección del aeropuerto decidió permitir (e) (e) porque... (...permitírselo...)*

(b) Aluno 1 - *Bueno, ya que tienes dos libros, podías regalar (e) uno a Luisa, que no tiene ninguno.*

40 Lembremos que esse tipo de apagamento (apagamento do clítico *lo* em seqüências do tipo *se lo*) ocorre também em variantes do espanhol americano, segundo Kany (1976).

Aluno 2 - *Es una buena idea, yo (e) (e) voy a regalar. (...se lo voy a regalar.)*

(c) *Quería viajar con mis amigos, pero no sabía si mis padres iban a concordar. Entonces decidí preguntar (e) (e). (...preguntárselo.)*

(d) *Me ofrecieron su casa y yo (e) (e) agradecí. (...se lo agradecí.)*

Em terceiro lugar aparece a estratégia do preenchimento dos dois complementos por clítico, com um percentual de 12.6%. É preciso esclarecer, no entanto, que só encontramos algumas poucas construções desse tipo, quase todas em trabalhos escritos de alunos mais avançados e em tarefas mais dirigidas, como em (81.a, b. e c), que podem ter condicionado o seu aparecimento. Ainda assim, às vezes verificamos no próprio contexto em que a construção aparece certa variabilidade de intuições. Em alguns poucos casos, os complementos são duplicados, como em (81.b). Além disso, encontramos alguns erros na escolha do clítico empregado, ainda que as posições estejam corretamente preenchidas, como em (81. d, e):

(81)

(a) *Tu novio se pone una ropa que nunca has visto. (e) Elogias la ropa y él dice que se la regaló una ex-novia. Durante la noche, encuentras una manera de, "sin desear (e)", manchar (e) el suéter*<sup>41</sup>.

(b) *Entrégaselo a Berta, el paquete que está sobre la mesa, pues ella (e) necesita hoy mismo*<sup>42</sup>.

(c) *Si tienes algo para mí, debes dármelo*<sup>43</sup>.

(d) *Todos van a darse cuenta de que algo está ocurriendo, se los garantizo. (...se lo garantizo*<sup>44</sup>.)

41 Exemplo extraído de trabalho escrito de estudante de oitavo semestre, em que se verifica certa variabilidade de intuições no emprego dos clíticos.

42 Exemplo extraído de exercício em que se pedia a conexão de frases soltas, transformando-as num período, feito com alunos de oitavo semestre, exercício esse que apresentou resultados os mais variados; na construção, também se observa variabilidade de intuições. Nessa construção, como vemos, há um clítico catafórico duplicando um objeto indireto [-Humano], que estamos aceitando por considerá-lo um caso típico de anti-tópico ou *afterthought*.

43 Exemplo extraído de exercício sobre emprego de indicativo e subjuntivo, aplicado a alunos de sétimo semestre.

44 Exemplo extraído de trabalho escrito de aluno de sétimo semestre. Esse fenômeno de concordância do clítico objeto direto com a referência do objeto indireto (*ustedes*) é comum, como vimos, no espanhol americano.

- (e) *Voy a pedirle orientación sobre la lectura del libro que indicó y preguntarle cuándo voy a devolvérsele. (...devolvérsele<sup>45</sup>.)*

Em último lugar, com um percentual muito próximo ao da estratégia anterior - 12% - ficou a estratégia de apagamento do clítico dativo e emprego do clítico acusativo, como em:

(82)

- (a) *Pepa necesita estos papeles hoy mismo. ¿Tú podías llevar(e)los? (...llevárselos?)*
- (b) *Aunque me lo hará un regalo, porque sé que (e) lo hará, todo seguirá como antes<sup>46</sup>. (Aunque me hará un regalo, porque sé que me lo hará...)*

Ainda que não as estejamos computando nesses percentuais, lembremos apenas que foram encontradas na mostra várias construções em que temos anáfora zero de objeto direto e dativo representado por um sintagma preposicionado, como em (83.a), e objeto indireto preenchido por sintagma preposicionado com objeto direto preenchido por pronome tônico do caso nominativo, como em (83.b):

(83)

- (a) Aluno 1 - *Sólo voy a bailar la música especial.*
- Aluno 2 - *Entonces tienes que pedir (e) (e) a los músicos. (pedírsela a los músicos)*
- (b) *Este libro es de Angélica. ¿Puedes entregar (e) él a Sara? Ellas se van a encontrar mañana. (...entrégaselo a Sara?)*

A baixa incidência de construções com clíticos duplos na mostra, as estratégias privilegiadas, quanto os "erros" na escolha do pronome a ser empregado nas formas duplas revelam, como se vê, a grande dificuldade na aquisição dessas formas, o que se explica, a nosso ver, quer pela baixa produtividade dos clíticos na língua materna desses aprendizes, quer - sobretudo - pela já praticamente total inexistência de formas combinadas nessa língua. A insistência, mediante instrução formal, na

45 Exemplo extraído de atividade escrita com alunos de segundo semestre, cujo foco era o emprego dos clíticos. Como se vê, os dois clíticos aqui representam o objeto indireto, já que o *léismo* praticamente não apareceu em nossa mostra e ele tampouco se aplica, como vimos, a coisas.

46 Frase na qual o primeiro emprego do clítico objeto direto, antecipando um objeto direto marcado pelo traço [-Definido] é inusitado até nas variantes que habitualmente empregam clíticos objetos diretos catafóricos.

percepção e no emprego dos duplos clíticos levará, como veremos mais adiante, ao fenômeno da distorção de regras, que afasta a gramática da interlíngua tanto da da L1 quanto da da L2.

### 3.2.7. Apagamento vs. preenchimento de predicativo

Como vimos ao analisar o espanhol, o clítico neutro *lo* também é empregado para a anáfora de predicativos. Esse é um procedimento comum no espanhol, como se pode observar pelo aparecimento dessas construções em diferentes contextos, ainda que não tenhamos encontrado nenhum estudo específico sobre o seu emprego e sobre a sua freqüência.

Tampouco encontramos referências sobre o comportamento dessa construção nos estudos sobre o português brasileiro. Entretanto, se o clítico proposicional *o* é o primeiro a ser considerado como propriamente desaparecido do sistema, pode-se supor que o mesmo ocorra com o clítico *o* substituto de predicativo, e se ele ainda aparece em algumas construções, sempre de registro muito formal, é porque é resultado de aprendizagem e não propriamente de aquisição.

Nossos testes de percepção da variável com construções dessa natureza em português revelaram que elas são consideradas "rebuscadas", "formais" e "pedantes", para empregar os adjetivos que foram mais usados para caracterizá-las. Com freqüência, os estudantes testados não puderam compreender a função dessa partícula. O mesmo ocorreu com construções desse tipo em espanhol. A maioria dos testados não podia entender, por exemplo, por que esse clítico prescindia de concordância e qual era a sua referência. Resta verificar, então, quais são as estratégias mais adotadas na interlíngua para esses casos.

A índice de freqüência de construções desse tipo na mostra foi relativamente baixo: 26.6% sobre o total do *corpus*. Desse total de construções, 57% apresentam o apagamento do clítico predicativo, como em (84.a, b, c e d); em 40% delas o predicativo é mencionado por um pronome demonstrativo ou pelo pronome indefinido *así*, como em (85. a, b e c); e em apenas 3% aparece o clítico, como em (86. a, b), sendo que em alguns casos esse clítico apresenta uma concordância indevida com o seu antecedente, como em (86. c, d, e):

(84)

(a) *Ella dice que es medio loca, pero no (e) es. (...no lo es.)*

- (b) *El español parece fácil, pero no (e) es. (...no lo es.)*
- (c) *Mi novio dice que está muy enamorado de mí, pero la verdad es que no (e) parece. (...no lo parece.)*
- (d) *Pablo debe ser inteligente, pero aunque (e) sea, él no entendió mis palabras. (...aunque lo sea...)*
- (e) *Amigos, no los deben tener muchos, pero en realidad espero que sean sinceros. ¿Seguro que los son? (...lo son?)*

(85)

- (a) *Algunas personas me juzgan una chica antipática, pero yo no soy eso. (...yo no lo soy.)*

- (b) Aluno 1 - *Canadá me parece muy bueno.*

Aluno 2 - *Si es eso es porque fue beneficiado por su colonización. (Si lo es...)*

- (c) *Dicen que allá todo es muy fácil, pero no es así*<sup>47</sup>.

(86)

- (a) *Dices que estás calma, pero no lo pareces - retrucó el profesor - como viéndome por dentro.*

- (b) *Si afirma que es legítimo, es porque lo es.*

- (c) *Hablaba tanto de sus hermanas, diciendo que eran bonitas, pero en realidad no los son. (...no lo son.)*

- (d) *Querían parecer buenas, aunque no las eran. (...lo eran.)*

Essas construções com clítico predicativo, além de raras, só aparecem na escrita de alunos mais avançados. Por outro lado, o índice de apagamento dessa partícula ou a realização desse complemento por formas tônicas vêm mais uma vez confirmar nossa hipótese de transferência, entendida essa não apenas como uma preferência mais compatível com hipóteses válidas para a L1, mas também como a aplicação de uma estrutura mental já conformada no processamento e na filtragem dos dados do *input* recebidos da L2.

---

47 Construção correta no espanhol.

### 3.2.8. Apagamento vs. não apagamento dos reflexivos e do *se*

Como vimos ao analisar o português brasileiro, este apresenta um alto grau de variação no que diz respeito a uma série de construções com reflexivos e *se*, uma vez que é possível encontrar, segundo mostra Kliffer (1977), alternância de usos em todos os registros e em diversas variantes geográficas. Lembremos aqui que esse autor estabelece uma espécie de oposição entre as estruturas com o reflexivo *se*, marcadas pelo traço *limit-setting*, que aparecerá todas as vezes que ele ocorrer, e aquelas em que o pronome não aparece, que não seriam afetadas por esse traço. O apagamento do reflexivo não implica, no entanto, necessariamente a perda do traço a ele atrelado quando ele está presente. Embora o autor restrinja essa interpretação à terceira pessoa, a única que de fato possui uma forma diferente - *se* - para a correferencialidade sujeito-clítico, a nosso ver, como dissemos, essa oposição pode ser generalizada para os demais reflexivos em alguns casos.

Também Kato & Tarallo (1986) fazem referência ao apagamento do clítico reflexivo - parte de um fenômeno mais amplo de rejeição pelo clítico, segundo eles - no português brasileiro. Ele se apaga, lembremos, tanto em construções nas quais não é usado anaforicamente quanto na estratégia de evitamento de construções com *se*, que são substituídas por construções transitivas com *fazer*.

Ao contrário do que ocorre no português brasileiro, vimos que no espanhol os anafóricos são muito produtivos, sendo raros e muito limitados social e geograficamente os casos de apagamento citados na bibliografia. A julgar pelo que está ocorrendo com o dativo ético, segundo vários autores, poderíamos dizer inclusive que a tendência é exatamente contrária à do português brasileiro, já que o emprego desses pronomes com um número muito grande de verbos aos quais não estão necessariamente associados parece vir crescendo e ganhando cada vez mais força tanto no registro oral quanto no escrito.

Diante disso, cabe ver qual é o comportamento da interlíngua de aprendizes do espanhol cuja língua materna é o português brasileiro.

Como este item envolve uma gama muito grande de construções cuja classificação, como se sabe, tem sido sempre objeto de grande polêmica, optamos pela seguinte divisão. Em primeiro lugar, trataremos das construções com reflexivos de todas as pessoas, observando os índices de aparecimento ou não do clítico. Sem

entrar na polêmica de sua classificação, adotaremos, por razões práticas, a de Barrenechea & Rosetti (1969), que dividem essas construções em: *reflejas puras*, do tipo "*Inés se mira en el espejo.*", e, ainda que as autoras não o mencionem, do tipo "*Inés se lava las manos.*"; *recíprocas*, do tipo "*Todos se saludan.*"; *cuasi-reflejas de toda persona*, do tipo "*Todos se marcharon.*" (com reflexivo que não é objeto direto nem indireto e sem reforço possível).

Ao trabalharmos as ocorrências encontradas no nosso *corpus*, observaremos as possíveis alterações de sentido que a presença ou não do clítico pode acarretar para a construção, focalizando aqui também as construções de *dativo ético*.

Das construções com *se*, habitualmente classificadas como *pasivas reflejas e impersonales con se* trataremos, é claro, num item à parte. As autoras citadas as classificam como: *cuasi-reflejas de tercera persona*, com sujeito e possibilidade de verbo no singular e no plural, do tipo "*Se oyen extraños ruidos.*"; *cuasi-reflejas de tercera persona*, cujo *se* não é objeto direto nem indireto, sem sujeito, com verbo só no singular, do tipo "*Se escucha a todos.*"

Ao todo, encontramos na mostra um total de 150 construções nas quais aparece ou deveria ter aparecido um reflexivo ou um *se*, o que indica uma incidência de apenas 20%. A maior parte delas se encaixa na categoria de *cuasi-reflejas de toda persona*, razão pela qual iniciaremos nossa abordagem por elas.

### 3.2.8.1. Apagamento vs. não apagamento de reflexivo nas construções *cuasi-reflejas de toda persona*

O percentual de construções com apagamento de clítico reflexivo nas construções *cuasi-reflejas de toda persona* foi mais baixo do que o percentual de preenchimento: 44.3% vs. 55.7%. Se à primeira vista esses percentuais parecem não reforçar nossa hipótese de transferência, já que não se confirma por eles a maior tendência ao não emprego do clítico, uma observação mais detida dos casos mostrará, como veremos, que ainda se trata de um caso de transferência. Aqui a **variabilidade de intuições revela o grau de permeabilidade dessa área da gramática**, variabilidade de intuições que parece existir, segundo o que aponta Kliffer (1977), também na L1. Por outro lado, os exemplos apontam claramente uma não captação da oposição marcado x não marcado, nos termos de Kliffer, para algumas estruturas.

Em 41.6% das construções, encontramos o mesmo verbo usado ora com o pronome reflexivo, ora sem ele. Essa alternância leva, muitas vezes, a problemas de construção e a problemas no plano do significado. Em alguns casos, o regime próprio de uma das construções se aplica à outra. Entre essas construções estão as com *olvidar/olvidarse*, *reír/reírse*, *confesar/confesarse*, *encontrar/encontrarse*, *aprovechar/aprovecharse*, como mostram os exemplos a seguir:

(87)

(a) *No puedo olvidar (e) de la invitar. (...olvidarme de invitarla)*

(b) *Jamás (e) olvidó de este lugar. (...se olvidó de este lugar./... olvidó este lugar)*

(c) *Olvida (e) del pasado. (Olvídate del pasado./Olvida el pasado)*

(d) *Muy bien, tú sabes ser romántica y al mismo tiempo no olvida de los otros*<sup>48</sup>. (...no te olvidas de.../...no olvidas a los otros.)

Não houve, na mostra, nenhuma ocorrência da terceira construção possível com esse verbo: *olvidársele algo a alguien*, o que não deixa também de ser significativo, já que essa é uma forma complexa, que contém dois clíticos, na qual se atribui ao elemento marcado com o traço [+Humano] um papel de afetado e uma função de objeto indireto. Tais construções, como outras do mesmo tipo, com outros verbos (*ocurrírsele algo a alguien*, *caérsele algo a alguien*, *rompérsele algo a alguien*, etc.) só aparecem na interlíngua quando forçadas pela aprendizagem, em exercícios bastante dirigidos, o que não representa um fenômeno de aquisição nos moldes dos que nos interessam.

Continuemos, entretanto, com os exemplos de alternância de construções:

48 Note-se que nessa construção ocorre um problema de concordância: a mistura dos tratamentos *tú* e *usted*. Esse também é um fenômeno muito freqüente na interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol. Trata-se de um fenômeno interessante, que merece maiores estudos, que inclusive o associem aos fenômenos de concordância pelos quais vem passando o português brasileiro. Um dado interessante que observamos é de que nessa passagem de uma forma de tratamento (com a sua devida forma verbal) para a outra, predominam os casos de passagem do *tú* para o *usted*, sendo o contrário bastante mais raro. Provavelmente isso se explica pela força do tratamento *você* na variante empregada pelos alunos observados e pelo fato de que tanto o *você* quanto o *usted* se empregam com verbo em terceira pessoa. Isso, associado à origem praticamente comum dessas formas de tratamento nas duas línguas, dificulta muito a identificação do tratamento *usted* como formal, tal como ele é na maior parte das variantes do espanhol, ainda que haja muita variação nos seus valores.

(88)

- (a) *(e) Reíamos mucho cuando estábamos juntos. (Reíamos.../Nos reíamos...)*
- (b) *El borracho (e) reía muy alto. (...reía.../...se reía...)*
- (c) *Él quería saber quién (e) habla reído de él. (...se había reído de él.: reírse de algo o alguien/reír[se])*
- (d) *Te vas a reírte* <sup>49</sup>. *(Vas a reír[te].../[Te] vas a reír...)*

(89)

- (a) *Me sentí muy bien después que (e) confesé, y eso que no soy muy religiosa* <sup>50</sup>. *(...me confesé.: confesar(se)/confesar algo/confesarse de/confesarse con.)*
- (b) *El personaje es muy católico, (e) confiesa todas las semanas. (...se confiesa...)*
- (c) *Confesaron que habían sido ellos los ladrones.*

Como vemos, diante da dupla possibilidade, a opção predominante é pela forma sem clítico, como em (88.a e b). Nos casos em que o clítico é obrigatório, como em (88.c) e (89.a e b), pode-se perceber muito bem a não captação do valor marcado por *limit setting*. Em (88.d) vemos um caso típico de hipercorreção, no qual o emprego do clítico foi forçado pela aprendizagem.

Não houve na mostra nenhuma ocorrência de *confesarse de algo* ou de *confesarse con alguien*, o que se explica pelo uso restrito dessas construções no espanhol e não por outra razão. Prossigamos com os exemplos do caso que está sendo focalizado, que demonstram a existência de variabilidade de intuições e de perda de valores marcados:

(90)

- (a) *(e) Encontré con Patricia y aproveché para pedir (e) de vuelta mi cuaderno. (Me encontré con Patricia.../Encontré a Patricia...: encontrarse con alguien/encontrar a alguien.)*
- (c) *(e) Encuentro contigo en la puerta del restaurante, ¿vale? (Me encuentro contigo en.../Te encuentro en...)*

49 Construção forçada pela aprendizagem, produzida durante aula sobre pronomes átonos, embora não em exercício.

50 Tal como está, se aplicaria mais a confessar um crime, um segredo, etc.; aqui percebe-se bem a não captação do valor marcado. O mesmo se aplica a (89.b).

- (b) *¿Qué te parece si mañana nos encontramos para ir al cine?*
- (d) *El otro día me encontré con Carlos y le conté algo que le sorprendió, porque aunque (e) (e) imaginaba, no (e) sabía.*
- (91)
- (a) *El niño es pequeño, por eso no debes aprovechar (e) de su ingenuidad. (No debes aprovecharte de...: aprovechar algo/aprovecharse de algo o de alguien.)*
- (b) *Los políticos (e) aprovechan de la miseria del pueblo. (Los políticos se aprovechan de...)*
- (c) *No me gusta que se aprovechen de mi fragilidad.*
- (d) *¡Que te aproveches! (¡Que aproveches! <sup>51</sup>.)*
- (e) *Se aprovechó la ocasión para hacer el pedido. (Aprovechó la ocasión... <sup>52</sup>.)*

Em (91), observamos que, além do problemas que aparecem no regime verbal, a alternância pode provocar alterações não previstas de sentido. Isso é o que ocorre também em alguns dos exemplos a seguir:

- (92)
- (a) *(e) Acuerdo siempre de la abuela diciendo la historia. (Me acuerdo...de..., já que acordar significa: hacer un acuerdo <sup>53</sup>.)*
- (b) *Acuerda (e) que tienes que salir dentro de media hora. (Acuérdate de..., pela mesma razão <sup>54</sup>.)*
- (c) *Sí, me las acuerdo. (Me acuerdo de ellas <sup>55</sup>./Las recuerdo.)*
- (d) *Nunca me acuerdo de esas reglas.*
- (93)
- (a) *El cambio del talante llevaría al cambio del semblante que, al fin y al cabo, (e) reflejaría en otros campos de la lengua. (...se reflejaría..., já que reflejar, além de ser transitivo, significa revelar, dejar transparecer.)*

51 Trata-se de uma frase feita.

52 A presença do *se* transforma a construção numa impessoal, valor que não se confirma no contexto em que ela está inserida. Outra interpretação possível, mas tampouco confirmada pelos testes aplicados, é a de um dativo ético.

53 Outra construção possível, em alguns desses casos, seria com o verbo *recordar*.

54 Aqui o sentido da frase fica no mínimo ambíguo.

55 Ainda que essa construção também ocorra na oralidade em espanhol, como vimos.

(b) *Su imagen (e) reflejaba en el agua. (...se reflejaba...)*

(c) *Eso refleja la actitud del narrador.*

(94)

(a) Professor - *¿A qué hora te vas?*

Aluno - (e) *Voy a las ocho.*

(*Me voy, já que ir não é sinônimo de marcharse, significado pretendido aqui* <sup>56</sup>.)

(b) *Los otros ladrones huyen y (e) van al Caribe. (...se van...)*

(c) *Esta tarde me voy a ir al cine con mi amiga. (...voy a ir... 57.)*

(d) *Nunca pasé las vacaciones fuera de Brasil, pero el año que viene me voy a España* <sup>58</sup>.

(e) *Se fueron, pero todavía hablaban, ya no [lo] sé sobre qué.*

(f) *Algunas son de la época que me fui de aquí.*

(95)

(a) *Pasáronse muchos días, hasta que... (Pasaron...: transcurrieron 59.)*

(c) *Lo mismo se pasa con la propia relación de los personajes centrales. (...pasa...: sucede, ocurre.)*

(d) *...son su propia interpretación sobre lo que se pasa, psicológicamente, con los personajes. (...pasa: sucede, ocurre.)*

(e) *Se pasaron muchas cosas. (Pasaron: sucedieron, ocurrieron.)*

(f) *Lo mismo se pasó con la lengua. (...pasó: sucedió, ocurrió.)*

56 Novamente percebe-se claramente a perda do valor marcado. Em vários casos, no espanhol, a construção reflexiva de um determinado verbo provoca alterações de sentido: *dormir/dormirse* (*dormir/adormecer*), é um exemplo disso.

57 Dois fatos pedem essa construção: o valor perifrástico de *ir a*, que se perde com o clítico, e a prevalência da idéia de destino. Ainda assim, cabe dizer que é possível encontrar certos casos de emprego de *irse*, no espanhol, nos quais o reflexivo tem um valor de ético, mas não com a perífrase *ir a*.

58 Pelo contexto, fica claro que se trata de *ir* e não de *irse*, *marcharse*, ainda que tal construção não seja inusitada no espanhol, com intenções enfáticas. É um caso de dativo ético, embora o teste com quem a produziu não tenha revelado isso.

59 Os sentidos possíveis para *pasarse* são os seguintes: *convertirse una cosa en otra* ou *cambiarse de un estado en otro* (*Te has pasado de alegre a triste.*); *acabarse algo* (*Se ha pasado el plazo.*); *cambiar de opinión, de grupo* (*Juan se ha pasado a los socialistas.*); *olvidarse de algo* (*Se me pasó llamarte.*); aplicado a comidas, *estropearse* (*Se ha pasado la leche.*); *excederse* (*No te pases de puntual.*), pode ter, nesse caso, conotação positiva (*¡Te has pasado!*).

- (g) *Nunca pasé las vacaciones fuera de Brasil, pero el año que viene me voy a España.*
- (h) *¿Qué pasa?*
- (i) *El tiempo pasa con tanta rapidez, que...*
- (j) *¿Qué pasa, niña* <sup>60</sup>*?*
- (k) *¿Qué se sucederá? (...sucedará? Neste caso, parece ter sido adotado o mesmo critério adotado com o verbo *pasar*.)*
- (l) *(...) nos cuenta sobre lo que se sucedió a Clara. (idem (k).)*

Curiosamente, com esse verbo, a construção com clítico é a preferida, o que representa, nesse caso, uma tendência inversa à que vimos notando. Entretanto, duas coisas merecem observação: nenhum dos valores atribuídos a *pasarse* na mostra corresponde aos possíveis valores desse verbo no espanhol, assim como nenhum dos valores de *pasarse* no espanhol foi empregado na mostra, com ou sem clítico; como no português a construção do verbo *passar* com clítico pode ter o sentido de *suced*er e de *transcorrer*, podemos estar diante de um caso de empréstimo ou de atribuição dos mesmos valores marcados da L1 à forma da L2.

Nos exemplos que seguem, a perda do valor marcado da construção que deveria trazer o reflexivo fica evidente:

(96)

- (a) *Entonces (e) me ocurrió que podíamos ir a la playa. (...se me ocurrió: tive uma idéia inesperada, já que aqui *ocurrir* não tem o significado de *suced*er, *pasar*.)*
- (b) *¿Qué te está ocurriendo? Me da miedo cuando pones esa cara. Nunca se sabe lo que vas a hacer. (idem, pois o contexto deixa claro que a idéia é a de "¿Qué se te ocurre?" - o que está passando pela sua cabeça - e não a de ¿Qué te pasa?)*
- (c) *Lo que ocurre es que no me gusta mucho leer. (...ocurre: *sucede*, *pasa*.)*

(97)

- (a) *Todo se ha cambiado. (...ha cambiado, já que *cambiarse* não tem o significado de *modificarse*, ou qualquer outro dos possíveis para a construção com clítico <sup>61</sup>.)*

60 Poderia ser também: *¿Qué te pasa, niña?*. Nesse caso, entretanto, o clítico não é um reflexivo.

- (b) *No bastan las intenciones de cambiar. Si se quieren cambiar, basta buscar a un amigo...* (...*si quieren cambiar*, pois aqui *cambiarse* não pretende ter o sentido de *mudarse*, tal como revela o contexto <sup>62</sup>.)
- (c) (e) *Cambiamos el sábado y el miércoles la casa todavía no estaba en orden.* (*Nos cambiamos*, já que aqui o sentido desejado é o de *mudarse*; sem o clítico se esperaria um objeto direto.)
- (d) (e) *Cambia de ropa tres veces al día.* (*Se cambia*: *cambiarse de ropa* e não *mudar*, *transformarse*.)
- (e) (e) *Mudaron para una casa más grande.* (*Se mudaron*, já que aqui o sentido não é de *transformarse*, mas de *trasladarse*.)
- (98)
- (a) *Él lo formula en el presente y entonces él vuélvese al pretérito.* (...*vuelve*, isto é, *retorna*, e não *se da vuelta*, significado de *volverse*.)
- (b) *Entonces yo me volví a casa muy desilusionado con lo que había visto.* (...*volví*...: *retornar* <sup>63</sup>.)
- (c) *Ella se volvió del viaje fascinada.* (...*volvió*...: *retornó*.)
- (d) *Se volvió loca con todo lo que tenía que hacer.* (*Se volvió*...: de *volverse* + adjetivo = um dos chamados *verbos de cambio* <sup>64</sup>.)
- (e) *Voy a volver (e) loco con esos trabajos de literatura.*

61 Além disso, a inclusão do pronome dá à construção um valor de impessoal com *se*, que não se confirma no contexto no qual ela está inserida. O teste revelou também que não foi esse o sentido pretendido. Não caberia aqui tampouco a interpretação de um dativo ético, tal como pode ocorrer eventualmente com o verbo *cambiar*, conforme indica Kany (1976), que cita o seguinte exemplo: *Los de Altamira se cambiaban sus impresiones acerca de todo aquello*. Essa interpretação tampouco se aplica aos demais casos que aqui citamos desse verbo com o pronome reflexivo, conforme provaram os testes feitos com nativos.

62 Nessa construção, percebe-se também claramente a variabilidade de intuições de um mesmo falante, que primeiro emprega a forma *cambiar* e, posteriormente, talvez pelo medo de errar, injeta o pronome, sem dar-se conta da alteração de sentido que está provocando. Nesses casos, o que parece pesar é o fator sonoridade. Em certas etapas da aprendizagem, para os estudantes, o espanhol é uma língua de pronomes átonos, não importando muito a sua função. Veremos mais adiante o que isso provoca na interlíngua.

63 Ao menos um dos informantes nativos, de nacionalidade argentina, interpretaram essa construção como um dativo ético possível.

64 Como indicador de uma transformação, tal como o contexto deixa claro, o verbo deve ser *volverse*, como também em (e), e não *volver*, que atribui à expressão um outro sentido, o de retornar louco de algum lugar.

Em alguns casos, o apagamento do reflexivo implica a perda da reflexividade e se poderia esperar um complemento não correferencial com o sujeito, como em:

(99)

- (a) *Un niño (e) levantó de la cama sin suerte.* (...se levantó, já que não se trata de *levantar algo o a alguien.*)
- (b) *Yo (e) levanto a las seis.* (*Yo me levanto...*, pela mesma razão.)
- (c) *Todos los días a las seis de la mañana mi mamá entra en mi habitación y (e) dice: levanta (e) que ya es hora, lava (e) la cara y ven a desayunar (e).* (...levántate, pela mesma razão.)
- (d) *De golpe, un hombre levántase.* (...se levanta.)

(100)

- (a) *Sienta (e) que me estás molestando.* (*Siéntate*, já que não se trata de *sentar a alguien.*)
- (b) *No me gusta sentar (e) cerca de la puerta.* (...sentarme, pela mesma razão.)
- (c) *En el cine, (e) sentamos juntos y (e) dimos las manos.* (...nos sentamos..., pela mesma razão.)
- (d) *Sienta (e) y queda (e) quieto - (e) dijo la madre.* (*Siéntate...*, pela mesma razão.)

(101)

- (a) *No sé si yo (e) caso o si yo (e) compro una bicicleta.* (...me caso..., de *casarse, unirse en matrimonio*, já que não há um complemento não correferente com o sujeito, como em "*Casé a mis hijos*", por exemplo<sup>65</sup>.)
- (b) *Aunque (e) hubiera casado, él no se casó.* (...se hubiera casado, pela mesma razão <sup>66</sup>.)
- (c) *Quería casar (e) con veinte años y (e) casé con veinticinco.* (...casarme...me casé...)

Curiosamente, nesses casos em que o apagamento do clítico implica a perda da correferencialidade, justamente os mais próximos da reflexividade propriamente dita,

65 Kany (1976) registra a perda do reflexivo nesse verbo em algumas variantes americanas. Também registra a perda de reflexivo com os verbos: *desayunar* e *llamar*.

66 Nesta construção fica bem clara a variabilidade de hipóteses na gramática de um mesmo falante, que analisava um conto intitulado "*Del que no se casa*".

a preferência pela construção sem clítico é evidente. Esse fenômeno ocorre também no português brasileiro, segundo atesta Kliffer (1977) e, como vimos, no espanhol registram-se apenas alguns casos marginais, pelo que podemos supor que é a L1 que está pesando nessas escolhas.

Quando existe opcionalidade de construção, a forma preferida também é em geral a sem o reflexivo, como em:

(102)

(a) *Hoy (e) despierto siempre a las nueve. (...[me] despierto...)*

(b) *Me gusta despertar (e) temprano. (...despertar[me]...)*

(c) *Todos los días a las seis de la mañana mi mamá entra en mi habitación y (e) dice: levanta (e) que ya es hora, lava (e) la cara y ven a desayunar (e). (...desayunar[te].)*

(d) *No (e) imaginas lo que dijo Antonio. (aqui, a forma preferida no espanhol seria: No te imaginas...)*

(e) *Si él tiene un viaje de negocios y deja de llamar (e) un día, yo (e) imagino que él tuvo algún problema y no pudo llamar (e). (...me imagino.../...imagino...)*

Entre as formas ditas opcionais, encontra-se o verbo *quedar/quedarse*. Segundo Porroche Ballesteros (1988), o *se* não é obrigatório nas construções do tipo *quedar(se) + adjetivos y participios*, embora apareça na maioria dos casos. O *se* só é imprescindível, segundo a autora, se o falante quiser marcar a voluntariedade por parte do sujeito. Entretanto, sabemos que a opcionalidade nem sempre é real em questões lingüísticas. Além disso, praticamente todas as gramáticas e dicionários de uso insistem muito na extensão de uso da forma pronominal, que também é a predominante na interlíngua, nem sempre adequadamente<sup>67</sup>. Dada, no entanto, certa imprecisão nas obras consultadas a respeito dos limites dos usos de *quedar/quedarse*, decidimos, sempre que houvesse dúvida, submeter as construções encontradas na mostra ao julgamento de nativos, que transcrevemos ao lado dos exemplos que causaram dúvida:

67 Remetemos aqui à primeira parte do terceiro capítulo, na qual discorremos bastante a respeito dos usos e sentidos de *quedar/quedarse*.

(103)

- (a) *Sienta (e) y queda (e) quieto - (e) dijo la madre. (...quédate...: a acepção mais importante da forma pronominal é permanecer, justamente a pretendida no exemplo.)*
- (b) *Prefiero quedar (e) en casa y así evitar un resfrío. (...quedarme: pela mesma razão.)*
- (c) *Usted simplemente no respetó las leyes de tránsito, ya que es obligatorio quedarse primero al lado del coche que (e) desea pasar. (correta, ainda que as formas mais esperadas nesse caso seriam: mantenerse, ponerse <sup>68</sup>.)*
- (d) *Muchas cosas se quedaron por hacer. (...quedaron..., já que é essa a construção preferida quando o significado é restar, sobrar; além disso, alguns rejeitaram a construção pronominal com sujeito inanimado.)*
- (e) *Se quedaron unos pocos amigos de aquel tiempo. (no contexto, o valor pretendido é o de sobraron, o que não autoriza a construção com o clítico; além disso, cria-se uma ambigüidade que pode levar a que se quedaron possa se confundir com permanecieron, valor que o contexto não autoriza.)*
- (d) *El cielo se queda triste. (aceitável se não se tratar de um estado momentâneo, embora choque, para alguns nativos, o emprego dessa forma com sujeito inanimado; construção alternativa:...se pone triste.)*
- (e) *El ambiente se quedó más cerrado. (preferível, para alguns nativos,... quedó..., pelo sujeito inanimado.)*
- (f) *Tú puedes quedarse bien en todas las situaciones de la vida. (seguida de bien ou mal, a forma esperada é ...puedes quedar... <sup>69</sup>.)*
- (g) *Quedóse en la tierra. (Se quedó...: fora o problema na colocação, do qual trataremos mais adiante. construção correta, já que o sentido é permanecer.)*
- (h) *El piloto y el rehén habían se quedado. (como na anterior, o único problema é a colocação, que deveria ser:...se habían quedado.)*

O verbo *quedar(se)* apresenta uma freqüência enorme na interlíngua e tende a aparecer, com freqüência inadequadamente, todas as vezes em que no português

68 Na verdade, toda a sintaxe da construção é problemática. Aqui a construção indeterminada correta seria a com *uno*: ...*ya que uno debe ponerse primero al lado del coche que desea pasar.*

69 Como se vê, na construção ocorre a mistura das duas formas de tratamento (*tú* e *usted*) à qual já fizemos referência.

usaríamos o verbo "ficar". Como se pode ver pelos exemplos citados, o fato de que predomine na interlíngua a forma pronominal não implica a aquisição e o correto processamento dos valores adequados das formas com o pronome, por oposição às formas sem ele. Uma revelação interessante nesse caso, que pode contribuir para a variabilidade de intuições dos aprendizes, é a variabilidade de intuições constatada entre os nativos, já que os julgamentos não foram uniformes. De qualquer forma, constata-se duas coisas: por um lado, um fenômeno que diríamos muito próximo ao do empréstimo (atribuição do valor de *ficar* a *quedar/quedarse*); por outro, a predominância da forma pronominal pode ser um indício de hipercorreção ou de generalização de regra, nesse caso, a opção pela forma marcada, que, no entanto, perde o seu valor discriminatório.

A opção entre *caer* e *caerse*, um verbo de movimento com usos muito variados no espanhol, que admite construções médias com sujeito inanimado, também nem sempre é bem sucedida na interlíngua:

(104)

- (a) *El niño (e) cayó de la bicicleta y (e) rompió la pierna.* (duas razões indicam que a forma é... *se cayó de...*: a idéia de lugar "de onde" e o fato de a queda ser acidental.)
- (b) *...entonces el nido del pajarito (e) cayó del árbol y los huevitos todos (e) quebraron.* (idem)
- (c) *Llevó un tropezón y (e) cayó, lastimándose.* (...*se cayó...*: queda acidental.)
- (d) *El jarro cayó al suelo.* (correta, com "lugar aonde".)
- (e) *El florero (e) cayó de sus manos, se rompió y su amigo se quedó muy enojado.* (*se cayó de*, "lugar de onde" <sup>70</sup>.)
- (f) *(e) Cayeron sus gafas.* (...*se cayeron...*/Se le cayeron los anteojos.)

Houve poucos casos de verbos que, não admitindo uma forma reflexiva, apareceram com o reflexivo, como em:

(105) *Avisaron que había una bomba y que ella se explotaría si...*

70 Outra construção possível, nesse caso de uma queda acidental, teria sido: *Se le cayó de las manos.* Essas formas, entretanto, não aparecem espontaneamente na interlíngua.

Como é possível ver, o maior índice de emprego de clíticos está bem longe de significar que a aquisição das estruturas *cuasi-reflejas de toda persona* se processa sem problemas. A força que leva ao emprego do reflexivo nesses casos - provavelmente associada ao efeito sonoro que a sua presença provoca na língua - certamente não implica que também tenha se processado uma aquisição dos matizes de sentido que o seu emprego significa. Acreditamos que, mais uma vez, anulam-se nesse processo os valores marcados da L2, o que significa que também essa é uma área da gramática extremamente permeável. A prova maior disso está na grande variabilidade de intuições encontrada na gramática da interlíngua, tanto de estudantes de níveis básicos quanto de estudantes de níveis avançados, sem diferenças que possam ser consideradas significativas. Também não foram significativos aqui os diferentes estilos (fala e escrita, mais ou menos formais) nem as pessoas gramaticais, razão pela qual não lhes damos um tratamento em separado.

### 3.2.8.2. O apagamento do *se* anafórico

#### 3.2.8.2.1. O caso de *romper(se)*

O verbo *romper(se)* admite no espanhol diferentes tipos de construções. Nma delas, sem o reflexivo, supõe-se a existência de um sujeito agente <sup>71</sup> cuja ação, voluntária, afeta um elemento que funcionalmente é um objeto direto (*Juan rompió el vaso.*). Na sua forma reflexiva, o verbo pode tornar-se intransitivo, com sujeito [-*Humano*] e eventualmente pode aparecer um instrumental (*El vaso se rompió [por el viento].*). Ainda com a forma reflexiva, temos as construções que envolvem posse inalienável. Uma delas - *Juan se rompió la pierna [en el accidente].* - ainda mantém o elemento que possui o traço [+*Humano*] como sujeito, mas já não como ator e sim como afetado. Se quiséssemos marcar que se tratou de um ato propositado, provavelmente diríamos: *Juan rompió su propia pierna. / Se rompió la pierna a propósito.* Podemos, entretanto, deixar ainda mais claro o caráter acidental do ocorrido e transformar o elemento humano num dativo: *A Juan se le rompió una pierna en el accidente.* Vejamos agora o que ocorre com essas construções na interlíngua:

71 Kovacci (1972) fala em ator ou agentivo.

(106)

- (a) *El niño (e) cayó de la bicicleta y (e) rompió la pierna. (...se rompió.../...se le rompió la pierna.)*
- (b) *Sus anteojos (e) rompieron. (...se rompieron./Se le rompieron los anteojos <sup>72</sup>.)*
- (c) *Pobre, él rompió sus gafas y no tiene dinero para comprar (e) otras. (como é de se esperar, não há voluntariedade, por isso as formas possíveis seriam: ...se rompieron.../...se le rompieron las gafas... <sup>73</sup>.)*

Lembremos que Kovacci (1972) estuda muito bem as construções com *romper(se)*. Ela insiste para o fato de que "*Se rompió la pierna (en el accidente)*." em hipótese alguma é equivalente a "*Rompió su pierna.*", que pressuporia intenção. Em (106.a), não temos nem o clítico nem o possessivo. A falta do clítico, nesse caso, pode levar a uma interpretação não correferencial: pode tratar-se da perna de outro. Além disso, o sujeito passa de afetado a agentivo. Mais estranha ainda é (106.b), cujo sujeito [-*Humano*] ganha o caso agentivo, em função da perda tanto do reflexivo quanto do dativo possessivo. O evitamento dessa construção com duplo clítico torna igualmente agentivo o sujeito de (106.c).

Outro comentário merece ser feito ainda sobre esses casos e que é extensivo a outros. É notável o baixo emprego, na interlíngua, de construções em que o elemento marcado pelo traço [+*Humano*] perde o seu lugar de destaque (*Se le rompió la pierna al niño*.) bem como a preferência pelas construções que ainda mantêm o sujeito, mesmo que [-*Humano*], na sua posição (*El niño (e) rompió la pierna./Sus anteojos (e) rompieron*.). Cabe supor que isso possa ser reflexo de uma tendência da L1 a manter a ordem SV, atestada pelas várias pesquisas, além de que só se pode entender o apagamento do clítico como um fenômeno proveniente da L1 dos estudantes.

72 Como vemos, ao mesmo tempo, evita-se a construção com duplo clítico e o dativo possessivo.

73 O papel temático do sujeito passa a ser aqui o de agentivo. Ao que parece, essa diferença entre sujeito agente e paciente em construções desse tipo se neutralizou no português brasileiro. Para interpretarmos "*Ele quebrou os óculos*." como uma ação proposital, parece-me que precisaríamos de algum tipo de reforço (*de propósito*). Essa neutralização é, então, carregada para uma língua que possui formas muito claras na sintaxe de marcar que o elemento que contém o traço [+*Humano*] é, na verdade, um afetado, e o faz mediante o emprego de construções com clíticos e, em alguns casos (*Se le rompieron los anteojos a Juan*.), transformando o eventual agente num objeto indireto.

### 3.2.8.2.2. O apagamento do *se* intransitivador e as construções alternativas

Encontramos no espanhol certos verbos que permitem uma construção transitiva com sujeito [+Humano] e agentivo (*Juan cerró la puerta./Yo acabé la comida./Yo llené la botella.*), que podem ser transformados, mediante o emprego do reflexivo *se*, em verbos intransitivos, com sujeito [-Humano] e não agentivo (*La puerta se cerró./La comida se acabó./La botella se llenó.*). Vejamos o que ocorre com eles na interlíngua:

(107)

(a) *La ventana (e) cerró con el viento. (...se cerró....)*

(b) *La puerta (e) cerró bruscamente, asustando a todos. (...se cerró...)*

(c) *La comida (e) acabó y tuvieron que volver a la ciudad. (...se acabó.../Se les acabó la comida.)*

(d) *El teatro (e) llenaba todas las noches y cuando (e) acababa el espectáculo todos aplaudían mucho. (...se llenaba.../...se acababa...)*

A perda do reflexivo mantém como agentivos os sujeitos dessas construções e os verbos, que nesses casos seriam intransitivos, permanecem transitivos, esperando-se, no espanhol, um objeto direto que os complemente.

Lembremos que esse é um dos contextos freqüentes de apagamento do *se* anafórico no português brasileiro. Kato & Tarallo (1986) citam o exemplo "*A porta...abriu.*", ao lado de outros muito próximos a alguns casos encontrados na mostra. Entre as formas de evitamento do *se* citadas por Kato & Tarallo (1986), estão as construções transitivas com *fazer* (*Ele se barbeou./Ele fez a barba.*). Encontramos no espanhol, como vimos em Kovacci (1972), construções com o verbo *hacer*. Essas construções, entretanto, não perdem o reflexivo (*hacerse*), a menos que ganhem um objeto não correferencial com o sujeito (*Le hice la barba a Pedro.*). Encontramos na mostra casos de construções com o verbo *hacer* substituindo outras possíveis com reflexivo. Nelas, no entanto, a perda do reflexivo é categórica:

(108)

(a) *Se arregló muy bien para el compromiso. (e) Puso su mejor ropa, (e) hizo un buen maquillaje. Al fin y al cabo no era todos los días que (e) encontraba con gente famosa. (...se hizo un buen maquillaje...)*

- (b) *(e) Hago la barba todas las mañanas y por la tarde tengo que hacer (e) (e) de nuevo. (Me hago la barba.../Me afeito... tengo que hacérmela...)*
- (c) *Mi madre, al contrario que yo, es muy vanidosa. Todas las semanas va a la peluquería, (e) hace las uñas, (e) tiñe los cabellos. Siempre está bien arreglada, (e) compra ropa nueva. Yo no me preocupo con esas cosas. (...se hace...se tiñe.../Se hace hacer...Se hace teñir...)*

Entre as construções alternativas, isto é, que são preferidas àquelas em que o clítico reflexivo deveria aparecer, julgamos estar também as seguintes:

(109)

- (a) *Ella cree que es inteligente, pero no (e) es. (nesse caso, no espanhol se poderia, embora não seja obrigatório, empregar uma estrutura mais econômica, com reflexivo: Ella se cree inteligente, pero no lo es.)*
- (b) *Ella dice que es medio loca, pero no (e) es. (Ella se dice medio loca, pero no lo es.)*

O emprego de estratégias alternativas para construções que levariam clíticos constitui, a nosso ver, uma outra prova, até mais forte, do processo de transferência. Elas põem em evidência a não aquisição de formas já descartadas na aquisição da L1, revelando que os fatores que atuaram nesse processo de aquisição ainda estão atuantes na aquisição da L2.

### 3.2.8.3. Os dativos éticos

Não houve nenhuma construção reconhecida pelos que as produziram como de dativo ético na mostra. Nas ocorrências coletadas da produção dos estudantes, em todos os casos nos quais a expressão teria permitido ou até pedido um dativo ético, que correspondem a 11.6% do total das ocorrências, o clítico não aparece, como em:

(110)

- (a) *Los ladrones se entregan, pero ellos (e) llevan el dinero debajo de la ropa. (...se llevan...)*
- (b) *No (e) vayas a perder ese cuaderno. (...me vayas a perder...)*
- (c) *Los secuestradores tienen éxito. Ellos (e) consiguen otro avión y vuelven a su país. (...se consiguen...)*
- (d) *Teníamos tanta hambre que (e) comeríamos todo lo que encontrásemos por delante. (...nos comeríamos...)*

(e) ...*pero, atención, no (e) pierdan las buenas oportunidades de la vida.*  
 (...*no se pierdan...* <sup>74</sup>)

Os poucos casos que encontramos de verbos não habitualmente acompanhados de clíticos anafóricos, que poderiam considerar-se dativos éticos não foram, como dissemos reconhecidos como tal pelos falantes que os produziram. Vejamos alguns:

(111)

(a) *¿Qué te piensas?*

(b) *Yo me diría que no.*

Tais construções, ainda que não coincidentes com nenhuma das registradas no espanhol, estão perfeitamente de acordo com essa tendência a empregar os clíticos anafóricos com verbos que habitualmente são empregados sem eles, com a finalidade de marcar que se trata de processos pessoais, vividos com certa intensidade pelo sujeito. Um dado interessante é o de que alguns nativos consideraram as construções legítimas e mesmo corretas. Os que as produziram, no entanto, reconheceram ter empregado o clítico "aleatoriamente".

De qualquer modo, esses casos foram muito poucos, o que nos faz supor que estejamos diante de um caso de *avoidance*. Entretanto, como já dissemos, é preciso entender esse fenômeno muito mais como um caso absoluto de não percepção e processamento dessas construções - evidentemente muito marcadas - no *input*, que por isso mesmo não são incorporadas, do que como um evitamento consciente. E a prova disso está não apenas no não aparecimento dessas construções na interlíngua, mas também na incompreensão dos valores desses pronomes em construções desse tipo que foram apresentadas aos estudantes.

#### 3.2.8.4. Apagamento vs. não apagamento de reflexivos nas construções *reflejas puras e recíprocas*

Não foi muito grande na mostra o número de construções propriamente reflexivas e recíprocas, o que, evidentemente, pode ter sido condicionado pelas atividades propostas nas aulas e pelos temas escolhidos para a expressão, ou ainda pelas situações nas quais ela se deu. Com essas construções, o índice de apagamento do clítico reflexivo foi bastante alto: 85.7%, frente a 14.3% de

<sup>74</sup> A garantia de que essa forma (*no se pierdan*) é um dativo ético é a possibilidade de que o pronome varie conforme a pessoa (*no te pierdas/no se pierda*, etc.).

retenção. Isso confirma uma tendência já encontrada com verbos muito próximos aos reflexivos propriamente ditos, como *sentarse*, *casarse*, *levantarse*, etc.

Com alguns verbos, como *comprar(se)* e *llevar(se)*, o apagamento do clítico foi categórico, como em (111.a, b, c, d, e, f), e às vezes aparece um sintagma preposicionado substituindo o clítico. Com os verbos *dar(se)* e *decir(se)* ocorreram construções em que só aparece o que seria o reforço da reflexividade, como em (112.a e b). Ocorre aqui um fenômeno semelhante ao encontrado em relação à duplicação de clíticos não anafóricos, o que mostra que existe uma regra operando nessa gramática, ainda que ela não coincida com nenhuma regra da L2 <sup>75</sup>. Esses fatos - ausência de clíticos e presença de sintagma preposicionado e de reforço de reflexivo - confirmam, uma vez mais, a importância da saliência fônica e, a nosso ver, reforçam a tese da transferência. Vejamos os exemplos:

(112)

(a) *No sé si yo (e) caso o si yo (e) compro una bicicleta. (...me compro...)*

(b) *Compra (e) el diccionario Michaelis. (Cómprate...)*

(c) Aluno 1 - *Me gustó mucho el vestido.*

Aluno 2 - *Entonces ¿por qué tú no (e) (e) compras?*

*(...te lo compras?)*

(d) *Si el sombrero te gustó deberías comprarlo para ti. (...comprártelo.)*

(e) Professor - *¿Vas a llevarte el libro?*

Aluno - *Claro que voy a llevar (e) (e).*

*(...voy a llevármelo.)*

(f) *Lleve para usted este recuerdo. (...llévase...)*

(113)

(a) *Entonces decidió dar (e) un regalo a sí misma. (...darse un regalo [a sí misma] <sup>76</sup>.)*

<sup>75</sup> Esse é o caso de (112.d e f).

<sup>76</sup> Nos perguntamos se esse não é um fenômeno semelhante ao constatado por Moreira (1983), Lemle (1985) e Galves (1986) no português brasileiro em "João vê ele no espelho."

(b) ...y (e) dijo a sí mismo que discusión. (...se dijo [a sí m] der para evitar una

Em outros casos, encontramos certo gr nas intuições, como em:

(114)

(a) A mi hijo no le gusta peinar (e) los dientes. (...peinarse...lavarse los dien

(b) Con el cólera, hay que lavar (e) en cuando se va al baño. (...lavarse las manos...

(c) Me lavo la cabeza dos veces por

(d) Báñate, niño, que ya vamos a sa,

(e) No le gusta tomar baño. (cons para bañarse ou darse un baño, não própria bastante usada na interlíngua.)

(115)

(a) Me miré en el espejo y vi que ya te pas, entonces...

(b) (e) Miró al espejo y vio que estaba tró en el espejo...  
78)

(c) ...se miraron y, por fin se abrazaron

(d) (e) Miraron el uno al otro con comp miraron [el uno al otro].)

(116)

(a) Una de las cosas que no me gustaban no era cortar (e) las uñas. (...cortarme las uñas 79.)

(b) (e) Cortó el dedo con la tijera. (...se t

77 Nessa construção, constata-se também um problema no emprego impessoal. A forma indicada nesses casos seria: ...uno tiene que... É curioso esse fato, pois seria muito mais compatível com o padrão SV, habitualmente privilegiado. Então do indefinido uno também é problemático e raro entre os estudantes brasileiros de L2, o que explica em parte por que essa forma não ocorre.

78 A construção com espejo precedido da preposição a termina por objeto.

79 Trata-se de uma construção que envolve posse inalienável, com clítico, perde-se esse traço e a construção perde o sentido. Nesse caso, mesmo que não uma forma reflexiva, deveríamos ter um clítico não correferencial duplicando o SN pr. cortarle las uñas a mi hermano. A mesma observação vale para (116.b).

(c) *En la fuga, se cortó en unos alambres que rodeaban la finca.*

(117)

(a) (e) *Dieron las manos y salieron a caminar. (...se dieron... 80)*

(b) *En el cine, (e) sentamos juntos y (e) dimos las manos. (...nos dimos las manos.)*

(c) *No se dicen ni buenos días.*

(d) *Están peleados y no (e) hablan 81. (...no se hablan.)*

(e) *Actualmente, ya ni se saludan.*

(118)

(a) (e) *Puso la ropa y salió inmediatamente. (Se puso...)*

(b) *Dos o tres veces, (e) puso el sombrero y (e) lo sacó enseguida. (...se puso...y se lo sacó... 82)*

(c) *Se arregló muy bien para el compromiso. (e) Puso su mejor ropa, (e) hizo un buen maquillaje. Al fin y al cabo no era todos los días que (e) encontraba con gente famosa. (...se puso...)*

(d) *Cada vez que salgo me pongo una ropa diferente.*

(e) *Tu novio se pone un suéter que nunca has visto.*

(f) *El narrador impersonaliza su actitud, insertando (e) así en el universo de los que no se casan. (...insertándose... 83)*

Não encontramos na mostra nenhum caso do tipo do encontrado por Moreira (1983), Lemle (1985) e Galves (1986) no português brasileiro, de pronomes pessoais do caso nominativo empregados como anafóricos, como em "*João vê ele no espelho.*"

A tendência maior ao apagamento e a variabilidade de intuições afetam, também neste caso, a gramática de estudantes dos vários níveis, sem diferenças consideráveis que justificassem um tratamento separado. Também não houve diferenças consideráveis no que diz respeito à pessoa gramatical.

80 Nesse caso, cabe um dativo meta não correferencial: [*Les*] *Dieron las manos a Juan y Carmen.*

81 Interpretável como: *perdieron el habla, están callados.*

82 Sem o reflexivo, a construção pediria um adjunto adverbial de lugar. A observação vale também para (118.c).

83 Pode-se confundir a construção com um caso de objeto direto nulo, o que não se confirma no contexto.

Apenas para retomar o que já foi dito, os dois fatos que mais chamam a atenção nesses casos são: a variabilidade de intuições e de soluções encontradas na interlíngua, perfeitamente explicável pela existência de um mesmo grau de variabilidade na gramática da L1; a presença de uma espécie de regra, semelhante à que atua na questão da opção entre o clítico, a forma tônica e a duplicação<sup>84</sup>, o que sinaliza uma certa coerência nas intuições gramaticais, mesmo quando essas não correspondam aos fatos da L2. A nosso ver, isso reforça a hipótese da transferência nos termos em que a entendemos.

### 3.2.8.5. O comportamento das construções *cuasi-reflejas de tercera persona*

#### 3.2.8.5.1. As passivas com *se* e as construções alternativas

O número de construções passivas com *se* foi, como era de se esperar, muito baixo na mostra. As formas consideradas corretas apareceram quase sempre na escrita de alunos de estágios avançados, como em:

(119)

- (a) *Aunque los enunciados se presenten de modo incomprensible en el plano referencial-denotativo, pueden ser entendidos si pensamos...*
- (b) *Se pueden observar muchas construcciones con verbos en subjuntivo con valor...*

As formas que se poderiam considerar "problemáticas" - já veremos que nem tanto - superam em muito as corretas do ponto de vista normativo. Nessas construções, não há apagamento do clítico *se*, mas supressão de concordância, como em:

(120)

- (a) *En un enunciado sólo se debe analizar las relaciones... (...se deben...)*
- (b) *No se debe usar champúes o cualquier producto que pueda contaminar el agua en que se bañan otras personas. (...se deben...)*

---

84 Lembremos que, em muitos casos, os estudantes optaram ou por formas tônicas preposicionadas substituindo o clítico anafórico (*Compra para ti.*) ou pelas formas de reforço dos reflexivos no seu lugar (*Dijo a sí mismo.*).

- (c) *No se entiende las cosas que dice. (...no se entienden...)*
- (d) *Ya no se vende más esos productos porque pararon de fabricarlos. (...se venden...)*
- (e) *Se puede hacer consideraciones sobre la naturaleza del tiempo verbal. (...se pueden hacer...)*
- (f) *Se puede aprender muchas cosas. (...se pueden aprender...)*

A supressão de concordância nessas construções, apesar de ser um "erro", do ponto de vista da gramática normativa, não chega a constituir um problema para a forma como estamos concebendo a aquisição, uma vez que esse fenômeno é atestado por todas as gramáticas do espanhol e de fato ocorre com razoável-freqüência. Se neste caso a transferência ocorre, ela pode ser considerada uma transferência positiva, já que uma estratégia comum da L1 equivale a uma estratégia corrente na L2. A maior parte dessas ocorrências sem concordância também aparece na expressão escrita, quase sempre de alunos de estágios mais avançados, o que indica que essas construções - com ou sem concordância - pertencem, aos olhos dos aprendizes, ao registro formal, critério muito mais compatível com os fatos da sua L1. No espanhol, essa construção é muito comum em todos os registros, ficando apenas a supressão de concordância como mais forte no registro oral coloquial, menos policiado, tal como apontam as pesquisas. Essa diferença na atribuição de valores não deixa de ser mais uma manifestação de transferência.

O que, entretanto, de fato chama a atenção na mostra é a quantidade de passivas com *ser*. Do total de estruturas passivas, 88% foi de passivas com *ser*, como em (121.a, b, c, d, e, f, g, h, i), construção, ainda que correta, bastante menos freqüente no espanhol, pelo que mostram as pesquisas, do que no português. Vejamos os exemplos:

(121)

- (a) *Las aventuras de Don Quijote pueden ser leídas separadamente, sin que eso afecte su comprensión. (alternativa com se: ...se pueden leer...)*
- (b) *Ella va a ser el palco donde las cuestiones van a ser resueltas* <sup>85</sup>.  
(alternativa com se:....se van a resolver.)

<sup>85</sup> A construção apresenta dois outros problemas: um de vocabulário (*palco* por *escenario*) e o particípio de *resolver*, que é *resueltas*.

- (c) *Otro aspecto importante es saber apreciar los momentos de soledad; ellos pueden ser aprovechados para que uno haga una reflexión sobre su vida...* (alternativa com *se:...se los puede aprovechar*. Aqui, entretanto, cabe mais uma construção com *uno*: *uno los puede aprovechar para hacer...*)
- (d) *...queda claro el conflicto que va a ser tratado en el texto,...* (alternativa com *se:...se va a tratar...*)
- (e) *Son utilizados verbos en el pretérito...* (alternativa com *se :... se utilizan...*)
- (f) *El primer nivel de habla puede ser llamado...y debe ser clasificado...*(alternativas com *se:...puede llamarse...debe clasificarse*. Uma outra alternativa muito empregada para esses casos é: *Al primer nivel de habla se lo puede llamar...se lo debe clasificar...* <sup>86</sup>)
- (g) *El sujeto es identificado en el texto por medio de la desinencia verbal de tercera persona.* (alternativa com *se:...se identifica el sujeto en el texto...*)
- (h) *...las reglas existen para ser rotas* <sup>87</sup>. (alternativas:*...para romperlas; para que uno las rompa.*)
- (i) *..."se podía esperar otro ascenso más", es decir, otro ascenso se podía ser esperado.* (construção em que se superpõem as duas formas de passiva:*...podía ser esperado*)

Em alguns casos, essas passivas substituem claramente construções em que o aparecimento de um clítico seria inevitável. Em (121.i) fica claríssima a dificuldade da construção encontrada no texto que está sendo analisado, que leva o aluno a parafraseá-la por outra, mais familiar talvez, na qual terminam por mesclar-se duas formas. Trata-se de um caso evidente de variabilidade de intuições e uma clara expressão de que algo é visto como alheio, e portanto não está incorporado. A maior parte dessas construções também aparece em trabalhos escritos de alunos de nível avançado.

Não encontramos na mostra, o que é revelador também, construções que no espanhol com frequência substituem passivas com *ser*, com objeto direto topicalizado duplicado por clítico, do tipo "*Al niño, lo abandonaron cuando tenía ocho meses*".

86 Essas construções são classificadas por Lorenzo (1980) de *impersonales activas*, e são consideradas por ele mais freqüentes do que as passivas.

87 Construção totalmente improvável no espanhol.

Tais construções, que como as passivas com *ser* põem em destaque o objeto direto da ativa, exigem, entretanto, duplicação por clítico, o que pode explicar sua ausência na interlíngua.

Como se pode observar, as preferências do falante estrangeiro nessa área da gramática terminam por afetar toda a estruturação do discurso, levando a transferência muito além dos limites da frase ou da estrutura propriamente dita. Produz-se, nesse caso, pela reestruturação que a estratégia escolhida implica, algo semelhante ao que, em seu *Traité de stylistique française* (1951 [1]: 234), Bally chamava de "*effets par évocation*" que, segundo ele, "*résultent d'un conflit entre deux modes d'expression porteurs tous deux de valeurs symboliques, parce que chacun d'eux est la langue d'un milieu (...)*". Esse "meio" a que Bally se refere é, evidentemente, algo muito mais pontual e preciso. Não está entre suas preocupações especificamente essa espécie de "sotaque" que pode marcar nossa expressão numa língua estrangeira. Mas esses "*effets par évocation*" são tão fortes às vezes, que é possível identificá-los e dar-lhes nome. No nosso caso, esse nome é sem dúvida portunhol, essa espécie de *pidgin* de muitas formas, que às vezes se identifica sem saber muito bem onde ele está e o que o configura. Trata-se, em todo caso, de uma espécie de "sotaque sintático" ou até "discursivo" quem sabe, que permite imediatamente identificar a presença do outro.

### 3.2.8.5.2. As impessoais com *se*

Também como era de se esperar, o número de construções impessoais com *se* não foi muito grande na mostra. Elas igualmente predominaram na língua escrita de alunos avançados, ainda que também tenham aparecido na fala. São exemplos dessas construções:

(122)

(a) *Cómo era eso posible, exclama la otra casi al borde de un ataque de nervios, diciendo (e) que o se contesta a uno o no.*

(b) *Con el cólera, hay que lavar (e) las manos muy bien cuando se va al baño*<sup>88</sup>.

88 Neste caso, a construção impessoal com *se* não seria, como já dissemos, a mais indicada, até pela confusão que se cria com o uso de *irse*; a forma mais indicada seria: *...uno debe lavarse...cuando va al baño.*

(c) *China y Japón son las dos grandes potencias del continente asiático, pero aunque sean eso, no se puede olvidar de que...* <sup>89</sup>.

(d) *Así se puede tener una mayor comprensión de la importancia de ellos en el cuento.*

O índice de apagamento do *se* foi relativamente baixo (11.2%), mas ocorreu, como em (123.a e b). Esse percentual cresce, no entanto, para 44.4%, se incluirmos entre essas construções as consideradas como de sujeito nulo com valor indeterminado, como (124.a e b), comuns no português brasileiro, mas não no espanhol:

(123)

(a) *Usted simplemente no respetó las leyes de tránsito, ya que es obligatorio quedarse primero al lado del coche que (e) desea pasar. (...se desea...)* <sup>90</sup>

(b) *No (e) puede ser así. Hay que tener más paciencia cuando se trabaja con niños o jóvenes. (No se puede...)*

(124)

(a) *Yo quería ir a la piscina, pero como (e) dice que hoy va a llover entonces voy a quedarme en casa. (...se dice que...)*

(b) *(e) Dice que ese profesor es muy nervioso pero yo no (e) creo. (Se dice que...ou, ainda, Dicen que...)*

Como vemos, mesclam-se aqui dois fenômenos que se explicam, novamente, por fatos encontrados no português brasileiro. A partir disso, ficamos tentados a lançar uma hipótese. Lembremos que alguns autores atribuem vários dos fatos que ocorrem no português brasileiro - entre eles a interpretação da terceira pessoa do singular com sujeito vazio como indeterminada - ao enfraquecimento da concordância <sup>91</sup>. Ora, a concordância no espanhol estándar não passa, como vimos, por um enfraquecimento paralelo ao de nossa língua. O que pesaria, então, no aparecimento dessas construções na interlíngua? A nosso ver, é a rejeição pelo clítico - que ocorre na língua materna dos estudantes - que está determinando o

89 Exemplo extraído de atividade de expressão oral de alunos de oitavo semestre.

90 Lembremos, entretanto, que essa não é a construção mais indicada no caso. Caberia melhor aqui a forma com *uno*.

91 Galves (1993) atribui esse fato ao enfraquecimento semântico da concordância.

aparecimento desses casos. De qualquer modo, mais uma vez estamos diante de um fenômeno de transferência.

Talvez pelos temas abordados nas tarefas, foram muito poucas as estruturas com sujeitos indeterminados de outros tipos (verbo em terceira pessoa do plural, construções com sujeito *uno*, segunda pessoa genérica). As que apareceram não apresentaram problemas.

### 3.3. O caso das relativas

Ainda que as relativas não estivessem inicialmente entre as preocupações de nosso trabalho, o fato de que se atestem no português brasileiro uma série de fenômenos que, segundo os vários autores consultados, estão correlacionados com a tensão no sistema pronominal, nos induziu a observar, ainda que ligeiramente, o seu comportamento na mostra coletada. Essa opção foi reforçada pela existência, constatada por Lope Blanch (1986a e b), de casos de despronominalização de relativos em diversas variantes do espanhol.

Do ponto de vista quantitativo, encontramos uma equivalência entre o percentual de estruturas bem formadas (50%) e o de estruturas com problemas (50%). Revelou-se, no entanto, extremamente interessante observar que fatos condicionam a boa ou a má formação.

Das relativas bem formadas, 80% são construções com o pronome *que* simples, sendo que em 68.8% dos casos esse *que* tem a função de sujeito, como em (125.a, b e c), e em 31.2% ele tem a função de objeto direto, como em (126.a, b e c). Em todas essas construções o antecedente não pede outra forma de relativo nem preposição. Os 20% restantes das construções bem formadas correspondem a formas variadas, com relativos que também têm funções variadas, como (127.a., b e c):

(125)

(a) *Su madre (e) ayudó a parar la sangre que (e) corría de la nariz y...*

(b) *No es posible eso que ocurrió.*

(c) *El pasado (e) es presentado a nosotros en distintos tiempos, que oscilan entre uno más próximo y otro más distante del narrador.*

(126)

- (a) *Asistirá mucha gente a un cursillo que inician y...*
- (b) *...un sueño que tuve el otro día con ella y él me traicionando.*
- (c) *Tu pelo quedaría mejor sin la tintura que le has puesto.*

(127)

- (a) *En la simplificación de lo que las mujeres habían dicho...*
- (b) *Ella va a ser el palco [el escenario] donde las cuestiones van a ser resueltas [resueltas].*
- (c) *La persona a la que dije eso es de mucha confianza.*

Entre os 50% de construções que apresentam algum tipo de problema, 52% correspondem a casos de despronominalização do relativo, com desdobramento funcional, alguns deles bastante comuns no espanhol segundo Lope Blanch (1986a e b). São exemplos desse desdobramento:

(128)

- (a) *Debemos llamar a Julio, porque Marta y Pablo lo esperan a las ocho y él no sabe que debe ir porque ellos tienen noticias importantes que él las espera desde hace tiempo.* (desdobramento do relativo objeto direto)
- (b) *Prometí llevar (e) a Aurea esos libros que necesita de ellos.* (desdobramento do relativo objeto de preposição <sup>92</sup>)
- (c) *...una pareja a la cual nadie podía decirles lo que pensaba.* (desdobramento do relativo *cual*, que Lope Blanch considera um caso eventual)
- (d) *Gracias a Dios había unas personas que yo pregunté a ellas dónde quedaba el hotel.* (desdobramento do relativo objeto indireto mediante sintagma preposicionado, caso não previsto por Lope Blanch; corresponde ao que Tarallo (1993) classifica de estratégia do pronome resumptivo. Nesse caso o desdobramento no espanhol se daria por clítico: *que les pregunté...*)
- (e) *...y entonces aquel muchacho que yo nunca había hablado con él se acercó y...* (desdobramento do relativo objeto de preposição, previsto por Lope Blanch)

---

<sup>92</sup> Cabe esclarecer aqui que o emprego de *necesitar de algo* é bastante raro no espanhol, sendo mais empregada a construção transitiva: *necesitar algo*. Teríamos, nesse caso: *...que los necesita*.

- (f) *Él me dio una sugerencia que no me acuerdo bien de ella y que...*  
(idem (e))
- (g) *Este tiempo presenta un hecho pasado del cual no hay certeza de la conclusión.* (desdobramento do relativo *cuyo*, previsto por Lope Blanch)
- (h) *Es una novela que el argumento de ella es...* (idem (g), embora soe muito estranho o pronome pessoal do caso reto retomando um antecedente não animado. Atestam-se no espanhol construções semelhantes com pronome possessivo: *...que su argumento es...*)
- (i) *Conocí a una muchacha que su tío era especialista en sellos.* (idem (g))
- (j) *Había una chica que ella no dejaba hablar a nadie más.*  
(desdobramento de relativo sujeito, previsto por Lope Blanch)
- (l) *Asistirá mucha gente a un cursillo que inician y que te lo interesará.*  
(estranho caso de desdobramento do relativo sujeito mediante um clítico objeto direto, não registrado no espanhol)

Todos os casos em que ocorre um relativo desdobrado por um clítico apareceram na produção (oral e escrita) de alunos de nível avançado, depois de instrução formal sobre uso de clíticos, o que é bastante sintomático e indica generalização de regras. Os demais casos, mais freqüentes, se distribuem equilibradamente na produção de alunos de diferentes níveis.

Os 48% de casos restantes correspondem ao que Tarallo (1993) classifica de **estratégia cortadora**, estratégia não registrada nos estudos sobre o espanhol, o que os configura claramente como um caso de transferência. A incidência desses casos sobre o total de relativas que aparecem na mostra é de 23.8%, um percentual relativamente baixo, mas significativo se somado aos demais casos não previstos no espanhol, que encontramos antes:

(129)

- (a) *Las experiencias que ha pasado por la vida (e) enseñaron varios modos de ver y comprender las dificultades.* (a construção padrão seria: *Las experiencias por las que ha pasado en la vida*; a preposição *por* aparece, no entanto, regendo o complemento *la vida*, o que torna a construção duplamente inusitada)
- (b) *Cuando voy a una fiesta que no conozco a nadie (en e)...*  
(Construção padrão: *...en la que no conozco...*)

- (c) *...en los muchos países que ya viví (en e).* (Construção padrão: *...en los que/donde ya viví.*)
- (d) *El libro que hablé (de e) no está en la biblioteca.* (Construção padrão: *del que hablé...*)
- (e) *Los lugares que fuimos (a e) parecían abandonados.* (Construção padrão: *...a los que/ adonde fuimos...*)
- (f) *La mujer que el marido (de e) le había pegado decidió ir a la policía.* (Construção padrão: *...cuyo marido...*)

Ao contrário do que se poderia talvez esperar, a maior parte dessas construções aparece na expressão escrita de alunos de níveis avançados, o que nos leva a prever a ocorrência do fenômeno da fossilização. Se associarmos esse fato ao percentual dessas construções encontrado na mostra, esse percentual cresce consideravelmente, já que as construções dos níveis mais adiantados correspondem a uma quarta parte do total do *corpus*.

Por fim, queremos ressaltar também que encontramos na mostra, tanto na produção oral quanto na escrita de alunos dos vários níveis, algumas estruturas alternativas às relativas, de coordenação, o que consideramos como uma estratégia de evitamento dessas formas evidentemente mais complexas, como em:

(130)

- (a) *Él sabe que debe ir, pues tienen noticias importantes para él. Él espera ésas.*
- (b) *Mas la vida es así, cambia mucho y hoy yo hago cosas muy diferentes y aprecio ellas también.*
- (c) *Avisaron que había una bomba y que ella se explotaría si...*
- (d) *Emilio no sabe nada de lo de Matilde y eso me extraña mucho, pues...*

Essa rápida abordagem do caso das relativas deixa bem claro que essa é uma questão que merece um estudo muito aprofundado que, no entanto, não podemos fazer aqui.

Por outro lado, acreditamos que os fatos encontrados na interlíngua ajudam a corroborar a tese de que pronominalização e relativização são fenômenos totalmente relacionados. A predominância da relativa cortadora na interlíngua analisada, por sua vez, reforça a nossa tese de transferência, ou influência, de toda uma área da

gramática da L1 que está passando, ou já passou, por mudanças radicais, paramétricas. Levando-se em conta as relações entre mudança e aquisição, podemos postular uma vez mais que é nesse nível - que chamamos de *intake* - que tudo se processa.

### 3.4. A colocação dos clíticos

É desnecessário retomar aqui tanto as regras de colocação vigentes no espanhol quanto as transformações pelas quais vem passando o português brasileiro no que diz respeito à colocação dos pronomes átonos, transformações essas que têm levado alguns a duvidarem do verdadeiro caráter de pronomes átonos ou de clíticos dos pronomes que sobreviveram em nossa língua.

Lembremos, no entanto, de que Galves (1993) insiste em que a posição dos clíticos é um dos fenômenos mais significativos da gramática de uma língua e que, por isso mesmo, esse é um dos aspectos mais fascinantes do surgimento da gramática do português brasileiro. Assim sendo, parece fundamental observar o comportamento da colocação dos clíticos na interlíngua para terminar de configurar o que estamos considerando um processo de transferência de uma área da gramática altamente correlacionada.

Em termos absolutos, isto é, não considerados ainda os contextos em que as formas aparecem nem a sua correção, a próclise é a forma mais utilizada na mostra, alcançando um percentual de 74%, frente a um percentual de 26% de formas enclíticas, o que confirma a tendência predominante tanto no espanhol quanto no português brasileiro, já que em ambas as línguas predomina a próclise.

Ainda que as formas enclíticas sejam minoria, começamos por elas nossa análise, para deixar por último os casos de próclise, entre os quais se encontram os fatos que, do nosso ponto de vista, são os mais significativos na interlíngua analisada.

#### 3.4.1. As formas enclíticas

Considerando-se o total das formas enclíticas, observamos que 46.6% delas - o que equivale a uma incidência de 11.5% sobre o total das construções com clíticos observadas - correspondem a um pronome posposto ao verbo principal (não

flexionado) de uma locução verbal, como em (131.a, b, c, d), colocação correta do ponto de vista da língua espanhola:

(131)

- (a) *Voy a pedirle orientación sobre la lectura del libro y cuándo voy a devolvérsele* <sup>93</sup>.
- (b) *Si tú sabes algo debes decirme,...*
- (c) *Explicó para la muchacha que él no podría ayudarla.*
- (d) - *Estoy escuchándote muy bien, no te preocupes.*

Entre os casos restantes em que aparece a ênclise, **26.8%** correspondem a um pronome posposto a uma forma verbal conjugada - um contexto que pede a próclise no espanhol - em distintas configurações sintáticas. A sua incidência sobre o total das ocorrências com clíticos observadas é de **7.4%**. Esse já parece ser um caso de transferência, uma vez que tal tipo de colocação está em total desuso no espanhol, aparecendo em contextos muito restritos e em registros bem marcados. São exemplos dessa forma de colocação:

(132)

- (a) *Él lo formula en el presente y entonces él vuélvese al pretérito. (...se vuelve....)*
- (b) *De golpe un hombre levántase. (...se levanta.)*
- (c) *Pasáronse muchos días hasta que... (...se pasaron...)*
- (d) *Dijome que... (Me dijo...)*
- (e) *Quedóse en la tierra. (Se quedó...)*

Tais ocorrências foram encontradas, em sua quase totalidade, na escrita formal, inclusive de alunos menos avançados, o que faz supor que esteja sendo utilizado o mesmo critério que pesaria na escrita culta da L1. Isso nos mostra que essa espécie de diglossia que vivenciam os falantes do português brasileiro a que se refere Kato (1993) cria uma dupla interferência no processo de aquisição do espanhol, evidentemente afetado por critérios provenientes de duas variantes, vistas pelos

---

93 O único problema dessa construção está num dos pronomes escolhidos. a forma correta seria *devolvérsele*.

próprios falantes como muito distantes. O resultado, entretanto, é outro do ponto de vista da L2, na qual essa colocação já está fora das normas inclusive.

Os 26.6% restantes - cuja incidência sobre o total das ocorrências com clíticos observadas é de 7.1% - correspondem a pronomes pospostos a imperativos afirmativos, como em (133.a, b e c), a infinitivos simples, como em (134.a, b e c), e a gerúndios simples, como em (135.a, b e c), todos casos corretos no espanhol:

(133)

(a) *Dile a tu hermano que él escribe muy bien.*

(b) *Muéstrame lo que has hecho.*

(c) *Escúchenme, por favor.*

(134)

(a) *...ya que es obligatorio quedarse primero al lado del coche que (e) desea pasar.*

(b) *...le digo que tengo mucho gusto en conocerlo, pero...*

(c) *A mí no (e) hace diferencia escucharla.*

(135)

(a) *Haces un escándalo, diciéndole que no (e) permites que vaya.*

(b) *Mirándolo bien...*

(c) *Quedó muy mal contándome aquello.*

### 3.4.2. As formas proclíticas

Do total de formas proclíticas, 58.9% - o que equivale a um percentual de incidência sobre a totalidade das construções com clíticos de 42.9% - correspondem a um clítico precedendo uma forma verbal conjugada, como em (136.a, b, c, d, e, f), inclusive em princípio de oração:

(136)

(a) *Él lo ayudó, ya era hora. Pero...*

(b) *El otro día yo vi a Esteban y le conté algo que...*

(c) (...). (e) *Elogias la ropa y él dice que se la regaló una ex-novia.*

(d) *Dime, ¿sabes algo? Me interesa saber (e).*

(e) *Se puso delante del jefe de la oficina y (e) preguntó si aquél era el lugar justo.*

(f) *La amiga le dijo que no le le había gustado su actitud.*

Como vemos, nesses casos, as regras vigentes de colocação no português brasileiro, mesmo quando essas estão em desacordo com as prescrições da gramática normativa, podem facilitar a aquisição do espanhol, língua, como vimos, eminentemente proclítica. Configura-se, assim, um caso de transferência positiva.

Em 4.8% dos casos de próclise, o pronome antecede o auxiliar de uma locução verbal ou de uma forma verbal composta, como em (137.a, b, c, d, e, f), colocação que não equivale às vigentes no português brasileiro. Isso significa que, não obstante as diferenças, a aquisição se processou corretamente. A incidência dessas construções no total dos casos de próclise é, entretanto, de apenas 1% sobre o total das construções com clíticos analisadas:

(137)

(a) *No se debe usar champúes...*

(b) *No sé si él me va a escribir, pero...*

(c) *Les voy a prestar un disco para que ustedes (e) escuchen.*

(d) *¿Qué me estás diciendo?*

(e) *...pero no se puede olvidar que también fueron imperialistas.*

(f) *Ella me ha dicho que no va a venir hoy.*

Não houve na mostra nenhum caso de próclise com imperativo afirmativo, o que talvez se deva aos poucos casos de imperativo que apareceram, provavelmente em função das atividades nas quais as expressões foram produzidas. Isso faz com que os dados obtidos não possam ser considerados conclusivos nesse caso.

Os 36.3% restantes - o que significa uma incidência sobre o total das ocorrências com clíticos de 30.1% - correspondem a casos em que a próclise não seria a opção correta no espanhol. Em 30% deles, encontramos um pronome precedendo um infinitivo simples, como em (138.a, b, c e d) ou um pronome precedendo um gerúndio simples, como em (139.a, b, c e d):

(138)

(a) *Son obligados a se quedaren callados. (...a quedarse... 94)*(b) *No era una buena opción se quedar allí. (...quedarse allí.)*(c) *...dijo para ella se tranquilizar 95.*(d) *Entonces pedí para él me llamar al día siguiente. (cfer. nota anterior.)*

(139)

(a) *...un sueño que tuve el otro día con ella y él me traicionando. (...traicionándome.)*(b) *Amenazó al cajero con un arma le exigiendo... (...exigiéndole...)*(c) *Consiguió tocar la alarma, que suena en la policía, los avisando del asalto. (...avisándolos... 96)*(d) *Se acordó de su maestra le diciendo... (...diciéndole...)*

Os 70% restantes desses casos de próclise correspondem a pronomes precedendo o verbo principal (não flexionado) de uma locução verbal. Esse tipo de colocação ocorre na mostra tanto com locuções verbais propriamente ditas, como em (140.a, b, c, d, e), com as quais o espanhol admite uma dupla opção - próclise ao verbo auxiliar ou ênclise ao verbo principal - quanto com as formas verbais compostas, como em (141.a, b, c e d), com as quais o espanhol só admite a próclise ao verbo auxiliar:

(140)

(a) *Dijo que él iba a me llamar. (...iba a llamarme/me iba a llamar.)*

94 Note-se que nesta construção, além da colocação, também é incorreto o uso do infinitivo pessoal, forma inexistente em espanhol. Esse é um caso que também mereceria estudos mais profundos na aquisição do espanhol por brasileiros. A título de curiosidade, fica patente na interlíngua a confusão do futuro do subjuntivo com o infinitivo flexionado. Esse fato cria um duplo problema na interlíngua, que valeria a pena estudar detalhadamente, já que o futuro do subjuntivo é um tempo praticamente extinto na gramática do espanhol. Ele se mantém apenas em construções cristalizadas e em registros altamente formais.

95 Aqui, além da colocação, toda a construção é problemática. A forma esperada no espanhol seria: *Entonces le dijo [a ella] que se tranquilizase*. A nosso ver, fica bem clara aqui a correlação entre vários fenômenos analisados: preferência por formas tônicas, que também afeta a escolha da preposição que rege o complemento; perda de clíticos; colocação pronominal. A mesma observação vale para o exemplo (d).

96 Aqui também é problemático o emprego do gerúndio, bastante mais restrito no espanhol.

- (b) *Creo que ella está me traicionando. (...está traicionándome/me está traicionando.)*
- (c) *Las personas empiezan a se calmar... (...empiezan a calmarse/se empiezan a calmar...)*
- (d) *No tienes que te fijar en esas cosas... (No tienes que fijarte/No te tienes que fijar...)*
- (e) *Tengo que me acostar temprano, pues también (e) despierto muy temprano para trabajar. (Tengo que acostarme/Me tengo que acostar...)*

(141)

- (a) *Ustedes habían me dicho otra cosa. (...me habían dicho...)*
- (b) *El piloto y el rehén habían se quedado... (...se habían quedado...)*
- (c) *Me sorprende que hayan te dicho eso, porque... (...que te hayan dicho...)*
- (d) *Aun si él hubiese me preguntado, yo no habría le dicho...(...me hubiese preguntado...le habría dicho...)*

Para concluir, o percentual de formas corretas de colocação encontradas na mostra é maior do que o de formas incorretas: 62.5% frente a 37.5%. A maior parte dessas formas corretas possui um tipo de colocação possível na L1, podendo-se interpretar o fato como um caso de transferência positiva. Apenas 1% delas representa propriamente a aquisição de uma nova regra. Quanto aos 37.5% de formas erradas do ponto de vista da L2, trata-se, como vimos, de casos possíveis no português brasileiro. Acreditamos que tal quadro não deixa dúvidas em relação ao processo de transferência, seja ela positiva ou não.

Quanto à próclise ao verbo principal de uma locução (incluídos nessas os tempos compostos) ela se configura como um caso claro de transferência, uma vez que essa é uma colocação impossível no espanhol. Não encontramos nenhum registro dela na bibliografia consultada e, portanto, ela tampouco aparece no *input* que recebem os estudantes. Essa é, no entanto, a grande inovação, em matéria de colocação, que todas as pesquisas atestam para o português brasileiro, fato que leva Galves (1993), assim como outros autores, a duvidarem do verdadeiro caráter de clíticos dos pronomes que restaram no português brasileiro. Lembremos, por outro lado, que Nunes (1993), que interpreta esses fatos do português brasileiro como

resultantes de uma mudança na direção de cliticização fonológica, lança a hipótese de que vários dos outros fenômenos que ocorrem nessa língua - que, como vimos, também afetam a interlíngua dos aprendizes do espanhol - possam ter sua origem nessa mudança.

Esse fato, bem como outros que já apontamos e que também marcam a interlíngua que estamos analisando - todos associados, segundo Galves (1993), às mudanças morfológicas que afetaram o sistema flexional do português brasileiro - levam essa autora a reformular os esquemas básicos (as árvores) da oração em nossa língua. O conjunto deles configura aquilo que os vários autores vêm apontando como a gramática do português brasileiro.

Pois bem, fica clara, assim, a atuação - nesse processo de aquisição que estamos focalizando - de um tipo de transferência que vai muito além do mero empréstimo de estruturas e itens lexicais da L1, transferência que depois veremos confirmada também por outras ocorrências - supergeneralizações e distorções de regras - que abordaremos mais adiante. Vemos, desse modo, toda uma estrutura, que envolve fatos altamente encaixados, configurar a gramática de uma outra língua. Trata-se de uma estrutura mental que vemos atuar, à maneira de um molde, na reanálise dos dados recebidos no *input*, dando-lhes, no nível do *intake*, uma outra configuração, afetando todo o seu processamento e, conseqüentemente, permeando o *output*.

### 3.5. Em síntese...

Como se pode ver, por tudo o que foi exposto até aqui, o processo de transferência - que a nosso ver é indiscutível, independentemente do nome que se lhe atribua - tem um efeito muito mais generalizado e difuso do que se poderia pensar. Ele permeia a gramática da interlíngua das formas as mais variadas e se manifesta de distintas maneiras: no evitamento, nem sempre deliberado, de umas quantas formas que, no entanto, são freqüentes na língua e aparecem no *input*, formas essas que não são processadas pelo aprendiz; no apagamento de partículas que têm, entretanto, uma freqüência indiscutível na língua que está sendo aprendida, mas que também não são processadas, seja porque não são compreensíveis aos olhos do aprendiz, seja porque para ele não possuem uma carga informativa suficiente que o force a retê-las, uma vez que são dispensáveis na sua própria língua, de resto muito semelhante à nova em vários aspectos; na neutralização de certos valores marcados de construções, que

parecem não ser percebidos, neutralização essa que gera uma série de estruturas em que nem sempre o apagamento do clítico é a questão, mas sim o efeito que se obtém com seu emprego, problema que ocorre também quando está em jogo a menção ou não do sujeito pronominal; na ordem de colocação dos argumentos na sentença, escolhida quer em função de regras de adjecência não vigentes na língua que está sendo aprendida, quer em função do grau de formalidade que se atribui à expressão, de acordo com as circunstâncias em que ela é produzida, nem sempre compatível com o que vale para a L2; na atribuição de um valor de formalidade ou informalidade a construções, de acordo com padrões que não são compatíveis com a língua que está sendo aprendida, mas com a língua materna; na escolha de formas que levarão a uma organização discursiva pouco freqüente na língua que está sendo aprendida e que instalam nela uma espécie de eco de outras vozes, cujo modelo de expressão tem uma outra história.

Dessa forma, num efeito em cadeia compatível com uma abordagem paramétrica, os problemas que se originam numa área da gramática que envolve fenômenos os mais variados terminam por afetar também uma série de outras questões que têm uma relação ainda que indireta com aquelas consideradas centrais: escolhas lexicais, regimes verbais, etc. Talvez o resultado disso tudo seja o realportunhol, de que tanto se fala sem que se saiba bem o que é.

#### 4. As outras coisas que os dados revelam

O quadro pintado até agora pareceria nos instalar no que Sharwood Smith (1988a e b) classifica de **Cenário das Línguas em Contato** (*Crosslinguistic Scenario*), combinado predominantemente com a **estratégia da equivalência** (*equivalence strategy*). Mas se um cenário é, como diz o autor, uma história sobre o desenvolvimento que sugere que os aprendizes passam, por diversas razões, por diferentes estágios, a constatação de outros fatos na interlíngua poderá revelar a aplicação de outras estratégias e uma conseqüente mudança do próprio cenário.

Vejamos, então, um fator que pode provocar essa mudança de cenário. Quando o aprendiz faz uma opção incorreta sobre a equivalência entre a L1 e a L2, a correção precisa, em princípio, ser feita por meio de evidências negativas. Entra em

cena, então, a instrução formal, que terá por função desconfirmar as hipóteses iniciais e dirigir a atenção para a sua inadequação com os dados primários da L2. Ainda que não entremos na discussão teórica sobre o papel da evidência negativa na aquisição de línguas, cabe, sim, perguntarmo-nos e observarmos qual é o seu efeito no caso particular que estamos observando. A nosso ver, a correção, a apresentação de evidências negativas e a instrução formal conduzem, com muita freqüência, a uma outra manifestação do processo de transferência sobre a qual não nos detivemos ainda suficientemente, mas que talvez seja a prova mais clara e cabal de sua força.

Pois bem, diante do quadro pintado até agora sobre a aquisição do espanhol por brasileiros, é natural que todos esses aspectos "problemáticos" da gramática da L2 mencionados sejam muito enfatizados, e de distintas formas, no processo de ensino/aprendizagem. O resultado dessa preocupação do professor, no entanto, nem sempre é bem sucedido e muitas vezes redundante nos fenômenos que abordaremos a seguir e que consideramos mais complexos do que os anteriormente vistos. Tal fato nos obriga, por sua vez, a reavaliar em que cenário nos encaixamos.

Antes, porém de falarmos desse novo cenário, vamos deter nosso olhar nesses outros dados a fim de verificar se eles de fato confirmam a nossa hipótese. Cabe esclarecer que essa distribuição dos dados encontrados no *corpus* é, evidentemente, resultado de uma decisão consciente, tomada a partir da análise prévia que fizemos deles. As ocorrências que analisaremos agora foram produzidas - na sua totalidade, e não apenas em parte, como as anteriores - após instrução formal sobre a área em observação ou sobre determinados aspectos dessa área <sup>97</sup>. A decisão de dividir os dados encontrados no *corpus* dessa maneira teve como objetivo, não estritamente dar destaque a um conjunto de construções que poderiam ser consideradas mais problemáticas, mas reforçar nossa hipótese a respeito de como se deve entender o fenômeno da transferência, ao menos na situação especial que estamos observando. A nosso ver, esse destaque dado aos fenômenos que vamos agora considerar põe mais de manifesto que estamos lidando com um problema de ordem cognitiva e que o papel da língua materna, nesse caso, vai muito além do empréstimo, do calco, isto

---

97 Que fique claro que não estamos retratando uma progressão longitudinal sempre idêntica, no sentido de que é possível prever sempre em que estágio da aquisição/aprendizagem esses fenômenos de que vamos falar agora ocorrerão. Eles podem ocorrer muito cedo ou nas etapas mais avançadas, mas em geral ocorrem quando a atenção começa a ser demasiado canalizada, dirigida, para determinados aspectos que representam uma maior dificuldade para os aprendizes.

é, vai muito além de conduzir a uma hipótese de equivalência. É preciso deixar claro também que o quadro que estamos pintando corresponde, evidentemente, a uma média que extraímos a partir de um número muito grande de aprendizes observados. Chegamos, assim, a partir de nossa análise, a um perfil, sendo necessário supor, é claro, um relativo grau de variação individual, devida a diferentes fatores, que, no entanto, não podemos considerar.

#### 4.1. A outra cara da transferência: a aplicação da estratégia da generalização livre (*free generalisation strategy*)

Supomos ter deixado claro até agora o papel que tem o português brasileiro na aquisição de toda uma extensa área da gramática do espanhol. Atuando no nível do *intake*, ele afeta a compreensão, o processamento e a retenção de uma série de regras da L2 - dentro de uma área da gramática altamente permeável - e termina por afetar as escolhas feitas, deixando na interlíngua uma série de marcas, mais ou menos claras, da língua materna dos aprendizes.

Esses não são, entretanto, os únicos efeitos do processo de transferência que encontramos na interlíngua dos estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira, ou seja, a estratégia da equivalência não é em absoluto a única aplicada.

O que vamos ver a seguir é o que consideramos uma espécie de transferência às avessas, cujas marcas são de outro tipo e - talvez em função de uma tentativa forçada e mais deliberada por parte do aprendiz de aproximação da L2 - vão terminar por distanciar a gramática da interlíngua da gramática da L1 dos estudantes, sem que o peso de sua influência possa ser, no entanto, minimizado, distanciando-a ao mesmo tempo da gramática da L2.

Passadas as primeiras etapas de exposição menos controlada ao *input*, em que as construções tendem a se aproximar mais das da língua materna, começam a surgir outros problemas, sobretudo quando, depois de consideráveis doses de instrução formal, o monitor dos aprendizes entra mais fortemente em funcionamento. A instrução formal dirige a atenção dos estudantes para tudo aquilo que, nas etapas menos controladas do aprendizado, parecia ser descartado. Com a atenção canalizada para esses fatos, o monitor começa a controlar a produção, no sentido de que aquilo que antes se descartava começa a aparecer na interlíngua. Esse processo é evidente, como veremos, sobretudo para a questão dos clíticos, que começam a pulular nas

estruturas produzidas pelos estudantes, sem que, no entanto, a aproximação à L2 possa se considerar propriamente bem sucedida.

Nossa hipótese é de que a instrução canaliza a atenção para a presença dos clíticos nas construções presentes no *input*, mas o que é percebido é muito mais o efeito sonoro que essa presença tem na nova língua do que propriamente sua importância na construção do sentido, sua referencialidade e o lugar que ocupam de fato na sentença. É nessa fase que entra em cena a **estratégia da generalização livre** (*free generalisation strategy*) de propriedades estruturais da L2, que provoca o aparecimento de dois outros fenômenos na gramática da interlíngua: o da supergeneralização e o da distorção de regras da L2. A nosso ver, esses fenômenos ainda ocorrem no nível do *intake* e ainda são consequência da influência da L1 sobre o processamento do *input*.

#### 4.1.1. A incidência sobre o total da mostra

Considerado o total da mostra, a incidência de construções em que os fenômenos decorrentes da adoção da estratégia da generalização livre ocorrem não passa de 20.6%. Essas formas aparecem, no entanto, com mais peso - e apenas isso - na interlíngua de estudantes de níveis intermediários e avançados, predominando na escrita - mesmo quando ela é simplesmente uma reprodução da fala -, na elocução mais formal e principalmente em alguns tipos de exercícios, sobretudo aqueles que estimulam a construção e reconstrução de períodos a partir de frases curtas. Isso reforça a hipótese de que o aparecimento dessas construções seja produto da aprendizagem formal e não da aquisição espontânea.

Considerados apenas esses contextos, a incidência desses fenômenos sobe para 55.6%, o que já é um percentual razoável. Desse total, 58.6% são casos que estamos classificando de supergeneralização e 41.4% são casos que estamos classificando de distorção de regras.

#### 4.1.2. Construções com supergeneralização de regras

Estamos considerando como casos de supergeneralização de regras aqueles em que um clítico aparece indevidamente numa construção, duplicando um complemento, o que implica que possui uma referência clara e acessível e papel temático. Tudo indica que a atenção concentrada nos clíticos leva a uma

generalização sobre a necessidade de sua presença e conduz a uma violação das regras de superficialização dos argumentos.

Em 76.5% dos casos considerados de supergeneralização de regras, encontramos um clítico objeto direto catafórico, duplicando um objeto direto oracional, como em:

(142)

- (a) *Enrique se decepcionó mucho porque no pudo obtener el empleo. Entonces yo se lo dije a él que Santiago había obtenido el puesto... (...yo le dije que...)*
- (b) *Ayer me lo dijiste que no estabas de acuerdo... (...me dijiste que...)*
- (c) *Esta mañana estuvo muy amable, de modo que no lo creo que esté enfadado. (...no creo que...)*
- (d) *Lo siento que aunque no estés en contra no compartas mi opinión. (Siento que...)*

Tais construções, que não são normais na gramática do espanhol, não podem, a nosso ver, ser consideradas violações, já que elas parecem indicar uma tentativa de aproximação ao procedimento da duplicação ou ainda uma supergeneralização de sua aplicação em contextos nos quais ele não cabe <sup>98</sup>.

Em 76.9% desses casos, o verbo introduz discurso indireto, é transitivo direto e indireto, e aparece, portanto, o duplo clítico, como em:

(143)

- (a) *Se lo dije a Carlos que el profesor no iba a venir y él... (Le dije a Carlos que...)*
- (b) *Emilio no sabe nada de lo de Matilde y eso me extraña mucho, pues esta mañana él me lo dijo que ellos son íntimos amigos. (...él me dijo que...)*
- (c) *Es probable que Luis llegue tarde, ya que él me lo dijo ayer que tiene muchísimo trabajo. (...él me dijo ayer que...)*
- (d) *Él me lo confesó que su artículo no era muy bueno. (Él me confesó que...)*

---

<sup>98</sup> Podemos levantar a hipótese de uma generalização da regra aplicada a alguns casos de relativas com *que* despronominalizado e interpretado como uma conjunção integrante. Entretanto, o fator sonoridade e a memorização de seqüências com clíticos em frases simples nos parece mais forte.

(e) *Antonio se lo reveló que conocía al director. (...le reveló que...)*

Isso predomina também, como veremos mais adiante, na duplicação de objetos não oracionais. Nossa hipótese para esses casos é a de que os pares de clíticos (*me lo, se lo*) foram aprendidos conjuntamente e que o aprendiz tem dificuldade em dissociá-los. Esses pares parecem também ter sido associados a determinados verbos, como *decir*, por exemplo, que é sem dúvida o caso mais marcante, e outros que introduzem o discurso indireto. Tudo isso nos leva a considerar seriamente a hipótese de que o que está atuando, isto é, forçando o aparecimento dessas formas, é muito mais a memória, provavelmente a auditiva, do que a aplicação propriamente de regras gramaticais. Tais fatos podem ser provocados pela utilização - quem sabe excessiva - de exercícios estruturais de substituição e transformação, que conduzem à memorização e ao "automatismo", no ensino.

Em apenas 23.1% dos casos o verbo só possui objeto direto, como em (144. a, b, c e d), sendo que em alguns deles aparecem formas muito comuns na interlocução, como *no lo sé, no lo creo*, e inclusive fórmulas, como *lo siento (mucho)*:

(144)

(a) *Lo he notado que esta mañana estaba muy de mal humor. (He notado que...)*

(b) *Se fueron, pero todavía hablaban, ya no lo sé sobre qué. (...ya no sé sobre qué)*

(c) *Lo siento que no vengas a verme. (Siento que.../Lamento que...)*

(d) *Esta mañana estuvo muy amable, de modo que no lo creo que esté enfadado. (...no creo que...)*

Ao que tudo indica, houve memorização dessas formas e fórmulas em estruturas simples, mas o seu encaixamento em estruturas complexas evidentemente não está assimilado.

Em 17.6% dos casos, também temos um objeto direto catafórico, mas duplicando, não uma oração objetiva direta, mas um objeto direto presente na sentença, como em:

(145)

- (a) *Aunque me lo hará un regalo, porque sé que me (e) hará*<sup>99</sup>. (...me hará un regalo...)
- (b) *Díselo la verdad a tu amigo, que va a ser mejor - le sugerí. (Dile la verdad a...)*
- (c) *Tu novio recibe una llamada telefónica y se puede escuchar una voz de mujer que le habla, entonces se lo tomas el teléfono y explicas a la chica que puede tratar el asunto contigo misma*<sup>100</sup>. (...le tomas el teléfono...)
- (d) *La deben ver la película de Almodóvar, porque ilustra muy bien la sociedad española actual. (Deben ver la película de...)*

Nesses casos, parece também ter havido uma generalização das regras de duplicação inclusive a contextos que não a admitem, como vimos ao analisar o espanhol.

Nessas duplicações também predominam os complementos duplos, tal como em (146.a, b e c), o que reforça a hipótese de que o esforço para a aprendizagem dos clíticos duplos, certamente os que mais estranhamento e dificuldade devem causar aos estudantes, acaba por provocar esse fenômeno. Isso se explica também pelo efeito sonoro que esse conjunto de partículas tem e pelo seu peso na identificação da nova língua<sup>101</sup>. Em praticamente todos esses últimos casos (com certeza em 145. c e d), se uma vírgula tivesse separado o SN objeto direto da sentença na qual ele é mencionado pelo clítico, marcando uma pausa necessária, teríamos um caso de antitópico ou pensamento ulterior (*afterthought*). Nesse caso a duplicação estaria correta. Os testes com os estudantes que produziram as frases, entretanto, não confirmaram essa hipótese.

99 Lembremos que nem as variantes que admitem a duplicação catafórica de objeto direto, especialmente [+Humano], não admitiriam tal duplicação com objeto [-Definido].

100 Nossa hipótese inicial era a de que o clítico *lo* tivesse realmente como referência *novio*, o que se configuraria num fenômeno semelhante ao que ocorre em variantes americanas. Entretanto, a estudante que produziu a frase, quando testada, não confirmou essa hipótese.

101 Lembramos aqui a conversa mantida com alunos que usamos como epígrafe ao item 3.2. da primeira parte do capítulo III, dedicado à sintaxe das formas átonas no espanhol. Na definição dos alunos, essa é uma língua cheia de palavrinhas - *me lo, te lo* - que não sabem bem para o que servem, mas que sabem muito bem que atrapalham.

Em 5.9% dos casos, encontramos o mesmo pronome colocado em duas posições numa locução verbal <sup>102</sup>, como em:

(146)

(a) *Te vas a refírte* <sup>103</sup>. (*Vas a refírte./Te vas a refír.*)

(b) *Se debe decirse que...* (*Se debe decir.../Debe decirse...*)

(c) *No se deben usarse productos que contaminen el agua.* (*No se deben usar.../No deben usarse...*)

(d) *No se debe bañarse inmediatamente después de comer, porque...* (*Uno no se debe bañar.../Uno no debe bañarse...*)

(e) *Me quiero llevarme éste, pues me gusta más.* (*Me quiero llevar.../Quiero llevarme...*)

Cabe recordar aqui que Nunes (1993), analisando as tabelas de Corrêa (1991) para evidenciar a relevância do nível de escolaridade dos falantes no uso de objetos diretos que reforçam algo já mencionado no discurso, faz referência ao aparecimento de casos de hipercorreção, com clítico reduplicado (*Para o identificá-lo* <sup>104</sup>). Tais construções foram produzidas por crianças de 5ª e 6ª séries, que, depois de terem adquirido a direção de cliticização da esquerda para a direita, justamente estão aprendendo uma nova regra. Se tais fatos são fruto da pressão normativa da escola no caso da língua materna, é lícito interpretarmos que a mesma pressão leva, no processo de aquisição/aprendizagem de L2, ao aparecimento de instâncias de hipercorreção, que no nosso caso, correspondem a uma supergeneralização de determinadas regras.

#### 4.1.3. Construções com distorção de regras

Consideremos agora os 41.1% de casos considerados de distorção. Estamos classificando de distorção os casos em que aparecem um ou mais clíticos numa

102 Lembremos que as estruturas (\**se...se*) correspondem a um dos casos que Zorraquino (1974), entre outros, diz estarem totalmente excluídos da gramática do espanhol. Tais construções também violam algumas das restrições que propõe Bastida (1976) para seqüências com clíticos: a) máximo de um clítico correferencial com cada SN; b) máximo de três clíticos; c) máximo de um acusativo; d) máximo de um dativo.

103 Construção na qual não sabemos se o primeiro clítico é do verbo *irse*, que certamente não cabe na oração, ou se é uma forma de marcar a dupla alternativa de colocação do clítico nas locuções verbais, também estimulada pela instrução formal.

104 Exemplo (24) em Nunes (1993: 218).

construção, sem que, no entanto, sua referência e seu papel temático sejam recuperáveis no contexto. Trata-se de um caso de geração indevida de clíticos - talvez como uma tentativa de aproximar a sonoridade da interlíngua da da L2 - sem nenhuma função, nem mesmo a enfática, nas orações e sentenças nas quais eles aparecem <sup>105</sup>.

**Em 85.7% desses casos, a adoção da estratégia da generalização livre força o aparecimento de clíticos duplos e às vezes até triplos, um dos quais, ao menos, não tem nenhuma função, como em:**

(147)

- (a) *Él dijo que me llamaba, pero aunque me lo llame no voy. (...aunque me llame..., uma vez que não há objeto direto que possa ser reproduzido anaforicamente pelo clítico lo.)*
- (b) *No sé si él me va a escribir, pero no importa que me lo escriba, no va a adelantar. (...que me escriba..., uma vez que tampouco aqui há um objeto direto que possa ser reproduzido anaforicamente pelo clítico lo.)*
- (c) *Si él viene a vérmelo, no lo recibo. (...viene a verme..., pela mesma razão explicitada nos exemplos anteriores <sup>106</sup>.)*
- (d) *Voy a llamar a Antonio y contárselo que dijo Teresa sobre el trabajo en la oficina. (...y contarle lo que dijo...: aqui parecem cruzar-se duas formas de lo: um objeto direto e outro integrante do relativo lo que <sup>107</sup>, o que reforça a hipótese de que o que está pesando é mais a sonoridade do que a função e o significado das partículas.)*
- (e) *Asistirá mucha gente a un cursillo que inician y que te lo interesará muchísimo, ya que el tema es muy polémico. (...que te interesará...: estranho caso em que o lo parece ter como referência o sujeito da oração, representado pelo relativo que.)*

105 Do ponto de vista de alguns especialistas em aquisição de L2 - entre eles, Sharwood Smith (1988b) - ocorre, nesses casos, o fenômeno do *non conformism*, isto é, a gramática da interlíngua violaria a Gramática Universal, o que leva a concluir que essa gramática possa ser considerada não natural. Esse fato, aliás, é perfeitamente compatível com o novo cenário no qual nos encontramos - o do Princípio Indutivo - e com a estratégia da generalização livre de propriedades estruturais percebidas da L2, adotada dentro dele.

106 Cabe dizer que tanto (a) quanto (b) são frases produzidas em exercício de conexão de frases curtas em parágrafos e não supõem um contexto discursivo no qual a referência do clítico *lo* pudesse eventualmente ser encontrada.

107 Para alguns gramáticos, um artigo neutro, para outros, um pronome neutro equiparável a um demonstrativo (*aquello*).

- (f) *Eso no me lo interesa.* (...no me interesa: novamente o clítico *lo* ou não tem referência ou duplica o sujeito *eso*.)
- (g) *Yo creo que él se va a disculpar, pero aunque se lo disculpe, todo seguirá igual.* (...se disculpe...: fora de contexto, a oração em que aparece o clítico *lo* poderia ter uma interpretação impessoal, que não cabe, entretanto, no contexto, no qual o verbo *disculpar* possui um sujeito perfeitamente identificável: *él*.)
- (h) *Él no se me quitaba los ojos de encima.* (...no me quitaba los ojos...: aqui é o *se* que não tem função e o que parece pesar é o emprego da seqüência *se me*.)
- (i) *...a punto de volver al periódico, sin quitármelo de los ojos por más de dos minutos.* (...sin quitármelo de los ojos...: o aparecimento do *se* nesta construção parece obedecer ao mesmo motivo que forçou o seu aparecimento no exemplo anterior. Além disso, ainda temos um caso de dois pronomes com igual função - dativos possessivos - com referências distintas: primeira e terceira pessoas <sup>108</sup>.)
- (j) *Se les pareció falta de educación.* (*Les pareció*...: além de um emprego forçado do duplo clítico, podemos supor neste caso uma analogia com as construções do tipo: *se les ocurrió*.)
- (l) *Consejos, si fuesen buenos, nadie se los daría, se los vendería.* (...nadie los daría, los vendería: vale a observação feita ao exemplo anterior, porém aqui a presença do *se* leva a uma interpretação mais definida, no sentido de *se los daría a usted*, e não no sentido mais geral de *no los daría [a nadie]*. Essa interpretação não corresponde, entretanto, ao valor de máxima que a oração quer ter no contexto em que aparece.)
- (m) *Los golpes no paran y la mujer empieza a escuchárselos por todas partes.* (...empieza a escucharlos...: valem os comentários feitos aos exemplos anteriores. Ocorre nesta construção uma estranha superposição de uma oração com sujeito expresso e uma construção indeterminada com *se*.)
- (n) *Se pueden escuchárselas voces por toda la casa.* (*Se pueden escuchar las voces/Pueden escucharse las voces*: esta construção constitui igualmente prova de que é o fator sonoridade que está prevalecendo, já que o que é na verdade um artigo definido introduzindo *voces* se interpreta como um clítico formando a seqüência *selas*.)
- (o) *Clara quería ir al aeropuerto. Entonces se le agarró un taxi...* (*Entonces agarró un taxi*...: construção que chega a causar um efeito

108 Lembremos que ao tratar da combinação de clíticos apontamos certas restrições quantitativas para essas seqüências. Uma delas era justamente a de que nenhum verbo no espanhol pode aparecer com mais de um dativo.

cômico, já que a interpretação poderia ser: *un taxi se agarró de ella.*)

Fica clara, assim, a força sonora que esses conjuntos de clíticos têm para o aprendiz e a intuição subjacente de que falar espanhol é empregá-los, mesmo que não haja uma regra gramatical que explique a sua presença <sup>109</sup>.

Nos 14.3% restantes, não pesa a questão dos clíticos duplos, mas igualmente aparecem clíticos sem nenhum papel temático, como que postos aleatoriamente para aproximar a sonoridade da interlíngua da da L2, como em:

(148)

(a) *Los secuestradores intentan entrar a un país al que no les pueden entrarse. (...al que no pueden entrar.)*

(b) *... "se podría esperar otro ascenso más", es decir, otro ascenso se podría ser esperado. (...otro ascenso podría ser esperado.: curioso cruzamento de duas formas passivas.)*

(c) *Avisaron que había una bomba y que ella se explotaría si... (...y que ella explotaría.../...que explotaría...: curiosa reflexivização de um verbo com um sujeito inanimado.)*

(d) *Yo me diría que no. (Yo diría... 110)*

Como vemos, aprendizagem não conduz necessariamente a aquisição. Os fatos apresentados nesta última parte parecem confirmar irremediavelmente essa afirmação. Nesses últimos casos, a sonoridade parece prevalecer sobre qualquer regra gramatical subjacente, o que prova, a nosso ver, que não pelo fato de os clíticos aparecerem o filtro que atua no nível do *intake* deixou de atuar. E é o aparecimento desses fatos que justifica o título dado ao presente capítulo: "Mas que gramática é essa?"

Casos como esses nos fazem levantar a hipótese da existência de um *nonconformism*, nos termos em que o propõe Sharwood Smith (1988b). O autor

109 Consideramos, a princípio, a hipótese de que alguns casos poderiam ser tratados como dativos éticos, como (147.j e m), por exemplo. Os testes com os estudantes que produziram as sentenças não confirmaram essa hipótese. Entretanto, ainda submetemos as construções a nativos e esses tampouco as interpretaram como sendo um caso de dativo ético.

110 Esse caso, ainda que não reconhecido como um dos habitualmente empregados como dativo ético, foi considerado por pelo menos um dos informantes nativos como uma possível extensão dessa construção. Quem a produziu, entretanto, não foi capaz de explicar o aparecimento desse pronome. A única explicação dada pela estudante foi: "Ah, como sempre aparece pronome por todo lado nessa língua..."

sugere, como vimos, certos períodos de discordâncias das gramáticas desenvolvimentais em relação à Gramática Universal que se caracteriza, ao menos durante um certo tempo em que nada conduz a uma reorganização, como não-natural. Tal fenômeno é perfeitamente compatível com a **Hipótese Reconstitutiva** (*Reconstructive Hypothesis*) sobre aquisição de L2, adotada por Sharwood Smith e também por Liceras (1986), White (1986), Flynn (1986), Schachter (1986, 1988), entre outros, hipótese essa que prevê que, mesmo com a Gramática Universal ainda ativa, pode haver desvios intermitentes nas intuições sistemáticas sobre a L2, considerados períodos de crise, o que implica que nem sempre o que ocorre na gramática da interlíngua é rigorosamente "natural". A Gramática Universal atua nesse caso como um mecanismo corretivo, que reestrutura, de tempos em tempos, a gramática, para eliminar inconsistências internas. Se esse mecanismo corretivo parar de funcionar, ocorre o fenômeno da fossilização.

Aceitemos ou não essa caracterização polêmica da interlíngua como não natural - não examinamos suficientemente a questão para poder defendê-la ou negá-la e nem mesmo julgamos que nos caiba fazê-lo, já que não é esse o objetivo de nosso trabalho - os fatos que apresentamos nos parecem conclusivos a respeito da caracterização da transferência como um fenômeno que se processa no plano cognitivo e que não se limita necessariamente ao calco de estruturas da L1 na gramática não-nativa, como se pensou tantas vezes. Acreditamos até que foi essa visão estreita do fenômeno que obscureceu os fatos e que fez com que ele fosse tão ferozmente combatido por alguns especialistas em aquisição de L2.

#### **4.2. O verdadeiro cenário da aquisição/aprendizagem do espanhol como L2 por brasileiros adultos**

Esses outros fatos nos instalam no que Sharwood Smith (1988a e b) chama de **Cenário do Princípio Indutivo** (*Inductive Principle Scenario*) - um cenário de **resolução de problema cognitivo** (*Cognitive Problem Solving*), válido, como mostra o autor, também para outras questões que não meramente o desenvolvimento lingüístico -, cenário esse que justamente abre espaço para a aplicação da **estratégia da generalização livre** (*free generalisation strategy*). Tal estratégia implica não só **generalizações irrestritas de propriedades estruturais percebidas da L2** - como parecem ilustrar os últimos casos apresentados - mas também **generalizações não**

**inibidas de propriedades estruturais da L1 - como parecem ilustrar os casos analisados antes -, além de uma correspondente insensibilidade à ausência de evidências que confirmem tais supergeneralizações.**

A nosso ver, a totalidade dos dados encontrados em nosso *corpus* - quer aqueles que aproximam a gramática não-nativa da da L1, quer aqueles que a afastam tanto da gramática dessa língua como da da L2 - nos permite afirmar esse é o cenário mais típico, e portanto mais provável, para a aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos, em situação não natural, isto é, de ensino formal. Um cenário que permite prever e entender o alto grau de fossilização que ocorre nesse processo, explicável a partir dessa insensibilidade característica aos dados do *input*.

## Enfim... (À guisa de conclusão)

Julgamos que o presente trabalho nos permitiu rastrear e testar hipóteses importantes sobre questões muito discutidas nos dias de hoje pela lingüística, tais como o fenômeno da aquisição da língua e as bases em que ela se processa, a aquisição de L2, o papel da transferência, ou o papel da língua materna nesse processo.

Permitiu-nos, ademais, construir uma hipótese sobre a aquisição/aprendizagem de L2- e, mais especificamente, sobre a aquisição do espanhol por brasileiros adultos em situação formal - que integra uma série de componentes às vezes não facilmente associáveis, bem como testá-la. Acreditamos que o nosso resultado mais importante, nesse sentido, foi ter conseguido inserir o processo de transferência no modelo cognitivo, de base gerativista, de aquisição de L2, mostrando que a influência da L1 vai muito além de uma simples utilização de suas estruturas na gramática da interlíngua. Assim, pudemos situar a transferência num plano mais alto, deixando claro que o fenômeno ocorre no nível do *intake*, o que implicou aceitarmos uma visão seletiva da aquisição, também para o caso da L2. A transferência configura-se, assim, como o processamento, e conseqüente seleção, por parte de uma estrutura mental já moldada pela aquisição de uma primeira língua, dos dados brutos de uma ampla área da gramática da língua alvo, fortemente correlacionada, recebidos no *input*. Entender a transferência desse modo foi justamente o que nos permitiu compreender e explicar não apenas aqueles aspectos da interlíngua que a aproximam da L1 dos aprendizes, mas também, e talvez sobretudo, aqueles que a distanciam tanto dessa língua quanto da língua que está sendo aprendida.

Para poder justificar e provar nossa tese de transferência, foi necessário também olhar mais de perto toda uma extensa área das gramáticas do português brasileiro e do espanhol, as duas línguas que entram em contato nesse processo particular de aquisição, e extrair algumas conclusões sobre o que as diferencia. Pudemos provar, desse modo, a existência de uma diferente assimetria nas duas línguas não apenas no que diz respeito ao preenchimento dos argumentos sujeito e objeto. Apontamos também uma clara preferência do português brasileiro pelas categorias vazias ou pelas formas tônicas para a expressão dos complementos, bem como por dar uma posição de destaque ao sujeito. Ao mesmo tempo, mostramos uma quase categórica

preferência do espanhol pelas formas átonas, às vezes duplicando uma forma tônica, bem como uma considerável predileção por certos procedimentos sintáticos que permitem a "*muy extendida oblicuidad con la que el significado verbal incide en el llamado 'sujeto lógico' (...)*" a que se refere Lorenzo (1980: 13). Ademais, pudemos constatar claramente não apenas as diferenças em relação à liberdade de ordem dos constituintes nas duas línguas, como verificar de que forma esse diferente grau de liberdade se associa a essas características marcantes que diferenciam as duas línguas. Essas diferenças explicam o alto grau de permeabilidade dessa área da gramática não-nativa, e a tornam forte candidata não apenas à transferência, mas também à fossilização.

Tudo isso nos possibilitou, por outro lado, não apenas entender melhor certos mecanismos das duas línguas, mas também comprovar que essa extensa área é, de fato, altamente correlacionada, que ela envolve fenômenos complexos e encaixados, que por sua vez têm um efeito em cadeia na gramática não-nativa, provocando nela uma série de fenômenos que de outros pontos de vista não seriam facilmente correlacionáveis. E isso foi possível pelo fato de termos aceito fundamentalmente o Modelo de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, exatamente aquele que permite estabelecer essas correlações. Por isso mesmo, talvez, o trabalho caiu, de certa forma, numa espécie de círculo vicioso muito habitual em estudos desse tipo: ele se apoiou em teorias e hipóteses interpretativas a respeito de vários fenômenos e terminou por reforçar essas teorias e hipóteses. Nesse sentido, acreditamos que ele constitui mais uma prova dessa forte correlação entre os fenômenos analisados, o que por sua vez explica por que toda essa área gramatical da interlíngua apresenta problemas.

O trabalho também reforça tudo o que tem sido dito a respeito de mudanças profundas na gramática do português brasileiro e avança um pouco nessa caracterização, mostrando que a diminuição na frequência dos clíticos não afeta exclusivamente o objeto direto. Essa tendência ao apagamento ou à manifestação dos complementos por formas tônicas se estende ao objeto indireto, ao predicativo, e altera as características de orações que poderiam conter dativos possessivos; faz praticamente desaparecerem da língua os dativos éticos e chega a afetar o emprego dos clíticos anafóricos, mesmo que nesse caso se constate uma grande variabilidade nas opções entre preenchimento e apagamento. Também foi possível demonstrar a

clara preferência pelas formas tônicas, com maior carga informativa e saliência fônica, e pelas construções que dão destaque aos argumentos informacionalmente relevantes, especialmente as de tópico. Foi possível, ademais, ratificar a tese de que os tópicos estão cada vez mais assumindo o papel do sujeito e consolidando a estrutura SV[0] na língua. O trabalho permitiu, ademais, uma interessante incursão pelo caso das construções relativas, e corroborou as teses de Tarallo e de Kato sobre uma forte correlação entre relativização e pronominalização. Pôde correlacionar também uma clara preferência das passivas com *ser* sobre as com *se* com a ordem privilegiada pela gramática do português brasileiro e com o papel que ela atribui ao sujeito. Também confirmou as preferências de colocação apontadas pelas pesquisas, sobretudo a próclise ao verbo principal de locuções.

Além disso, o trabalho também ratifica a tese de uma forte relação entre mudança e aquisição. A nosso ver, a força dessa relação fica patente quando percebemos o seu efeito na interlíngua de aprendizes de uma segunda língua que, em vários outros aspectos, é bastante próxima da nativa. Esse fato nos permite afirmar que as interlínguas podem ser um lugar bastante interessante para compreendermos os fenômenos de aquisição e de mudanças da própria língua materna. Uma tal constatação - acreditamos - demonstra que conseguimos cumprir um importante objetivo que sempre tivemos em mente: o de dar aos estudos de línguas estrangeiras uma dimensão que julgamos importante no nosso contexto, isto é, não reduzi-los a uma finalidade em si - o que poderia deixá-los um pouco fora de lugar, deslocados - mas vê-los como uma perspectiva interessante, porque mais distanciada, de compreender fatos de nossa própria língua tanto quanto de se observar a forma como esses fatos operam em diferentes circunstâncias.

Acreditamos, por fim - lembrando que o fim é o começo de tudo - que as ocorrências de interlíngua apresentadas e analisadas não deixam dúvidas de que alguma barreira de nível cognitivo existe quando se trata da aquisição/aprendizagem das regras que regem a expressão da anáfora pronominal no espanhol por falantes do português brasileiro. Pudemos mostrar que num primeiro momento desse processo de aquisição/aprendizagem, essa barreira - ou filtro - provoca uma certa insensibilidade aos dados, uma certa falta de percepção tanto da presença, no caso dos complementos, quanto da ausência, no caso do sujeito, de certos itens lexicais, quanto dos efeitos - tanto para o sentido quanto para a gramaticalidade das

construções - que podem implicar a presença ou ausência desses itens lexicais. Mostramos que as hipóteses, nesse caso, tendem em geral a aproximar a gramática não-nativa da gramática da língua materna. Foi dessa forma que explicamos fatos como: a tendência indiscriminada ao preenchimento do sujeito; o favorecimento da ordem SV[O]; o apagamento dos clíticos complementos ou a sua substituição por outras formas de realização, às vezes implicando uma reorganização total da construção; o não emprego das duplicações e a preferência pelas formas tônicas; a supressão dos clíticos anafóricos ou o seu emprego indiscriminado; a diluição dos valores marcados de certas construções com esses clíticos por oposição a outras e, em certos casos, a confusão entre ambas; o aparecimento das relativas cortadoras; o favorecimento do emprego das passivas com *ser* sobre o das passivas com *se* ou mesmo de construções alternativas que envolveriam quase sempre o aparecimento de clíticos duplicados; a neutralização das passivas com *se* e das impessoais com *se*; a próclise ao verbo principal, não flexionado, nas locuções verbais, incluídos aí os tempos compostos. Tudo isso é o que provoca, a nosso ver, o que na introdução do trabalho, ainda lidando com uma hipótese ingênua, chamávamos de "sotaque" sintático ou mesmo discursivo e estilístico. Por outro lado, foi possível demonstrar também que é essa concepção de transferência que explica o não aparecimento - que classificamos de avoidance (evitamento) - de uma série de estruturas na interlíngua desses aprendizes, entre elas as de dativo ético e as de dativo possessivo, estas últimas substituídas por construções alternativas.

Pudemos mostrar também que, num segundo momento, a presença de alguns desses itens lexicais <sup>1</sup> - concretamente dos clíticos - passa a ser percebida como a grande marca da L2 que está sendo aprendida, em função de um direcionamento da atenção dos aprendizes para esse fato durante o processo pedagógico. Demonstramos que a percepção de sua presença não implica, no entanto, necessariamente, a assimilação das regras subjacentes que controlam o seu aparecimento e, muitas vezes, nem mesmo a assimilação do seu valor e da sua função, o que, por sua vez, implica dizer que aprendizagem não conduz necessariamente à aquisição. Foi assim

---

<sup>1</sup> Cabe dizer aqui que a sensibilidade à ausência, ou à baixa frequência do sujeito lexical e aos conseqüentes valores marcados que sua presença implica parece ainda mais difícil de se conseguir. Cabe supor, entretanto, que o ensino talvez se preocupe mais com aquilo que falta do que com aquilo que sobra.

que podemos explicar certas supergeneralizações e distorções de regras, que determinam o aparecimento de clíticos onde eles não deveriam aparecer ou mesmo de clíticos sem função e referência clara. O resultado é uma interlíngua mimética - ou supostamente mimética - sobretudo do ponto de vista sonoro, repleta de "me los" e "se los", mas muitas vezes sem sentido ou sem uma gramática claramente identificável, o que, para alguns, pode querer dizer uma interlíngua não natural.

Mostramos, por fim, que as probabilidades de que essa interlíngua se fossilize são muito grandes e apontamos sinais concretos dessa fossilização, o que provavelmente é favorecido pelo fato de que quase nada disso cria uma barreira intransponível de comunicação, ainda que possa alterar os sentidos pretendidos sem que os interlocutores muitas vezes se dêem conta disso.

Como sabemos, a hipótese adotada por nós prevê uma Gramática Universal ainda ativa, que pode atuar nos momentos de crise como um mecanismo corretivo e neutralizar a possibilidade de fossilização. Observar as formas e os momentos em que esse mecanismo entra em ação - quando entra, uma vez que provamos que a fossilização também é com freqüência um fato - implicaria, entretanto, lidar inevitavelmente com a variação individual e com as suas possíveis causas - psicológicas, afetivas, culturais, institucionais - e isso já seria tema para um outro trabalho. O nosso quis apenas mostrar um ponto crítico, uma área de dificuldade na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos, extraindo uma média do que habitualmente vemos, como professora dessa língua, ocorrer, bem como as prováveis causas dessas dificuldades e as suas manifestações mais evidentes e freqüentes. *¡Ojalá lo haya hecho!*

## BIBLIOGRAFIA 1

- ABAD, Francisco - "Leísmo y laísmo: explicaciones y datos históricos". In: *Philologica Hispaniense. In Honorem Manuel Alvar. II Lingüística*. Madrid, Gredos, v. II: 11-20, 1985.
- ADJEMIAN, C. - On the nature of interlanguage systems. *Language Learning*, 26: 297-320.
- AGENCIA EFE - *Manual de español urgente*. 4ª ed. Madrid, Cátedra, 1985.
- ALARCOS LLORACH, E. - *Estudios de gramática funcional del español*. 2ª ed. aum., Madrid, Gredos, 1978.
- ALBANO DE VAZQUEZ, H. *et alii* - *Presencia y ausencia del pronome en caso objetivo en el español hablado en Buenos Aires* (Resumo de comunicação apresentada durante o IX Congresso Internacional da ALFAL). Campinas, 1990, inédita.
- ALCINA FRANCH, J. & BLECUA, J. M. - *Gramática española*. Barcelona, Ariel, 1979.
- ALVAREZ MARTINEZ, María Ángeles - *El pronombre I (personales, artículo, demostrativos, posesivos)*. Madrid, Arco/Libros, v. I, 1989.
- ANDERSEN, Roger W., ed. - *New dimensions in second language acquisition research*. Rowley, Mass., Newbury House Publ., 1981.
- ANDERSEN, Roger W. - "Transfer to somewhere". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language transfer in language learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 177-201.
- BAILEY, N. *et alii* - Is there a "natural sequence" in adult second language learning? *Language Learning*, 24: 233-43, 1974.
- BALLY, Charles - *Traité de stylistique française*. 3<sup>ème</sup> éd., Paris, v. I, 1951.
- BANDEIRA, Manuel - "Mário de Andrade e a questão da língua". Em seu *De poetas e de poesia*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro [1967] p. 11-28.
- BARKER DAVIES, John - Ajuste semantossintáctico en los pronombres se, él, sí. *Español actual. Boletín de la Oficina Internacional de Información y Observación del Español (OFINES)*, Madrid, OFINES, 8: 4-7, dic. 1966.

---

1 Muitas outras obras, além das aqui apresentadas, foram lidas e, em alguns casos, fichadas. Entretanto, decidimos incluir na bibliografia apenas os títulos de referência e aqueles que, direta ou indiretamente, tiveram, de fato, algum peso no trabalho.

- BARNES, Betsy Kerr - "An empirical study of the syntax and pragmatics of left dislocations in spoken French". In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C., eds. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris [1986] p. 207-223.
- BARRENECHEA, A. M. & ALONSO, A. - "Los pronombres personales sujetos en el español hablado en Buenos Aires". In: LOPE BLANCH, J. M., ed. *Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América*. México, UNAM [1977] p. 333-349.
- BARRENECHEA, A. M. & ALONSO, A. - Cuantificación en el uso de los pronombres personales sujeto en español. *Atas do II Congresso Internacional da Alfal*, São Paulo, 153-172, 1987.
- BARRENECHEA, A. M. & ORECCHIA, T. - "La duplicación de objetos directos e indirectos en el español hablado en Buenos Aires". In: BARRENECHEA, A. M. et alii, org. - *Estudios lingüísticos y dialectológicos*. Buenos Aires, Hachette [1979] p. 73-101.
- BARRENECHEA, A. M. & ROSETTI, M. M. de - "La voz pasiva en el español hablado en Buenos Aires". In: BARRENECHEA, A. M. et alii, org. - *Estudios lingüísticos y dialectológicos*. Buenos Aires, Hachette [1979] p. 61-92.
- BARRENECHEA, Ana María - "El pronombre y su inclusión en un sistema de categorías semánticas". In: BARRENECHEA, A. M. & MANACORDA DE ROSETTI, M. V., org. - *Estudios de gramática estructural*. Buenos Aires, Paidós [1969] p. 27-70.
- BASTIDA, Salvador - "Restricciones de orden en las secuencias de clíticos del castellano: dos requisitos". In: SANCHEZ DE ZAVALA, V., dir., *Estudios de Gramática Generativa*. Barcelona, Labor [1976], p. 59-89.
- BATES, E. & MACWHINNEY, B. - "Functionalist approaches to grammar". In: WANNER, E. & GLEITMAN, L., eds., *Language acquisition: the state of the art*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- BECHARA, Evanildo - *Moderna gramática portuguesa*. 23ª ed., São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1978.
- BELLO, Andrés & CUERVO, Rufino J. - *Gramática de la lengua castellana*. Buenos Aires, Sopena Argentina, 1973.
- BENTIVOGLIO, P. - "A variação nos estudos sintáticos". In: *Estudos lingüísticos XIV. Anais de seminários do GEL*, Campinas, 7-29, 1987.
- BENTIVOGLIO, P. & BRAGA, M. L. - Espanhol, português e ordem de palavras. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, v.4(2): 163-82, ago. de 1988.
- BENTIVOGLIO, P. & D'INTRONO, F. - *Orden de palabras y posición del sujeto en el español de Caracas*. Cópia reprográfica, inédito, 1978.

- BENVENISTE, Émile - "La nature des pronoms". Em seu: *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard [1966] p. 251-57.
- BERLINCK, R. A. - "A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem". In: TARALLO, Fernando, org. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes - Ed. da UNICAMP [1989] p. 95-112.
- BIRDSONG, D. - Ultimate attainment in second language Acquisition. *Language*, 48(4): 706-55.
- BLEY-VROMAN, Robert - "What is the logical problem of foreign language learning?" In: GASS, S. M. & SCHACHTER, J., eds. *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press [1989] p.41-68.
- BOBES NAVES, María del Carmen - *Las personas gramaticales*. Santiago de Compostela, Publicaciones de la Universidad de Santiago, 1971.
- BORER, Hagit - *Parametric Variation in Clitic Constructions*. Tese de doutorado, Massachusetts Institute of Technology, June 1981, inédita.
- BORREGO, J. et alii - *Temas de gramática española. Teoría y práctica*. 3ª ed., Salamanca, Ed. Universidad de Salamanca, 1987.
- BRAGA, Maria Luiza - "Construções de tópico e discurso". Em seu: *Relatório Final do Projeto Subsídios Sociolingüísticos Censo à Educação*, FINEP, 1986.
- BRAGA, Maria Luiza - Esta dupla manifestação do sujeito, ela é condicionada lingüisticamente. *Estudos lingüísticos XIV. Anais de seminários do GEL*, Campinas, 106-115, 1987.
- BROWN, R. - *A first language: the early stages*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1973.
- BURZIO, L. - *Intransitive verbs and Italian auxiliaries*. Tese de doutorado, Massachusetts Institute of Technology, 1981.
- CÂMARA JR., J. Mattoso - *Dispersos*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CÂMARA JR., J. Mattoso - *Dicionário de filologia e gramática*. 6ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon, 1974.
- CAMPOS, H. et alii - Silent prepositional phrases. *Probus*, 3(1): 1-21, 1991.
- CARIONI, Lília - "Aquisição de segunda língua: a Teoria de Krashen". In: BOHN, H. & VANDRESEN, P., orgs. *Tópicos de Lingüística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC [1988] p. 50-74.
- CARRATALA, Ernesto - *Morfosintaxis del castellano actual*. Barcelona, Labor, 1980.

- CARROL, Susanne - Language acquisition studies and a feasible theory of grammar. *Canadian Journal of Linguistics*, 2(2): 399-418, dec. 1989.
- CARROL, S. *et alii* - The role of feedback in adult second language acquisition: error correction and morphological generalizations. *Applied Psycholinguistics*, 13: 173-98, 1992.
- CASTILHO, A. T. de & PRETI, D., orgs. - *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Materiais para seu estudo. Vol I - elocuições formais*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1986.
- CASTILHO, A. T. de & PRETI, D., orgs. - *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Materiais para seu estudo. Vol II - Diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.
- CASTILHO, Ataliba T. de - A elipse do sujeito. *Estudos lingüísticos XIV. Anais de seminários do GEL*, Campinas, 32-40, 1987.
- CAVIGLIA, S. *et alii* - *Estructuras tópico-comentario en español* (Cópia de trabalho apresentado IX Congresso Internacional da ALFAL). Campinas, 1990, inédito.
- CERQUEIRA, Vicente - "A forma genitiva 'dele' e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 129-161.
- CHASTAIN, Kenneth - Examining the role of grammar explanation, drills, and exercises in the development of communications skills. *Hispania*, 70: 160-66, March 1987.
- CHAVES, A. S. - "A ordem VS no português da fronteira". In: TARALLO, Fernando, org. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes - Ed. da UNICAMP [1989] p. 65-79.
- CHOMSKY, Noam - *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam - *Some concepts and consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1982.
- CHOMSKY, Noam - *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York, Praeger Publishers, 1986.
- CLAHSEN, H. - "Parameterized grammatical theory and language acquisition". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 47-75.
- CLARK, R. & ROBERTS, I. - A computational model of language learnability and language change. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, EDUC, v. 8(nº especial): 53-103, 1992.

- COMRIE, Bernard - In defense of spontaneous demotion: the impersonal passive. *Syntax and Semantics*, v. 9, Academic Press, 1977.
- COMRIE, Bernard - Remarks on clitic-climbing in Brazilian Portuguese. *Lingua: International Review of General Linguistics*, v. 58(3-4): 243-265, Nov.-Dec. 1982.
- CONTRERAS, Heles - *El orden de palabras en español*. Madrid, Cátedra, 1978.
- CONTRERAS, Lidia - "Giros pseudopronominales en el español de Chile". In: LOPE BLANCH, J. M., ed. *Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América*. México, UNAM [1977] p. 519-522.
- CONTRERAS, Lidia - "Usos pronominales no canónicos en el español de Chile". In: LOPE BLANCH, J. M., ed. *Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América*. México, UNAM [1977] p. 523-540.
- COPPIETERS, R. - Competence differences between native and near-native speakers. *Language*, v. 63: 544-73, 1987.
- CORDER, S. Pit - The significance of learners' errors. *International Review of Applied Linguistics*, 4: 161-70, 1967.
- CORDER, S. Pit - Idiosyncratic dialects and error analysis. *IRAL*, 10: 147-60, 1971.
- CORDER, S. Pit - Error analysis, interlanguage, and second language acquisition. *Language Teaching and Linguistics*, 14: 201-18, 1975.
- CORDER, S. Pit - "A role for the mother tongue". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 85-97.
- CORRÊA, Letícia M. S. - Processamento de relações anafóricas e aquisição da linguagem. *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*, Porto Alegre, CEAAL-PUCRS, 77-101, 1991.
- CORRÊA, V. - *O objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de mestrado, IEL/UNICAMP, Campinas, 1991, inédita.
- COUTO, Hildo H. do - *O que é português brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CROCCI, Maria Suely - Aspectos sintático-semânticos da topicalização em português. *Estudos de sintaxe portuguesa. Boletim do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa*, Araraquara, UNESP, ano II, nº 2: 76-88, 1986.
- CUNHA, Celso - *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- CUNHA, Celso - *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

- CUNHA, Celso - *Gramática do português contemporâneo*. 6ª ed. revista, Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1976.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. - *Nova gramática do português contemporâneo*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- CYRINO, Sônia Maria L. - The Pro-Drop Parameter and second language acquisition. *Trabalhos em lingüística aplicada*, Campinas, 13(II): 141-166, jan./jun.1989.
- CYRINO, Sônia Maria L. - "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos" In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 163-84.
- D'ANGLEJAN, A. & TUCKER, G. - The acquisition of complex structures by adult learners. *Language Learning* 25: 245-58, 1975.
- DASCAL, M. & BORGES NETO, J. - *Do que trata a lingüística, afinal?* Texto básico do GT de mesmo nome, que funcionou durante o IX Congresso Internacional da ALFAL, Campinas, ago. 1990.
- DECAT, M. B. N. - "Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal". In: TARALLO, Fernando, org. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes - Ed. da UNICAMP [1989] p. 113- 139.
- DIJK, T. A. van - *Text and context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. 2ª ed. London, Longman, 1982.
- D'INTRONO, Francesco - *Sintaxis transformacional del español*. 2ª ed. Madrid, Cátedra, 1982.
- DONNI DE MIRANDE, Nélide E. - Aspectos del español hablado en Argentina. *Lingüística española actual*, Madrid, ICI, II(2): 299-346, 1980.
- DUARTE, Maria Eugenia L. - *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, PUCSP, São Paulo, 1986, inédita.
- DUARTE, Maria Eugenia L. - "Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil". In: TARALLO, Fernando, org. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes - Ed. da UNICAMP [1989] p. 19-34.
- DUARTE, Maria Eugênia L. - A perda da ordem VS em interrogativas QU- no português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, EDUC, v. 8(nº especial): 37-52, jul. 1992.
- DUARTE, Maria Eugênia L. - "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs.

- Português brasileiro. Uma viagem diacrônica.* Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 107-128.
- DULAY, H. & BURT, M. - Natural sequences in child second language acquisition. *Language Learning*, 24: 37-53, 1974.
- DUSKOVA, L. - On sources of errors in foreign languages. *International Review of Applied Linguistics*, 7: 11-36, 1969.
- DUTRA, Rosália - Considerações sobre o "se": o pronome-camaleão. In: MAGRO, M.C. & DUTRA, R., orgs. *Ensaio de lingüística 5. Cadernos de lingüística e teoria da literatura*, Belo Horizonte, Fac. de Letras da UFMG, Dep. de Lingüística e Teoria da Literatura, Ano III, 5: 74-87, dez. 1981.
- ECKMAN, F. - "Typological and parametric views of universals in second language acquisition". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 417-429.
- ENRIQUEZ, Emilia V. - *El pronombre personal sujeto en la lengua española hablada en Madrid*. Madrid, CSIC, 1984.
- ESCUEVA, M. & CANTARERO, M. - *El habla de la ciudad de Madrid*. Madrid, CSIC, 1981.
- EVERETT, Daniel L. - Anaphoric indices and inalienable possession in Brazilian Portuguese. *Linguistic Inquiry*, v. 20(3): 491-497, Summer 1989.
- FANT, Lars M. - Procesos anafóricos y valor enfático en el español hablado. *Español Actual*, v.43: 5-26, 1985.
- FARREL, P. - Null objects in Brazilian Portuguese. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 8: 325-46, 1990.
- FELIX, S. - More evidence on competing cognitive systems. *L2 Research*, I: 47-72, 1985.
- FELIX, S. - "UG-generated knowledge in adult second language acquisition." In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 277-294.
- FELIX, S. - "The accessibility of Universal Grammar in second language acquisition". In: EUBANK, L., ed. *Point Counterpoint. Universal Grammar in the Second Language*. [1991], p. 89-103.
- FERGUSON, C. - "Linguistic theory and language learning". In: Di PIETRO, R., ed. *Report of the Fourteenth Annual Round Table Meetings on Linguistics and Language Studies*. Washington, DC, Georgetown University Press [1963].
- FERNANDEZ RAMIREZ, Salvador - *Gramática española. El pronombre (Volumen preparado por José Polo)*. 2ª ed. Madrid, Arco/Libros, v. 3.2, 1987.

- FILLMORE, C. - "The case for case". In: BACH, E. & HARMS, R. T., eds. *Universals in Linguistic Theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston [1968] p. 1-88.
- FILLMORE, C. - "On generativity". In: PETERS, ed. *Goals of Linguistic Theory*. Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall [1972].
- FISIAK, J., ed. - *Contrastive Linguistics and the Language Teacher*. Oxford, Pergamon Press, 1981.
- FLYNN, S. - Contrast and construction on a parameter-setting model of L2 acquisition. *Language Learning*, 1(37): 19-62, 1987.
- FLYNN, S. - "Nature of development in L2 acquisition and implications for theories of language acquisition in general". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 76-89.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. - *El español bonaerense. 4 siglos de evolución lingüística (1580-1980)*. 1ª ed. Buenos Aires, Hachette [s.d.].
- FRANCHI, C. & ILARI, R. - Clíticos nominativos e inversão do sujeito no bielês. *D.E.L.T.A. São Paulo, EDUC*, 2(1): 77-103, 1986.
- FRANCHI, Carlos - Anotações sobre fatores pragmático-discursivos na determinação da catáfora. *Estudos lingüísticos XIX. Anais de seminários do GEL*, Bauru, 125-132, 1990.
- FREYRE, María Luisa - "Función y estructura semántica en español. Las construcciones de dativo". In: BARRENECHEA, A. M. *et alii* - *Estudios lingüísticos y dialectológicos*. Buenos Aires, Hachette [1979] p. 103-113.
- FRIES, C. - *Teaching and learning English as a foreign language*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1945.
- GAIR, J.W. - "Kinds of markedness". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 225-250.
- GALVES, Charlotte C. - Algumas diferenças entre o português de Portugal e português do Brasil e a teoria de regência e vinculação. *Anais do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no mundo*, Lisboa, 1983.
- GALVES, Charlotte C. - Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, UNICAMP/IEL, 7: 107-36, 1984.
- GALVES, Charlotte C. - Aluga-(se) casas: um problema de sintaxe portuguesa na teoria da regência e vinculação. *Predição*, 2, 1986a.
- GALVES, Charlotte C. - A interpretação "reflexiva" do pronome no português do Brasil. *D.E.L.T.A. São Paulo, EDUC*, 2(2): 249-264, ago. 1986b.

- GALVES, Charlotte C. - A sintaxe do português brasileiro. *Ensaios de lingüística*, 13: 31-50, 1987.
- GALVES, Charlotte C. - Objeto nulo e predicação: hipóteses para uma caracterização da sintaxe do português brasileiro. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 4(2): 273-290, 1988.
- GALVES, Charlotte C. - O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. In: GALVES, Charlotte C., org. *Caderno de estudos lingüísticos 17. Teoria gramatical*, Campinas, UNICAMP/IEL, 17: 65-90, jul./dez. 1989.
- GALVES, Charlotte C. - Ênclise e próclise: geometria ou álgebra, morfologia ou sintaxe? *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 6(2): 255-71, 1990.
- GALVES, Charlotte C. - "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 387-408.
- GARCIA, E. & OTHEGUY, R. - "Dialect variation in Iefsmo: a semantic approach". In: FASOLD, R. & SHUY, R., eds. *Studies in Language Variation*. Georgetown University Press [1977] p. 65-87.
- GASS, Susan - "Language transfer and universal grammatical relations". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 69-84.
- GASS, Susan - "Second language acquisition and linguistic theory: the role of language transfer". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 384-403.
- GASS, Susan M. - "How do learners resolve linguistic conflicts?". In: GASS, S. M. & SCHACHTER, J., eds. *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press [1989] p. 183-199.
- GASS, S. M. & SCHACHTER, J. - "Introduction". In: GASS, S. M. & SCHACHTER, J., eds. *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press [1989] p. 1-9.
- GASS, S. & SELINKER, L. - "Introduction". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 1-20.
- GELABERT, M. J. et alii - *Niveles umbral, intermedio y avanzado. Repertorio de funciones comunicativas del español*. Madrid, SGEL, 1988.
- GILI-GAYA, S. - *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona, Spers, 1948.
- GIVON, Talmy - *On understanding grammar*. New York, Academic Press, 1979.
- GIVON, Talmy - *Syntax*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1984.

- GIVON, Talmy - "Function, structure, and language acquisition". In: SLOBIN, D. I., ed. *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition. Volume 2: Theoretical Issues*. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associates [1985] p. 1005-1027.
- GOODLUCK, H. & BIRCH, B. - "Late-learned rules in first and second language acquisition". In: PANKHURST, J. *et alii*, eds. *Learnability and Second Languages: a Book of Readings*. Dordrecht, Foris [1988] p. 94-115.
- GREGG, Kevin R. - "Second language acquisition theory: the case for a generative perspective". In: GASS, S. M. & SCHACHTER, J., eds. *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press [1989] p. 15-40.
- GUNDEL, J. K. & TARONE, E. E. - "Language transfer and the acquisition of pronominal anaphora". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 281-96.
- GUTIERREZ, María Luz - *Estructuras sintácticas del español actual*. Madrid, SGEL, 1978.
- HAKUTA, K. - Becoming bilingual: a case study of Japanese child learning English. *Language Learning*, 26: 321-51, 1976.
- HAKUTA, K. & CANCINO, H. - Trends in second-language-acquisition research. *Harvard Educational Review*, Harvard, 47(3): 294-316, August 1977.
- HALE, Ken - "Linguistic theory: Generative Grammar". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 26-33.
- HERNANDEZ ALONSO, César - *Sintaxis española*. 4<sup>a</sup> ed. corregida y aumentada, Valladolid, ed. del autor, 1979.
- HERNANDEZ, César - "El sintagma verbal en español: la función SN2". In: *Philologica Hispaniensia. In Honorem Manuel Alvar. II Lingüística*, Madrid, Gredos, v. II: 261-272, 1985.
- HILLES, Sharon - Interlanguage and the Pro-Drop Parameter. *Second Language Research*, 2(1): 33-52, 1986.
- HJELMSLEV, Louis - "La nature du pronom (1937)". Em seu: *Essais linguistiques*. Paris, Minuit [1971] p. 201-7.
- HOCHBERG, Judith - Functional compensation for /s/ deletion in Puerto Rican Spanish. *Language*, 62(3): 609-21, 1986.
- HUANG, James - On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 15(4): 531-574, 1984.

- HURTADO, Alfredo - El control mediante clíticos. *Revista Argentina de Lingüística*, v. 5(1-2): p. 13-56, Mar.-Sept. 1989.
- IKEDA, Sumiko N. - A função do "se". *Cadernos PUC. Lingüística*, São Paulo, EDUC/Cortez, 5: 111-147, março 1980.
- IKEDA, Sumiko N. - A relação entre produção e compreensão. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 4(2): 193-223, 1988.
- ILARI, Rodolfo - *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1986.
- ILARI, Rodolfo - *Lingüística Românica*. São Paulo, Ática, 1992.
- JAEGGLI, O. - *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht, Foris, 1982.
- JAMES, Carl - *Contrastive Analysis*. Harlow, Essex, Longman, 1981.
- JENSEN, J. B. - The feature [+/-Human] as a constraint on the occurrence of third person subject pronouns in Spanish. *Hispania* 56(1): 116-122, 1973.
- KANY, Charles E. - *Sintaxis hispanoamericana*. Madrid, Gredos, 1976.
- KATO, Mary A. - A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini (1985). *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 1(1 e 2): 107-120, 1985.
- KATO, Mary A. - *A língua portuguesa e sua tipologia*. Cópia reprográfica de fragmento de trabalho apresentado em conferência pronunciada no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP, 1987.
- KATO, Mary A. - "Uma taxonomia de similaridades e contrastes entre línguas". In: BOHN, H. & VANDRESEN, P., orgs. *Tópicos de Lingüística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC [1988] p. 139-153.
- KATO, Mary A. - Sujeito e tópico: duas categorias na sintaxe? In: GALVES, Ch. C., org. *Cadernos de estudos lingüísticos 17. Teoria gramatical*, Campinas, UNICAMP/IEL, 17: 109-131, jul/dez. 1989.
- KATO, Mary A. - "Como, o que e por que escavar?" In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993a] p. 13-30.
- KATO, Mary A. - "Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993b] p. 223-61.
- KATO, M. A. & TARALLO, F. - "Anything YOU can do in Brazilian Portuguese". In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C., eds. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris [1986] p. 343-358.

- KATO, M. A. & TARALLO, F. - *Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects*. Cópia reprográfica de trabalho apresentado em colóquio na Pennsylvania University e em Georgetown, 1987.
- KAYNE, Richard S. - *Syntaxe du Français. Le Cycle Transformationnel*. Paris, Ed. du Seuil, 1975.
- KAYNE, Richard S. - "Null subjects and clitic climbing". In: JAEGGLI, O. & SAFIR, K., eds. *The Null Subject Parameter*. Dordrecht, Reidel [1990].
- KEAN, Mary-Louise H. - *Second language acquisition and grammatical theory: a matter of projection and marking*, 1984, inédito.
- KEAN, Mary-Louise H. - "The relation between linguistic theory and second language acquisition: a biological perspective". In: PANKHURST, J. *et alii*, eds. *Learnability and Second Languages: a Book of Readings*. Dordrecht, Foris [1988] p. 61-70.
- KELLERMAN, Eric - Transfer and non-transfer: where are we now? *Studies in Second Language Acquisition*, 2(1): 37-58, 1979.
- KELLERMAN, Eric - "Now you see it, now you don't". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 112-134.
- KLEIN-ANDREU, Flora - Distintos sistemas de empleo de "le", "la", "lo". Perspectiva sincrónica, diacrónica y sociolingüística. *Thesaurus. Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, Bogotá, XXXVI(2): 284-304, mayo-ago 1981.
- KLEINJANS, E. - *A descriptive-comparative study predicting interference for Japanese in learning English noun-head modification patterns*. Tokyo, Taishukan Publishing Co., 1959.
- KLEINMANN, H. *Avoidance behavior in adult second language acquisition*. Tese de doutorado, University of Pittsburg, 1976, inédita.
- KLIFFER, Michael D. - "Reflexive deletion in Brazilian Portuguese". In: CRESSEY, W. W. & NAPOLI, D. J., eds. *Linguistic Symposium on Romance Languages: 9*. Washington, DC, Georgetown UP, [1981] p. 318-30.
- KLIMA, E. & BELLUGI, U. - "Syntactic regularities in the speech of children". In: LYONS, J. & WALES, R., eds. *Psycholinguistic Papers*. Edinburgh, Edinburgh University Press [1966].
- KOCH, Ingedore Villaça - *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1989.
- KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. - *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1990.

- KOVACCI, Ofelia - "Notas sobre las construcciones reflexivas en español y la categoría nocional de dativo". Em seu: *Estudios de gramática española*. Buenos Aires, Hachette, [s.d.] p. 41-7.
- KRASHEN, S. D. - *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford, Pergamon Press, 1982.
- KRASHEN, S. D. - "Newmark's 'Ignorance Hypothesis' and current second language acquisition theory". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 135-53.
- KRASHEN, S. D. - *Input Hypothesis: issues and implications*. London, Longman, 1985.
- LADO, Robert - *Linguistics across cultures*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1957.
- LADO, Robert - *Language teaching. A scientific approach*. New York, McGraw-Hill, 1964.
- LADO, Robert - *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- LAMIQUIZ, Vidal - El pronombre personal español. Estudio de su sistemática sincrónica actual. *Boletín de filología española*, Madrid, VII(24-25): 5-12, 1967.
- LEMLE, Miriam - *Análise sintática*. São Paulo, Ática, 1984.
- LEMLE, Miriam - Pronomes, anáforas, zero: observações sobre uma mudança lingüística. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 1(1 e 2): 121-124, 1985.
- LEMLE, M. & NARO, A. - *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro, Mobral, 1977.
- LENNEBERG, E. - *Biological Foundations of Language*. New York, Wiley, 1967.
- LI, C. N. & THOMPSON, S. - Subject and topic: a new typology of languages. In: LI, C. N., ed. *Subject and Topic*. New York, Academic Press [1976].
- LICERAS, Juana M. - "Markedness and permeability in interlanguage systems". In: EHRLICH, S. *et alii*, eds. *Toronto Working Papers in Linguistics*. Toronto, Linguistic Graduate Course Union - Department of Linguistics - University of Toronto [abr.1981], vol 2, p. 123-150.
- LICERAS, Juana M. - "The role of intake in second language acquisition". In: GASS, S. M. & MADDEN, C. G., eds. *Input in Second Language Acquisition*. Rowley/London/Tokyo, Newbury House Publ. [1985] p.354-373.
- LICERAS, Juana M. - *Linguistic Theory and Second Language Acquisition. The Spanish Nonnative Grammar of English Speakers*. Tübingen, Narr, 1986a.

- LICERAS, Juana M. - "La teoría lingüística y la adquisición del español como lengua segunda". In: MEISEL, J., ed. *Adquisición de lenguaje. Aquisição da linguagem*. Frankfurt, Vervuert [1986b] p. 156-181.
- LICERAS, Juana M. - Adquirir, aprender y enseñar el español como lengua extranjera. *Actas de las Primeras Jornadas Pedagógicas de ASELE*, Madrid, 47-60, 1988a.
- LICERAS, Juana M. - "Syntax and stylistics: more on the Pro-Drop Parameter". In: PANKHURST, J. *et alii*, eds. *Learnability and Second Languages: a Book of Readings*. Dordrecht, Foris [1988b] p. 71-93.
- LICERAS, Juana M. - "L2 learnability: delimiting the domain of core grammar from the marked periphery". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer Academic Publ. [1988c] p. 199-224.
- LICERAS, Juana M. - "On some properties of the 'pro-drop' parameter: looking for missing subjects in non-native Spanish". In: GASS, S. M. & SCHACHTER, J., eds. *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press [1989] p. 109-33.
- LIGHTFOOT, David - *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- LIGHTFOOT, David - *The language lottery: toward a biology of grammars*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1982.
- LIGHTFOOT, David - *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1991.
- LIMA, C. H. da Rocha - *Gramática normativa da língua portuguesa*. 22<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.
- LIMA, Marflia dos S. - A aquisição da anáfora nominal em inglês por alunos brasileiros adultos: o uso do "it" nas funções de sujeito e complemento. *Anais do Segundo Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*, Porto Alegre, CEAAL-PUCRS, 185-90, 1991.
- LIRA, Solange Azambuja - Subject postposition in Portuguese. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 2(1): 17-36, 1986.
- LIRA, Solange Azambuja - *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1982, inédita.
- LOBATO, Lúcia M. P. - *Sintaxe gerativa do português. Da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte, Vigília, 1986.
- LOBATO, Lúcia M. P. - O princípio das categorias vazias. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 4(2): 225-263, 1988.

- LOBO, T. *et alii* - A norma culta brasileira e as prescrições gramaticais: colocação dos pronomes átonos. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador, UFB/IL, 11:147-58, ago. de 1991.
- LOPE BLANCH, J. M. - "Despronominalización de los relativos". Em seu: *Estudios de lingüística española*. México, UNAM [1986a] p. 119-36.
- LOPE BLANCH, J. M. - "Duplicaciones pronominales en el habla culta de Madrid". Em seu: *Estudios de lingüística española*. México, UNAM [1986b] p. 137-143.
- LORENZO, Emilio - "Sobre el talante y el semblante de la lengua española (1978)". Em seu: *El español y otras lenguas*. Madrid, SGEL [1980] p. 9-26.
- LUCCHESI, D. & MOTA, J. - Análise de variáveis sociolingüísticas na colocação dos pronomes átonos. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador, UFB/IL, 11:159-75, ago. de 1991.
- LUJAN, Marta - *Clitic promotion and mood in Spanish verbal complements*. Tese de doutorado, Texas University, Austin, julho de 1979, inédita.
- LUJAN, Marta - Binding properties of overt pronouns in null pronominal languages. *Chicago Linguistic Society*, 21: 424-38, 1985.
- LUJAN, Marta - Stress and binding pronouns. *Papers of the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory*, Chicago, Linguistic Society, 1986.
- LUNA TRAILL, Elizabeth - "Sobre la sintaxis de los pronombres átonos en construcciones de infinitivo". In: LOPE BLANCH, J. M., ed. *Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América*. México, UNAM [1977] p. 105-114.
- LUST, B. - "Introduction". In: LUST, B., ed. *Studies in the Acquisition of Anaphora*. Dordrecht, Reidel Publishing Co. [1986] v. 1, p. 3-103.
- LUST, B. - "Universal Grammar in second language acquisition: promises and problems in critically relating theory and empirical studies". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 309-328.
- MANACORDA DE ROSETTI, M. - "La llamada 'pasiva con se' en el sistema español". In: BARRENECHEA, A. M. & MANACORDA DE ROSETTI, M. *Estudios de gramática estructural*. Buenos Aires, Paidós [1969] p. 91-100.
- MANOLIU-MANEA, María - "SVO and dislocated subjects: topicalization in Romance (with particular reference to Rumanian)". In: *Philologica Hispaniensa. In Honorem Manuel Alvar. II Lingüística*. Madrid, Gredos, v. II: 417-129, 1985.

- MANOLIU, Maria M. - "Zero-anaphors versus full pronouns. The narrative functions of pronominal subjects". (Cópia reprográfica fornecida pela autora, sem referências).
- MANOLIU, Maria M. - "Reflexive passive versus plain passive". (Cópia reprográfica fornecida pela autora, sem referências).
- MARCOS MARIN, Francisco - *Estudios sobre el pronombre*. Madrid, Gredos, 1978.
- MARCOS MARIN, Francisco - *Curso de gramática española*. Madrid, Cincel-Kapelusz, 1980.
- MARTIN ZORRAQUINO, María Antonia - *Las construcciones pronominales en español. Paradigmas y desviaciones*. Madrid, Gredos, 1979.
- MARTINS, Eleni J. - "Pronomes pessoais complementos de 3ª pessoa: uma revisão de conceitos e normas". In: CASTILHO, Ataliba T. de, org. *Português culto falado no Brasil*, Campinas, Ed. da Unicamp [1989] p. 103-119.
- MASSONI, M. I. de O. & MARTIM, E. G. P. - A passiva com verbo ser em português. *Estudos de sintaxe portuguesa. Boletim do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa*, Araraquara, UNESP, ano II, nº 2: 40-51, 1986.
- MAZURKEVICH, I. - Syntactic markedness. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 7, 1985.
- MEISEL, J. et alii - On determining developmental stages in natural second language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 3(2): 109-35, 1981.
- MELO, Gladstone Chaves de - Uma política da língua: as vertentes da linguagem. *Língua & Texto. Revista do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, Salamandra, 90-103, [s.d.].
- MIOTO, Carlos - Construções interrogativas: elementos para uma análise do português do Brasil. In: GALVES, Charlotte C., org. *Caderno de estudos lingüísticos 17. Teoria lingüística*, Campinas, UNICAMP/IEL, (17): 39-64, jul./ dez. 1989.
- MOINO, R. E. L. - "Passivas nos discursos oral e escrito. (...)". In: TARALLO, Fernando, org. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes - Ed. da UNICAMP [1989] p. 35-50.
- MOLINA REDONDO, J. A. de - *Usos de "se"*. 3ª ed. Madrid, SGEL, 1976.
- MOLINER, María - *Diccionario de uso del español*. Madrid, Gredos, 1977, 2 vol.
- MONTALBETTI, M. - *After Binding: on the Interpretation of Pronouns*. Tese de doutorado, Massachussets Institute of Technology, 1984.

- MORAIS, M. A. C. R. Torres - "Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 263-306.
- MORALES, Amparo - *Transitividad y topicalidad en algunos dialectos del español* (Resumo de conferência pronunciada no IX Congresso Internacional da ALFAL) Campinas, 1990, inédito.
- MOULTON, W. - Towards a classification of pronunciation errors. *Modern Language Journal*, 46: 101-9, 1962.
- MUGICA, N. & SOLANA, Z. - *La gramática modular*. Buenos Aires, Hachette, 1989.
- NAERSEN, Margaret van - "Hipótesis sobre la adquisición de una segunda lengua. Consideraciones interlenguaje: comprobación en el español". In: MEISEL, Jürgen M., ed. *Adquisición de lenguaje - Aquisição da linguagem*. Frankfurt, Vervuert [1986] p. 139-155.
- NARBONA JIMENEZ, Antonio - "Construcciones pronominales transitivas no reflexivas en español". Em seu: *Sintaxis española: nuevos y viejos enfoques*. Barcelona, Ariel, [1989] p. 93-110.
- NASCENTES, Antenor - *O idioma nacional*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1965.
- NAVARRO, Manuel - Clíticos y frases verbales en el habla de Valencia (Venezuela). *Español Actual*, Madrid, v.53: 111-120, 1990.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati - *Anaphora in Brazilian Portuguese Complement Structures*. Tese de doutorado, University of Wisconsin - Madison, 1986, inédita.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati - *A distribuição e a interpretação de pronomes na fala de crianças da escola pública*. Relatório científico apresentado à FAPESP. São Paulo, 1990, inédito.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati - "Tem uma história que eu quero contar que começa assim": peculiaridades de uma construção existencial. *Cadernos de estudos lingüísticos* 22, Campinas, UNICAMP/IEL, 22(1): 81-90, jun. de 1992.
- NEGRÃO, E. V. & MULLER, A. L. P. - Anáfora em algumas estruturas de complementação. *Estudos lingüísticos XIX. Anais de seminários do GEL*. Bauru, 133-40, 1990.
- NEMSER, W. - Approximative systems of foreign language learners. *International Review of Applied Linguistics*, 9: 115-25, 1971.

- NEWMeyer, F. & WEINBERGER, S. - "The ontogenesis of the field of second language learning research". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 34-45.
- NUNES, Jairo M. - *O famigerado se. Uma análise diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, Campinas, fev. de 1990, inédita.
- NUNES, Jairo M. - Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, 20: 33-57, 1991.
- NUNES, Jairo, M. - "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 207-222.
- ODLIN, Terence - *Language Transfer. Cross-Linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- OLIVEIRA, D. P. - "O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo". In: TARALLO, Fernando, org. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes - Ed. da UNICAMP [1989] p. 51-63.
- OLIVEIRA, Marco Antônio - Clitic placement in Portuguese. In: LIBERATO, I. G. & PERINI, M., orgs. *Ensaaios de lingüística. Cadernos de lingüística e teoria da literatura*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Centro de Extensão, 44-79, 1978.
- OMENA, Nelize Pires de - *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado, PUCRJ, 1978.
- OMENA, Nelize Pires de - A alternância entre NÓS e A GENTE na função de sujeito. *Estudos lingüísticos IV. Anais de seminários do GEL*, Campinas, 94-105, 1987.
- ORLANDI, E. & SOUZA, T. C. C. - "A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem". In: ORLANDI, E., org. *Política lingüística na América Latina*. Campinas, Pontes [1988] p. 27-40.
- OSUNA GARCIA, Francisco - La forma "se" en español. Posibilidad de considerarla como signo de construcción media. *Lingüística española actual*, Madrid, CIC, I(1): 93-120, 1979.
- PAGOTTO, Emílio - *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de mestrado, IEL/UNICAMP, Campinas, 1992, inédita.

- PAGOTTO, Emílio - "Clíticos, mudança e seleção natural". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 185-206.
- PANKHURST, J. *et alii* - "Learnability and second languages: an introduction". In: PANKHURST, J. *et alii*, eds. *Learnability and Second Languages: a Book of Readings*. Dordrecht, Foris [1988] p. 1-8.
- PEREIRA, M. A. B. & RONCARATI, C. N. - O caso do sujeito em orações infinitivas introduzidas por "para" no português do Rio. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, v. 9(1):15-30, fev. de 1993.
- PERINI, Mário - O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 1(1 e 2): 1-16, 1985.
- PERINI, Mário - *Para uma nova gramática do português*. São Paulo, Ática, 1989, 4ª ed.
- PIETRO, Robert J. Di - *Estructuras lingüísticas en contraste*. Madrid, Gredos, 1986.
- PINTO, Edith Pimentel - *A língua escrita no Brasil*. São Paulo, Ática, 1986.
- PINTO, Edith Pimentel - *O português popular escrito*. São Paulo, Contexto, 1990.
- PINTO, Edith Pimentel - *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo, Duas Cidades - Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- PONTES, Eunice - A Problem in teaching a first language: topicalization in oral Portuguese. In: MAGRO, M. C. & DUTRA, R., orgs. *Ensaio de lingüística 5. Cadernos de lingüística e teoria da literatura*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Dep. de Lingüística e Teoria da Literatura, ano III, 5: 40-50, dez. 1981.
- PONTES, Eunice - Construções de tópico em língua escrita. In: MAGRO, M. C. & DUTRA, R., orgs. *Ensaio de lingüística 5. Cadernos de lingüística e teoria da literatura*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Dep. de Lingüística e Teoria da Literatura, ano III, 5: 51-73, dez. 1981.
- PONTES, Eunice - A ordem VS em português. *Ensaio de lingüística 7. Cadernos de lingüística e teoria da literatura*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Dep. de Lingüística e Teoria da Literatura, ano IV, 7: 90-137, dez. 1982.
- PONTES, Eunice - Anacoluthon and "double subject" sentences. *Ensaio de lingüística 7. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, Dep. de Lingüística e Teoria da Literatura, ano IV, 7: 138-146, dez. 1982.

- PONTES, Eunice - Sujeito e tópicos do discurso. *D.E.L.T.A.* São Paulo, EDUC, 1(1 e 2): 51-78, 1985.
- PONTES, Eunice - *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo, Ática, 1986.
- PONTES, Eunice - *O tópico no português do Brasil*. Campinas, Pontes, 1987.
- POPLACK, Shana - Deletion and desambiguation in Puerto Rican Spanish. *language* (Cópia reprográfica sem outras referências).
- PORQUIER, R. & FRAUENFELDER, U. - Enseignants et apprenants face à l'erreur. *Le français dans le monde*, Paris, 154:29-36, juillet 1980.
- PORROCHE BALLESTEROS, Margarita - *Ser, estar y verbos de cambio*. Madrid, Arco/Libros, 1988.
- PORROCHE BALLESTEROS, Margarita - La variedad coloquial como objeto de estudio en las clases de español lengua extranjera. *Actas del Primer Congreso Nacional de ASELE (Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera)*, Granada, 255-264, 1990.
- PORTO DAPENA, José Alvaro - *Los pronombres*. Madrid, Edí6, 1986.
- POTTIER, Bernard - La voz y la estructura oracional del español. *Lingüística española actual*, Madrid, CIC, I(1): 67-92, 1979.
- PRETI, D. & URBANO, H., orgs. - *A linguagem culta na cidade de São Paulo. Vol III - Entrevistas*. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1988.
- PRETI, D. & URBANO, H., orgs. - *A linguagem culta na cidade de São Paulo. Vol IV - Estudos*. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1990.
- QUILIS, A. & HERNANDEZ, C. - *Curso de lengua española*. 2ª ed., Valladolid, ed. de los autores, 1980.
- QUÍCOLI, A. Carlos - "Clitic movement in French causatives". (Cópia reprográfica de trabalho, sem referências), 1976.
- QUÍCOLI, A. Carlos - Algumas confirmações empíricas da Teoria dos Vestígios. *Estudos lingüísticos IV - Anais de seminários do GEL*, Araraquara, 177-197, 1981.
- RAPOSO, Eduardo P. - "On the null object in European Portuguese". In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C., eds. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris [1986] p. 373-389.
- RAPOSO, Eduardo P. - *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa, Caminho, 1992.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA - *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid, Espasa-Calpe, 1974.

- REINHART, T. - *The Syntactic Domain of Anaphora*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1976.
- REINHART, T. - "Center and periphery in the grammar of anaphora". In: LUST, B., ed. *Studies in the Acquisition of Anaphora*. Dordrecht, Reidel Publishing Co. [1986] v. 1, p. 123-50.
- RICHARDS, J. - A non-contrastive approach to error analysis. *English Language Teaching*, 25: 204-19, 1971a.
- RICHARDS, J. - Error analysis and second language strategies. *Language Sciences*, 17: 12-22, 1971b.
- RICHARDS, J. - Social factors, Interlanguage and language learning. *Language Learning*, 17: 159-88, 1972.
- RINGER UBER, Diane - "Actions and activeness in Spanish clitic selection" In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C., eds. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris [1986] p. 153-166.
- RIVAS, A. - *A Theory of Clitics*. Tese de doutorado, Massachusetts Institute of Technology, 1977.
- RIVERO, M. L. - Estudio de una transformación en la gramática generativa del español. *Español actual*, 17: 14-22, 1970.
- RIVERO, M. L. - On left dislocation and topicalization in Spanish. *Linguistic Inquiry*, 11: 363-95, 1978.
- RIZZI, Luigi - "On the status of subject clitics in Romance". In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C., eds. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris [1986] p. 391-419.
- ROBERTS, Ian - "O português brasileiro no contexto das línguas românicas". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 409-25.
- RODRIGUES, Ângela C. S. - *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987, inédita.
- RODRIGUEZ-IZQUIERDO Y GAVALA, Fernando - La pervivencia de la función de dativo en el pronombre reflexivo español "se". *Lingüística española actual*, Madrid, ICI, II(2): 81-102, 1980.
- ROLDAN, M. - "Constraints on clitic insertion in Spanish". In: CAMPBELL, M. *et alii*, eds., *Linguistic Studies in Romance Languages*. Washington, DC, Georgetown University Press [1974] p. 124-38.
- ROSSI, M. A. G. Lopes - "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993] p. 307-42.

- ROUVERET, Alain - Cliticização e tempo no português europeu. In: GALVES, Charlotte C., org. *Caderno de estudos lingüísticos 17. Teoria lingüística*, Campinas, UNICAMP/IEL, 17: 9-37, jul./dez. 1989.
- RUTHERFORD, William - "Language typology and language transfer". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 358-70.
- RUTHERFORD, William - *Second Language Grammar: Learning and Teaching*. New York, Longman, 1987.
- RUTHERFORD, William - "Grammatical theory and L2 acquisition: a brief overview". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988] p. 404-416.
- RUTHERFORD, William - "Interlanguage and pragmatic word order". In: GASS, S. M. & SCHACHTER, J., eds. *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press [1989] p. 163-182.
- SAID ALI, M. - *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- SALTARELLI, M. - *Left-bound clitics in Spanish* (Cópia reprográfica de comunicação apresentada no LSA Annual Meeting) 1974.
- SARMIENTO, R. & SANCHEZ, A. - *Gramática básica del español. Norma y uso*. Madrid, SGEL, 1989.
- SAUSSURE, F. - *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- SCARCELLA, R. C. - "Discourse accent in second language performance". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 306-26.
- SCHACHTER, Jacquelyn - An error in error analysis. *Language Learning*, 24, 2, 1974.
- SCHACHTER, Jacquelyn - "A new account of language transfer". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 98-111.
- SCHACHTER, Jacquelyn - "Issues in the accessibility debate: a reply to Felix". In: EUBANK, L., ed. *Point Counterpoint. Universal Grammar in the Second Language*. [1991], p. 105-16.
- SCHMITZ, John R. - "Análise contrastiva". In: BOHN, H. & VANDRESEN, P., orgs. *Tópicos de Lingüística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC [1988] p. 95-116.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor - "Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e a aquisição sistemática das segundas línguas". In: BOHN, H.

- & VANDRESEN, P., orgs. *Tópicos de Lingüística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC [1988] p. 40-49.
- SECO, Manuel - *Diccionario de dudas y dificultades de la lengua española*. 9ª ed. renovada, Madrid, Espasa-Calpe, 1989.
- SELINKER, Larry - "Language transfer". In: GASS, S. & SELINKER, L., eds. *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass., Newbury House Publ. [1983] p. 33-53. (Data da primeira publicação: 1969).
- SELINKER, Larry - *A Psycholinguistic Study of Language Transfer*. Tese de doutorado, 1966, inédita.
- SELINKER, Larry - Interlanguage. *IRAL*, 10: 209-231, 1972.
- SERRANI, Silvana Mabel - Uma análise discursiva do recurso de indeterminação de agente SE-verbo em espanhol. *Estudos lingüísticos VIII. Anais de Seminários do GEL*, Assis, 147-157, 1984.
- SGEL (SOCIEDAD GENERAL ESPAÑOLA DE LIBRERIA) - *Diccionario de uso. Gran diccionario de la lengua española*. Madrid, SGEL, 1985.
- SHARWOOD SMITH, Mike - "L2 acquisition: logical problems and empirical solutions". In: PANKHURST, J. *et alii*, eds. *Learnability and Second Languages: a Book of Readings*. Dordrecht, Foris [1988a] p. 09-35.
- SHARWOOD SMITH, Mike - "On the role of linguistic theory in explanations of second language developmental grammars". In: FLYNN, S. & O'NEIL, W., eds. *Linguistics in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Kluwer [1988b] p.173-198.
- SCHWARTZ, Bonnie D. - *On explicit and negative evidence effecting and affecting competence and linguistic behavior*. 1992, inédito.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen - La función pragmática de la duplicación de pronombres clíticos. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, Santiago, XXXI: 561-570, 1980-1981.
- SILVA NETO, Serafim da - *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Presença/MEC, 1976.
- SILVA, V. A. & FACCIO, L. - O pronome pessoal na norma urbana culta de São Paulo. *Estudos lingüísticos IV. Anais de seminários do GEL*, Araraquara, 198-221, 1981.
- SLOBIN, D. I. - "Crosslinguistic evidence for the language-making capacity". In: SLOBIN, D. I., ed. *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition. Volume 2: Theoretical Issues*. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associates, v. 2: 1157-1256, 1985.

- SORACE, Antonella - "Linguistic intuitions in interlanguage development: the problem of indeterminacy". In: PANKHURST, J. *et alii*, eds. *Learnability and Second Languages: a Book of Readings*. Dordrecht, Foris [1988] p. 167-190.
- SOUZA, Maria Sueli C. de - Pleonasma e anacoluto: um problema de topicalização. *Estudos lingüísticos XIV. Anais de seminários do GEL*, Campinas, 409-417, 1987.
- SOUZA E SILVA, M. C. P. - Redefinição dos pronomes relativos. *Estudos lingüísticos VIII. Anais de Seminários do GEL*, Assis, 102-11, 1984.
- SPINA, Segismundo - *Normas gerais para trabalhos de grau*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1984.
- SRIDHAR, S. N. - "Contrastive Analysis, Error Analysis and Interlanguage". In: FISIÁK, J., ed. *Contrastive Linguistics and the Language Teacher*. Oxford, Pergamon Press [1981] p. 207-41.
- STARTVIK, J. - *Errata: Papers in Error Analysis*. Lund, Sweden, Gleerup, 1973.
- STEEL, Brian - *A Textbook of Colloquial Spanish*. Madrid, SGEL, 1985.
- STROZER, J. - *Clitics in Spanish*. Tese de doutorado, UCLA, 1976.
- SUÑER, Margarita - "Lexical subjects of infinitive in Caribbean Spanish". In: JAEGGLI, O. & SILVA-CORVALAN, C., eds. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris [1986] p. 189-204.
- TARALLO, Fernando - *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1983, inédita.
- TARALLO, Fernando - *A pesquisa sociolingüística*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1986.
- TARALLO, Fernando - *Tempos lingüísticos. Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1990.
- TARALLO, Fernando - "Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993a] p. 35-68.
- TARALLO, Fernando - "Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A., orgs. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP [1993b] p. 69-105.
- TARALLO, F. & ALKMIN, T. - *Falares crioulos. Línguas em contato*. São Paulo, Ática, 1987.
- TARALLO, F. & KATO, M. A. - Harmonia trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística. *Preedição*, Campinas, 5, 1989

- TARONE, E. *et alii* - "Sistematicity/variability and stability/instability in interlanguage systems: more data from Toronto French Immersion". In: BROWN, H., ed. *Papers in Second Language Acquisition*. Ann Arbor, Mich., *language Learning*, 1976.
- TORREGO, E. - On inversion in Spanish and some of its effects. *Linguistic Inquiry*, 15: 103-129, 1984.
- VANPATTEN, Bill - Second language acquisition research and the learning/teaching of Spanish: some researchs findings and implications. *Hispania*, 69: 202-16, March 1986.
- VANDRESEN, Paulino - "Lingüística contrastiva e ensino de línguas estrangeiras". In: BOHN, H. & VANDRESEN, P., orgs. *Tópicos de Lingüística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis, Ed. da UFSC [1988] p. 75-94.
- VERA LUJAN, A. - La estructura del campo deíctico-personal en español: el pronombre. *Analecta malacitana*, Málaga, II(1): 3-25, 1979.
- WASOW, T. - "Reflections on anaphora". In: LUST, B., ed. *Studies in the Acquisition of Anaphora*. Dordrecht, Reidel Publishing Co. [1986] v. 1, p. 107-22.
- WHEELER, D. - "Object deletion in Portuguese". In: LANTOLF & STONE, eds., *Current Research in Romance Languages*. Philadelphia, John Benjamins, 1981.
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. - "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y., eds. *Directions for Historical Linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.
- WHITE, Lydia - Is there a "logical problem" of second language acquisition? *TESL Canada Journal/Revue TESL du Canada*, 2(2): 29-41, March 1985a.
- WHITE, Lydia - The "Pro-Drop" Parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, 35(1):47-61, 1985b.
- WHITE, Lydia - "Universal Grammar and language transfer" In: PANKHURST, J. *et alii*, eds. *Learnability and Second Languages: a Book of Reedings*. Dordrecht, Foris [1988] p. 36-60.
- WHITE, Lydia - "Linguistic theory and second language acquisition". Em seu: *UG and Second Language Acquisition*. (cópia reprográfica sem referências), 1989.
- WHITE, Lydia - The Adjacency Condition on Case assignment: do L2 learners observe the Subset Principle?. In: GASS, S. M. & SCHACHTER, J., eds. *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press [1989] p. 134-158.
- ZOBL, H. - The wave model of linguistic change and the naturalness of interlanguages. *Studies in Second Language Acquisition*, 6: 160-85, 1984.

ZOBL, H. - "Aspects of reference and the pronominal syntax preference in the speech of young child L2 learners". In: ANDERSEN, R., ed. *Second Languages: a Cross-Linguistic Perspective*. Rowley, Mass., Newbury House [1984] p. 375-91.

ERRATA A TESE DE DOUTORADO APRESENTADA POR NEIDE T. MAIA GONZALEZ

Título do trabalho:

- Cadê o pronome?
- O gato comeu.

Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos

Esclarecimento à banca:

Embora tenhamos constatado, na leitura posterior à última impressão, uma série de erros - alguns de digitação, alguns de impressão e outros de distração, como a falta do "l" na palavra "adultos", no título (outra coisa que o gato, voraz, comeu) -, decidimos não fazer uma errata completa, mas simplesmente uma que apontasse aqueles casos que poderiam comprometer a compreensão do trabalho. Entre esses, julgamos estarem os de paginação, ocorridos no momento da mudança de programa para impressão do trabalho a laser. Quando se tratar de partes que faltam no texto ou de alterações de texto, as destacaremos sublinhando-as.

Página(s):

Erro:

105-106

A paginação comeu uma parte do último parágrafo, bem como a nota 48. Transcrevemos, a seguir, a seqüência do parágrafo e a nota:

As variáveis consideradas relevantes (...). Seria necessário ver, no entanto, até que ponto esse resultado, bem como o do trabalho anterior, não pode ter sido determinado em parte pelo tipo de material selecionado para análise e quanto os temas das situações gravadas <sup>48</sup> condicionaram o aparecimento ou não desse tipo de estrutura, já que ela é dada como freqüente no estilo coloquial

peninsular por mais de uma gramática, como no exemplo: (...)

48. No caso do estudo de Barrenechea & Alonso (1977), tratou-se de depoimentos de caráter pessoal.

- 108-107 O exemplo (18) aparece repetido (está no final da p. 106 e no início da p. 107).
- 215 e) como consequência da (...) praticamente restrito à primeira pessoa, como em (4.c):
- 251 (1º par.) Com imperativo, (...) com gerúndio, o emprego dos clíticos é praticamente nulo.
- 259 (3º par.) No espanhol, dessas três formas...
- 343 Após o exemplo (48), o início do parágrafo seguinte deve ser desconsiderado, uma vez que ele volta a aparecer à página seguinte.
- 369 (83.b) *Este libro es de Angélica. ¿Puedes entregar (e) él a Sara? Ellas se van a encontrar mañana. (...entregárselo a Sara?)*
- 383 (104.f) *Cayeron sus gafas. (...se cayeron.../Se le cayeron las gafas.)*
- 414 (Nota 99) Lembremos que nem as variantes que admitem a duplicação catafórica de objeto direto, especialmente [+Humano], admitiriam...